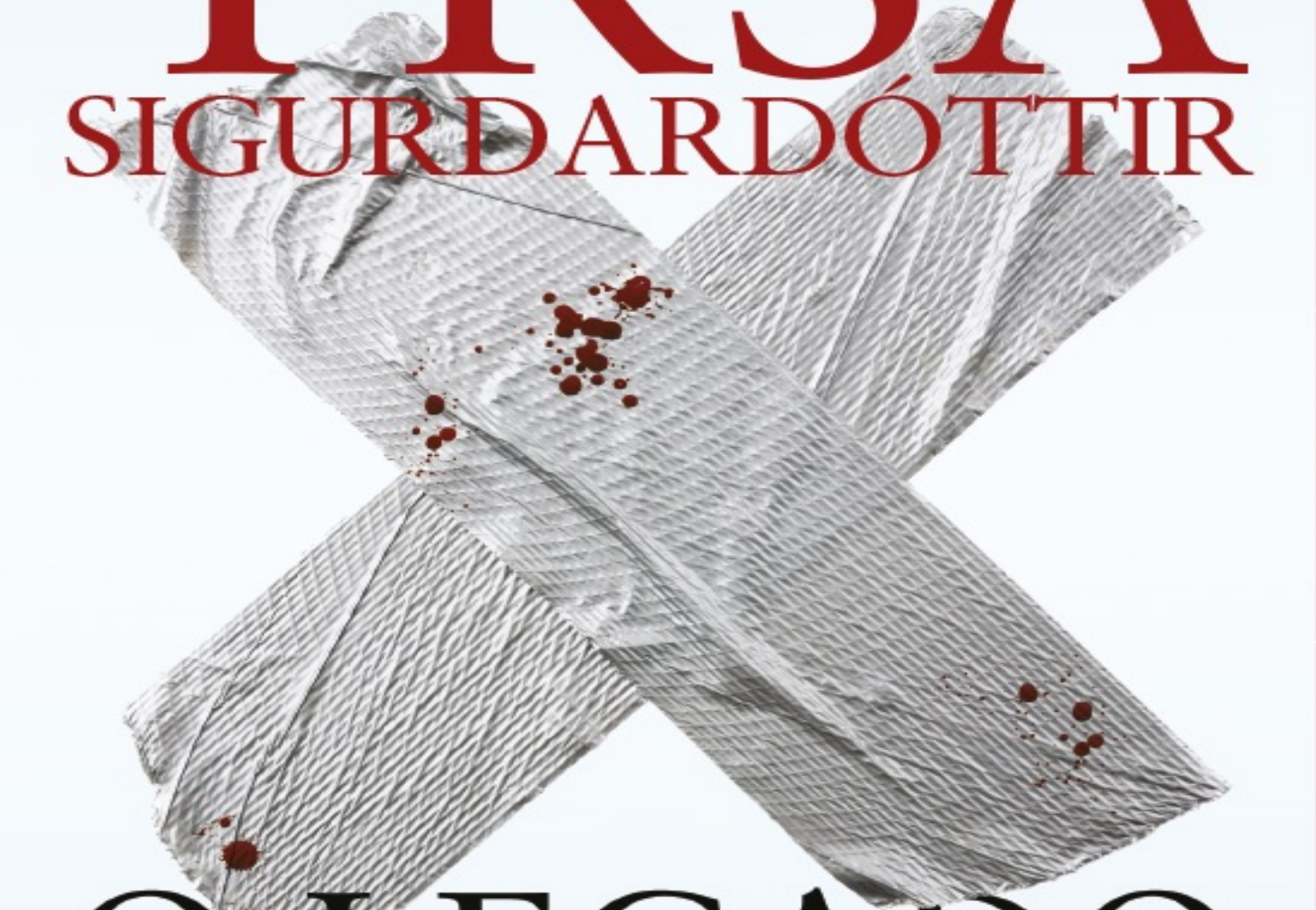
Autora de *Cinza e Poeira* e *Lembro-me de Ti*

# YRSA SIGURDARDÓTTIR



# O LEGADO

«Yrsa Sigurdardóttir está no topo da ficção policial nórdica.»
*The Times*

QUETZAL
serpente emplumada | Yrsa Sigurdardóttir

Autora de *Cinza e Poeira* e *Lembro-me de Ti*

# YRSA SIGURDARDÓTTIR



# O LEGADO

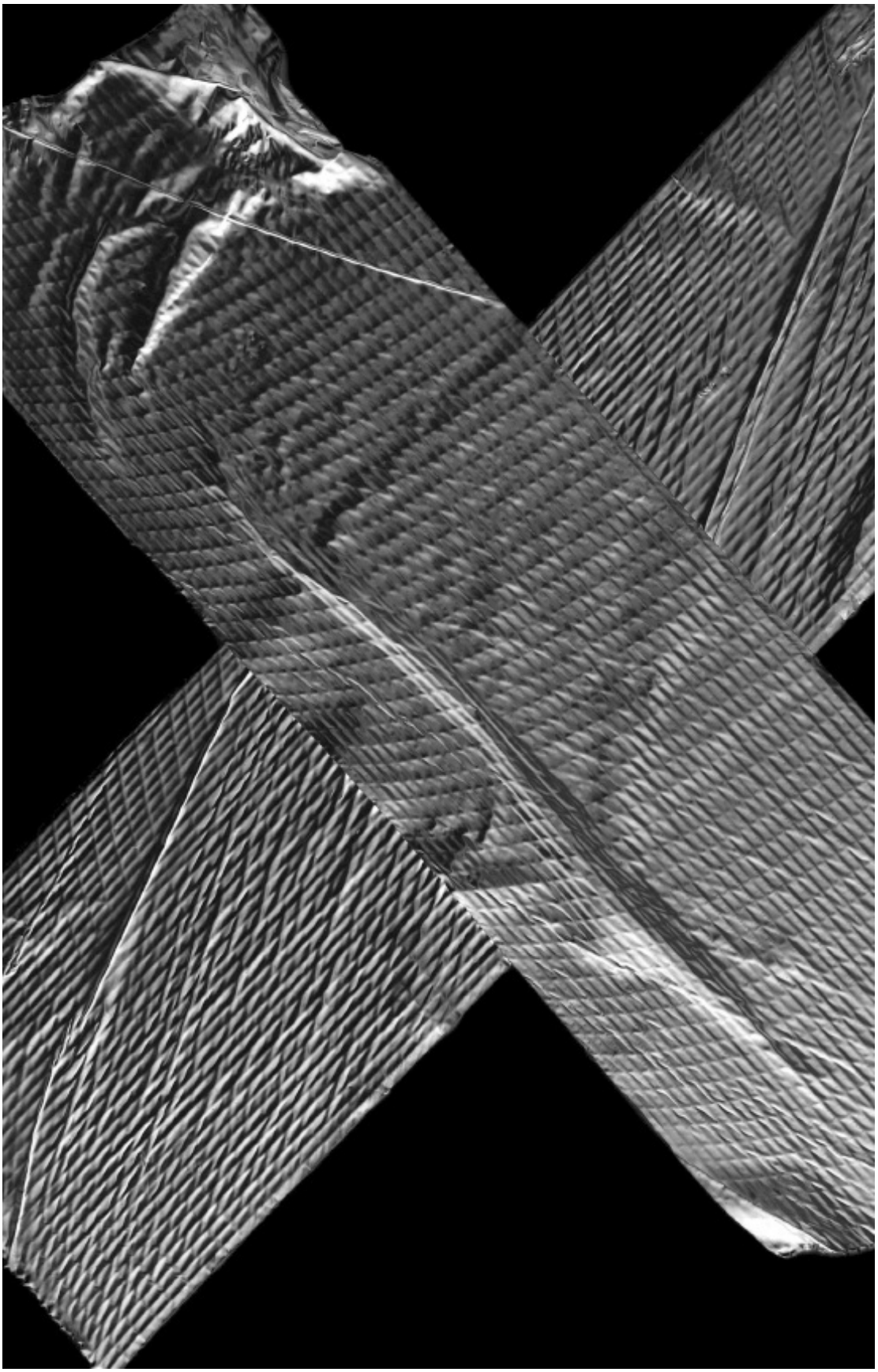
«Yrsa Sigurdardóttir está no topo da ficção policial nórdica.»
*The Times*

QUETZAL
serpente emplumada | Yrsa Sigurdardóttir



© Sigurjon Ragnar Photography

**Yrsa Sigurdardóttir** vive com a família em Reiquejavique. É diretora de uma das maiores empresas de engenharia da Islândia. Os seus livros estão nos topos das listas de *bestsellers* em todo o Mundo. Muitos deles são adaptados ao cinema e à televisão.



*Título:* O Legado
*Título original:* The Legacy
*Autor:* Yrsa Sigurdardóttir
*1.ª edição em papel na Quetzal:* julho de 2018
*Tradução:* Patrícia Müller
*Revisão:* Paula Caetano
*Preparação:* Diogo Morais Barbosa
*Edição:* Lúcia Pinho e Melo

*Design da capa:* Rui Rodrigues · Quetzal Editores
*Produção:* Teresa Reis Gomes

© 2018 Quetzal Editores
[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]
© 2014 Yrsa Sigurdardóttir

Quetzal Editores
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.° 1
1500-499 Lisboa
quetzal@quetzaleditores.pt
Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-550-5

1987

# Prólogo



SENTARAM-SE NO BANCO como se estivessem dispostos por ordem de tamanho: a rapariga mais nova numa ponta, os dois irmãos ao lado dela. Um, três e quatro anos. As pernas magras penduradas no banco duro, mas nada de balouçá-las como crianças normais, ou sequer mexê-las. Os sapatos novos imóveis por cima do linóleo brilhante. Não havia curiosidade, aborrecimento ou impaciência no rosto deles. Os três fixavam a parede branca que tinham à frente como se estivessem a ver um desenho animado de *Tom e Jerry*. Vista através do vidro, a cena parecia uma fotografia — um estudo de três crianças num banco.

Estavam lá sentados há quase meia hora. Em breve, seriam autorizados a levantar-se, mas nenhum dos adultos que os observava estava particularmente desejoso por chegar a esse momento. A recente agitação na vida das crianças parecia insignificante comparada ao que aí vinha. Depois de saírem dali, nada mais seria igual. Desta vez, a mudança deveria ser para melhor, mas tinha possíveis reveses que, no fim, poderiam ultrapassar os benefícios. Era este o dilema que atormentava o grupo reunido à volta da mesa.

— Temo que sim. Considerámos todas as outras opções, mas é isto que recomendam os especialistas. As crianças precisam de ser instaladas em casas o mais depressa possível. Quanto mais velhas forem, menores as hipóteses de serem adotadas. Reparem como foi tão mais difícil encontrar uma casa para os rapazes do que para a rapariga. Os potenciais pais sabem que quanto mais novas forem as crianças, melhor se adaptam a uma nova vida. Em dois anos, a rapariga

terá a idade que o irmão mais novo tem agora, e aí teremos o mesmo problema com ela.

O homem respirou fundo e acenou com um molho de papéis para enfatizar as palavras que proferira. Eram relatórios e pareceres psiquiátricos de especialistas que haviam examinado as crianças. Os outros assentiram, com uma expressão sombria; todos, menos a mulher mais nova que ali estava, a mais acesa na oposição à proposta. Tinha menos experiência em casos de proteção de menores e alimentava ainda um raio de esperança que repetidas deceções já haviam extinguido nos restantes.

— Não deveríamos esperar mais um pouco? Nunca se sabe, ainda podemos encontrar um casal que queira ficar com os três.

Olhou para as crianças, sentadas no banco como se se tivessem transformado em pedra. Os braços dela cruzados com força sobre o peito, como se tentasse impedir a saída dos bons instintos e do otimismo. Conseguia recordar sem dificuldade a forma como os irmãos estavam quando o caso chamou, pela primeira vez, a atenção das autoridades: os cabelos sujos e emaranhados, as roupas imundas e os corpos emaciados. Os olhos brilhantes nos rostos encardidos; as bochechas riscadas de lágrimas. A mulher mais nova encarou os outros assistentes sociais, a expressão repleta de tristeza.

— Tem de haver uma hipótese.

— Já falei sobre isto. — O homem com os relatórios parecia exasperado. Olhou para o relógio pela terceira vez; prometera levar os filhos ao cinema. — Temos casais que lutam pela rapariga, mas poucos estão interessados nos rapazes. Deveríamos estar gratos por termos encontrado esta solução; seria inútil irmos atrás de um hipotético casal perfeito. Todos os potenciais adotantes nos procuram e já passámos a lista a pente fino. Dadas as circunstâncias, esta é de longe a melhor solução.

Não havia muito a dizer e todos assentiram com gravidade, exceto a jovem mulher. Os olhos dela irradiavam desespero.

— Mas eles parecem tão próximos. Temo que a separação possa afetá-los para a vida.

Desta vez, os relatórios foram abanados com tal vigor que a corrente de ar que provocaram levantou o cabelo dos presentes.

— Dois psiquiatras diferentes afirmaram perentoriamente que seria melhor para os dois mais novos serem separados. O rapaz assumiu o papel de protetor da irmã. Sufoca-a com todo o amor e cuidado que ele próprio não teve, apesar de ser apenas uma criança pequena. Ele não a deixará; é atormentado pelo stress e pela ansiedade por causa dela. O rapaz só tem três anos, por amor de Deus. — O homem faz uma pausa para respirar. — Não precisamos de ler nas entrelinhas; os relatórios são explícitos. Serem separados seria o melhor para ambos. A relação dele com ela não é saudável. Aliás, os dois rapazes foram mais afetados do que a irmã. São mais velhos, apesar de tudo.

Houve movimentação no banco. O rapaz mais novo aproximara-se da irmã. Pôs os braços ao redor dos ombros dela e puxou-a para si. Parecia ter ouvido os outros através do vidro.

— Acho que não podemos dar-nos ao luxo de duvidar da opinião profissional deles. — A mulher que disse isto já demonstrara que o seu tempo era limitado. Falava depressa, batendo o pé com impaciência. — Eles é que são os peritos. Nós nem podemos tentar imaginar o que tem sido a vida destas crianças. Pela minha parte, acho que devíamos despachar-nos e dar o caso por encerrado. Seria ingénuo tentarmos procurar uma solução de conto de fadas. Isso não existe.

— Mas o que acontecerá quando eles forem mais velhos e perceberem que a separação era evitável? — interveio o membro mais velho do grupo. — Quase todos aqui sabemos o que acontece quando as pessoas estão cheias de raiva contra o sistema. Pode dominar a vida delas.

Ele estava próximo da reforma e esperava que este fosse o último caso difícil a aterrar na sua secretária. Seria pedir demasiado? Há muito tempo que o seu cabelo embranquecera, tomava remédios para a tensão arterial e tinha a cara profundamente sulcada de rugas.

— Os pais adotivos manterão em segredo o passado deles. Será melhor para eles, especialmente para os irmãos mais novos. Nem sequer deverá ser muito difícil, pois são poucas as hipóteses de se lembrarem de alguma coisa. A rapariga

fez um ano há pouco tempo. Acredito que haja o risco de o rapaz mais velho ainda reter algumas memórias, mas não podemos ter a certeza. E mesmo que as retenha, irão misturar-se e desvanecer-se com o tempo. Pensem lá, de quantas coisas se lembram de quando tinham quatro anos?

— Muitas.

Parecia que só a mulher mais jovem retinha tais memórias. Os outros só conseguiam recordar vagos e oníricos fragmentos. Mas nem mesmo ela se lembrava de acontecimentos ocorridos quando tinha apenas um ano. A menina, que todos pareciam querer, sairia melhor da situação e não apenas por ser adorável. Os rapazes haviam sido mais atingidos pelos acontecimentos dos últimos dois anos e já revelavam sinais: o mais novo pelo excessivo amor e cuidado para com a irmã; o mais velho pela sua indiferença perante o mundo. O breve relatório dos polícias que tinham ido ao local em resposta ao telefonema da mãe era tão chocante que nenhum dos presentes desejava recordar os pormenores.

Seria uma sorte se o tempo apagasse da cabeça das crianças todos os vestígios destes acontecimentos. Infelizmente, a jovem mulher duvidava que isto acontecesse. O trauma devia ter sido demasiado profundo.

— As minhas memórias estão geralmente associadas a más experiências, como quando entalei o dedo na porta da padaria, com três anos, ou assisti ao atropelamento do meu amigo quando tinha cinco. Mas isso não é nada comparado ao que estes miúdos passaram. Temo que os rapazes possam lembrar-se. A irmã também, apesar de ser mais improvável.

— E quanto ao parentesco entre eles, isso ficou estabelecido? — A mulher que tinha pressa mudou de assunto antes que se alongassem sobre reminiscências de infância. — Não haverá um limite para o nosso esforço para tentar que fiquem juntos, quando nem devem ser filhos do mesmo pai?

A esta altura, o homem dos relatórios decidiu ajudar a emotiva jovem mulher.

— Penso que a questão da paternidade é irrelevante. São irmãos porque se veem como tal, mesmo que sejam só irmãos por parte da mãe, o que será sempre uma suposição. Os mais novos não têm pai reconhecido. Mas o mais velho é

diferente. Na opinião do médico que os examinou, o rapaz mais novo e a rapariga são provavelmente irmãos germanos, enquanto o mais velho é uterino, meio-irmão dos outros. Apesar de tal constatação se basear nas informações do homem que é alegadamente o pai do rapaz mais velho, ele jura que não teve relações sexuais com a mãe depois do filho deles ter nascido, depois de ela ter sido obrigada a voltar para casa do pai. — O homem fez uma careta e engoliu antes de continuar: — Mas seria necessário um teste de ADN para determinar a relação entre as crianças e não temos tempo nem dinheiro para isso. E para ser franco, ninguém quer saber os resultados. É preferível para todos os envolvidos assumirmos que têm pais «normais». Os três, não apenas o mais velho.

Ninguém disse nada. Todos conheciam a história. Sobre as crianças e a mãe. Sobre o avô e o hediondo crime que era suspeito de ter cometido contra a filha. E agora, o destino dos três miúdos com cicatrizes na alma estava nas mãos deles. O que deveriam fazer?

— E o pai, o tal Thorgeir? — A mulher mais nova rompeu o silêncio. — Não há hipótese de ele mudar de ideias?

— Tentámos tudo. Ou não pode, ou não quer, receber o filho. Os três, então, é impensável. Não tem contacto com o rapaz e nem tem a certeza de ser pai dele. Segundo nos disse, concordou em dar o nome ao rapaz porque teve um caso passageiro com a mãe, mas nunca teve a certeza se ela não andava a dormir com outros. Se o pressionarmos a responsabilizar-se pelo filho, ele exigirá um teste de paternidade, o que irá atrasar as coisas. E seja qual for o resultado, não o vejo como uma opção particularmente desejável. Se não for o pai, nem vale a pena discutirmos o facto de ele poder adotar o rapaz. E se for, ele não o quer. E será isso uma boa situação para o rapaz? Duvido muito.

Os homens trocaram olhares, mostrando mais compreensão pela decisão do alegado pai do que as mulheres, que mantiveram os olhos baixos.

— É a melhor solução. — Desta vez, ao invés de brandir os relatórios, o homem bateu ao de leve com os dedos. — Infelizmente, não temos uma máquina do tempo que nos diga como é que eles vão crescer. Tudo o que temos é a opinião dos peritos. Os potenciais pais foram aprovados e receberam excelentes

referências. Sugiro que terminemos por aqui. Os registos das crianças serão alterados no sistema e, com o tempo, o passado horrendo deles cairá no esquecimento. É melhor que nunca descubram a história, e a separação irá ajudá-los a esquecer. Quanto mais depressa começarem uma nova vida, melhor para todos. Estamos de acordo?

A mulher mais nova abriu a boca, mas pensou duas vezes. Os outros murmuraram o seu consentimento como para eliminar mais objeções do lado dela. Ao virar a cabeça, ela olhou para o vidro e para as três crianças no banco. A rapariguinha tentava em vão libertar-se do irmão, mas ele apertava-a com muita força para perto de si, quase parecendo que estava a magoá-la. Talvez os peritos tivessem razão. Voltando-se para o grupo, ela assentiu com desânimo.

E assim foi decidido.

O grupo separou-se para tratar das formalidades. A mulher jovem demorou-se no corredor, foi a única testemunha do início da nova vida das crianças. Elas não desistiram facilmente da vida antiga. O rapaz mais novo, principalmente, reagiu mal. Chorou e gritou ao ver a irmã desaparecer pelo corredor, ao colo de um pediatra. A rapariguinha olhou-o por cima do ombro do médico, acenando adeus, a expressão vazia. E então foi o caos. Um homem de casaco branco teve de impedir o rapazinho à força, que quando percebeu que não conseguiria vencer, transformou os gritos em soluços.

A jovem mulher não conseguia desviar o olhar. Dado que era parcialmente responsável, sentia que devia ter a coragem de enfrentar as consequências. O rapaz mais velho era uma visão menos angustiante. Mas apesar de não lutar ou chorar, o terror nos olhos dele dizia tudo. Provavelmente, as crianças nunca tinham estado separadas.

A jovem mulher não derramou uma lágrima enquanto via, imóvel, os dois rapazinhos desaparecerem da mesma forma que a irmã. Quando finalmente se mexeu, não encontrou nenhum sinal das crianças nos corredores do hospital. Não estavam na entrada, nem no parque de estacionamento semivazio.

A nova vida engolira-os sem deixar rasto.

2015

# 1.
# Quinta-feira



ELÍSA DEMORA UNS MOMENTOS a perceber onde está. Está deitada de lado, o edredão entre as pernas, a almofada dobrada debaixo da bochecha. Está escuro no quarto, mas, através da fresta da cortina, uma estrela brilha para ela na vastidão do espaço. Do outro lado da cama, o edredão está liso e esticado , a almofada intocada. O silêncio é estranho, também; apesar de todas as vezes que a manteve irritantemente acordada, ela sente a falta do ressonar. E sente a falta do calor que irradia sempre do seu superquente marido, que faz com que ela durma com uma perna fora das cobertas.

Por hábito, ela está agora nesta posição e sente frio.

Enquanto puxa o edredão para cima outra vez, sente a pele de galinha nas pernas. Relembra-a de quando Sigvaldi fazia os turnos da noite. Só que desta vez ela não espera que ele venha para casa de manhã, com sono, de olhos vazios, a cheirar a hospital. Ele só regressará da conferência dentro de uma semana. Quando lhe deu um beijo na estação rodoviária ontem, estava mais impaciente que ela por despachar as despedidas. Se bem o conhece, regressará a tresandar a um novo aftershave comprado no duty-free, e ela terá de dormir com o nariz na prega do cotovelo até se habituar ao cheiro.

Apesar de sentir um bocadinho a falta dele, o sentimento mistura-se com o prazer de poder ter uns dias só para si. A hipótese de noites a decidir sozinha o que ver, com o comando da televisão na mão; de não ter de ceder a propósitos

maiores de jogos de futebol. Noites em que se contenta com pão sírio e queijo para o jantar e não tem de ouvir o estômago dele a fazer barulhos o resto da noite.

Mas uma semana de férias do marido tem também as suas desvantagens; está sozinha a tomar conta dos três filhos de ambos, sozinha a lidar com tudo o que isto significa: acordá-los, tirá-los da cama, levá-los e ir buscá-los; ajudá-los com os trabalhos de casa; mantê-los entretidos, vigiando o uso do computador, alimentando-os, dando-lhes banho, escovando-lhes os dentes, deitando-os na cama. Duas vezes por semana, é preciso levar Margrét ao ballet, e Stefán e Bárdur ao karaté, e ela tem de ficar à espera durante as aulas. Esta é uma das suas tarefas menos recompensadoras, porque a obriga a enfrentar o facto de a sua prole não ter talento, nem prazer, nestas atividades, apesar de serem caras. Aquilo que pode dizer é que os seus filhos estão aborrecidos, sempre desfasados, apanhados a olhar na direção errada, bochechas vermelhas de espanto diante de outros que fazem sempre tudo certo. Ou talvez seja o contrário: talvez os filhos dela sejam os únicos a acertar em tudo.

Ela espera que a sonolência vá embora, atenta ao brilho verde radioativo do despertador na mesa de cabeceira. Costuma começar o dia a detestá-lo, mas não sente o habitual desejo de o atirar contra a parede porque os números luminosos mostram que ainda tem várias horas de sono. O seu cérebro cansado recusa-se a calcular exatamente quantas. Uma questão mais importante persiste: porque é que acordou?

Para evitar a luz fluorescente do relógio, Elísa volta-se e contém um grito quando descobre uma sombra negra ao lado da cama. É apenas Margrét, a primogénita, a filha que sempre foi um pouco desajustada em relação às outras crianças; nunca feliz. E foi ela quem a acordou.

— Margrét, querida, porque é que não estás na cama? — pergunta roucamente, à procura dos olhos da filha. Parecem pretos no escuro. A massa de cabelo encaracolado que lhe emoldura o rosto pálido está toda em pé.

A criança trepa para cima do edredão macio para o lado de Elísa. Inclina-se e murmura, a respiração cálida a fazer cócegas no ouvido da mãe e a cheirar a

pasta de dentes.

— Está um homem cá em casa.

Elísa senta-se, o coração a bater depressa, apesar de saber que está tudo bem.

— Sonhaste, querida. Lembras-te do que falámos? As coisas que sonhas não são reais. Os sonhos e a realidade são mundos diferentes.

Margrét sofria de pesadelos desde pequena. Os seus dois irmãos adormeciam mal pousavam a cabeça na almofada, como o pai deles, e não se mexiam até de manhã. Mas a noite não trazia à irmã aquele tipo de paz. É rara a noite em que Elísa e o marido não sejam acordados pelos gritos lancinantes da rapariga. Os médicos disseram que aquilo iria passar, mas isso foi há dois anos e não há grandes sinais de melhoria.

Os caracóis selvagens da rapariga andam para trás e para a frente, enquanto ela abana a cabeça.

— Não estava a dormir. Estava acordada — continua a sussurrar, levando um dedo aos lábios para que a mãe fale baixo. — Fui fazer chichi e vi-o. Está na sala.

— Todos nós ficamos confusos, às vezes. Eu fico… — Elísa cala-se a meio da frase. — Chh…

É para o seu próprio proveito. Não há nenhum som vindo da entrada; ela deve tê-lo imaginado. A porta está entreaberta e tenta ver para além da fresta, mas não distingue nada a não ser escuridão. Claro. Quem é estaria ali? Não são ricos e a casa mal pintada não é atrativa para ladrões, apesar de ser das poucas na rua que não tem todas as janelas com autocolantes a anunciar um sistema de alarme.

Margrét inclina-se novamente para o ouvido da mãe.

— Não estou confusa. Está um homem aqui em casa. Vi-o da entrada. — A voz baixa da rapariga parece bem acordada, sem nenhum sinal de sonolência ou confusão.

Elísa acende a luz da mesa de cabeceira e procura o telemóvel. Teria o despertador parado? Aturou maus-tratos durante muitos anos e ela perdeu a conta das vezes em que acabou no chão. Provavelmente, não vale a pena pôr

Margrét na cama outra vez; devem ser horas de começar as tarefas matinais, servir três taças de leitelho, com algum açúcar amarelo e esperar conseguir tirar o champô do cabelo enquanto eles comem. Mas o telemóvel não está na mesa de cabeceira nem no chão, apesar de ela poder jurar que o trouxe consigo na noite anterior antes de apagar as luzes. Precisava dele, caso Sigvaldi ligasse cedo para avisar que chegara bem.

— Que horas são, Margrét? — A rapariga nunca queria ser chamada de Magga.

— Não sei. — Margrét espreita para o corredor escuro. Depois, virando-se para trás, murmura: — Quem é que aparece a meio da noite? Não pode ser um homem muito simpático.

— Não. Não deve ser ninguém.

Elísa consegue perceber o quão pouco convincente soa. E se a criança tiver razão e alguém *tiver* entrado? Sai da cama. Os dedos encolhem-se ao pisar o chão gelado. Ela só veste uma das t-shirts de Sigvaldi e as suas pernas nuas voltam a arrepiar-se.

— Fica aqui. Vou verificar. Quando voltar, não precisamos de preocupar-nos mais e voltamos a dormir. Combinado?

Margrét assente. Puxa o edredão da mãe até aos olhos. Debaixo, cicia:

— Tem cuidado. Ele não é um homem simpático.

As palavras ecoam nos ouvidos de Elísa, enquanto avança para o corredor, a tentar parecer despreocupada, confiante de que não existe um intruso. Mas Margrét plantou uma semente de dúvida na sua mente. Oh, porque é que isto não aconteceu na noite anterior, quando Sigvaldi estava em casa? Seria pedir demasiado que assim fosse? Elísa abraça-se a si mesma contra o frio, mas sem sucesso. Quando acende a luz, o clarão magoa-lhe os olhos.

A porta do quarto dos rapazes range levemente enquanto olha para verificar que dormem em paz. Estão deitados nos beliches, de olhos fechados e de boca aberta. Ela fecha silenciosamente a porta.

Não está ninguém na casa de banho. No quarto de Margrét, encontra uma fileira de bonecas e ursinhos de peluche em cima de uma prateleira. Os olhos

deles parecem segui-la enquanto volta a fechar apressadamente a porta. Interroga-se se esta disposição de bonecos poderá explicar os pesadelos de Margrét. Se ela própria acordasse à noite, não quereria ser confrontada com aqueles olhares fixos. Talvez valha a pena mudá-los para ver se Margrét dorme melhor. Fá-lo-á nessa noite, depois do trabalho.

Não está ninguém no hall dos quartos nem nos quartos que dão para lá; nenhum sinal de um intruso misterioso. Mas do que é que estava à espera? Pegadas? Uma ponta de cigarro no chão? Uma jarra de flores quebrada a um canto? Quando se aproxima da sala de estar e da cozinha, sente-se muito mais calma. A iluminação dos candeeiros da rua é suficiente para convencê-la de que deve ter sido mais uma das fantasias de Margrét. O escuro é sempre propício ao exacerbar da imaginação. Agora consegue ver que não está ninguém na sala de estar, apenas a taça de pipocas vazia diante da televisão e peças de Lego à volta da mesa de centro. Tudo igual ao que estava quando foi para a cama. Que parvoíce ter ficado tão agitada.

O sorriso que tem nos lábios desaparece-lhe abruptamente da cara. A porta de correr que separa a sala de jantar da cozinha foi fechada.

Mas nunca está fechada.

Devagar, com cuidado, Elísa avança em bicos dos pés. As plantas nuas dos pés colam-se ao chão frio, o medo cresce a cada passo. Encosta o ouvido à porta branca. Ao início, só silêncio, mas depois recua violentamente com o som de cadeiras a serem arrastadas na cozinha.

O que é que deve fazer? O seu instinto imediato é voltar para a cama e puxar as cobertas para cima da cabeça. Quem quer que ali esteja, sairá em breve. Elísa não se importa com os objetos que tem. O ladrão pode levar o que quiser, desde que se vá embora a seguir. Mas que raio é que está a fazer na cozinha? Parece que está sentado à mesa e, por um momento, pensa se terá sido Margrét ou um dos rapazes que passaram, sem ela se aperceber. Mas não, isso é impossível.

Para seu grande horror, ouve o intruso a levantar-se. Só consegue pensar em encostar novamente a orelha à porta. Uma gaveta é aberta e fechada, depois outra e outra, até que ela ouve um chocalhar nos talheres. Ou nas facas. E o

silêncio é quebrado pelo som da porta de correr que dá para a despensa. Que tipo de ladrão estaria interessado em enlatados e caixas de cereais? Numa vassoura, em panos de louça e de pó, num balde e num aspirador? Ao invés de ficar descansada com este desenvolvimento, o terror de Elísa aumenta. Pessoas que se comportam irracionalmente são bem mais perigosas que aquelas que se regem por regras convencionais. Ao afastar-se da porta, recua sem barulho pela sala. O telemóvel deve estar na mesa de centro. Ou na casa de banho. Desistiram do telefone fixo há dois anos e, pela primeira vez, ela sente que faz falta. Ao olhar para a entrada, pensa em correr lá para fora, a gritar por ajuda e a rezar para conseguir acordar os vizinhos a tempo. Mas isso implicaria deixar as crianças para trás. Com um homem que pode ter-se armado de uma faca de cozinha. Ela dá um único passo na direção da porta da frente e depois para; não pode abandonar as crianças. Volta-se e dirige-se ao corredor do quarto. Está quase lá quando ouve a porta de correr da cozinha a abrir-se. Imediatamente, corre para o corredor, fecha a porta atrás de si e apaga a luz. Não se atreve a parar para ver se o homem vem atrás dela.

Freneticamente, sentindo que a cabeça vai explodir com a tensão, Elísa pensa no que fazer. Como é que vai conseguir escapar? A porta do quarto não se fecha à chave; a maioria das chaves estavam desaparecidas quando eles se mudaram e nunca encontraram motivos para as substituir. A casa de banho tranca-se, mas barricar-se ali seria tão mau quanto sair de casa: as crianças ficariam desprotegidas. Ela lança-se para a casa de banho à procura do telefone, afastando toalhas e abrindo gavetas com as mãos trémulas. Mas é inútil, a porcaria do telefone não está ali. As lágrimas vêm-lhe aos olhos enquanto vasculha na confusão. Quando é que irá arrumar isto? Como se já não tivesse o suficiente em que pensar.

Regressa ao corredor, consciente de que está a perder a cabeça. Só consegue pensar no tempo que perdeu à procura do telefone, quando devia estar a tentar tirar dali as crianças. Apesar de não estar certa de como poderia tê-lo feito, agora é demasiado tarde. Não consegue evitar um grito quando vê a porta ao fundo a abrir-se. Mas o grito não é alto, nem estridente, mais parece o som agudo que um

coelho emite em situações extremas. Ela não suporta ver o intruso, então corre para o quarto e fecha a porta. Ouve os passos do homem, depois um ruído, como se ele estivesse a arrastar alguma coisa atrás dele. Mas o quê? O coração dela galopa.

— Margrét?

Não vê a filha em parte nenhuma.

— Margrét?

A voz falha, o que não ajuda a aumentar a coragem dela. Não consegue decidir o que procurar primeiro, o telefone ou Margrét. Antes de conseguir decidir-se, a porta abre-se e o homem entra. Ele estaca e o barulho parece forte, como se estivesse a passar alguma coisa pela porta. Ela não consegue voltar-se; o corpo paralisou. Sente uma vontade absurda de fechar os olhos. E apesar de o barulho ser familiar, Elísa não consegue lembrar-se do que é. O cérebro está a desligar todos os centros nervosos, aqueles de que ela mais precisa agora.

Paralisada pelo medo, Elísa ouve o seu nome murmurado atrás de si. O murmúrio é abafado, como se o homem tivesse um lenço a tapar-lhe a boca. Ela não reconhece a voz, mas como é que as pessoas soam quando murmuram? Seguramente, diferentes do normal? Margrét não parecia ela quando murmurara antes. Mas a sua respiração doce e quente que fez cócegas no ouvido de Elísa está a léguas de distância deste grasnido rouco que a enche agora de um terror cego.

Quem é ele? O que quer? Deve conhecê-la, ou pelo menos o nome. Viu-o na cozinha? Num envelope, no postal do frigorífico enviado pela sua amiga Gunna?

Elísa sente que uma mão forte e aparentemente enluvada lhe agarra o pescoço, que um objeto cortante lhe é apontado às costas. Uma faca.

— Por favor — sussurra.

E deixa o resto por dizer: por favor, não me magoe. Não me viole. Não me mate. Por favor, por favor, por favor, não maltrate os meus filhos. A ponta da faca é afastada, ele liberta a pressão do pescoço dela e, antes que ela possa entender o que se passa, venda-a. O seu pânico aumenta quando se apercebe de

que ele usa fita adesiva forte, enrolando-a à volta da cabeça dela. Como antes na casa de banho, sente-se abandonada pela lógica. O medo pela sua segurança e a dos seus filhos recua por momentos, para dar lugar à preocupação de como conseguirá tirar aquela fita adesiva. Está tão apertada que irá arrancar as pestanas e as sobrancelhas quando tentar tirá-la. As lágrimas acumulam-se sem ter para onde ir, dissolvendo a cola que lhe pica nos olhos.

— Por favor, por favor. Eu não digo a ninguém. Leve o que quiser. Qualquer coisa. Leve tudo.

— Obrigado, mas não obrigado — ouve-o ciciar atrás dela.

Os joelhos de Elísa cedem.

— Por favor. Leve tudo!

A fita adesiva dá-lhe mais uma volta à cabeça e ela agita-se enquanto ele a corta. Ele pousa rudemente a mão na nuca dela para fixar a ponta solta. Depois, vira-a e atira-a para cima da cama. O colchão range quando o homem se senta ao lado dela e ela encolhe instintivamente a cabeça quando ele lhe toca no cabelo. De repente, o toque gentil dele muda e ele agarra numa mão-cheia de cabelo e puxa-lhe a cabeça na direção dele.

Sussurra outra vez, um pouco mais alto. Ela não reconhece a voz abafada.

— Vou contar-te uma coisa. Uma pequena história. Um conto trágico. Aconselho-te a ouvir com atenção.

Elísa assente. Ele puxa-lhe mais o cabelo e magoa-a. Porque é que quer contar-lhe uma história? Porque é que não exige saber o seu código PIN ou onde guarda as joias? Ela dir-lhe-ia tudo. Ele pode ter acesso a todos os cartões e a todas as contas no banco. Ele pode ficar com as pratas que herdou dos avós. As poucas peças de joalharia que comprou. Tudo. Desde que a poupe a ela e às crianças. Nada mais interessa.

Por entre soluços, consegue perguntar se ele vai fazer mal às crianças. Não entende a resposta dele e isso só lhe aumenta a angústia. Ele volta a ficar em silêncio. A história prometida não vem e eles ficam sentados sem falarem, Elísa vendada, o coração prestes a explodir no peito. Ouve e sente o homem a levantar-se, e tem uma pontinha de esperança de que talvez ele esteja prestes a

sair; que não vá mais longe. Não se atreve a alimentar esta esperança. Precisa de estar alerta; talvez ele vá atacá-la pelas costas. Ouve bater outra vez e deteta um ruído seco, como se algo estivesse a ser ligado à tomada ao lado da porta. Mentalmente, recorda todos os aparelhos elétricos da casa que possam causar danos: o berbequim que ofereceu a Sigvaldi no Natal, a batedeira, a tesoura de poda, a sua prancha de alisamento, o ferro, a tostadeira, a chaleira elétrica. Qual seria o pior? Qual seria o menos assustador? Elísa respira tão rápido e tão superficialmente que pensa que vai desmaiar. Então lembra-se de que a maioria destes horríveis dispositivos não têm cabo suficiente para chegar à cama, o que lhe traz alguma segurança. Mas o sentimento não dura muito.

Ao ouvir o homem a aproximar-se outra vez da cama, perde o controlo e faz uma última tentativa para escapar, uma tentativa que sabe que está condenada ao fracasso. Ele consegue ver; ela, não. Ele é maior e mais forte. Ainda assim, ela atira-se por cima da cama, na tentativa de chegar ao chão do outro lado. Ouve uma exclamação zangada e sente o peso do homem a aterrar em cima de si, enquanto está virada de barriga para baixo, metade em cima da cama, metade fora. Um braço está preso debaixo dela; o outro balouça na direção do chão, a mão a tatear debaixo da cama. O homem dá-lhe uma pancada forte nas costas. A coluna vibra e ela fica momentaneamente sem respiração. Ele senta-se em cima dela, imobilizando-a, e ela ouve-o a rasgar mais fita adesiva do rolo. Em vão, ela procura uma arma no chão. Os dedos movem-se como aranhas debaixo da cama. Um obstáculo familiar e inesperado fá-la parar por um instante. Ela apalpa uma coisa suave e quente e, de repente, percebe. Elísa só tem tempo de levar o dedo aos lábios e dizer «chiu» antes de os seus braços serem erguidos bruscamente e os pulsos colados atrás das costas.

O homem arrasta-a e abana-a até que o cérebro dela parece soltar-se dentro da cabeça. Tudo fica escuro e ela teme que já não seja por causa da fita adesiva, mas que os olhos tenham deixado de funcionar e que os ouvidos estejam a ir pelo mesmo caminho. Os pequenos sons que acompanham a violência do homem parecem desvanecer-se, depois aumentam outra vez quando ele a aperta junto a ele e começa a contar a prometida — ameaçada — história.

Quando termina, levanta-se, vira-a de costas e atinge-a com um joelho no peito para impedir mais tentativas de fuga. Depois, agarra na fita adesiva e enrola-a com força à volta dos ouvidos e do nariz dela. Dá várias voltas. Ela ouve um rugido nos ouvidos, mas a tentativa desesperada de respirar pelo nariz é bastante mais preocupante. E dolorosa. A pressão no peito aumenta. Através da fita adesiva, ouve um barulhinho e percebe, finalmente, aquilo que o homem arrastou para o quarto. De todas as coisas, esta não era uma das que receara. Quando ele a agarra outra vez, ela apercebe-se de como havia sido tolamente otimista.

# 2.
# Sexta-feira

HELGI ESTAVA ATRASADO. Dormira mal, incomodado por barulhos estranhos que haviam parado quando ele se sentara na cama. Quando finalmente conseguira adormecer, pensara que nunca mais iria acordar. Carregara quatro vezes no botão de pausa do despertador do telefone, mas quando tentara a quinta, o apito recusara-se a parar.

Ele deveria presidir a uma reunião no trabalho; talvez não fosse a mais significativa da sua carreira, mas ainda assim era bastante importante. Trabalhava para uma empresa de segurança. O departamento de compras do governo lançara um concurso para a instalação de um sistema de segurança num enorme lar de terceira idade, e o objetivo da reunião era acrescentar os toques finais à proposta deles até ao meio-dia, o final do prazo. Na noite anterior, lera o texto, e os papéis que levava agora estavam rabiscados de comentários.

Houve uma forte rajada de vento quando Helgi se despediu da mulher à porta de casa. Védís só entraria às dez horas; ensinava dinamarquês e, provavelmente, a escola não esperava que professores de 6.º ano fossem corrigir gramática muito cedo numa sexta-feira. A porta bateu antes que ela pudesse responder e, de qualquer forma, Helgi não tinha tempo para esperar que a mulher fosse lá fora de chinelos para lhe dar um beijo de despedida. Apertou o molho de papéis contra si enquanto corria para o carro, e respirou mais devagar depois de estar lá dentro, com o documento em segurança no lugar do passageiro. Se o trânsito não estivesse pior do que o costume, iria chegar sem problema.

O motor fez o seu ronronar amigável e ele relaxou quando as rodas começaram a virar. Ia conseguir. Mas mal saiu do acesso à casa, teve de travar a fundo: Stefán e Bárdur, os rapazinhos da casa ao lado, estavam no meio da estrada. Inclinando-se para a frente, Helgi reparou que estavam descalços e de pijama. A temperatura estava gélida e o vento era cortante. Que bicho mordera aos pais deles? Os rapazes não se mexeram; pareciam perdidos, colados um ao outro, olhando para ele em desespero. Isto devia ser uma piada sem graça. Ele não podia ter tanto azar. Não hoje. Olhou para a casa dos vizinhos, na vaga esperança de ver Sigvaldi ou Elísa saírem a correr, mas a porta estava fechada e não havia sinal de vida. Os carros estavam estacionados na entrada, pelo que eles deviam estar em casa. Talvez também tivessem passado mal a noite e ainda estivessem a dormir.

Helgi pensou em desviar-se cuidadosamente das crianças e continuar o seu caminho. Poderia ligar a Védís depois e pedir-lhe que fosse ver o que se passava; dizer que lhe parecera ter visto os rapazes pelo retrovisor, mas sem ter a certeza. Subitamente, o rapaz mais novo começou a uivar. Raios. Não podia afastar-se de um miúdo em pranto. Podia? A reunião era mais importante do que ele queria admitir. O negócio atravessava uma fase má, e era claro que iria haver despedimentos se não conseguissem angariar clientes novos. Se perdesse este concurso, era óbvio quem seria o primeiro a sair.

Virando o volante para a direita, afastou-se o mais devagar que conseguiu. Ao passar de carro pelos irmãos, eles olharam-no. O mais novo estava tão incrédulo que parou de uivar. Eram ainda suficientemente novos para ter a ilusão de que todos os adultos eram bons. Exceto os maus, claro, mas os maus não pareciam banais como o vizinho. Os rapazes tinham muito para aprender.

Quando Helgi estava já longe dos rapazes, acelerou e ligou à mulher.

O polícia não estava no melhor dos seus dias. Não parava de suspirar profundamente, apesar de já não ser novo e de certamente ter visto muitas imagens sinistras ao longo dos anos. As veias dilatadas que formavam uma faixa larga do nariz até às bochechas faziam parecer que estava a corar. Ele e o colega

tinham sido os primeiros a chegar ao local do crime, depois da chamada de uma mulher a dizer que estava com os filhos dos vizinhos e que precisava de ajuda para devolvê-los aos pais. Parecia uma tarefa para apenas dois polícias. Tudo levava a crer que os pais ainda estavam a dormir e que os diabretes tinham saído para a rua e que a porta de casa se fechara. Mas isto revelara-se estar muito longe da verdade, como o polícia tentava explicar aos inspetores. O colega, um novato no primeiro mês de serviço, fora mandado de volta para a esquadra. O carreiro do jardim ainda cheirava ao vómito dele.

— A mulher em questão levou os rapazes de volta à casa. Tocou várias vezes a campainha e bateu à porta. Conseguia ouvir a campainha a tocar lá dentro, mas assumiu que era demasiado fraca para acordar os pais. Estava certa de que eles deviam estar a dormir porque tinham os carros estacionados lá fora. — O polícia pousou as mãos nas coxas volumosas e abanou a cabeça. — Infelizmente, não era o caso. Os rapazes não sabiam de nada; disseram que tinham acordado e estavam trancados dentro do quarto. Quando perceberam que ninguém ia abrir a porta, saíram pela janela.

— Continue.

O inspetor Huldar posicionou-se o mais longe possível do velho polícia na entrada exígua, sem que isso parecesse demasiado óbvio. As lufadas de ar quente criadas pelo constante bufar e suspirar do homem davam a impressão de que apenas comera alho ao pequeno-almoço. Huldar teria aberto uma janela se não fosse necessário isolar o local do crime. De qualquer forma, não adiantaria muito, pois o polícia mais novo vomitara lá fora.

Através do vidro, Huldar viu o colega, e parceiro de sempre, Ríkhardur a levar repetidamente a mão ao nariz, como se quisesse tapá-lo, mas sem o fazer porque sabia que era contra as regras informais. Teve o bom senso de resistir à tentação; os seus detratores na Polícia não precisavam de mais argumentos contra ele. Huldar viu-o escolher cuidadosamente o caminho, junto à sebe murcha, vasculhando com um pau em busca de provas e, uma vez mais, perguntou-se porque é que o homem teria ingressado na Polícia.

Ríkhardur deveria estar num ministério qualquer, e não meio debaixo de um

arbusto num local de crime. O seu fato elegante e o seu casaco comprido eram completamente desadequados. A sua maneira de vestir passava despercebida na esquadra, mas por pouco. O mesmo se podia dizer do seu impecável corte de cabelo, que nunca estava fora do sítio, e das unhas impecavelmente arranjadas. Obviamente, era encorajado um certo cuidado com a apresentação na esquadra — não se podia pintar o cabelo ou a barba de laranja-vivo, por exemplo —, mas Ríkhardur estava um passo à frente do que era exigido. A culpa era da sua educação, sem dúvida. Os pais eram ambos juízes e ele estava no último ano do curso de Direito quando mudou de ideias e ingressou na Academia de Polícia. Explicou que precisava de uma pausa, mas que tinha toda a vontade de, um dia, terminar os estudos de Direito. Tal parecia longe de acontecer num futuro próximo. Ríkhardur não dava sinais de querer desistir, apesar dos olhares de esguelha que tinha de enfrentar e das dificuldades que sentia em lidar com o horror inerente ao trabalho.

Em circunstâncias como a presente, ele optava sempre por executar as tarefas que o afastassem o mais possível de imagens escabrosas, e essa era a razão por que procurava no jardim, vestido de forma inadequada para o frio. Huldar não se surpreenderia se, a qualquer momento, o visse a pegar num toalhete para limpar a sujidade.

No entanto, ultimamente, os padrões de Ríkhardur estavam a baixar. Naquela manhã, por exemplo, chegara ao trabalho com um pequeno pedaço de papel higiénico no pescoço. Huldar não conseguira deixar de arquear as sobrancelhas, embora não tivesse sequer notado se tivesse sido outro qualquer a cortar-se enquanto se barbeava.

A confusão na vida pessoal de Ríkhardur começava a refletir-se em tudo. A mulher deixara-o, após sofrer o terceiro aborto espontâneo, e o casamento perfeito deles estava arruinado. Um golpe destes afetaria qualquer um, claro. Talvez Ríkhardur estivesse a perder as estribeiras e iriam começar a aparecer falhas na superfície imaculada. Mas isto era improvável. Ele aguentara muitas tempestades na sua vida privada sem quebrar e esta seria uma situação igual. Por três vezes, anunciara orgulhosamente aos colegas que iria ser pai; por três vezes,

sussurrara depois ao ouvido de Huldar que a mulher perdera o bebé. Em duas das ocasiões, Huldar sentira pena dele. À terceira, sentiu alívio puro.

Huldar viu Ríkhardur parar para retirar, com o pau, algumas folhas dos sapatos. A imagem da igualmente perfeita ex-mulher de Ríkhardur veio inadvertidamente à cabeça de Huldar e ele corou ligeiramente ao voltar-se para o polícia com mau hálito.

— Depois de ter falado com a vizinha do lado, voltámos à casa e tentámos acordar os ocupantes. Ninguém respondeu à campainha e não conseguimos ouvir nada lá dentro. O Dóri esperou à porta e eu dei a volta à propriedade, olhando pelas janelas que tinham as cortinas abertas. Não vi nada de estranho… nem ninguém. As cortinas estavam fechadas no quarto de casal, e eu não podia descartar a possibilidade de eles estarem a dormir. Mas comecei a ter dúvidas quando bati no vidro e nada aconteceu. Consegui ver de onde os rapazes tinham saído do quarto. A janela ainda estava aberta, mas nem eu, nem o Dóri conseguíamos entrar por ela.

— Estou a ver. — Huldar não levantava a cabeça do seu bloco de notas. — E depois?

O homem mais velho franziu a testa, tentando certificar-se de que tinha a ordem de eventos certa.

— Ligámos para os dois telemóveis registados nesta morada, porque aparentemente não têm telefone fixo. Um deles estava registado em nome de Elísa Bjarnadóttir e o outro em nome do marido, Sigvaldi Freysteinsson. Nenhum atendeu. O telefone de Sigvaldi foi logo para o gravador de voz, mas o de Elísa continuou a tocar. Tentei ligar outra vez, mas não consegui ouvir o toque através da janela do quarto. Nessa altura, comecei a ficar preocupado, porque é normal que as pessoas estejam junto do seu telefone, certo? — Huldar não se dignou a responder, e o homem continuou: — Pensei logo que um dos carros poderia estar avariado e que ou o marido, ou a mulher, tinham ido trabalhar de táxi e que o outro ficara em casa e adormecera. Só conseguia pensar que o telefone de quem quer que estivesse em casa devia ter ficado sem bateria e que, por isso, o despertador não tocara. Era isso ou pensar que alguma coisa lhes

acontecera, a ele ou a ela, e talvez também ao telefone. Escorregar no chuveiro com o telefone na mão, ou alguma coisa desse género.

— Estou a ver.

Huldar estava a mentir: quem levaria o telefone para o chuveiro? E porque é que o gravador de voz da mulher não disparara, se o telefone estava sem bateria ou partido?

— A vizinha mencionara uma filha que deveria também estar em casa e comecei a pensar que talvez também ela tivesse ido no táxi… para a escola.

A rapariga não estava na casa; a cama estava vazia e apesar de terem chamado repetidamente pelo nome dela, não receberam resposta. Quando uma chamada para a escola confirmou que ela não aparecera nessa manhã, iniciou-se uma busca. Alguns dos polícias chamados à casa estavam agora pelas redondezas não fosse ela ter-se afastado, como os irmãos. Só podiam esperar que fosse esse o caso. Huldar não queria pensar noutras hipóteses.

O polícia terminou o relato:

— Quanto mais batíamos nas portas e nas janelas, mais me parecia que quem quer que estivesse lá dentro, estava inconsciente. Senti-me inclinado a acreditar que a rapariga e um dos pais tinham saído e que alguma coisa acontecera ao outro progenitor que ficara em casa. Era difícil acreditar que alguém conseguisse dormir com a chinfrineira que estávamos a fazer. Não era possível.

— Foi aí que decidiram forçar a entrada?

— Sim. Tomei a decisão de agir. A esta altura, suspeitei de que um dos progenitores deveria estar inconsciente lá dentro, ou pior, comecei a suspeitar de suicídio. Mas não disto.

O homem soltou outro suspiro, uma lufada de alho que obrigou Huldar a recuar. Sentiu-se tentado a oferecer ao homem um pouco da pastilha elástica de nicotina que levava para todo o lado, na tentativa de deixar de fumar.

— Não. Ninguém poderia ter previsto isto.

Ele não se deu ao trabalho de repreender o polícia por não ter ligado para os empregos do casal antes de tirar conclusões. Uma chamada para o National Hospital teria revelado que o marido estava fora numa conferência. E a busca

pela rapariga teria começado mais cedo.

— Regressei à casa da vizinha enquanto o Dóri esperava pelo serralheiro. A mulher parecia mais curiosa do que preocupada… Não parava de me fazer perguntas. Consegui despachá-la e não referi o que mais temia, porque os rapazinhos estavam na cozinha a tomar o pequeno-almoço.

Ele descreveu como os rapazes o haviam fitado com os olhos esbugalhados por cima das taças de cereais e quão confusos pareciam depois, quando foram levados num carro da Polícia. Ele teria dado alegremente um soco na mulher quando ela espicaçou o medo dos rapazes ao segui-los até ao carro, exigindo saber o que se passava. No fim, conseguiram enxotá-la de volta para dentro de casa. Agora, estava colada à janela da sala de estar. A visão de Ríkhardur iria confundi-la, uma vez que ninguém diria que se tratava de um polícia.

— Quando o serralheiro terminou, tentei tocar outra vez à porta antes de entrar, mas não obtive resposta. Bati na porta que dá para o corredor, porque estava fechada, tal como a porta do quarto do casal.

— Estava de luvas?

O homem corou.

— Não.

Em sua defesa, pelo menos não tentou inventar desculpas.

— Suponho que tenhamos um registo das suas impressões digitais… E também das do seu parceiro Dóri…

— Sim. Bom, minhas, de certeza. Não posso responder pelo Dóri. Devem ter sido tiradas quando ele entrou para a Polícia.

— Certo. — Huldar levantou os olhos do caderno. — O que é que fizeram depois de abrirem a porta e verem o que estava lá dentro? Tocaram em alguma coisa?

O homem abanou a cabeça.

— Não. O Dóri tapou a boca com a mão e saiu a correr. Aproximei-me da mulher, para ver se ainda estava viva, apesar de ter quase a certeza de que não estava. Enquanto fazia isso, liguei para a esquadra, para notificá-los.

— Verificou-lhe o pulso?

— Sim.

— Onde?

— No pescoço. Não tinha pulso. E também a senti gelada, por isso assumi que estaria morta. Não era possível chegar a nenhuma outra conclusão. Não precisava de lhe verificar o pulso, mas fi-lo por força do hábito. Nunca se sabe.

— Tocou-lhe em mais algum sítio? — O homem corou outra vez, o rubor a espalhar-se para o pescoço. — Sim.

— Então, é melhor entrar e explicar ao anátomo-patologista exatamente o que fez. Ele vai procurar impressões digitais no corpo. — Huldar fechou o caderno. — Venha comigo.

Entraram juntos no quarto principal. O cheiro que sentiram era tão mau que Huldar quase sentiu falta do alho. Elísa estava atravessada sobre a enorme cama. A cabeça estava enrolada em fita adesiva, como se fosse uma múmia, que lhe tapava os olhos, o nariz e a boca. Apenas estavam visíveis a parte de cima da testa e o cabelo que aparecia revolto por cima. Mas o mais perturbante era o que lhe acontecera à boca. O tubo de metal do aspirador fora-lhe enfiado na garganta e preso com mais fita. A mangueira serpenteava até ao aspirador, que estava no chão ao lado da cama. Não era de estranhar que o polícia novato tivesse vomitado e saído.

Era óbvio que o fim daquela mulher fora tudo menos fácil. Dadas as circunstâncias, era uma benesse que se pudesse ver tão pouco da cara. O esgar de agonia oculto pelas faixas largas de fita adesiva prateada brilhante devia ser verdadeiramente horrível.

O anátomo-patologista estava curvado sobre a mulher. Acabara de chegar e ainda não vestira o fato que costumava usar nestas ocasiões. O assistente estava num canto, a enroscar uma objetiva numa máquina fotográfica.

O anátomo-patologista abanou a cabeça.

— Isto não parece nada bom.

— Não. — Huldar nada tinha a acrescentar. Avançou mais uns passos para mostrar o polícia que estava atrás dele, à porta do quarto. — Este tipo foi o primeiro a chegar ao local. As impressões dele devem estar por todo o lado no

pescoço da vítima. Queres que ele te mostre onde lhe tocou?

— Não. Agora, não. Não quero aqui mais ninguém enquanto não concluirmos o exame preliminar. Vai ter de esperar. É melhor tu também voltares para a entrada.

Huldar obedeceu com entusiasmo, amaldiçoando-se pela sua inconsciência. Afinal não era melhor que o velho polícia, apesar de não ter um hálito tão podre. Enquanto o anátomo-patologista vestia o seu fato protetor, o assistente começou a fotografar Elísa de todos os ângulos. O clarão encandeou-os até que os olhos se habituaram. Quando acabou de fotografar a vítima, o assistente dedicou-se ao resto do quarto, incluindo paredes e chão. Desapareceu de vista enquanto se baixava para tirar fotografias debaixo da cama, aparecendo depois, branco como um fantasma.

— Merda! — Apontou para baixo. — Está aqui uma criança.

Esquecendo as ordens do anátomo-patologista, Huldar entrou no quarto. Afastou a colcha branca e enfiou-se debaixo da cama. Uma rapariguinha de pijama estava enrolada num novelo, com os olhos fechados, o queixo enterrado no peito, as mãos a tapar as orelhas. Para alívio de Huldar, o corpo mexia-se. Devia ser a filha de Elísa e Sigvaldi; a rapariga que andavam à procura na vizinhança. Ainda não tinham revistado o quarto, com medo de comprometer a investigação de um local de crime. Não ocorrera a ninguém que a criança pudesse não sair do esconderijo quando ouvisse o seu nome e percebesse que a Polícia chegara.

Antes que Huldar pudesse abrir aboca, outro membro da equipa chamou da entrada:

— Encontrámos uma coisa na cozinha que precisa de ver.

Ele não conseguia imaginar nada mais importante do que a criança debaixo da cama. A cozinha teria de esperar.

# 3.

UMA MOSCA BATIA CONTRA A PEQUENA JANELA no teto da cave. A sua força estava a desaparecer, o zumbido e as batidas no vidro eram cada vez mais esporádicas, a luta estava quase a acabar. Ninguém saberia porque é que a mosca estava tão desesperada por ir lá para fora ao ponto de sacrificar a própria vida. O jardim estava coberto de um manto de neve, limitado por arbustos despidos. A mosca não teria hipóteses ali. Ao menos, estava quente na cave. No entanto, ela persistia. Não se interessava pelos cadáveres de outras moscas que sujavam o parapeito empoeirado depois de tentativas falhadas de escaparem da mesma maneira. Talvez estivesse na altura de limpar o parapeito. Karl decidiu esperar que a mosca se juntasse às suas companheiras caídas ou teria de repetir o exercício, e pegar no espanador não era mesmo o seu forte.

Ele estava com dificuldade em aceitar o silêncio. Antes, nem teria notado o zumbido. Levantando os olhos, estudou os azulejos amarelados do teto. Não se ouvia nenhum som no andar de cima. Quantas vezes desejara isto? Sentar-se em completo silêncio e concentrar-se em escutar sem constantes perturbações vindas de cima. Sem ter de pôr os auscultadores gastos que lhe magoavam as orelhas. Agora, à exceção da mosca, nada o perturbava; o seu desejo realizara-se. Mas, inesperadamente, isto não lhe trazia a satisfação antecipada. Nenhum fogo de artifício disparou na sua cabeça; nenhum sorriso de alegria lhe saiu dos lábios. Não deveria ser uma surpresa porque os sonhos dele costumavam desaparecer nas raras ocasiões em que se concretizavam. Mas, desta vez, o anticlímax era estranhamente intenso, já que durante tanto tempo ele desejara o silêncio.

Desde que, na adolescência, ganhara o bichinho do radioamadorismo, Karl fora apanhado por constantes intrusões de baixa frequência. Para começar, montara um simples aparelho de rádio CB concebido para utilizadores comuns comunicarem numa frequência de 27 megahertz, mas a porta frágil do quarto revelara-se inútil a isolá-lo dos barulhos exteriores do dia a dia. Tinha tanta utilidade como uma folha pendurada no vão da porta. A mãe proibira-o de usar auscultadores insonorizados, e ele nem teve hipótese de escolher entre aturar interrupções ou desfrutar de paz e sossego à custa de ouvidos doridos. Ela convencera-se de que era perigoso para ele estar alheado de barulhos de fundo. Costumava dar-lhe sermões sobre os riscos de incêndios domésticos e todo o tipo de potenciais acidentes aos quais ele não prestaria atenção se não soubesse o que se passava em casa. Ela era bastante eloquente sobre a possibilidade de um ladrão a matar a sangue-frio enquanto Karl não conseguia ouvir os seus gritos. Verdade seja dita, nenhuma destas sinistras previsões se concretizara, à exceção de um assalto em meados de novembro. Tudo o que o ladrão tivera para se consolar fora meia garrafa de brandy e uns trocos que estavam na taça sobre a arca no corredor. E dado que nem Karl nem a mãe estavam em casa nessa altura, não houvera hipótese de testar se o intruso teria sido dominado por um frenesim assassino a meio do assalto.

Quando o irmão mais velho saiu de casa, Karl tomou conta da cave. Na altura, o seu interesse original pelo rádio CB evoluíra para um hobby sério de radioamadorismo, tendo como consequência a proliferação do equipamento, ocupando muito mais espaço que o pequeno aparelho que comprara na adolescência. Aprendera código Morse e fizera um exame para obter uma licença básica que lhe permitia transmitir em morse numa frequência limitada e de baixa potência. Mais tarde, fez o exame para a tão desejada licença completa, que lhe permitiu usar transmissão de voz e operar em frequências de alta potência. O seu pequeno quarto estava prestes a rebentar com equipamento, livros e ficheiros relacionados com o seu hobby, e a partida de Arnar fora uma oportunidade caída do céu para mudar o equipamento para a cave. Até sair de casa, Arnar ocupara o espaço para estudar em paz. A nova combinação era uma

melhoria significativa, mas a algazarra vinda de cima ainda enlouquecia Karl. Era impressionante a quantidade de barulho que uma única pessoa conseguia fazer. Arnar, rabugento e taciturno, com o nariz sempre enterrado em livros de estudo, nunca fora um problema, mas a mãe de ambos era outra história. Parecia incapaz de ficar parada e estava constantemente a saltar de quarto em quarto, a apanhar e a arrumar coisas. Se ficasse quieta por um período de tempo razoável era porque estava ao telefone, e isso nada fazia para reduzir o nível sonoro.

Os sons que acompanhavam a presença dela eram tão mundanos quanto o resto da sua existência: o ranger do soalho; o bater de pratos e talheres no lava-louças da cozinha enquanto os lavava à mão em vez de usar a máquina, que insistia em reservar para ocasiões especiais. Trechos de antigas e insossas músicas pop islandesas. O ruído metálico de agulhas a tricotar malhas que ninguém queria. Interrogatórios intermináveis do topo das escadas sobre se ele queria um lanche ou uma bebida. Isso fora particularmente aborrecido, pois ele já tinha mais de vinte anos, por amor de Deus, e poucas possibilidades de morrer de fome. Ou de sede. Apesar de ser inegável que não tivera uma refeição decente nos últimos três meses, depois de se acabarem os restos da receção do funeral. Se continuasse assim, teria de investir num cinto mais pequeno. Começara a usar o último furo há algum tempo, mas as calças estavam outra vez largas na cintura e descobriu que arrastavam no chão como as calças dos rapazes adolescentes que passavam as noites no núcleo de pequenas lojas do bairro. Pela primeira vez na vida, ele estava na moda. E sem querer.

O zumbido cessou e só conseguia ouvir a sua própria respiração. Se escutasse com atenção suficiente, seria capaz de ouvir o seu coração a bater. Uma vez mais, surpreendeu-se com a pouca satisfação que esta tão desejada paz lhe trouxera. Até sentia falta do barulho associado à mãe. Talvez fosse a sua consciência a chateá-lo, uma vez que a morte dela fora bastante súbita. Faltavam-lhe três meses para os setenta anos, que ela pretendia celebrar com um lanche que planeara longamente, sem grande entusiasmo da parte de Karl. Se ele tivesse sabido o que iria acontecer, poderia ao menos ter fingido interesse pelas receitas de bolo que ela recortava de jornais e sobre as quais lhe pedia uma

opinião. Em retrospetiva, devia ter percebido que havia um problema. Ela andara em baixo de forma durante uns tempos, mas nada que fosse muito alarmante. De repente, um dia, mal conseguia pôr-se de pé e só aí foi consultar um médico. Ele mandou-a fazer exames e ela chegou a casa com a notícia de que um cancro maligno se instalara no seu corpo. Tentou encarar a situação com otimismo, mas acabou por ser internada no hospital.

Karl começara a aperceber-se da gravidade da situação quando ela morreu numa noite, durante o Advento, sozinha numa desoladora enfermaria de hospital. Se o cancro não estivesse com tanta pressa, Karl poderia ter sido mais atencioso e tê-la tratado melhor, visitando-a mais vezes e levando mais chocolates e flores. Ao olhar para trás, o ramo patético que comprara no supermercado numa das suas últimas visitas era uma desgraça. Se estivesse a morrer, nem ele quereria ver aquilo.

No entanto, Karl não se comportara pior que Arnar, que nem se dera ao trabalho de voltar para casa, para a Islândia, para estar à cabeceira da mãe moribunda. Karl teve de fazer tudo sozinho: resolver os assuntos que ela insistia que deviam ser tratados, devolver todo o tipo de porcarias que ela pedira emprestadas, enviar as cartas de despedida e obter uma perspetiva global das finanças dela para que ela pudesse decidir o que fazer com os seus bens. Tudo feito com muita má vontade. Caminhara para os correios, carta após carta, batera a inúmeras portas para devolver uma série de tupperwares, livros e DVD. Pelos olhares surpreendidos que recebeu, Karl suspeitou que a mãe recorria a isto como uma forma de dar a notícia aos amigos e à família de que estava às portas da morte. Assim, não tinha de ser ela a fazê-lo. Oh, não, isso era tarefa para Karl. E, claro, isto aumentava exponencialmente o risco de receber visitas de retribuição, ou pelo menos ele assim pensou, o que o deixou ainda mais ressentido por ser importunado com a tarefa. Agora, desejava ter sido mais generoso a cumprir os últimos desejos dela.

Sentir-se-ia melhor agora, sem dúvida, se tivesse colocado em segundo plano os seus próprios desejos durante aquelas poucas semanas; se lhe tivesse feito os recados e ficado sentado o resto do tempo à cabeceira dela. Porque, apesar de

todas as mensagens dela, as visitas haviam sido poucas e espaçadas.

No entanto, sendo honesto, duvidava que se tivesse comportado muito melhor, mesmo antecipando as coisas. O que poderia ter dito? Quais eram as palavras adequadas para explicar a uma pessoa que a amava de verdade, apesar de anos de comportamentos que indicavam o contrário? Não teria ela olhado para ele com ceticismo, do seu leito de morte, relembrando todas as vezes em que ele sentira vergonha dela e recusara ser visto com ela?

Até aos seis anos, nunca lhe ocorrera que as suas circunstâncias familiares eram diferentes das dos outros; não lhe ocorrera que a mãe era estranhamente velha e que não havia um pai no cenário. Esta tomada de consciência atingira-o como uma onda gelada.

Tudo começara com uma pergunta inocente — ela era avó dele? —, seguida de uma risada embaraçosa quando ele respondera que não, que era a mãe. Isto descambara rapidamente em gozo: variações infinitas de que a sua mãe era, na verdade, a avó e de que ele não tinha pai. As palavras das crianças causaram uma ferida profunda que estava constantemente a ser reaberta e que nunca sarara. A parte mais estranha era que os outros miúdos não entendiam o quanto isto o magoava. Nunca lhes ocorreu que ele não achasse tanta piada àquilo quanto eles, ou pelo menos era isso que parecia a Karl.

É estranho como um incidente isolado podia arruinar uma vida, obrigá-la a seguir um rumo do qual nunca se desviaria. O gozo dos outros miúdos no primeiro dia de escola dera o mote para o futuro relacionamento com eles. Karl nunca fora popular. Os colegas eram-lhe indiferentes. Apesar de tudo, nunca fora alvo de bullying, permanecendo fora do radar dos miúdos maus enquanto andara na escola, e por isso estava grato. Arnar, que passara pelo mesmo oito anos antes, não tinha conselhos a dar ao irmão. Ou, pelo menos, nenhum interesse em partilhar algum com Karl. A verdade é que as situações eram diferentes: Arnar nunca se encolhera, andara sempre de cabeça erguida, como se estivesse numa posição de poder, ainda que esta fosse ilusória. A atitude dele devia ter sido provocadora, mas os outros miúdos deixavam-no em paz, apesar de poucos quererem ser seus amigos. Karl suspeitava que já tinham sentido o que ele

demorara muitos anos a descobrir — que Arnar não era igual às outras pessoas, e que por isso era melhor deixá-lo em paz. A combinação convinha aos dois irmãos: Arnar tinha uma necessidade muito limitada de contacto humano e Karl achava-o uma companhia aborrecida.

A mudança para o último ciclo numa nova secundária e um novo ambiente pouco fizeram para alterar a existência de Karl; continuou a lavrar a sua terra solitária. Fez poucos conhecimentos e raramente participou em eventos sociais. O medo de ser excluído era suficiente para mantê-lo em casa. Infelizmente, não fazia o melhor uso do tempo livre que tinha; teve notas muito decentes nos exames finais, mas a sua média estava bastante longe do patamar atingido por Arnar. Depois disso, chumbou um ano; em vez de ir na viagem à Ásia com os colegas, ficou em casa de braços cruzados, a fingir que estava ocupado a planear o futuro. Por fim, já sem conseguir justificar a sua inatividade perante a mãe, inscreveu-se num curso de Química na universidade, ingressando no ensino superior, ainda no papel de estranho da turma. Nunca saíra de casa, nunca namorara e tinha muito poucos amigos. Grande parte das pessoas com quem se relacionava eram apenas conhecidas ou perfeitas desconhecidas. No entanto, havia duas exceções: Halli e Börkur. Eles não seriam a sua escolha num mundo ideal, mas a verdade é que a cavalo dado não se olha o dente.

Na maioria das vezes, satisfazia a sua necessidade de contacto humano através do seu rádio. Este tipo de interação funcionava para ele, apesar de, provavelmente, os leigos a considerarem distante e impessoal. Falava-se e recebia-se uma resposta. E quando não lhe apetecia falar, Karl podia apenas escutar ou transmitir em morse.

Um estalido de receção do transmissor chamou-lhe a atenção. Karl colocou os auscultadores e pousou com delicadeza os dedos no sintetizador. Ao fazê-lo, observou a parede por cima da secretária. Estava forrada de cartões QSL emoldurados, colecionados ao longo dos anos.

Eram a prova dos seus contactos com outros radioamadores de partes remotas do mundo que nunca visitaria pessoalmente. Apenas os cartões dos quais mais se orgulhava tinham este lugar de honra; os outros, guardava-os numa

gaveta. Já há algum tempo que não se dava ao trabalho de pedir confirmação via cartão QSL, uma vez que contactava agora com operadores de muitos países e era raro deparar-se com alguma transmissão vinda de uma nova região. A última vez que usara os cartões fora numa competição para formar um número máximo de conexões dentro de um determinado espaço de tempo. Fora há um ano e meio. Apesar de estas competições continuarem a existir, já não se dava ao trabalho de participar.

Não lhe agradava admitir perante si próprio que isto se devia ao facto de nunca ganhar. Nem chegava perto disso. Mesmo quando participava em competições de equipas, parecia agir como alguém que dá azar — um azar que os outros radioamadores não podiam deixar de notar. Tal como nos jogos de *dodgeball* na escola, era sempre o último a ser escolhido para a equipa. A rejeição doía, como doera na escola, mas ele não a mostrava. Não sabia porquê, uma vez que todo o seu orgulho servia para fazer os outros se sentirem menos culpados por o terem abandonado. Partir para a agressividade teria sido uma estratégia melhor, mas agora era demasiado tarde para isso.

Karl aproximou-se do microfone:

— Charlie Quebeque Delta Xray, daqui Tango Foxtrot Três Kilo Papa, à escuta.

O código CQDX significava que ele queria contactar com radioamadores estrangeiros, e TF3KP era o seu sinal de chamada: TF para Islândia, 3 para a área de Reiquejavique e KP — Karl Pétursson. Não que pudesse reclamar o que quer que fosse em relação a este nome: Pétur fora o seu avô materno. Ele era adotado e não sabia o nome dos seus pais biológicos. Aparentemente, a história deles não fora feliz e a mãe achara que não havia necessidade de remexer no passado. A acreditar no que ela dissera, ambos haviam morrido e, como tal, não valia a pena tentar localizá-los. Em criança, apercebeu-se rapidamente de que as perguntas sobre os seus pais biológicos não eram bem-vindas e nunca levavam a parte alguma. Por isso, Karl deixara de perguntar; deixou de pensar neles. Com Arnar, era outra história: nunca parara de fazer perguntas. Também era adotado, e apesar de os irmãos terem o mesmo apelido, não se relacionavam mais do que

dois estranhos que, por acaso, se sentavam lado a lado no autocarro. Aspetos diferentes, hábitos diferentes.

— Tango Foxtrot Três Kilo Papa, à escuta.

Ele estava atento, mas não obteve resposta. Talvez tivesse apanhado o fim de uma transmissão. Tentou de novo.

— Tango Foxtrot Três Kilo Papa, à escuta.

Nada.

Lembrou-se da sua velha ambição de colecionar um cartão de cada estado americano. Talvez devesse recuperar essa ideia? Não demoraria muito tempo, porque já tinha alguns. Agora estava sozinho e não tinha nada para fazer fora das aulas, exceto dedicar-se ao seu hobby. Mas não conseguia decidir se deveria dar-se a esse trabalho. Tal como não conseguia decidir se deveria ou não participar na reunião do clube dos radioamadores que iria começar dentro de quarenta minutos. Tinha de decidir depressa. Provavelmente, seria melhor esquecer isso e ir estudar. Estava a ficar atrasado; o vago interesse que tinha pela química quando se inscrevera estava a desaparecer. A secretária ao fundo da cave estava a acumular pó e o póster da tabela periódica na parede por cima estava a descolar-se num dos cantos.

Talvez conseguisse recuperar o interesse se começasse a estudar. A reunião do clube não era importante. Não tinha nada a dizer e duvidava que os outros tivessem. A entrada de novos membros diminuía ano após ano e os únicos radioamadores que restavam eram velhotes que não partilhavam do seu interesse em contactar com amadores estrangeiros. Operavam quase sempre em canais cujo alcance de frequência era entre 14 e 21 a 28 megahertz, enquanto Karl preferia ouvir amadores a transmitir em morse ou usava 3,5 megahertz. Talvez fosse uma questão de idade. Não existiam muitos radioamadores a transmitir em 28, e aqueles que o faziam tendiam a ser demasiado filosóficos para o seu gosto. Os mais velhos também se interessavam mais por hardware e construção de aparelhos; muito poucos partilhavam o seu entusiasmo por pesquisas mais avançadas, como ouvir emissoras de números. Aliás, desde que Börkur e Halli haviam deixado de participar nas reuniões do clube, ele era o único que se

interessava por isso.

Karl desligou os auscultadores do transcetor e ligou-os ao velho recetor Collins de ondas curtas. Cuidadosamente, examinou o espectro de baixa frequência até chegar a emissoras de números que conhecia, na esperança de apanhar uma transmissão. Não encontrava nenhum sentido especial nas transmissões, mas achava-as incrivelmente cativantes. Consistiam em longas séries de números e letras enunciados por vozes femininas sintéticas ou, às vezes, vozes de crianças, ou sequências de código Morse, estática e interferência, e até melodias folk. As emissões teriam um parco encanto se não fosse pelo mistério do seu propósito e origem. Ninguém sabia ao certo o que significavam ou quem operava na alta frequência das ondas curtas entre 3 e 30 megahertz, que usavam ondas refletidas da ionosfera, atingindo uma dispersão bem maior que as emissões de rádio convencionais. A teoria mais popular era que as transmissões eram mensagens codificadas dos serviços de informação governamentais para os seus agentes no terreno, apesar de algumas poderem ser comunicações entre redes de droga e traficantes. As chamadas telefónicas podiam ser gravadas, as cartas e os emails podiam ser lidos e localizados, mas era impossível detetar os destinatários de uma emissão radiofónica.

E era aí que residia o fascínio. As sequências de números recitadas por aquelas vozes frias e desapaixonadas — e, no entanto, aparentemente inocentes — podiam ser ordens de execução ou de ataque. Tal como outros amadores atraídos por elas, Karl sonhava quebrar um dos códigos usados pelas emissoras, apesar de pessoas mais espertas que ele já terem sido obrigadas a admitir o seu fracasso. Até Arnar desistira, após ter finalmente levado a sério o passatempo de Karl. Dedicara-se intensamente aos grupos de números durante horas, de lápis na mão, apenas para desistir e declarar, zangado, que aquilo era um disparate pegado. Mas Karl sabia que não. Era código: um código que era impossível de quebrar sem a chave. Mas isso não impedia as pessoas de lutarem com o problema.

Estava com sorte. As emissoras geralmente emitiam a cada hora ou meia hora, e passava agora pouco das sete e meia. Apanhou uma transmissão familiar

de uma emissora popularmente conhecida como «o Homem Russo». Uma voz masculina áspera recitava uma série de números em russo, repetindo-os uma e outra vez, enfeitada por interferência estática. «A-deen, a-deen, pyat, syem, pyat, null, null.» A maioria das emissoras seguia um modelo estabelecido: a emissão começava com um prelúdio característico que podia ser uma palavra específica como «Pronto? Pronto?», «Achtung!» ou «¡Atención!»; uma melodia ou uma série de letras ou números. Isto era um identificador e, em alguns casos, também indicava o destinatário pretendido. Normalmente, esta rotina inicial era repetida várias vezes antes de o próprio corpo da mensagem ser transmitido. Consistia em sequências de números ou letras, muitas vezes precedidas por um anúncio sobre quantos grupos de números existiriam, também repetido várias vezes. Depois vinha o encerramento, individual para cada emissora, apesar de conter muitas vezes apenas as palavras «fim» ou «fim da mensagem» na linguagem certa. Também havia casos em que o fim de uma emissão era marcado por música ou uma série de zeros.

Era assim que terminava o Homem Russo, por exemplo. Karl escutou-o a desligar: «Null, null, null, null.» Silêncio e estalido. «Null, null, null, null.» Silêncio novamente, e depois: «Null, null, null, null.» A emissão terminara.

Karl procurou outra estação e desta vez encontrou uma que não se recordava de ter ouvido antes. Ficou alerta quando percebeu que a língua parecia nórdica. Depois de ajustar o sintetizador, conseguiu ouvir o discurso com clareza, o que apenas aumentou a sua perplexidade: «… nove, dois, zero, cinco, seis, nove.» A sequência de números foi repetida e, desta vez, conseguiu apanhá-la na totalidade. «Um, sete, zero, três, nove, dois, zero, cinco, seis, nove.» A voz era feminina e, como habitualmente, mecânica. «Um, sete, zero, três, nove, dois, zero, cinco, seis, nove.» A voz calou-se. Karl inclinou-se para trás na cadeira, passou os dedos pela testa e depois agarrou a cabeça com as mãos. «Um, sete, zero, três, nove, dois, zero, cinco, seis, nove.» Deixou que as mãos se soltassem e agarrou num bloco e numa caneta, que costumava ter sempre ao lado. E quando estava prestes a apontar os números, a voz começou a recitar outra sequência: «Dois, quatro, um, dois, sete, nove, sete, três, um, nove.»

A caneta não funcionou à primeira e Karl teve de se controlar para não partir o bico com o frenesim de apontar os números. De repente, a tinta começou a correr. «Dois, quatro, um, dois, sete, nove, sete, três, um, nove.» Releu os números na página à medida que eram repetidos, a tentar identificar um sotaque, mas a voz sintética não parecia estrangeira. Poderia alguma organização islandesa, ilegal ou governamental, ter instalado uma emissora de números? Não parecia possível. Devia ser uma emissora estrangeira a usar o islandês para confundir as pessoas. Mas a emissão era límpida, demasiado límpida para vir de longe. Karl ouviu a sequência, perplexo. De certeza que não seria originária da Islândia? Mesmo que alguém no país sentisse a necessidade de passar mensagens secretas, ele poderia apostar que a Internet seria o método de comunicação escolhido. A onda curta estava já ultrapassada para os seus conterrâneos islandeses. E quase como para lhe dar razão, a voz começou a ler a sequência de números do início: «Um, sete, zero, três, nove, dois, zero, cinco, seis, nove.» Karl anotou e depois ficou a ver o resultado: «1703920569.» Leu a sequência inúmeras vezes à medida que a repetia. «Um, sete, zero, três, nove, dois, zero, cinco, seis, nove.» Todos os números estavam certos. Devia ser uma absurda coincidência. Ou algum tipo de partida dedicada a ele.

Era o seu número de identificação.

Karl examinou a outra série: «2412797319.» Podia ser outro número de identificação. Datilografou-o num motor de busca no telefone e apareceram cento e vinte e dois resultados, nenhum islandês. Tentou acrescentar um hífen no sítio certo, a seguir aos primeiros seis algarismos, e procurou de novo. Bingo. O número de identificação pertencia a uma mulher — Elísa Bjarnadóttir —, cujo nome não reconheceu. Tentou procurar imagens dela, mas isso não ajudou. A cara não era mais familiar que o nome. Karl pousou o telefone. Tudo era bizarro e estranho. A emissão da mensagem terminara e a voz sem alma despediu-se com as palavras: «Adeus, teremos mais depois.» Seguiu-se uma melodia tocada numa caixa de música. Depois, silêncio. Tirou os auscultadores.

Havia um zumbido débil da mosca na janela. Karl concentrou-se no som, a interrogar-se se devia deixar sair a pobre criatura, concedendo-lhe a tão desejada

liberdade. Claro que iria morrer com o tempo gelado do exterior, mas, pelo menos, morreria feliz. Mas esqueceu-se da mosca quando ouviu o som abafado de uma voz nos auscultadores. A emissão da estação misteriosa estava a recomeçar. Karl voltou a pôr os auscultadores e ouviu: «Olá. Olá. Olá.» Depois disto, foi repetida a mesma sequência de números. Era óbvio que não iria de todo à reunião do clube. Era uma pena, uma vez que tinha, finalmente, alguma coisa a relatar. Mas talvez fosse melhor manter isto só para ele, por enquanto. Especialmente no caso de ser uma partida que alguém estava a pregar-lhe.

Enquanto Karl escutava atentamente, a mosca atirou-se contra o vidro pela última vez e caiu morta.

# 4.
# Sábado

MARGRÉT PARECIA NÃO FAZER IDEIA de que estava a ser observada. Estava sentada num pequeno sofá em que mal cabia com o animal gigante sentado ao seu lado. Não tocara no brinquedo. Os seus olhos verdes andavam de um lado para o outro na sala parcamente mobilada, à procura de algo em que se fixarem, afastando-se do olhar de Silja, a jovem mulher na cadeira ao lado, que tentava manter a conversa com questões simples. Silja sorriu a Margrét e tentou não olhar de forma estranha para o grande espelho na parede, diante do sofá. Os olhos da rapariga, por sua vez, não paravam de olhar para o seu próprio reflexo, completamente alheia às pessoas que a viam do outro lado. Não dissera uma palavra, limitando-se a responder assentindo com a cabeça ou abanando-a quando era necessário. Isto não interessava, as perguntas de Silja ainda não tinham tocado em nenhum assunto importante. Ela tinha de começar por conquistar a confiança da criança e, de qualquer forma, ainda estavam à espera do representante da Polícia.

— Isto é uma vergonha. Onde é que está o maldito polícia?

O avô paterno da rapariga trouxera-a para a entrevista. Apesar de estar muito bem para os seus sessenta anos, o seu cabelo encaracolado era tão branco que parecia quase translúcido. Aparecera com a barba por fazer, com o colarinho da camisa levantado de um dos lados. Noutras circunstâncias, Freyja teria ficado surpreendida com o facto de ele não sentir o colarinho a tocar no maxilar, mas era normal que as pessoas chegassem ao centro num estado de grande

nervosismo. Ninguém reparou; já tinham visto pior. Ele tinha assuntos mais urgentes com que se preocupar, do que com colarinhos ou em fazer a barba: a nora fora assassinada, o filho ainda estava fora e ele e a mulher estavam a cuidar dos três netos, sem fazer ideia de como lidar com a dor e o trauma deles. Enquanto falava, saía-lhe saliva da boca, gotículas que caíam no tampo da mesa. Ficavam ali a brilhar por instantes, antes de se evaporarem. Os outros fingiam não ver.

— Vão sujeitá-la a um interrogatório interminável sobre a escola e os amigos? Não veem como ela está? O que é que isso interessa? Não há coisas mais importantes para discutir?

As pessoas sentadas à volta da mesa voltaram-se ao mesmo tempo para Konrád Bjarnason, do Ministério Público. Todas elas achavam que deveria ser ele a responder ao homem. Pelo pouco que Freyja conhecia de Konrád, isto não augurava nada de bom. Ele era do tipo que vestia um fato antiaderente todas as manhãs, na esperança de que nenhuma responsabilidade se agarrasse a ele durante o dia. Baixou o olhar e sacudiu um borboto imaginário da gravata berrante que destoava completamente do ambiente sombrio. Quando se tornou claro que nenhuma resposta seria dada, todos os olhares recaíram sobre Freyja. Ela não conseguia aguentar o mesmo jogo silencioso e esperar que a atenção se focasse noutra pessoa. E se todos passassem a batata quente uns aos outros, iriam ficar ali o dia todo. Ela refletiu sobre qual a melhor forma de lidar com o avô. Não valia a pena usar a desculpa de que o caso surgira inesperadamente e que ela não tivera hipótese de fazer a preparação necessária. E era verdade; ainda não sabia o nome do homem encarregado da investigação, e muito menos tivera oportunidade de falar com ele antes da reunião. O comissariado da Polícia dissera-lhe simplesmente para reunir a equipa e esperar uma rapariguinha para a entrevista; alguém da Polícia iria fornecer as perguntas necessárias. Mas o tal agente não aparecera.

Freyja aclarou a garganta, endireitou os ombros e adotou uma expressão cuidadosamente neutra. Conseguia sentir o seu rabo de cavalo feito à pressa a escorregar pelo pescoço. Não tivera mais tempo para se arranjar do que o avô de

Margrét; quando recebera a chamada da Polícia, estava sentada à mesa da cozinha, de camisa de noite, a saborear o primeiro café do fim de semana, os olhos ainda sonolentos. O tempo que poderia ter usado para se arranjar foi passado a reunir a equipa: a psicóloga Silja, para entrevistar a rapariga, um membro da Proteção de Menores, um médico e uma enfermeira. Os últimos não eram funcionários da Children's House[1], mas eram chamados sempre que necessário. Freyja resumira-lhes o caso, na eventualidade de, para além do resto, a rapariga ter sofrido alguma espécie de abuso às mãos do assassino. Era melhor estarem preparados para qualquer possibilidade; um homem que conseguia assassinar brutalmente uma mulher jovem na sua própria cama era capaz de tudo. No entanto, a precaução revelou-se desnecessária, porque afinal a rapariga já fora submetida a um exame médico. Mas como a mulher chegara na altura em que isto ficara definido, e o custo dos convocados já fora cobrado, Freyja decidira mantê-los ali, só por via das dúvidas.

Muita coisa dependia do sucesso do caso; não era todos os dias que a Polícia pedia a ajuda da Children's House numa investigação criminal. Apesar de serem sempre chamados quando havia suspeitas de abuso sexual, tinham pouca experiência na obtenção de revelações de crianças expostas a outro tipo de crimes.

Haviam dito a Freyja que este procedimento incomum ocorrera porque a rapariga se recusara a entrar na esquadra da Polícia e se mostrara igualmente indisponível para responder às perguntas dos agentes na casa dos avós. O centro foi o último recurso e era imperativo que fizessem um bom trabalho, porque era improvável que lhes fosse dada outra oportunidade para mostrarem do que eram capazes. Se isto corresse mal, a culpa seria de Freyja e ela poderia esperar uma repreensão da Comissão de Proteção de Menores. A Children's House era o seu «bebé» e, enquanto diretora, era responsável pela gestão diária do centro, bem como dos casos individuais que lá apareciam. Estava no cargo há apenas quatro meses e a entrevista de hoje era provavelmente a mais importante desde que começara. Afinal, cada caso envolvia a possibilidade de ter sido destruída a vida de uma criança inocente. Era motivo de celebração quando a suspeita de um

crime não levava a nada, uma conclusão que felizmente não era assim tão incomum, apesar de não ser hoje, de todo, o caso.

A assistente social da Comissão de Menores arqueou as sobrancelhas. Freyja entendeu a mensagem; estava a demorar demasiado tempo a responder. A pequena Margrét agitava-se no sofá, os olhos pousados na porta da sala de entrevistas. Pela expressão do avô, era claro que a paciência estava a esgotar-se. E quem podia censurá-lo? Freyja forçou um sorriso.

— Compreendo que a conversa da psicóloga com a Margrét possa parecer desnecessária, mas as perguntas não são tão aleatórias como parecem. A Silja é perita na técnica forense de entrevista especialmente criada para crianças como a sua neta. É essencial para ela estabelecer uma relação com a Margrét antes de avançar para questões mais importantes.

O homem abanou a cabeça e, depois, disse numa voz mais controlada:

— Bom, só espero que saibam o que estão a fazer. Ela já está traumatizada o suficiente.

— Não precisa de se preocupar quanto a essa questão.

Pelo canto do olho, Freyja notou que Silja estava a dar pancadinhas na orelha como se o microfone escondido tivesse avariado. Não era surpreendente; ela esperava que lhe dissessem as perguntas, mas ninguém dizia nada. Freyja ligou o microfone.

— O polícia ainda não chegou, Silja. Continua a falar, se achares bem. De outra forma, teremos de fazer uma pausa ou adiar a entrevista.

A mulher do outro lado do vidro fez um discreto ok com o polegar. Pelo intercomunicador, ouviram-na fazer mais uma pergunta, desta vez sobre animais de estimação.

— Tens um cão, Margrét? Ou um hamster, talvez?

A rapariga abanou a cabeça, fazendo oscilar os caracóis ruivos. Uma madeixa ficou presa no canto da boca e ela afastou-a com os seus dedos brancos. A pele era tão pálida que parecia nunca ter apanhado sol.

O avô observava-a atentamente. Parecia tão desnorteado como da primeira vez que Freyja o vira com Margrét pela mão, a subir a estrada. A Children’s

House ficava numa casa residencial, com apenas dois lugares de estacionamento e quando eles chegaram, ambos estavam ocupados. Ele fora obrigado a estacionar mais abaixo na rua e haviam caminhado até ali por entre a neve acabada de cair. Andar era claramente um esforço e a rapariguinha hesitara algumas vezes, parando para olhar espantada para a casa. De cada vez, o avô curvara-se para encorajá-la a continuar. Agora, no entanto, ele soltou um suspirou e parecia arrependido por não ter cedido aos pedidos dela para voltar para trás.

— Os miúdos tinham um gato, que morreu. Foi atropelado. Na altura, pensámos que aquele era o pior desgosto por que eles teriam de passar.

Freyja agarrou novamente no microfone.

— Silja, evita falar em animais de estimação. O gato dela foi atropelado por um carro.

Mais uma vez, a mulher fez um sinal discreto de que recebera a mensagem. Mudando de assunto, perguntou a Margrét se tinha algum tobogã e se andara nele recentemente. Freyja olhou para o relógio de parede e decidiu esperar mais dez minutos. Se o polícia não chegasse entretanto, desistiriam. Não podiam sujeitar a rapariga a muito mais daquilo. Havia demasiadas coisas em jogo. O primeiro encontro com uma criança costumava ser crucial, mas ela teria de voltar. Uma e outra vez. Um conjunto de pessoas quereria ouvir o seu depoimento — a Polícia, o juiz, o advogado da pessoa eventualmente acusada do crime e o procurador. Seria um milagre se conseguissem extrair toda a informação dela de uma só vez, para satisfação geral.

O ecrã do telefone de Freyja iluminou-se na mesa diante dela. Era o agente imobiliário que procurava um apartamento para ela. Queria atender: havia uma competição cerrada pelas poucas casas que apareciam para alugar e alguém poderia antecipar-se antes de ela devolver a chamada. Mas não havia hipótese de atender agora. Para já, teria de contentar-se com a espelunca do irmão. Era necessária alguma habituação depois do apartamento que até então partilhara com o companheiro, mas a verdade é que o ex era um consultor financeiro bem pago, e o irmão um recluso da prisão de Litla-Hraun. Infelizmente, ela não tinha

qualquer quota-parte no luxuoso lar do ex, e saíra da relação tão pobre como quando entrara. Fora graças à situação do irmão que não estava na rua. Só lhe faltava um ano para ele cumprir a pena e, pela forma como as coisas andavam, ela iria demorar esse tempo todo a encontrar um sítio para arrendar. A alternativa era apaixonar-se por um tipo qualquer e ir morar com ele. Mas dada a taxa de sucesso nos meses em que estivera sozinha, havia mais probabilidades de o presidente da Islândia ir à prisão e amnistiar o seu multicondenado irmão.

Freyja fizera o possível por conhecer um novo homem, saindo afanosamente com as amigas à noite, a testar o seu talento dentro e fora de pistas de dança. Era abençoada pela beleza e sabia como se arranjar, pelo que não deveria ter sido um desafio tão difícil. Conhecera dois homens que lhe haviam agradado, ambos bonitos e, aparentemente, à procura do mesmo que ela. Com cada um, conversara e bebera antes de o arrastar para casa com ela. O primeiro desatara a chorar quando ela se sentara ao lado dele no sofá coçado do irmão, na esperança de que ele finalmente fizesse alguma coisa. Confidenciara-lhe que era gay e que não se atrevia a assumir-se, porque era massagista e receava perder todos os seus clientes masculinos. Suspirando, Freyja encorajara-o a tomar a decisão certa. Não fazia ideia de se ele seguira o seu conselho, uma vez que nunca mais o viu.

As coisas correram melhor na segunda vez — no início, pelo menos. O homem, um carpinteiro chamado Jónas, mudara-se recentemente para Reiquejavique, vindo de Egilsstadir, no Leste do país. Provara ser heterossexual, para sorte dela, e apesar de se terem sentido um pouco inibidos um com outro enquanto estavam de pé, uma vez na horizontal, haviam funcionado como uma máquina bem oleada. Mas, ao acordar no dia seguinte, o homem desaparecera e, desde então, não tivera notícias dele. A parte pior é que adormecera satisfeita, sentindo-se confiante de que conhecera um homem a quem valia a pena dar uma hipótese. Claramente, o sentimento não fora recíproco.

O relógio na parede mostrava que metade do tempo extra já passara. A voz de Margrét ouviu-se no intercomunicador, clara, mas triste. Pela primeira vez, a rapariga tomara a iniciativa na conversa:

— Porque é que aquele espelho grande está ali?

Todos os que estavam sentados à mesa viraram a cara para o vidro. A rapariga olhava de volta, como se os fixasse. Silja também olhou na direção deles. Ela estava sentada mais perto do espelho, e a rapariguinha não conseguia ver a cara que ela fez para Freyja. Tinham sido apanhados, como acontecia às vezes, e nestes casos, a política era dizer a verdade. Não era justo pedir honestidade às crianças quando se lhes mentia de volta. O espelho de duas vias era uma inovação recente; as entrevistas anteriores eram vistas num ecrã de televisão. Freyja propusera a alteração logo a seguir a tomar posse, depois de assistir a várias entrevistas com o método antigo. O ecrã tendia a aumentar o distanciamento do espectador em relação ao entrevistado, evocando associações involuntárias com um programa de televisão. O veredicto foi que a nova forma ajudava as pessoas a relacionarem-se melhor com o que estava a acontecer, simplesmente porque viam ao vivo a criança e o entrevistador.

Silja voltou-se para Margrét. A voz estava tão composta quanto antes, mas o sorriso desaparecera.

— É uma espécie de espelho mágico. O outro lado é como uma janela, e as pessoas podem ver-nos sem terem de estar aqui connosco. É uma boa ideia, não achas?

Margrét abanou a cabeça. Mordeu o lábio inferior, franzindo o sobrolho.

— Está lá alguém agora? — perguntou, com um misto de medo e ira na voz.

— Sim.

Silja rodou a caneta, como se estivesse à frente de uma banda de música com o bastão mais pequeno do mundo. Freyja começara a identificar os sinais característicos da tensão.

— Quem?

— O teu avô, por exemplo.

Margrét baixou os olhos.

— Não quero mais falar consigo. Quero ir para casa. — Olhou repentinamente para cima. — Para a casa do avô e da avó. Não para a minha casa.

— Mas começámos agora a conversar. Não devíamos ficar mais um

bocadinho? E assim não terás de voltar. Pelo menos, durante algum tempo.

Os olhos da rapariga semicerraram-se.

— Não quero estar aqui. Quero ir para casa com o avô.

Freyja ligou novamente o microfone.

— Vamos dar isto por terminado, Silja. O polícia não veio e a coisa parece estar a descambar. Voltaremos a encontrar-nos quando ela estiver numa fase melhor.

Não era pouco habitual que, em casos mais difíceis, a primeira entrevista fosse abreviada. Às vezes, a criança não estava recetiva, ou o psicólogo não conseguia criar empatia. Nestes casos, a equipa considerava mais sensato levar as coisas com calma, terminando a entrevista e tentando de novo noutro dia.

Konrád do Ministério Público tossiu:

— Sugiro que continuemos. O homem deve estar a chegar e é absolutamente vital que falemos com a rapariga. Preciso de relembrar que houve um assassínio e que ela é a única testemunha?

— O nome dela é Margrét.

A voz da enfermeira soou estranhamente áspera. Era chamada quando havia emergências na Children's House desde que esta existia, há dezassete anos, e durante esse tempo testemunhara tragédias tão perturbantes que Freyja receava que isso estivesse a começar a afetá-la. Ela raramente sorria e, quando se aborrecia, tinha o pavio curto. Como agora.

— Podia, pelo menos, dizer o nome dela.

— E você podia, pelo menos, reconhecer que não temos obrigação de interrogar a rapariga aqui. O juiz que o recomendou apenas sugeriu que tentássemos esta solução. Mas parece-me que deveríamos manter o plano original e levá-la para conversar na esquadra. — A cara de Konrád ficara roxa, em disputa com a sua gravata berrante.

Jóhann, da Proteção de Menores, deu um pontapé discreto a Freyja por baixo da mesa. Ela não precisava de que ele falasse: estava perfeitamente consciente de que estavam a estragar tudo. Como representante de uma instituição governamental, ele era, de certa forma, seu superior hierárquico. Ela tentou

diminuir a tensão, mantendo um tom de voz neutro.

— Vamos manter a calma. Todos sabemos o quão importante é a informação que a Margrét possa dar. Lembre-se, por favor, de que somos peritos nesta área e que sabemos quando devemos suspender uma entrevista com uma criança. Posso também recordar-lhe que não somos culpados desta situação? Onde está o polícia que deveria fornecer-nos as perguntas? Não sabemos praticamente nada sobre o caso. Apenas nos foi dito para estarmos aqui às dez, que foi o que fizemos, assim como a Margrét e o avô. É o seu homem que está em falta, Konrád, não somos nós.

Freyja esperava que ele não começasse a resmungar que pertencia ao Ministério Público e que não tinha qualquer autoridade sobre a Polícia. Na opinião dela, as duas instituições iam dar ao mesmo.

Konrád pegou no telefone, já um pouco menos corado, e selecionou apressadamente um número. Esperou, impaciente, que atendessem, e depois berrou com a pessoa que teve o azar de atender. Ao fazê-lo, quebrou uma das poucas regras que haviam sido estabelecidas no início da entrevista. O vidro não era totalmente à prova de som, pelo que os observadores eram sempre avisados de que deviam falar baixo quando havia uma criança do outro lado. Um ruído forte perto do microfone também poderia perturbar a entrevistadora, ou até afetar-lhe o ouvido.

— Fale mais baixo. — Freyja acenou furiosamente a Konrád, que se virou e continuou a sua diatribe.

Freyja reparou que Margrét olhava para o espelho. Silja fez o mesmo, com um esgar. Estava compreensivelmente aborrecida, uma vez que era o seu trabalho manter Margrét calma. Levantou as mãos e Freyja quase conseguia ler-lhe os lábios:

— O que é que se passa?

Entre os protestos de Konrád, começou a ouvir-se um som débil de choro. Aumentou de volume até ecoarem na sala fortes soluços. Até Konrád se calou, baixou o telefone e fitou a rapariga, que estava agora de pé e com o corpo magro a tremer.

Antes que Silja tivesse hipótese de confortá-la, os lábios da rapariga começaram a formar palavras e o intercomunicador transmitiu a questão meio murmurada:

— O homem preto está ali? Atrás do espelho? — Margrét recuou, desviando os olhos do vidro.

— Não, Margrét. São só pessoas que querem o melhor para ti. Quem é o homem preto?

Silja colocou cautelosamente as mãos nos ombros da rapariguinha e tentou levá-la de volta para o sofá. Ela resistiu.

— Ele fez mal à minha mãe. — A dor na vozinha atingiu os ouvintes.

— Viste esse homem, Margrét?

— Sim. Era preto.

Silja olhou de soslaio para o espelho. Freyja inclinou-se sobre o microfone e incentivou-a a continuar. Silja assentiu quase impercetivelmente. Depois, falou outra vez, num tom calmo e confiante:

— Preciso que penses muito bem, Margrét. Ele era preto porque estava escuro no quarto ou porque era de raça negra?

— O que é que quer dizer com isso?

— A pele dele era escura?

— Sim.

Silja humedeceu os lábios e continuou com cautela:

— Viste as mãos dele?

Margrét abanou a cabeça. Fungou e esfregou desajeitadamente as bochechas para enxugar as lágrimas.

— A cabeça dele. Vi a cabeça dele.

— E viste-lhe a cara, Margrét?

— Não. A cara, não. Só a parte de trás da cabeça preta. Ele tinha uma cabeça muito grande. — Margrét virou-se de costas para o espelho. — Quero o meu avô. Não digo mais nada. Não quero falar mais disso. Nunca mais.

Silja tentou convencê-la, mas não conseguiu arrancar-lhe nem mais uma palavra. A entrevista terminou, logo quando parecia estar a correr melhor. No

fim de contas, fora um triste fracasso, o oposto do que esperava a equipa. Silja sentou-se, suspirando.

Nesse momento, apareceu o polícia. Corou violentamente quando viu Freyja. A boca dela abriu-se de espanto e, por momentos, esqueceu-se da situação calamitosa. Era Jónas, o carpinteiro de Egilsstadir. Os olhos de ambos encontraram-se; os dela, furiosos, os dele, perplexos. Ele desviou o olhar e dirigiu-se aos outros:

— O meu nome é Huldar, do comissariado de Polícia. Peço desculpa pelo atraso. Surgiu um imprevisto.

---

1 A Children's House é um centro multidisciplinar islandês, no qual profissionais investigam possíveis abusos sexuais a crianças e dão apoio às vítimas. Trata-se de uma parceria entre a Polícia, o Ministério Público, o hospital e o Serviço de Proteção de Menores, que é o responsável pelo funcionamento do centro. *(N. da T.)*

# 5.

ENQUANTO POLÍCIA, HULDAR ESTAVA HABITUADO a todo o tipo de receções. Raramente era um convidado desejado; as pessoas só falavam com ele quando eram obrigadas, olhando-o o tempo todo como se exalasse um cheiro estranho. Pela expressão delas, era óbvio que aquelas com quem lidava o culpavam das suas próprias dificuldades — e possivelmente a qualquer polícia que calhasse estar ao lado dele. Não que se importasse; desde que entrara para a Polícia que se estava nas tintas para o que as pessoas pensavam. As cuspidelas, os maus-tratos, os olhares zangados, nada disso o afetava. Sendo o único rapaz e o filho mais novo, fora obrigado a criar uma carapaça — as suas cinco irmãs mais velhas asseguraram-se disso, ainda que o tratamento delas nunca fosse excessivamente exagerado.

Ficara desconcertado consigo mesmo por ter corado ao entrar na pequena sala de reuniões. Havia seis pessoas ali reunidas, homens e mulheres em igualdade numérica, divididas pela mesa bem encerada. O seu pedido de desculpas foi recebido com um olhar silencioso, mas não fora isso que lhe trouxera cor às bochechas. Amaldiçoou-se silenciosamente por não ter sido previdente e investigado quem é que ali estaria. O nome de Freyja teria feito soar o alarme, dando-lhe tempo para se preparar. Podia ter-lhe ligado antes, pedir-lhe que esquecesse o encontro anterior durante o tempo que demorasse a entrevista à criança. Em vez disso, estava condenado a suportar os olhares sinistros dela ou a ter de discutir os assuntos privados deles diante dos outros. Bom, isso estava fora de questão. Considerou a hipótese de lhe pedir que saíssem os dois da sala por

um momento, mas depois pensou melhor. A expressão dela, pelo que conseguia ver pelo canto do olho, sugeria que não estava disposta a cooperar.

— Porque é que se atrasou tanto? — exclamou um homem num fato que parecia ter encolhido na lavagem.

O corte justo devia estar na moda; homens jovens pavoneavam-se assim vestidos, saindo de escritórios de advogados e de bancos. E a gravata, também — tão berrante que era quase fluorescente. Dolorosamente *trendy*. Tal como o cabelo do homem, demasiado arranjado para o efeito casual que, sem dúvida, pretendia. Entre a gravata espalhafatosa e o penteadinho estiloso, havia uma daquelas caras desinteressantes que eram impossíveis de relembrar; o tipo de cara que os criminosos sonham ter. Nem feio nem bonito, nem com feições grosseiras nem corretas. Nenhuma marca distinguível, nenhuma cicatriz ou sarda. Apenas olhos, nariz e boca, colocados nos sítios certos. Huldar demorou uns segundos a perceber que já vira o tipo. Parecia-lhe que o nome dele era Konrád. Um procurador. E era um azar que a relação deles tivesse começado tão mal.

Ainda assim, Huldar ficou satisfeito por homem ter gritado com ele; deu-lhe um pretexto para não ter de falar com Freyja. Sabia porque é que o procurador levantara a voz; poucos métodos eram tão eficazes como ameaças e reprimendas. Recentemente, polícias seniores da investigação criminal tinham frequentado um curso de gestão sobre como conceder louvores e incentivos, mas as suas tentativas posteriores de usar a técnica apenas haviam provado o quão ineficaz era. Pessoalmente, ele não conseguia imaginar que o louvor fosse tão estimulante quanto um bom enxerto de porrada. Infelizmente, este procurador estiloso não devia reagir bem a levar outro grito de volta, e os outros não iriam apreciar. Era altura para uma abordagem com pezinhos de lã.

— Como disse, surgiu um imprevisto.

Huldar evitou explicar que o seu incompetente chefe, Egill, estivera indeciso até ao último minuto sobre quem mandar. Huldar nunca imaginara que seria ele; estava habituado a não ser escolhido quando se tratava de situações de responsabilidade. Regra geral, eram atribuídas a homens mais velhos e

experientes, desde que não fossem velhos ao ponto de estarem a caminho da reforma. Por isso, ele já desistira de subir na hierarquia. Não era como os colegas; tinha uma cabeça diferente e não oferecia obediência ilimitada, o que queria dizer que contava com poucos apoiantes entre as altas patentes. E enquanto os colegas especulavam sobre quem seria o provável líder da investigação, ele ficara quieto a beber o café, sem sonhar que tinha uma hipótese. Não foi o único surpreendido pelo comunicado tardio do chefe, a dizer que acabara de ser promovido.

O silêncio à volta da mesa foi quebrado pelo homem mais velho. O seu cabelo e as roupas pareciam descuidados, as suas enormes mãos em cima da mesa com os dedos entrelaçados como se estivesse a rezar.

— Já chega disto. A Margrét e eu vamos embora.

Huldar calculou que aquele era o avô da rapariga, a quem fora dada custódia temporária até o pai poder tomar conta dela. O pai regressara dos Estados Unidos nessa manhã, fora interpelado pela Polícia no aeroporto e levado diretamente para a esquadra para ser interrogado. Tanto quanto Huldar sabia, o interrogatório ainda estava a decorrer. Se ao menos Egill tivesse tomado a decisão mais cedo, Huldar poderia tê-lo dirigido ele próprio. Agora, teria de se contentar com a transcrição.

Através do vidro, Huldar viu que a pequenina Margrét chorava e que uma mulher jovem de cabelo escuro e vestido amarelo tentava confortá-la. O choro silencioso era transmitido pelo intercomunicador no centro da mesa, junto com as palavras reconfortantes da mulher. Tendo testemunhado a cena em casa da rapariga, ele não estava surpreendido com o choro. Sabia que o juiz recomendara que fosse entrevistada na Children’s House depois de ter sido impossível convencê-la a pôr os pés na esquadra de Polícia.

Diante da dor inconsolável dela, Huldar sentiu-se profundamente aliviado com este procedimento. Não conseguia ver-se no papel da mulher que estava agora a limpar as lágrimas de Margrét. Principalmente na sala de interrogatórios espartana da esquadra. Parecia que ele não era o único afetado pelo soluçar, porque Freyja se aproximou subitamente e desligou o intercomunicador.

Um silêncio tenso instalou-se e a atenção do grupo desviou-se de Huldar para Margrét e para a mulher de vestido amarelo, como se estivessem a olhar para um enorme ecrã de televisão com o volume no mínimo.

Ninguém disse uma palavra, mas estavam todos provavelmente a pensar a mesma coisa. O que é que a rapariga teria visto ou ouvido? Não se sabia ainda quanto tempo ficara debaixo da cama e como fora lá parar. Mas uma vez que era pouco provável que se tivesse escondido ali após o assassínio, a conclusão lógica era de que devia estar na posse de informação crucial sobre os acontecimentos da noite. Os irmãos, que tinham sido encontrados a vaguear fora da casa, não haviam dado por nada, pelo que não poderiam dar qualquer informação. A entrevista deles já fora satisfatoriamente concluída. Os depoimentos eram consistentes e, apesar da tenra idade, eles tinham sido capazes de fornecer um relato coerente sobre o que acontecera. Ao acordarem de manhã, a porta do quarto estava trancada e, depois de gritarem e baterem em vão, saíram pela janela. A vizinha do lado vira-os na rua. Disse que dormira como uma pedra na noite anterior, mas o marido lembrava-se de que acordara algumas vezes com um barulho que não conseguira identificar. Huldar e os colegas pensaram que Elísa teria conseguido gritar mais do que uma vez enquanto o assassino preparava a sua lenta e aterradora morte. Apenas uns metros separavam os quartos principais das duas casas, e os gritos dela poderiam ter sido ouvidos através da janela aberta dos vizinhos. A Polícia entrevistara os outros vizinhos, mas nenhum reparara em idas e vindas naquela noite ou em qualquer outra coisa fora do normal.

Tudo indicava que Margrét era a única testemunha. Fora impossível convencê-la a sair de debaixo da cama e, no fim, Huldar decidira arrastá-la de lá à força. Conseguira, com alguma dificuldade, tirá-la do quarto sem ver o corpo da mãe ou a coisa terrível que fora feita à cabeça dela. Na altura, não conseguiram arrancar uma palavra da rapariga,. Ela recusara-se a olhar para ele e continuara a afastar a cabeça, tapando as orelhas e mantendo os olhos fechados. Depois de Huldar ter feito várias tentativas falhadas de interrogá-la, o anátomo-patologista interviera, ordenando-lhe que parasse, e chamara uma ambulância.

Estava preocupado com o estado mental da rapariga. Depois de as crianças terem sido examinadas no hospital, os serviços sociais haviam-nas colocado com os avós paternos, até o pai voltar para casa. Ninguém o afirmou, mas todos sabiam que seria melhor concluir a entrevista de Margrét antes que pai e filha se reencontrassem. Era provável que o homem criasse mais dificuldades que os avós. Deveria estar em choque e poderia ter alguma coisa a esconder. Na maioria dos casos em que mulheres eram assassinadas em casa, o marido ou um amante era o responsável. Eles ainda não tinham conseguido verificar se ele saíra do país antes de a mulher ser morta, apesar de todas as evidências sugerirem que sim. Mesmo assim, isso não o ilibava. Se, por exemplo, o casamento estivesse por um fio, não estava fora de questão que ele tivesse contratado alguém para fazer o serviço.

E tudo isto lembrava a Huldar como era urgente terminar a entrevista da rapariga. No entanto, parecia que não seria possível. O avô da criança estava de pé e, pela expressão dele, não iria levar a bem um pedido de mais tempo. Antes que Huldar conseguisse sequer abordar o assunto, o homem mais velho falou outra vez:

— Isto é uma completa vergonha. Não vou assistir nem mais um segundo a esta farsa. Como é que entro lá dentro?

Ele olhava a neta como se estivesse preparado para partir o vidro para ir buscá-la.

— Eu levo-o.

Uma mulher que Huldar não reconheceu levou-o à porta. A expressão dela era sombria, apesar de as linhas de riso à volta dos olhos e da boca deixarem perceber que esta dureza não lhe era natural. Presenteou Huldar com um olhar tão áspero que ele quase esperou levar uma cotovelada. Pelo crachá que trazia ao peito, parecia ser enfermeira.

— E que raio é que fazemos agora? — O procurador Konrád estava dividido entre a exasperação e o desespero.

— Conseguiram que ela dissesse alguma coisa?

Huldar tentou parecer descontraído e calmo. Há muito que aprendera a não

deixar que a agitação dos outros o desconcertasse. As suas cinco irmãs haviam feito tudo para que assim fosse. Fora assim que saíra vitorioso da maioria das discussões entre eles. Em adulto, tentara aplicar a técnica à sua vida privada, mas o tiro saíra-lhe pela culatra em algumas relações sérias que tivera. Por alguma razão, o método, que funcionava tão bem noutras ocasiões, revelara-se desastroso em discussões com namoradas. Antes que ele percebesse o que se passava, o caldo já se entornara; de repente, ele estava errado e acabava invariavelmente por dizer alguma coisa de que se arrependia. Pouco a pouco, os relacionamentos iam-se destruindo, por mais que ele se esforçasse por remediar os estragos. Ele suspeitava que a conversa que, mais cedo ou mais tarde, seria obrigado a ter com Freyja iria acabar da mesma forma. Se ela falasse com ele, claro. A decisão de desistir de procurar uma relação estável e concentrar-se em casos de uma noite saíra-lhe cara. Primeiro, fora toda a trapalhada que passara com Karlotta, a mulher de Ríkhardur, e agora isto. No entanto, dar inesperadamente de caras com Freyja não era nada comparado ao pesadelo que se seguira ao breve interlúdio entre ele e Karlotta no outono anterior. Só de pensar nisso, sentiu um arrepio a espinha.

— Claro que não conseguimos perguntar-lhe nada. Era você quem devia fornecer as perguntas. — Freyja soava exatamente como as suas ex-namoradas quando estavam furibundas.

Decidindo, à luz da experiência, que era melhor ignorar isto, Huldar dirigiu-se ao procurador:

— Deve estar tão bem informado sobre o caso quanto eu, Konrád, se não melhor. Não poderia ter iniciado os procedimentos enquanto esperavam por mim?

Evitou os olhos de Freyja enquanto falava. O olhar dela fulminou-o; as irmãs podiam ter aprendido muito com ela. Foi assaltado por um súbito desejo de uma pastilha de nicotina.

— Podia ter feito algumas perguntas simples e óbvias sem mim. É tudo gravado, não é? Eu podia ter ouvido as respostas depois.

Nesta altura, uma mulher — que Huldar reconheceu como a médica que

trabalhava com a Children's House — decidiu intervir. Ele ouvira-a testemunhar em julgamentos de abuso sexual e o seu discurso mecânico parecera adequado em tribunal, mas soava agora bastante mais emotiva.

— Ou você talvez devesse ter tido a cortesia de aparecer a horas.

— Sim, é justo.

Huldar não se deu ao trabalho de explicar. Não serviria de nada dizer que viera o mais rapidamente que conseguira. Preferia levar com a culpa do que tentar atribuí-la a outra pessoa.

— A única coisa que conseguimos arrancar-lhe antes de se fechar em copas foi que o assassino é provavelmente negro. — Konrád abanou a cabeça. — Apesar de eu não ter muita fé nisso. Não tivemos hipótese de a interrogar mais.

— Negro?

Huldar fez um esforço para esconder o alívio, com medo de ser mal interpretado. Não tinha nada a ver com raça, mas se a rapariga estivesse certa, não seria difícil localizar o assassino. Não existiam muitos negros na Islândia, e os que ali viviam eram mais do género pacífico porque Huldar não conseguia lembrar-se, assim de repente, de um único incidente violento que envolvesse uma pessoa negra. Apesar de ser natural que acontecesse, mais cedo ou mais tarde.

— E tem uma cabeça enorme, não se esqueça. — Freyja dirigiu-se a Konrád, como se Huldar não estivesse presente.

— Uma cabeça enorme? — Huldar franziu o sobrolho. — Há algum registo disso?

Os outros olhavam para Freyja e ela foi obrigada a responder, apesar da relutância óbvia.

— Sim — cortou. — Pode tê-lo mais tarde.

Os outros pareceram um pouco espantados com o seu tom.

Konrád quebrou o estranho silêncio que se seguiu.

— Não vale muito a pena ouvir a gravação. Foi totalmente insatisfatória. — Suspirou profundamente. — De qualquer forma, precisamos de decidir o próximo passo. Como iremos proceder? — Os olhos recaíram sobre o telemóvel

como se à procura da resposta ali. — Podemos sempre levá-la para a esquadra, quer ela queira quer não, e terminar lá. Não podemos adiar mais.

— Pois não. Concordo consigo.

Pelo canto do olho, Huldar viu Freyja sair da sala. Pouco depois, reapareceu do outro lado do vidro, onde começou a falar com a jovem mulher de vestido amarelo. Margrét fora-se embora, presumivelmente com o avô.

— Isso seria extremamente desaconselhável. — A médica soava agora como o autómato que costumava parecer em tribunal. — A miúda está profundamente traumatizada e corremos o risco de comprometer as provas se a tratarmos de uma forma desastrada e ignorante. Quantas vezes temos de vos lembrar? — Com um gesto significativo da mão, mostrou que estava a referir-se a Konrád e Huldar enquanto representantes do Ministério Público e da Polícia. — As crianças desta idade são muito sugestionáveis; têm uma tendência incrível para dizer o que acham que as pessoas querem ouvir. Se querem confundi-la e implantar uma falsa impressão na cabeça dela, continuem assim. E boa sorte quando o advogado de defesa — se alguma vez encontrarem o culpado — arrasar o testemunho dela em tribunal. Se entendi corretamente, vocês não têm outra testemunha.

— Isso tem ainda de ser verificado.

Huldar contrariou outra vez as suas próprias ideias. Naturalmente que iriam interrogar o marido e os amigos da mulher morta, os colegas mais próximos e por aí em diante, mas era praticamente certo que estas pessoas nada saberiam dos acontecimentos daquela noite. Os interrogatórios serviriam apenas para compor a figura da vítima e, com sorte, revelar algumas pistas sobre quem poderia ter executado tal indescritível e brutal ato.

Huldar deu por si a fitar Freyja através do vidro. Apesar de ser agradável à vista, não foi a aparência que lhe chamou a atenção, mas o facto de, a avaliar pela linguagem corporal de ambas, ela e a mulher de vestido amarelo parecerem estar a discutir algo de importante. A mulher que falara com Margrét tinha a mão encostada ao peito e parecia incomodada. Talvez não fosse surpreendente — o papel dela era evitar que a criança ficasse perturbada. Ele virou rapidamente a

cabeça quando Freyja se voltou e pareceu olhá-lo diretamente nos olhos. A seguir, lembrou-se do espelho. Voltou a atenção para a médica.

— Mas, apesar disso, concordo consigo quanto a mantermos este procedimento, se possível. Quando é que acha que teremos outra hipótese?

A médica encolheu os ombros.

— Elas saberão melhor do que eu. — Apontou para o vidro. Freyja e a mulher de vestido amarelo estavam a sair da sala de entrevistas. — Mas acredito que não iremos fazer mais tentativas hoje.

— Lamento, mas isso está fora de questão. — Huldar abanou a cabeça. — Precisamos de falar com ela sem demora. Ou seja, hoje. Precisamos urgentemente de respostas, mesmo que apenas a algumas perguntas básicas.

Atrás dele, ouviu um tossicar. Quando se voltou, Freyja estava ali. Era desconfortável ter de enfrentar o olhar dela. Constatou que ela era tão deslumbrante quanto se lembrava, e o cheiro ténue e familiar dela trouxe-lhe memórias que eram, no mínimo, impróprias, dada a situação. Recompôs-se e afastou estes pensamentos.

— Mesmo no fim, a Margrét disse à Silja uma coisa que vão querer saber.

Huldar interrompeu Freyja antes que ela pudesse continuar:

— O que foi? Deu uma descrição melhor do que apenas a cor de pele dele?

— Posso acabar? — A cor de Freyja acentuou-se. Ele parecia ter descido ainda mais na consideração dela. — A Margrét disse à Silja que o homem preto ia matar outra vez. Outra mulher.

E, de repente, Huldar deixou de ralar-se com o que Freyja pensava dele.

# 6.

ELÍSA BJARNADÓTTIR ESTAVA NUA, deitada na mesa de aço inoxidável do Departamento de Anatomia Patológica do National Hospital, como se estivesse pacientemente à espera da conclusão da autópsia. Mas a atitude rígida dela — braços magros ao longo do corpo, pernas esticadas — não era possível numa pessoa viva. O cabelo longo e escuro pendia da mesa, ainda molhado da lavagem que haviam dado ao corpo após completarem o exame externo e a aterradora tarefa de remover a fita adesiva da cabeça dela. Inúmeras tiras de fita estavam agora penduradas numa estrutura de secagem ao canto. Esperava-se que alguns cabelos do assassino tivessem ficado ali agarrados. Naturalmente, a camada mais interior estava coberta do cabelo de Elísa, apesar de terem tido todo o cuidado possível quando a retiraram. As tiras também seriam verificadas para ver se apresentavam impressões digitais, no caso de o assassino ter tocado na fita com as mãos nuas. Os técnicos forenses tiveram o trabalho muito dificultado. Era improvável que descobrissem quaisquer impressões, dado que nenhuma fora encontrada no corpo, exceto as do polícia que primeiro chegara ao local do crime. Presumia-se que o assassino usara luvas, uma vez que fora necessário manusear a mulher.

Das treze contusões que encontrara, o anátomo-patologista concluiu que o assassino atacara Elísa com violência e que ela retaliara. Devia tê-lo feito. Era impensável que se tivesse rendido ao seu terrível destino sem dar luta. A carne branca dos braços estava coberta de marcas deixadas por dedos agressivos e, a avaliar pelo enorme hematoma redondo no peito, o anátomo-patologista deduziu

que o agressor pusera todo o peso do joelho em cima dela. Os dentes da frente dos maxilares superior e inferior tinham sido esmagados, aparentemente pelo ato bárbaro de lhe enfiar à força na garganta o tubo de metal do aspirador. O anátomo-patologista supôs que ainda encontrariam coroas partidas no estômago. O nariz estava grotescamente esmagado para um lado, e isto, juntamente com as marcas deixadas na cara pela fita, que não haviam desaparecido quando a lavaram, forneceu mais provas visuais do seu tormento. No canto do laboratório, ao lado da estrutura de secagem, estava um aspirador prateado à espera de ser levado para uma verificação mais minuciosa. Ao recordar-se das circunstâncias em que o vira a primeira vez, Huldar sentiu o impulso de desviar os olhos. A visão da mulher era ainda pior, mas também não era fácil olhar para outro lado.

Uma gota ocasional caía do seu cabelo brilhante e molhado, e formara-se uma pequena poça no chão de mosaico.

— Não é todos os dias que somos confrontados com uma coisa destas. — O anátomo-patologista abanou a cabeça. — Vi coisas sinistras durante o meu estágio na Escócia, mas desde que voltei para casa nunca algo assim veio parar à minha mesa.

— Nada de assassínios com aspiradores por lá?

Huldar esperava que a sua voz não o traísse. Tivera a sua quota-parte de cadáveres e de pessoas feridas em acidentes e lutas. Vieram-lhe à mente duas imagens: a de uma orelha arrancada de um homem quando o carro capotou, que Huldar encontrara em cima de uma camada de musgo; a outra, de um corpo no rescaldo de um incêndio doméstico, que se fundira com o linóleo derretido. Mas, de alguma forma, estes e outros incontáveis incidentes desagradáveis tinham parecido diferentes; não tão perturbantes. Ele nunca tivera de vasculhar dentro de um cadáver ou ver como um anátomo-patologista inspecionava cada orifício à procura de vestígios que pudessem trazer à luz a identidade do assassino.

Até então, Huldar conseguira evitar autópsias; outros haviam lidado com esse lado das coisas nas poucas investigações criminais em que ele trabalhara. E assim como os seus chefes o tinham protegido quando era um agente novato, ele não podia passar a tarefa a um subordinado, agora que estava encarregado da sua

primeira investigação importante. Teria de aguentar-se. Se se espalhasse o rumor de que não estava à altura, ele seria apenas o nome que aparecia à cabeça da investigação. A sua equipa iria passar mais tempo a queixar-se da sua falta de coragem do que a obedecer a ordens — mesmo que não lidassem melhor com a situação. Ele seria tão pouco respeitado como Ríkhardur. Não era uma questão de se tornar insensível ao horror, mas de assumir uma expressão corajosa e fingir indiferença, apesar de sentir as entranhas a revolverem-se com a visão e o cheiro.

— Não me refiro apenas à Escócia. Alguma vez ouviste falar ou leste sobre algo assim?

O anátomo-patologista abanou a cabeça.

— Não, nada de que me lembre. Já ouvi falar de armas de crime pouco ortodoxas, como saltos altos ou até um saca-rolhas, mas nunca um aspirador.

— Não. Não é bem a primeira coisa que nos vem à cabeça se quisermos matar alguém. — Huldar olhou de relance para a cara esmurrada e pálida de Elísa, e voltou a virar a cabeça. — Não percebo o porquê de se dar a tanto trabalho. Teria sido muito mais fácil usar uma faca.

Uma faca grande de cozinha fora encontrada aos pés da cama, juntamente com três rolos de fita adesiva; restavam os centros de cartão de dois deles, mas o terceiro tinha ainda vários metros de fita prateada. Fora usada para vendar Elísa e vedar-lhe os olhos, os ouvidos e o nariz, presumivelmente para garantir que o aspirador faria o trabalho sem puxar mais ar. Um exame preliminar indicava que a faca fora usada para cortar a fita. Não haviam sido encontrados quaisquer vestígios de sangue na lâmina nem no local do crime.

— Sim, pensámos nisso. O *modus operandi* é tão bizarro que eu, se fosse a ti, concentraria aí as minhas energias. Estará o assassino a tentar entrar para os livros de história? Terá uma fobia a sangue ou prefere matar usando algum método que não implique perfurar a carne? Ou será algo simbólico? Isso é plausível. De outra forma, é difícil imaginar por que motivo iria inventar um método tão bizarro.

— E se for um psico?

O pensamento assaltara Huldar no instante em que vira a cena no quarto da vítima. Não tivera tempo nem imaginação para arranjar explicações alternativas.

— Um psico? — O anátomo-patologista pareceu surpreendido com a pergunta. — Presumo que te refiras a um psicótico. E é melhor teres cuidado se fores investigar sob esse ângulo. Os doentes mentais raramente são violentos. Na verdade, é mais provável serem vítimas do que agressores. E se praticarem atos violentos, é contra si próprios que o fazem. Não, não me parece que estejamos diante de alguém com perturbações mentais. É quase certo que sofre de um grave transtorno de personalidade, mas a evidência não aponta para o tipo de alucinações ou delírios associados a psicose.

— Não, talvez não.

Huldar não estava ainda preparado para desistir totalmente da teoria da insanidade, mas estava disposto a pô-la de lado ao considerar o método e a aparente sensibilidade do assassino em relação a sangue ou a perfurar e cortar carne. Infelizmente, não era provável que isto lhes fornecesse uma pista, já que não existia uma base de dados nacional com as fobias das pessoas. No entanto, esta perspetiva poderia ser útil quando tivessem um suspeito em vista. Se alguma vez chegassem a esse ponto.

Enquanto o anátomo-patologista preparava a etapa seguinte, Huldar inspecionou os pequenos sacos de plástico e frascos de vidro transparentes no carrinho ao lado da mesa. Se nenhuma prova fosse obtida a partir da fita adesiva, era ainda possível que estas amostras biológicas pudessem ajudar a identificar o culpado. Alguns dos frascos já tinham sido levados, porque o assistente aproveitara o hiato para encaminhá-los para análise.

Por regra, os assassinos islandeses confessavam assim que eram apanhados, pelo que os processos raramente eram ganhos ou perdidos com base em provas forenses, apesar de, por vezes, estas terem de ser exibidas em tribunal para chamar à razão sujeitos mais teimosos. Na prática, quase todos viam a luz assim que a prova lhes era mostrada, e até pareciam aliviados pela oportunidade de se libertarem de um fardo. E logo começavam a tentar convencer-se a si e aos outros de que fora tudo um acidente; na verdade, eles eram pessoas decentes e

tudo aquilo não passava de um erro infeliz. Era incrível o quão desejosos se mostravam de cair nas boas graças da Polícia, na tentativa de que compreendessem o seu lado da história. Como se isso interessasse. Não era trabalho da Polícia absolvê-los em julgamento, mas apenas estabelecer factos. Huldar questionou-se se o assassino de Elísa reagiria da mesma forma quando estivesse à frente dele. Como iria justificar o que fizera? Ou pertenceria à pequena minoria que nunca confessava?

Um fluido viscoso e límpido escorreu do canto da boca de Elísa como uma lágrima perdida. Huldar levantou os olhos para o anátomo-patologista e viu que ele pegara numa serra elétrica. O seu estômago revolveu-se.

O médico examinou a ferramenta como se estivesse a avaliar a sua adequação. Depois, aparentemente satisfeito, colocou-a numa bandeja com os outros instrumentos. Cada um parecia mais sinistro do que o outro. Não tinham sido concebidos para serem usados num paciente vivo: Huldar teria desatado a correr se visse o médico a aproximar-se com um deles.

— Suspeitas de quem? Do marido?

— É demasiado cedo para dizer. Ele acabou de chegar do estrangeiro. Interrogaram-no esta manhã, mas ainda não tive oportunidade de ler a transcrição. Tive de vir a correr diretamente da Children's House para aqui. Mas falei com um dos tipos que o interrogou e parece improvável que esteja envolvido. Segundo eles, está desesperado. E temos a confirmação de que estava fora quando o crime foi cometido. Estava numa conferência com outro islandês que viajou com ele, por isso não pode ter estado sequer perto do homicídio. No entanto, talvez seja um bom ator… e tenha pago a alguém para fazer o trabalho sujo. A única informação que conseguimos sacar da rapariga foi que o assassino era negro.

— Negro? Isso deveria facilitar-te a vida. — A expressão do anátomo-patologista voltou a ficar séria. — Em que estado é que ela está?

— Na merda.

Não havia outras palavras para descrever o estado de Margrét. Huldar direcionou a conversa de volta para o crime, desconfortável por falar da rapariga

na presença do cadáver da mãe.

— Ainda não percebemos se ela quis dizer que o homem usava calças e sapatos pretos, ou se estava a referir-se à cor da pele. Provavelmente vislumbrou-lhe os pés e as pernas debaixo da cama, apesar de dizer que viu também a cabeça dele, presumivelmente antes de ter rastejado para se esconder. Descreveu-a como estranhamente grande.

— Grande?

— Foi isso que disse. Mas o que é que uma criança pode considerar uma cabeça grande? Não sei.

Huldar baixou os olhos para evitar ver, enquanto o anátomo-patologista se preparava para voltar ao trabalho. O pouco que vira até agora fora mais do que suficiente. Quase desejou que o assistente se tivesse perdido nos corredores labirínticos do hospital para que a segunda parte da autópsia tivesse de ser adiada. Estava desesperado por nicotina, mas não suportava a ideia de enfiar alguma coisa na boca. Certamente, não pastilha elástica. Mesmo que lhe pusessem um cigarro aceso entre os lábios, ele não estava certo de conseguir fumá-lo. Quanto menos ele inalasse ali, melhor.

— Não me perguntes. Consegues arranjar um desenhador que se sente com ela?

— Claro. Tudo a seu tempo. Neste momento, ela recusa-se a ver seja quem for e, por isso, demos-lhe um pouco de espaço. Tentaremos outra vez logo à tarde ou à noite. Precisamos urgentemente de esclarecer isto. Não posso mandar o meu pessoal à caça de um homem de pele escura, quando ela pode ter-se referido às roupas dele. — Huldar lembrou-se subitamente do que queria perguntar ao anátomo-patologista. — O marido de Elísa é médico aqui no hospital.

O anátomo-patologista arqueou as sobrancelhas.

— Ah? Quem é ele?

— Sigvaldi Freysteinsson. É ginecologista.

— Nunca ouvi falar. É da mesma idade que a mulher?

— Sim.

— Então, é pouco provável que me tenha cruzado com ele. É de uma outra geração. Sou tão velho que mal conheço algum dos médicos mais novos. — O anátomo-patologista calçou um par de luvas de látex. — Deixando o marido de lado, estaria disposto a apostar que ela conhecia o assassino. É raro um desconhecido atacar uma vítima com o único propósito de a torturar. E não há outro nome a dar a isto. Embora a morte não tenha sido lenta, o sofrimento deve ter sido indescritível. Viste os dentes dela… Foi necessário um ato de incrível brutalidade para enfiar o tubo pela garganta. E o ar foi sugado dos pulmões com tal força que eles colapsaram, provavelmente resultando em tímpanos furados e numa enorme quantidade de outras lesões internas que iremos descobrir quando a abrirmos. Não vai ser bonito, posso já dizer-te. Não, a Islândia é demasiado pequena para ter um indivíduo doente o suficiente para fazer isso a uma vítima escolhida ao acaso. Teria sido identificado e tirado de circulação há muito tempo, antes de uma coisa destas acontecer.

— Não podemos ter a certeza disso.

— Talvez não, mas felizmente a tortura não é muito comum aqui no Ocidente, pelo menos como um fim em si mesmo. Nas raras ocasiões em que é usada, está geralmente associada a abuso sexual extremo. Ouvimos, às vezes, exemplos no submundo criminoso de grandes cidades do estrangeiro, mas os capangas da nossa terra nunca o fizeram, pelo menos até agora. É claro que dão tareias a pessoas, mas tanto quanto sei o método de tortura costuma consistir em intimidação. Na Islândia, nunca ninguém morreu ou ficou com sequelas físicas permanentes por ser torturado. Se isso tivesse acontecido, eu saberia. Não interessa quão forte és, mas se fores torturado, vais logo a correr para o hospital. O incidente iria aparecer no sistema.

— Sim, acho que tens razão. Que tipo de sacana doente seria capaz disto?

— Essa é a verdadeira questão. Por mais que desejassem torturar alguém até à morte, poucas pessoas seriam capazes de o fazer. Quase todos nós temos inibições que nos impedem de ultrapassar as barreiras convencionais da moral. O que nos traz de volta ao facto de não terem sido usadas quaisquer armas brancas e de o ato em si ter consistido apenas em carregar num botão. — O anátomo-

patologista voltou a cabeça para Huldar. — Claro que não posso ter a certeza, mas dado que não existe evidência de violação, diria que a pessoa que fez isto sentiu uma enorme repugnância pela mulher. Não existe prova de que o móbil da agressão tenha sido sexual, a não ser que apareça sémen no local do crime. Não é inédito que pervertidos se masturbem sobre a vítima ao invés de a violar. Mas nada disso foi descoberto enquanto eu lá estive, e acho pouco provável que nos tenha escapado.

— Nada foi encontrado também na segunda busca à casa.

— Ela estava metida em alguma coisa estranha? Devo estar preparado para encontrar substâncias ilegais na corrente sanguínea?

— Não. Nada que saibamos. Até agora, o pouco que sabemos dela sugere que era irrepreensível. Trabalhava numa repartição de finanças, tomava conta da família e fazia as típicas atividades de ar livre nos tempos de ócio. A vida dela parece tão perfeita que eu ficaria perplexo se descobríssemos alguma coisa duvidosa… e ainda mais se ela tivesse sido torturada para revelar algum tipo de informação. Teria de ser um segredo do caraças ou aposto que ela confessaria logo quando ameaçada com um fim tão hediondo como este. — Os olhos dele pousaram sem querer na cara desfigurada dela. Os lábios azuis foram abertos, revelando uma brecha de dentes da frente partidos. Mortificado pelo horror, baixou o olhar. — Duvido que haja algum proveito em tentarmos matar a cabeça a perceber o que o motivou. Nada justifica o que ele fez.

— Tens a certeza de que era um homem? Na ausência de sémen, poderíamos estar perante uma mulher.

Huldar pensou. Ele não tinha a certeza disso, assim como não tinha a certeza de nenhum aspeto do caso, uma vez que a investigação ainda agora começara.

— Não. Não necessariamente. Mas estou inclinado a pensar que foi um homem e isso bateria certo com o depoimento da rapariga. Uma mulher teria tido mais dificuldade em manietar Elísa enquanto passava a fita à volta da cabeça e dos braços. Ela deve ter dado luta e não foi pouca.

— Sim. É o que sugerem os ferimentos dela. — Os dois homens contemplaram as contusões no corpo. — Claro que existem por aí muitas

mulheres fortes, mas Elísa parecia estar em boa forma física, e a agressora teria de ser invulgarmente forte. A não ser que agisse por loucura. A loucura dá força às pessoas.

— Alguma loucura. Quanto tempo é que achas que terá demorado?

Huldar vira pessoas a passarem-se da cabeça, tanto sóbrias como sob a influência de drogas ou de álcool. Esse tipo de explosão raramente durava muito tempo, apesar de existirem sempre exceções.

— É difícil de dizer. Eu diria que o ataque terá durado entre vinte a trinta minutos, mas duvido que a autópsia ou quaisquer outros testes consigam dar uma resposta mais precisa. Podemos provavelmente estabelecer a hora da morte com mais exatidão, mas só isso.

Huldar assentiu. Era mais ou menos isso que calculava. O homem devia estar com pressa de acabar. Não teria querido ficar na casa mais tempo do que o estritamente necessário.

— Tens alguma ideia sobre um possível móbil?

A pergunta era uma manobra de diversão. Huldar precisava de mais um pouco de tempo para se preparar mental e fisicamente antes do anátomo-patologista começar o exame interno. O assistente reaparecera à porta, o que queria dizer que a próxima etapa estava prestes a começar.

— Nenhuma. Fico contente por dizer que esse é um problema teu, e não meu. A autópsia não deverá dar uma explicação. Não é assim que funciona. Mas, na minha opinião, ela deve ter denunciado alguém no trabalho, na repartição de finanças. Eu investigaria isso, pelo menos. As pessoas podem ficar fora de si com a ideia de perderem dinheiro. Principalmente se estiverem prestes a perder tudo. — O homem coçou o queixo e a luva deixou uma marca branca de pó. — Há uma coisa que me esqueci de perguntar. O que é que havia no envelope? Trouxe alguma luz ao caso?

Durante a investigação preliminar no local do crime, tinham encontrado um envelope no frigorífico. Ao contrário dos restantes bilhetes e fotografias ali fixados com ímanes decorativos, estava preso por um canto, com a mesma fita adesiva usada à volta da cabeça e dos braços de Elísa. Nenhumas impressões

digitais haviam sido encontradas no envelope, que continha uma mensagem formada por letras e números recortados de jornais, como se se tratasse de um pedido de resgate num filme.

— Não compreendemos a mensagem, se for uma mensagem. Só dizia: «Então, conta-me», seguido de dois pontos e uma longa fila de números sem sentido. Temos pessoas a trabalhar nisso, mas ainda não chegaram longe. — Isto era um eufemismo: não tinham chegado a lado nenhum. — Fiz uma fotocópia para o caso de a quereres para os teus registos.

O anátomo-patologista fez deslizar os óculos um pouco para baixo no nariz e estudou a série de números: «53, 16 · 53, 90—1 · 4, 43—6, 65—5, 68 · 43—6, 8 · 106—16, 53, 23, 63—92 · 90, 89—6, 7 · 43—6, 8 · 75, 58, 53, 23, 63—92.»

— Mas que raio quer isto dizer?

— É impossível dizer nesta fase. O marido não sabe o que é e nós ainda não tivemos nenhuma ideia. Os tipos que têm estado a estudá-la pensam que é um código que pode ser impossível de decifrar. Creem que os números representam letras e os pontos servem para marcar quebras de palavras, mas os traços são um mistério. E não temos ideia de se será islandês. Vamos continuar a trabalhar nisso, mas pode muito bem ser o produto de uma mente perturbada e que apenas faz sentido para a pessoa que a escreveu.

— Bom, isso é possível. — O anátomo-patologista não parecia convencido. — Mas não te esqueças do que te disse sobre os psicóticos. Teria sido necessário um esforço considerável para construir esta nota, cortar os números, dispô-los na ordem certa e colá-los no papel. Eu não me daria a esse trabalho sem um propósito. Ficamos com a impressão de que ele tem um objetivo. Aliás, parece uma mensagem pessoal. Não achas?

Ele pousou a fotocópia e colocou um pedaço de plástico sobre ela para evitar que fosse respingada quando ele começasse a usar a serra e os fórceps.

Huldar tentou desviar-se daquilo que estava prestes a acontecer, concentrando-se seriamente na conversa.

— Sim, talvez.

Quanto mais esmifrara o cérebro sobre as palavras nos números que as

seguiam, menos sentido tudo fazia. Porquê usar um código, à partida? Quem era o destinatário pretendido e o que significaria a mensagem? Dificilmente seria para Elísa, uma vez que o assassino a matara antes de ela ter tido hipótese de abrir o envelope. Então, logicamente deveria destinar-se à Polícia ou ao marido Sigvaldi, apesar de ele alegar que não fazia a mínima ideia do que poderia significar. Talvez eles descobrissem algo sobre o passado de Sigvaldi, não obstante ele jurar não ter inimigos. Huldar quase que desejava que descobrissem algum crime terrível que ele tivesse cometido, o que permitiria o arranque da investigação. Precisavam de uma pista ou a investigação ficaria emperrada para sempre. Se a autópsia não revelasse nada de novo, era difícil ver como iriam continuar. Olhou para o corpo mutilado de Elísa e engoliu em seco. A qualquer instante iria ver como ela era por dentro. Uma onda de vertigem atingiu-o e a cor fugiu-lhe do rosto.

O anátomo-patologista tinha na mão um frasco que tirara ao assistente.

— Esfrega um pouco disto debaixo do nariz. Já percebi que não estás a sentir-te bem, mas acredita que a próxima parte é a mais dura. O cheiro será bastante avassalador, mas o creme ajuda. Não o neutraliza totalmente, mas torna-o mais suportável. — A sorrir, colocou a máscara que tinha à volta do pescoço. — Se precisares de vomitar, certifica-te de que nada acerta no corpo. Já aconteceu e não quero voltar a passar pelo mesmo. Lembra-te também de puxar primeiro a máscara para baixo. Também não quero ter de ver isso outra vez.

Huldar assentiu e agarrou no frasco. O creme gelatinoso cheirava tanto a menta ou a mentol que ele sentiu os olhos a picarem. Já o usara antes; os maus cheiros eram apanágio do crime. Ajeitou a máscara, que ajudou um pouco, mas nada fez para diminuir o seu nojo. Ver o anátomo-patologista a abrir todos os orifícios do corpo dela deixara-o sem pinga de sangue. O resto não fora tão mau, mas ele sentira-se doente durante todo o tempo em que o médico examinara a mulher morta. A pior parte foi quando ele lhe observou a cara. Apesar de Huldar estar avisado, ainda esperara ver esgares de dor à volta dos olhos e da boca de Elísa; só Deus sabia o que ele começaria a imaginar quando visse o anátomo-patologista a brandir a serra.

— Pronto?

Huldar viu a dúvida no olhar do anátomo-patologista. Assentiu com pouca convicção e o médico encolheu os ombros.

— Não tens de estar presente a não ser que queiras mesmo. Os teus antecessores é que definiram este procedimento. Pensaram que era uma boa ideia. Não vejo qualquer utilidade nisto, a não ser fazerem-nos companhia. — Fez sinal ao assistente, que sorriu e colocou a máscara. — Talvez faça com que fiques ainda mais empenhado em encontrar o culpado.

— Talvez.

O homem poderia ter alguma razão. Huldar já sentira um intenso desejo de ver o assassino atrás das grades e o desejo era agora mais forte do que quando chegara. Violaria o seu sentido de justiça se a pessoa responsável por esta atrocidade conseguisse passar impune. Era impensável.

A mão enluvada do anátomo-patologista pairou sobre a bandeja de instrumentos brilhantes. Ele parecia incapaz de decidir qual deles teria a honra de começar o trabalho. Huldar observava, tentando adivinhar qual seria escolhido. Mas, antes de chegar a uma conclusão, o anátomo-patologista voltou-se e olhou-o nos olhos por uns instantes, antes de dizer:

— Não te pareceu um pouco estranho teres sido destacado para este caso?

Huldar irritou-se com a dúvida implícita sobre as suas capacidades, até porque fora precisamente isso que ele pensara.

— O que é que estás a sugerir?

— Oh, tu sabes. Este é um dos mais brutais assassínios com que fomos confrontados. Nunca me passaria pela cabeça pedir a um dos juniores do meu departamento para fazer a autópsia. É possível teres sido escolhido por outras razões que não a tua competência? Tanto quanto sei, o D.I.C tem muitos inspetores mais experientes que tu.

— Não sou a pessoa certa para responder a isso.

Na verdade, ele poderia ter dado uma explicação mais honesta, que era que a maioria dos inspetores seniores havia manchado gravemente o currículo. O D.I.C tivera enormes problemas de imagem na sequência de um inquérito sobre

má conduta, um inquérito que fora aberto quando se soube que um procurador especial, nomeado para liderar uma investigação sobre atividades criminosas relacionadas com o colapso da banca, cometera falhas grosseiras na recolha de provas. Como a maior parte da equipa do procurador já pertencera à Polícia, a decisão fora tomada para verificar se isto refletia uma má prática endémica nas forças policiais. Isto fizera jorrar uma fonte de problemas. A lista de infrações revelou-se longa: escutas telefónicas; buscas domésticas e em escritórios sem mandado; papelada preenchida depois do acontecimento; perda de provas; tentativas de suborno a testemunhas; uso de violência psicológica e física. A tempestade mediática durara semanas, e os nomes de todos os inspetores de topo tinham sido arrastados na lama. No entanto, não houvera despedimentos nem destituições e Huldar duvidava que se chegasse aí. A parte mais revoltante era que a maioria dos polícias executava o seu trabalho com integridade, mas como as ovelhas ronhosas escaparam aos castigos, pagou o justo pelo pecador. Lamentavelmente, parecia que nada iria mudar; os inspetores em questão estavam determinados a sobreviver à tempestade. Ao longo dos anos, um ou outro polícia fora denunciado por ofensas ainda piores sem ser responsabilizado, o que abrira um precedente. O resultado de tudo isto é que os implicados eram peritos em manter-se discretos até o alarido passar. Quem quer que liderasse esta investigação teria de convocar conferências de imprensa e a última coisa que todos eles queriam era lembrar ao público que continuavam nos seus cargos. E foi assim que a tarefa recaiu em Huldar. A sua folha de serviço estava limpa, embora ele não fosse assim tão angelical na vida privada.

— Não leves a mal. Só queria avisar-te. Se foste designado para este caso pelas razões de que suspeito, e acho que tu tens as mesmas suspeitas, podes estar certo de que os teus colegas não vão querer que sejas bem-sucedido pelo teu mérito. Apesar de quererem desesperadamente que este caso seja resolvido, provavelmente prefeririam que tropeçasses pelo caminho. Por isso, tem cuidado. E digo isto com simpatia. Se meteres água nesta investigação, talvez não tenhas outra oportunidade. Pelo menos, não nos próximos tempos e provavelmente nunca mais.

Huldar estava silencioso. O fedor a mentol era sufocante e ele inspirou uma lufada de ar fresco por baixo da máscara. Os olhos do anátomo-patologista franziram-se num sorriso invisível e, a seguir, ele bateu palmas em sinal de que era hora de começar a trabalhar. Escolheu um bisturi e apontou para o abdómen de Elísa. Huldar colocou-se ao lado dele e fechou os olhos, enquanto o homem fazia uma incisão ao longo do esterno da mulher.

# 7.
# Domingo

A LOCUTORA PARECIA GRAVE, QUASE TRISTE. Ástrós Einarsdóttir costumava gostar da mulher. Quando noticiava alguma coisa alegre, como um festival na cidade ou a inauguração de uma nova estrada, não disfarçava a sua satisfação. Ocasionalmente, exagerava um pouco, soando como se tivesse algum interesse pessoal no assunto, como se estivesse encarregado das festividades ela mesma ou impacientemente à espera de um novo troço de estrada de grande utilidade. Mas adotava um tom mais sombrio quando tinha notícias sérias a dar e falava devagar para assegurar que cada palavra seria entendida.

Como agora.

Neste caso, o discurso lento também podia ter o objetivo de prolongar o anúncio, uma vez que a notícia era breve e muito pouco informativa: uma mulher morrera em Reiquejavique na noite de quinta-feira e a Polícia não descartava a hipótese de assassínio. Recusavam-se a divulgar mais pormenores nesta fase. E dado que parecia não haver mais nada a dizer, ela interrogava-se porque teriam eles sequer noticiado o incidente. Porque é que as pessoas estariam tão desesperadas por saber de um possível homicídio? Não poderiam esperar até os factos estarem estabelecidos? Ástrós sentia que não ganhara nada ao ouvir as notícias.

Levantou-se para baixar o volume antes da informação desportiva, que lhe feria os ouvidos tanto quanto giz a chiar num quadro, um som a que nunca se habituara em todos os seus anos de ensino. Apreciara o aparecimento de

marcadores de quadros e nunca se importava quando alguém se esquecia de lhes colocar a tampa e a tinta secava. Tudo era melhor que o barulho áspero, a pele seca e o pó associados ao giz. Desligou o rádio e sentiu-se logo melhor. Esta era a única mudança positiva que resultara da morte do marido, há quase dois anos. Ele costumava sentar-se colado ao rádio enquanto era noticiado o que parecia ser o último resultado desportivo do mundo, sempre com o volume no máximo. A chegada da Internet e a possibilidade de ver os resultados em silêncio não fez nenhuma diferença. Não, ele insistia em ouvir os resultados à moda antiga.

Mas ela sentia falta da companhia acolhedora, do amor e do calor, de tal modo que teria de bom grado uma emissão de rádio desportiva o dia todo a ressoar nos ouvidos, se isso o trouxesse de volta.

O telefone de Ástrós apitou na cozinha, onde estava pousado ao lado dos restos do almoço dela. Preparara a comida de uma forma atabalhoada, com nenhum sentido de antecipação. Desde que deixara de trabalhar que não havia diferença entre um dia de semana e de fim de semana. No passado, teria gastado tempo a pôr a mesa de forma harmoniosa, deixando um lugar para os jornais ao lado do prato. Tê-los-ia folheado enquanto comia, bebendo depois um simpático cafezinho. Mas agora havia uma interminável lista de alimentos pouco saudáveis que o médico a proibira de comer, incluindo manteiga, sal e gordura; ou seja, tudo o que tornava a comida interessante. Como tal, não valia a pena preocupar-se com as refeições: queijo fresco com pepino e pão de espelta nunca seria particularmente apetitoso, independentemente daquilo que ela acrescentasse para disfarçar.

O ecrã do telefone brilhou a azul e ela pegou nele com curiosidade. Atualmente, poucas pessoas lhe ligavam a um domingo. Ou em qualquer outro dia, para dizer a verdade. E era ainda menos comum receber uma mensagem. Nem a irmã, nem os amigos usavam este método de comunicação. Viam tão mal quanto ela e tinham dificuldade em encontrar os botões certos. Sentia uma certa satisfação presunçosa por ser a única que conseguira descobrir como desligar o corretor ortográfico, que estava sempre a tentar antecipar o que ela queria escrever.

Ástrós abriu a mensagem. Devia ser engano. Seria possível que o texto automático também sugerisse números? «39, 8, 92 · 5, 3—53, 8, 8, 66 · 83, 43, 1.» Não se parecia com nenhuma sequência de que se lembrasse; nenhum número de telefone, de cartão de crédito ou de lotaria. O remetente era anónimo. Talvez fosse alguma espécie de vírus de computador, pois o telefone era um smartphone.

Em vez de perder mais tempo a especular, decidiu ligar para a operadora telefónica. Após uma longa espera, foi atendida por um jovem que falava muito depressa. Explicou o que acontecera e respondeu às questões dele, mas ele parecia incapaz de entender que ela estava lúcida. Teve de se repetir várias vezes e responder a perguntas irrelevantes. O telefone apitou outra vez a meio da conversa deles, o que a confundiu, especialmente porque o jovem dizia não ter ouvido nada. No fim, ao concluir que isto era inútil, desligou, ainda sem saber se o telefone tinha um vírus. Por aquilo que entendera, poderia fazer um pedido especial — num dia útil — para que a mensagem fosse localizada, apesar de, pela forma como o jovem falou, ter parecido que o processo não era assim tão simples. De qualquer modo, ela não estava muito interessada em descobrir quem a enviara; só queria saber se o telefone precisava de ser analisado por causa de vírus.

O apito anunciara uma segunda mensagem, que consistia numa nova sequência de números, igualmente incompreensíveis: «39, 8, 92 · 75 · 10, X, 65—5.» Não podia ser um bom sinal. O que quer que o rapaz tivesse dito, a porcaria do telefone devia estar cheio de vírus. Pensou em ligar de novo para a operadora, mas desistiu.

O telefone apitou uma terceira vez. Outra mensagem do mesmo remetente anónimo: «66—39, 8 · 90, 63—92 · 42—8, 85, 108.» Ástrós fechou apressadamente a mensagem não fosse o vírus espalhar-se. Depois, para verificar se o telefone estava a funcionar corretamente, ligou a uma amiga. Mal a conversa começou, arrependeu-se da sua precipitação. O telefone parecia funcionar perfeitamente, mas agora estava condenada a ouvir a descrição da amiga de um cruzeiro que ela e o marido estavam a planear. Ástrós não

conseguiu evitar um lampejo de inveja, apesar de a viagem só ser daí a oito meses. No fim, conseguiu atalhar a conversa a meio de um solene relato de quanto mais custaria reservar uma cabine com varanda, mentindo e dizendo que estava alguém a bater à porta. Ástrós pensou que não iria telefonar à amiga nos próximos tempos, pelo menos enquanto não lhe passasse toda aquela excitação.

O ecrã ficou negro depois de Ástrós ter desligado e o telefone parecia perfeitamente normal. Ainda assim, pegou nele e pô-lo no silêncio. No dia seguinte, iria levá-lo à loja e pedir que lhe dessem uma vista de olhos. Conseguiriam descobrir o problema e resolver o assunto, se tivesse um vírus. Afinal de contas, ela também não tinha nada melhor para fazer.

Mais uma vez, arrependeu-se de ter deixado de dar aulas. Aproveitara as benesses da reforma antecipada dos trabalhadores da função pública, mas, um mês depois de se demitir, o marido morrera de ataque de coração. Após recuperar do choque e do desgosto iniciais, voltou à escola à qual dedicara a maior parte da carreira e ofereceu os seus préstimos. Mas, na altura, a escola já contratara um jovem para o lugar dela e ela já não era necessária para ensinar aos alunos os mistérios da biologia.

A memória era ainda dolorosa o suficiente para lhe fazer afluir o sangue ao rosto enquanto olhava o telefone. Na altura, balbuciara que sim, claro que sabia do novo professor, mas que queria simplesmente oferecer-se como substituta; para quando o jovem estivesse doente, por exemplo, ou precisassem de um examinador. Infelizmente, Ástrós falara com a sua característica simplicidade ao pedir o emprego de volta e não houvera hipótese de as suas palavras terem sido mal interpretadas. Desde então, evitava o antigo local de trabalho. Não suportava a ideia de dar de caras com o responsável dos Recursos Humanos ou algum dos seus colegas, consciente de que a história devia ter-se espalhado.

Agora que o rádio estava desligado e que já não estava a falar ao telefone, o apartamento parecia desconfortavelmente silencioso. Até conseguia ouvir as pessoas lá em baixo. As relações com os vizinhos não eram amigáveis desde que enviuvara. Tudo começara mesmo antes da morte do marido, quando não conseguiam chegar a acordo sobre a cor com que pintar o edifício. Ástrós, que

não estivera no seu melhor depois do luto, insistira no tom que ela e o marido queriam, apesar de ela não ter uma opinião muito firme sobre o assunto. Quando a dor apertou, considerou a disputa como uma forma de homenagear a memória do marido. Com o passar do tempo, percebeu o quão tonto era isso, mas aí já era demasiado tarde para desfazer o erro. As relações entre os andares eram irrecuperáveis.

A querela sobre a cor da tinta acabou por esmorecer, mas não demorou muito a que todos se desentendessem outra vez. O casal do andar de baixo alegava que ela não fazia a sua parte de manutenção do jardim e das áreas comuns. Mesmo que se esforçasse, eles criticavam sempre. Tentou conversar sobre o assunto para chegarem a um entendimento — ela cuidaria do jardim e manteria limpa a casa do lixo, se eles dessem um jeito na pintura, mudassem as lâmpadas e mantivessem o chão sem neve. O custo com pessoal seria dividido a meias. Mas isso teve o efeito contrário. A mulher exclamara que eles tinham ficado a perder — o verão, em que o jardim precisava de cuidados, só durava três meses por ano, e a casa do lixo também não exigia grande esforço. Mas limpar neve, mudar lâmpadas e a manutenção da pintura envolvia muito mais trabalho. Ástrós tentou dizer que havia apenas uma luz partilhada e que poderia tratar disso. Mas não poderia varrer neve.

Como o casal não queria cooperar, sugerira contratarem alguém para tratar de tudo. E foi aí que as coisas descambaram mesmo. A parte frustrante era que, quando o marido era vivo, haviam investido muito mais na manutenção, na limpeza da neve e na jardinagem do que os vizinhos. Mas eles tinham memória curta. As pessoas podiam portar-se de forma mesmo mesquinha. O diabo do homem tivera o desplante de lhe atirar à cara, no auge da discussão, que ele e a mulher sempre tinham tratado melhor das áreas comuns e que não iriam aguentar mais. Falou com tal convicção que Ástrós vacilou. Mas apenas por um momento. Claro que ela e Geiri tinham feito bastante mais.

A memória deu-lhe vontade de bater com o pé no chão na esperança de aborrecer o casal, mas controlou o impulso. Não porque tivesse pensado que era má ideia, mas porque o telefone na mesa se iluminou de repente. Ástrós não

resistiu a dar uma olhadela rápida. Outra mensagem, de um anónimo. Assumiu que todas deviam vir da mesma pessoa, ou seria demasiada coincidência. Para seu alívio, o texto consistia em letras desta vez, com a breve mensagem: «Não falta muito para a minha visita — empolgada?»

Visita de quem? Não estava à espera de ninguém. Ou estava? Não se lembrava de ter feito convites. No corredor, olhou-se ao espelho e viu que precisava de se arranjar um pouco se ia receber convidados. Que pena não saber quando chegaria o visitante misterioso. «Não falta muito para a minha visita.» Isto podia querer dizer tanta coisa, dependendo de onde estava o remetente na altura. No campo? No estrangeiro? Na rua de cima?

Ástrós entrou apressadamente na casa de banho e saltou para dentro do duche, depois de uma breve luta consigo mesma sobre se teria tempo. Não queria abrir a porta de roupão, cabeça enrolada numa toalha e cara sem maquilhagem, mas decidiu ir em frente na mesma e tentar bater o seu próprio recorde de tempo. Enquanto se olhava no espelho embaciado, limpando o vapor, sentiu-se deprimida com o seu destino solitário. Pela forma como estava a comportar-se, parecia que não via vivalma há dias ou mesmo semanas. Bom, este visitante misterioso que omitira o nome podia simplesmente esperar lá fora até que ela estivesse pronta.

Foi confrontada ao espelho com a cara estranha que, nos últimos anos e de forma lenta porém inexorável, substituíra a sua. Era o rosto de uma mulher muito mais velha, com rugas à volta dos olhos e da boca, vincos profundos na testa e pronunciados papos debaixo dos olhos. Mas quem és tu? Quem é que te convidou para a minha festa?

Com a base na mão, Ástrós lançou-se ao trabalho de esconder os piores sinais do envelhecimento. Trabalhou metodicamente, sem pressa. Tinha um mau pressentimento de que a visita não iria trazer-lhe grande alegria. De onde teria vindo esse pensamento? A luz verde do ferro de alisar acendeu-se. Estudou o rosto com alguma satisfação, deixou de lado a maquilhagem e começou a tratar do cabelo, madeixa a madeixa. O cheiro quente de cabelo chamuscado ajudou-a a relaxar. Apesar de a visita poder ser agradável ou não, ao menos ela pareceria

bastante decente.

# 8.

DO EXTERIOR, A CASA ERA IGUAL a tantas outras construídas nos anos sessenta e setenta. Betão simples, um só piso, à volta de cento e oitenta metros quadrados, com um telhado inclinado. A disposição interior fora desenhada para corresponder aos requisitos de outra época: um quarto principal, uma sala de jantar, uma cozinha acanhada e vários quartos de criança pequenos com armários a condizer, que refletiam a escolha limitada de vestuário infantil que havia na altura. Era numa casa daquele tipo que, enquanto criança, Freyja sonhava viver quando crescesse, com um marido vagamente imaginado e duas crianças lindas, uma rapariga e um rapaz. E um gato e um aquário de peixes também. O oposto total da sua situação atual.

Vasos com restos murchos das flores do verão anterior ladeavam o portão, mas estas eram as únicas lembranças de mortalidade. A casa estava inocente no seu terreno, como se nada ali se tivesse passado. Se ela não soubesse, teria assumido que a vida decorria normalmente, lá dentro; não havia fita amarela da Polícia — nem mesmo, como ela esperava, diante da porta da frente. Freyja deu por si a pensar se o arquiteto que desenhara a casa tendo em mente uma família nuclear feliz, teria mudado alguma coisa se tivesse sabido da fatalidade que aguardava o futuro morador. Teria desenhado as janelas maiores para facilitar a fuga de Elísa, posto grades, instalado enormes cercas de segurança à volta do jardim? Ou dado à casa uma fachada mais hostil, para dissuadir a família de a comprar? Ela estudou o edifício através da janela suja do carro, mas não chegou a nenhuma conclusão. Estacionara na estrada, com medo de contaminar alguma

prova ainda por descobrir no caminho de cimento, mas dado que a área de estacionamento não estava vedada e que já havia ali um carro da Polícia, o seu cuidado seria provavelmente desnecessário. Ainda assim, não queria arriscar uma reprimenda só para se poupar a mais alguns passos.

Desligara a ignição, mas estava ainda com a chave na mão, relutante em enfrentar o frio lá fora, apesar de não estar muito mais calor dentro do chaço velho do irmão. O aquecimento morrera no caminho e as janelas tinham gelo por dentro. O interior fedia a beatas de cigarros antigas no cinzeiro que ela não limpara, e quanto mais frio fazia, pior cheirava. Não ajudava o odor enjoativo que vinha da árvore de Natal de cartão perfumado pendurada no retrovisor. O sabor dos ovos estrelados dessa manhã subiu-lhe à boca, chocando desagradavelmente com o perfume de pinho artificial. Deu um longo gole na coca-cola para afastar a náusea que aí vinha. O refrigerante gelado chocalhava na lata, mas escorregou-lhe suavemente pela garganta. Sentiu-se um pouco melhor, e melhor ainda quando saiu lá para fora e respirou o ar fresco e invernoso.

Bolas, estava frio. Não estava vestida para visitar locais de crime ou andar na rua. Quando recebeu a chamada, estava a caminho de um almoço com amigas na cidade e as roupas tinham sido escolhidas para alcançar o equilíbrio; nem muito desleixada, nem muito arranjada. No entanto, estaria provavelmente mais perto da segunda hipótese.

Atrapalhou-se com o fecho do blusão, por causa das luvas, mas conseguiu corrê-lo até ao pescoço. Depois, olhou melhor para a casa. Poderia jurar que havia ali um ambiente ameaçador, que a luz cinzenta de inverno tinha uma tristeza e uma frieza maior aqui do que nas casas vizinhas. Mas estava apenas a fantasiar. Tentando afastar o desconforto, pôs as chaves do carro no bolso do blusão e concentrou-se em respirar calmamente. Pequenas nuvens acompanharam-lhe a respiração e a neve no solo estalou debaixo dos pés. Fora isso, reinava um silêncio mortal. O silêncio denso pertencia ao inverno; seria impensável no verão. Não havia pássaros a cantar nas árvores nuas e nada se mexia na quietude. Freyja poderia estar sozinha no mundo quando subitamente ouviu o bater de uma porta ali ao pé, seguido de rápidas passadas. Alguém

prestes a perder o autocarro, talvez? Olhando em redor, Freyja viu que era uma mulher. Ela estava a meio caminho da casa quando a mulher a apanhou.

— Olá. Desculpe-me.

Freyja estacou e voltou-se. A mulher não tivera tempo de se agasalhar decentemente antes de sair para a rua. Estava ali a bater o dente, dentro de uma gabardina leve, adequada a uma estação mais quente. O cabelo estava penteado para trás num bizarro rabo de cavalo, e apenas um dos olhos estava pintado, dando-lhe uma aparência desigual.

— Desculpe, sou a Védís. Moro aqui ao lado. Fui eu quem encontrou os rapazes.

Freyja olhou para a casa dela, igual à de Elísa e Sigvaldi, e viu uma silhueta na janela. O marido, possivelmente. Ele afastou-se quando viu que Freyja o observava. Ela desviou a atenção para a mulher, que retomara a conversa:

— Nós… Eu… O resto das pessoas que vivem aqui na rua, quero dizer… estamos muito perturbados.

Freyja estava em silêncio, sem saber como responder, o que fez com que a mulher ficasse ainda mais constrangida. Freyja quase sentiu pena; não havia dúvidas de que parecera uma boa ideia sair de casa a correr na esperança de saber novidades, mas, como muitas decisões precipitadas, não pareceu tão inteligente na prática.

— Só gostava que pudesse dizer-me como é que estão o Sigvaldi e as crianças. Não deixámos de notar que vocês andaram por aqui ontem e anteontem, mas ninguém nos disse nada. Fizeram-me um monte de perguntas, mas não responderam a nenhuma das minhas. Depois, ouvi falar de um possível homicídio no noticiário da hora do almoço e quase tive um ataque cardíaco. É o mesmo caso?

— Temo não poder ajudá-la. Não sou da Polícia.

— Oh? — A mulher franziu o sobrolho. — Então, de onde é?

Freyja respondeu firmemente:

— Sou funcionária pública.

Não queria referir a Comissão de Proteção de Menores nem a Children’s

House. Só daria à rua mais motivo de fofoca e poderia levar a mal-entendidos. Quando as pessoas ouviam falar de serviços sociais, pensavam logo em pais inaptos e toda a gente sabia que a Children's House estava envolvida em casos de abuso sexual. A Polícia iria divulgar mais pormenores em breve e a mulher poderia obter a informação que desejava.

— Temo não poder comentar a razão da minha presença aqui.

A mulher fez uma cara como se Freyja estivesse deliberadamente a excluí-la.

— Bom, nós sabemos que alguma coisa aconteceu. — Só faltou um petulante «para sua informação». Mas, em vez disso, a mulher continuou: — Vimos a ambulância a chegar. E a partir.

Abriu a boca, depois fechou-a de novo. Não havia como fazer confusão quando um morto era levado para uma ambulância; os doentes ou os feridos não tinham a cara tapada.

— Está a deixar-nos loucos não saber o que se passou. Eles são mais que meros vizinhos, sabe? A Elísa era uma boa amiga minha.

A mulher parecia estar nos seus trinta e poucos, a mesma idade de Elísa, pelo que isto bem poderia ter sido verdade. Freyja reparou que ela se referira a Elísa no passado. A mulher tremia de frio, ou talvez fosse um arrepio.

— Quem é que ia na maca?

— Lamento, mas não posso comentar. Tenho a certeza de que mais informação será dada em breve. — Freyja manteve uma expressão neutra, para que a mulher não pudesse ler-lhe o rosto.

Distraindo-se por um momento, a mulher olhou para algo atrás de Freyja, depois outra vez para ela.

— Estou capaz de me queixar da forma como temos sido tratados. Especialmente eu. — Falava depressa agora, como que a adivinhar que a conversa iria ser abreviada. Quão presciente.

— Não posso impedi-la.

A fúria que deformara brevemente as feições da mulher dera lugar à resignação.

— Claro que não o farei. Só pensei que seria uma cortesia básica que me

fossem informando do que se passa. Não é como se eu fosse uma estranha ou não tivesse nada a ver com o assunto. Vivo na casa ao lado e fui eu quem encontrou os rapazes. Por isso estou envolvida, mais ou menos… pelo menos como testemunha; fui bastante interrogada pela Polícia. Não existe a obrigação de manter as testemunhas informadas sobre os casos em que estão envolvidas?

— Temo que as coisas não funcionem assim. — Freyja desejou que a mulher se fosse embora antes que ela congelasse no chão. — Tenho a certeza de que eles falarão consigo quando as coisas estiverem um pouco mais calmas. Mas eu não faço parte da equipa de investigação, por isso não posso ajudá-la. Desculpe.

Freyja virou costas, pondo fim ao diálogo. Atrás dela, ouviu passos a afastarem-se. Agora podia ver o que chamara a atenção da mulher: Huldar estava na porta da frente, olhando-a de uma forma hostil. Os ovos dessa manhã voltaram novamente a subir-lhe à garganta. Não lhe ocorrera que ele ali estivesse. Muitos outros polícias podiam ter vindo, e ela assumiu que ele a evitaria como a peste depois do encontro constrangedor na Children's House. Talvez ele fosse ainda mais estranho do que ela pensava. Freyja ergueu o queixo e devolveu o olhar reprovador.

Ao aproximar-se, notou por cima do ombro dele uma placa pintada à mão com os nomes da família. As flores decorativas nos cantos tinham desbotado até restar apenas uma pétala, mas as letras negras estavam intactas e o nome de Elísa estava desconfortavelmente evidente na segunda linha. Tirando isso, havia pouco a ver no alpendre, apenas dois trenós coloridos encostados à parede, um empilhado em cima do outro, e uma pá de neve novinha em folha apoiada num canto, que seria pouco usada nos próximos tempos. Limpar o caminho de acesso à casa não seria uma prioridade num futuro próximo.

— Olá.

Freyja não estendeu a mão. Não queria tocar no homem e, de qualquer forma, seria ridiculamente formal dadas as circunstâncias.

— Olá.

Huldar soava enervado. Devia estar cansado, a avaliar pelas sombras negras debaixo dos olhos, as roupas amarrotadas e maltrapilhas. Parecia que não

mudara de roupa desde o fiasco do dia anterior na Children's House. Mas quando ele se desviou para deixá-la entrar, ela percebeu que o seu mau humor não se devia apenas à falta de sono.

— Quando propus que nos encontrássemos aqui, não esperava que te armasses em porta-voz da Polícia para os vizinhos, senão nunca teria concordado com isto. Somos capazes de tratar nós mesmos das nossas relações públicas.

Indignada, Freyja respondeu:

— A única coisa que disse à mulher foi que não podia comentar.

Huldar enganara-se.

— Oh. — Tossiu. — Desculpa. Aquele casal está à nossa espera desde que aqui chegámos. Estão roídos de curiosidade. — Sorriu timidamente. — Já tive de dar na cabeça de tantos dos meus agentes por alimentarem conversinhas com eles que saltei automaticamente para o mesmo modo.

— Não interessa.

Mas interessava. Freyja não suportava críticas, principalmente vindas dele, quando nem sequer as merecia. Ela viera buscar roupa e outros bens essenciais para as três crianças. Uma vez que nenhum dos familiares, nem mesmo o pai, estavam autorizados a entrar em casa, Freyja concordara em ajudar, apesar de isso ir atrasá-la para o almoço com as amigas. Na ótica dela, estava a fazer um favor à Polícia e por isso esperava uma receção diferente.

— Deixa estar, não te preocupes.

Teve o cuidado de não chocar com um cabide carregado de casacos, chapéus de lã e cachecóis, a maioria de cores vivas e infantis. O chão da entrada estava coberto de sapatos, como se as crianças os tivessem descalçado à balda ao entrarem. Freyja olhou à volta, à procura de um sítio onde deixar os seus próprios sapatos. Tudo isto era novo para ela; nunca antes visitara um local de crime e não fazia ideia do protocolo.

— Devo descalçar os sapatos?

— Não, a não ser que queiras. Mas não aconselho. O chão não está propriamente limpo depois do nosso pessoal ter andado aqui para trás e para a frente.

Ele fitou, fascinado, os sapatos dela. Era provavelmente um estratagema para evitar olhá-la nos olhos. O óbvio desconforto dele fê-la recuperar a autoestima e encheu-a de satisfação. Ele merecia sofrer.

Depois, já cansada de olhar para o alto da cabeça dele, Freyja tossiu:

— Não é melhor despacharmos isto? As pessoas estão à espera. Por onde começo?

Isto não era totalmente verdade; ninguém estava ansiosamente à espera das roupas.

— O quê? Oh, sim.

Huldar levantou a cabeça tão depressa que Freyja ficou com medo de que tivesse partido o pescoço. Ele abriu a porta da área de habitação e ela seguiu-o, tentando não recordar a noite que tinham passado juntos. Ao sentir-se corar, agradeceu a Deus pelo facto de ele não conseguir ver. Raio do homem.

Ela concentrou-se na casa. Não parecia ter sido remodelada como tantas nos dias de hoje. O teto era revestido de painéis amarelo-escuros que, sem dúvida, já deviam ter sido bem mais claros. A iluminação era também antiquada: projetores enormes e abaulados, encastrados no revestimento. Era óbvio pela textura das paredes que o papel de parede tinha sido pintado por cima. Se este fosse da época em que a casa fora construída, era uma pena ter sido pintado: os padrões arrojados estavam de novo na moda.

Huldar voltou-se e abriu a boca, mas Freyja antecipou-se propositadamente antes que ele pudesse falar, perguntando a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

— Eles tinham uma boa situação financeira?

A mobília dava a impressão de que Elísa e o marido viviam confortavelmente, apesar de nada parecer caro. Havia uma manta amarrotada no sofá em frente da televisão, um grande livro de fotografias, uma meia de criança e um controlo remoto. A outra meia estava no meio dos Cheerios espalhados sobre a mesa de apoio, ao lado de um jornal dobrado, uma taça com restos de pipocas e um copo de água meio vazio. Havia peças de Lego espalhadas pelo chão. Freyja suspeitou que Elísa teria tirado cinco minutos para dar um jeitinho nisto se tivesse suspeitado do que iria acontecer. Era óbvio que fora apanhada

desprevenida. Talvez fosse por isso que Freyja gostava de ter tudo arrumado: não queria que estranhos lhe entrassem em casa se esta estivesse desarrumada. Ocorreu-lhe que seria melhor não morrer enquanto estava a viver no apartamento do irmão. Ainda não tivera força de vontade para dar uma volta àquilo, apesar de ter limpado a sala o suficiente para receber visitas sem se sentir embaraçada.

— Eles viviam bem, penso eu. Os extratos bancários indicam que pagavam as contas todos os meses, mas não tinham grandes poupanças. É pouco provável que o crime tenha sido cometido por dinheiro. — Huldar olhou por cima do ombro ao entrar no hall dos quartos, parecendo aliviado por ter um assunto neutro para falar. — A mulher não tinha seguro de vida, o que descarta a hipótese de assassínio por motivo de herança. Dificilmente o marido iria matá-la por causa da parte dela da casa. Está hipotecada.

Ele parou no primeiro andar. O chão em frente estava coberto de uma fina camada de pó, tal como o puxador da porta.

— Encontraram impressões digitais?

— Não sei ainda, mas provavelmente não. A maioria das coisas aqui estão cheias de impressões da família, e tudo indica que o homem estivesse de luvas. Pelo menos, as impressões mais recentes nos puxadores das portas dos quartos das crianças eram delas ou de Elísa. Se o assassino estivesse de mãos nuas, teríamos encontrado mais um conjunto de impressões. Ele trancou os rapazes no quarto. E ainda bem, porque assim protegeu-os do horror de encontrar o corpo da mãe. — Huldar conteve um bocejo. — A porta para o quarto de Margrét também estava trancada, mas, como sabemos, ela não estava lá dentro. Havia alguns animais de pelúcia debaixo do edredão, o que pode ter enganado o assassino se ele espreitou antes de trancar o quarto. No escuro, poderia parecer que uma criança estava deitada ali. — Os olhos dele encontraram-se com os de Freyja, o branco coberto por uma teia de veias vermelhas.

— Trancarias os teus filhos nos quartos à noite?

— Não tenho filhos.

Ele pareceu satisfeito com a resposta.

— Eu também não. — Sorriu. — Tanto quanto saiba.

Freyja não devolveu o sorriso. Estaria ele a tentar fazer-se passar por garanhão?

— Eu tenho a certeza de que não tenho. Seria impossível não reparar.

— Claro que sim. — Ele parecia não notar o sarcasmo dela. Demasiado cansado, provavelmente. — Mas se tivesses filhos, eras capaz de os trancar nos quartos à noite? E se houvesse um incêndio?

— Sim, não me parece que os trancasse.

— Exato. Por isso, é improvável que Elísa o fizesse, e o marido concorda. Eles não tinham o hábito de o fazer.

As portas eram as originais, assim como o resto do equipamento. Freyja estacou, perplexa, diante do buraco da fechadura.

— Como é que os rapazes saíram, se estava fechada por fora? Tinham uma chave?

— Não, o rapaz mais velho saiu pela janela e convenceu o mais novo a segui-lo.

— Onde é que está a chave agora?

— Na esquadra. Só encontrámos uma. Estava na porta dos rapazes. A mesma chave funciona em todas as portas interiores. As restantes devem ter-se perdido. Sigvaldi diz não se lembrar de quantas eram, porque quase nunca eram usadas. É possível que o assassino tenha levado uma ou duas com ele. Mas não sei por que razão o faria.

— Como é que ele entrou?

— Ou a porta da rua estava destrancada ou ele tinha uma chave, porque não existem sinais de arrombamento. — Ele abriu a porta de um quarto. — Aqui estamos. Podes mexer no que quiseres. Já analisámos tudo mais do que uma vez.

Os objetos do quarto estavam cobertos do mesmo pó. Era como ser a primeira pessoa a entrar num túmulo fechado há séculos; um túmulo que também servia de quarto de brinquedos. O quarto era uma confusão de brinquedos e roupas de criança, mas Freyja reparou que algumas ainda estavam dobradas. Assumiu que o caos fora provocado pela Polícia. O quarto não poderia

ter estado assim antes. Ao ver o guarda-fatos vazio com a porta aberta, calculou que as roupas bem dobradas estivessem empilhadas nas prateleiras antes de a Polícia as ter atirado para o chão.

— Devo escolher roupas no meio deste amontoado?

— Diria que sim.

Huldar apoiou-se na ombreira da porta, observando-a enquanto ela dava meia-volta, à procura das roupas com menos pó. Freyja arrependeu-se de ter vestido umas calças tão apertadas; uma saia comprida teria sido mais apropriada. A ideia de que ele pudesse pensar que ela se vestira assim para impressioná-lo era intolerável. Sentindo-se inibida com o olhar dele, desejou poder pedir-lhe que saísse do quarto. Mas antes de conseguir ganhar coragem, perdera a oportunidade.

— Há mais algumas roupas na lavandaria, mas não estão muito melhores. E, ainda por cima, estão sujas. — Ele sorriu, o cansaço a desaparecer do rosto por um momento.

— Certo.

Freyja sacudiu o pó para recolha de impressões digitais de dois pares de calças e camisas, inclinando-se para trás a fim de evitar a consequente nuvem de poeira. Vasculhou novamente no amontoado até encontrar algumas cuecas e meias, e depois parou. Poderia sempre voltar noutra altura.

— Isto serve. Próximo quarto, por favor.

Huldar acompanhou-a pelo corredor até ao quarto de Margrét. O rastro de caos deixado pela Polícia não era menor aqui, mas como o quarto era maior, a confusão não parecia tão impressionante. As roupas também eram diferentes: havia vestidos femininos no meio de calças de ganga, e a maioria das t-shirts tinham gatos e outros animais fofinhos. Nada de dinossauros ou crocodilos. Freyja deitou logo as mãos ao trabalho; o pó começara a irritar-lhe o nariz e os olhos, e ela queria ir-se embora. Depois de encontrar a mala da escola da rapariga e algumas roupas, faltava apenas recolher as escovas de dentes e alguns elásticos de cabelo que tinham sido especificamente pedidos.

Huldar aclarou a garganta.

— A propósito, o meu nome *é* Jónas. Huldar Jónas. Não foi uma mentira total. E nasci e fui criado em Egilsstadir.

Freyja paralisou diante de uma pilha de roupa. Esperava encontrar por baixo as coisas da escola da rapariga. Endireitando-se, sorriu, trocista, a Huldar.

— Ainda bem para ti. Não me digas que também és carpinteiro nas horas vagas…

Huldar parecia consternado.

— Não. Mas o resto era verdade. Mais ou menos.

Freyja voltou à pilha.

— Também não me interessa nada. E agradecia que não voltasses a referir o incidente.

Estava contente que ele não conseguisse ver-lhe as bochechas afogueadas. Se ao menos conseguíssemos apagar memórias indesejáveis, como velhos ficheiros de computador.

— Prefiro esquecer. Não foi assim tão memorável, o que torna tudo mais fácil. Espero que sintas o mesmo.

— Só quero desculpar-me e explicar.

— Obrigada, mas não obrigada. Não há necessidade de desculpas.

Com esforço, impediu a voz de a denunciar. A verdade é que ainda sofria por causa daquela estúpida aventura; parecera uma cena de um filme mau. Acordar e estender o braço para encontrar uma cama vazia e fria, onde deveria estar o seu amante. Nenhum cheiro a café da cozinha ou crepitar de bacon. Nenhum bilhete. Nada. O acordar mais humilhante que já tivera. Regra geral, os homens que convidava a partilhar a cama não tinham pressa de amarrar os lençóis uns aos outros e fugir pela janela. Bom, pelo menos ele usara as escadas.

— A questão é que quando digo às mulheres qual é o meu trabalho…

— Sim, ok. Tenho muita pena de ti.

Freyja agarrou num pedaço de papel que estava escondido debaixo de uma camisola às riscas. Era um desenho assinado «Margrét» num canto. Examinou-o, voltando-o ao contrário.

— O que é isto?

— Parece um desenho da rapariga. — Huldar pareceu aliviado com a mudança de assunto. — Não te preocupes com isso. Tirámos tudo o que era significativo. O quarto está cheio de desenhos da miúda. A cozinha também.

Olhando à volta, Freyja descobriu mais pedaços de papel. Alguns mostravam cenas convencionais do sol a pôr-se atrás de duas montanhas altas, mas não tardou a encontrar outro parecido com o que tinha na mão.

— Isto não é um desenho normal de criança. Nem este.

— Normal? O que é um desenho normal? — Huldar tirou-lhe o papel. — É uma casa e um homem. Não vejo nada de estranho nisto.

— Parte do meu trabalho é analisar desenhos de crianças. Isto não é um desenho normal. Deverias levar os dois. — Freyja agachou-se. — Aconselho-te a recolhê-los a todos e mandá-los analisar. Podemos ajudar, se quiseres.

Huldar examinou o desenho com ceticismo. Freyja levantou-se e aproximou-se.

— Isto é a casa dela. Esta casa em que estamos. Consegues ver, claro.

— Claro.

— E esta pessoa aqui… — Freyja apontou para a figura negra que estava desenhada muito longe em relação à casa. — Vês a maneira como está, aparentemente a observar a casa? Os braços estão estendidos, como se ele estivesse prestes a começar uma luta. A cor preta significa que é um homem mau. É bem possível que ela tenha desenhado alguma coisa que, de facto, testemunhou. Talvez o assassino tenha andado a perseguir a família, a examinar o terreno ou lá o que é que os assassinos fazem. Ela pode ter sentido que alguma coisa estava errada, mas não disse aos pais. As crianças têm tendência a reprimir as coisas, mas estas podem transparecer nos desenhos. Não sempre, mas muitas vezes. Se ela viu um homem a rondar a casa, talvez possa dar uma descrição mais detalhada dele.

Huldar levantou os olhos da folha de papel.

— Estás a dizer-me… — A expressão dele endureceu. — Quero que ela seja entrevistada hoje. Tens uma hora para organizar as coisas. — Ele tirou-lhe o outro desenho da mão. — A partir de agora.

Claramente, Freyja não teria tempo para procurar elásticos, quanto mais para almoçar com as amigas.

# 9.

O RECETOR DE ONDAS CURTAS ocupava o seu lugar na mesa, sintonizado na emissora islandesa de números. Apesar de se ouvirem frequentes estalidos e estática vindos do amplificador, a emissão ainda não entrara no ar. Karl estava a ficar impaciente, a imaginar as expressões que os amigos deveriam trocar nas suas costas.

— Não consigo entender.

Ele repetira isto ao longo da última hora, mas, por mais que dissesse a si mesmo para estar calado, não conseguia evitar desabafos de vez em quando.

— Talvez comece às sete.

Ainda faltavam dez minutos.

Halli bocejou atrás dele.

— Ou não.

Karl fez uma careta e respirou fundo. Isto era um desastre total. Porque é que nada lhe corria bem? Quais eram as probabilidades de as coisas correrem sempre mal a uma pessoa? Remotas, seguramente? Ele teria de ser um dos homens mais sortudos nas próximas duas décadas se quisesse chegar à média. Não conseguia lembrar-se de uma única vez em que as coisas lhe tivessem corrido bem; no entanto, ele continuava, uma e outra vez, a cair no erro de assumir que isso iria acontecer. Nunca lhe ocorrera ter um plano de back-up. Se ao menos tivesse tido o bom senso de levar a televisão para a cave, poderiam ter visto um filme ou jogado no computador se a emissão se atrasasse. Era um falhado. Mas ao imaginar a televisão na sala de estar, percebeu que nunca o teria feito. Apesar de

não ser um velho aparelho CRT, o ecrã plano era igualmente antiquado e pouco maior que um monitor de computador. A mãe escolhera o modelo mais barato, como sempre. A coisa mais cara em casa era o equipamento de rádio que ele comprara com as suas próprias economias.

Também não havia hipótese de transportar o recetor de rádio lá para cima, porque Karl não sonharia em deixar os amigos à solta naquele ambiente embaraçosamente foleiro. A mobília nem era do tipo que iria voltar a ficar na moda se se esperasse tempo suficiente. Ele conduzira Halli e Börkur logo para a cave depois de os deixar pendurar os casacos no hall. Por cima da cabeça deles, Che Guevara olhava para o espaço com uma expressão algo surpreendida, uma relíquia da tendência política de esquerda mal definida da mãe, que consistia em desprezar qualquer referência americana. Karl ficou aliviado por o póster desbotado não ter caído da parede enquanto os amigos passavam debaixo dele — a moldura barata estava a partir-se em dois cantos. Ele não se ralava com o que poderia acontecer à fotografia, mas preferia que os amigos não reparassem nela.

Por que raio é que não tirara dali aquele póster e outros parecidos? Preguiça — pura preguiça. Se não gostava de alguma coisa na casa, cabia-lhe mudá-la. Para ser sincero, convidara um negociante de antiguidades a fazer-lhe uma proposta pelos objetos, mas depois de andar às voltas com uma caneta e um caderno, o homem recusara fazer uma oferta, dizendo que não havia ali nada que tivesse algum valor. Além do equipamento de rádio de Karl, claro, no qual o sujeito demonstrara um desconfortável grau de interesse, considerando que não estava à venda.

O dinheiro teria dado jeito a Karl. A mãe gastara até ao último króna para pagar a hipoteca antes de morrer, pelo que ele teria de aguentar-se com o conteúdo existente, até conseguir poupar para comprar coisas novas. Pedira um empréstimo para pagar o curso e ficaria em apuros esta primavera se não atinasse e passasse nos exames. Contudo, as hipóteses de isso acontecer eram tão poucas que estava a começar a pensar em vender a casa e comprar outra mais pequena; um apartamento que poderia decorar como quisesse, com algo que animasse a sua triste existência.

Apenas ainda não o fizera.

Sempre que pensava em mudar-se, lembrava-se dos problemas que tivera para montar a gigantesca antena de rádio na casa. Calculava que seria uma complicação ainda maior tentar instalar uma no telhado de um edifício de apartamentos. Para além do mais, metade da casa pertencia a Arnar e a parte de Karl poderia nem cobrir o preço de um pequeno apartamento. Pelo menos, vivia aqui de graça. Pelo menos, por enquanto. Não havia como prever durante quanto tempo o irmão iria suportar a situação. Provavelmente, a única razão pela qual ele ainda não insistira em dividir a herança era por estar demasiado ocupado; dificilmente seria por ter algum sentimento fraternal. Nunca haviam sido próximos e, desde que Arnar se mudara para os Estados Unidos, o relacionamento deles caminhava para uma morte natural. Mesmo quando Arnar ainda vivia em casa, o que eles faziam era acenarem um ao outro à mesa do pequeno-almoço, ou perguntarem por alguma coisa que se perdera. No Natal e nos anos, agradeciam respeitosamente os presentes que a mãe comprara pelo outro, e era só isso. Quando era mais novo, Karl tentara penetrar na concha do irmão, mas acabara por desistir. Era escusado.

Talvez Arnar se esquecesse de Karl, da casa e do que restava da modesta herança deles. Apesar de ter havido uma melhoria no relacionamento deles depois de Arnar crescer, era bem possível que nunca mais contactasse Karl. Estava contente com a sua nova mulher e com a sua carreira, e parecia que iria assentar de vez lá longe. Os telefonemas entre eles tinham sido mais frequentes enquanto a mãe estava doente, mas depois de ela morrer, deixaram de se falar outra vez. Arnar culpara a diferença horária, o que recordava a Karl a forma como a mãe costumava culpar a diferença de idades entre os irmãos para justificar a falta de proximidade, quando ainda eram crianças. Diferença horária, diferença etária. Haveria sempre alguma diferença entre eles.

Karl olhou para o recetor Collins de ondas curtas, como se conseguisse obrigá-lo a emitir um som com a força da sua mente. Nessa altura, até os estalidos cessaram. Ele sentiu-se a corar e queria uivar de raiva impotente, mas fez um esforço para respirar e isto pareceu resultar. A situação estava fora do seu

controlo, por isso não valia a pena ceder ao desânimo. Mas ele não conseguia deixar de se sentir lesado e frustrado. Em vez de impressionar os amigos com a bizarra estação de números islandesa, estava a maçá-los até à morte.

Acabou por se virar na cadeira. Halli estava a dormir profundamente no hediondo minissofá, com a cabeça caída para trás, o cabelo preto e brilhante a tocar na parede. Karl alegrou-se ao pensar no torcicolo que ele teria quando acordasse. Era bem feito. O mínimo que podia ter feito era ter a cortesia de permanecer acordado. As duas cervejas que bebera podiam ser parcialmente culpadas, sem dúvida. Ou a ganza que tinham fumado. Halli emitiu um ronco alto e, por momentos, parecia que iria acordar num repente do seu sono descansado, mas em vez disso, cerrou os lábios, fechou a boca e continuou a dormir.

Ocorreu a Karl que o cabelo do amigo pudesse deixar uma marca de sujidade na parede. Desde que Karl o conhecia que Halli usava o seu cabelo fino e gorduroso num rabo de cavalo e a gola do casaco de cabedal preto que usava o ano inteiro estava lustrosa na parte de trás. A parede estava reservada a sofrer o mesmo destino, mas uma vez que a mãe de Karl já não estava ali para se aborrecer, ele não iria perder tempo a pensar nisso. No improvável caso de sucumbir a um frenesim de limpeza, tinha um lava-louças cheio à espera lá em cima. Seguido da lavandaria, da casa de banho e de todo o resto da casa. Era incrível a rapidez com que o sítio se transformara numa pocilga. A cave era o espaço mais apresentável porque ele raramente levava para lá comida, com medo de a entornar em cima do seu delicado equipamento.

Börkur mudou a perna que estendera sobre o braço da cadeira usada que condizia com o sofá. Não parecia muito interessado na revista gasta que folheava, mas ao menos não ressonava de boca aberta.

— Se nada acontecer às sete, ponho-me a andar. — Atirou a revista para a mesa de apoio. — A não ser que queiras ir ao cinema? Eu era capaz de assassinar umas pipocas.

Börkur tinha um talento único para conseguir os seus objetivos indo por caminhos tortuosos: era possível comprar pipocas sem ir ao cinema. Halli era

igual, com os seus sonhos e expectativas irrealistas. Sempre que os três estavam juntos, Karl sentia-se preso numa das estúpidas radionovelas que a mãe costumava ouvir.

Mas Karl não tinha a possibilidade de trocar Halli e Börkur por alguém melhor; eram os seus únicos amigos. E o mesmo se aplicava a eles: a amizade baseava-se em falta de escolha e não em simpatia mútua. Conheciam-se desde a adolescência e, em mais de uma década, não aparecera ninguém melhor. No início, eram quatro, e por um tempo até tiveram uma rapariga a reboque. Todos se haviam apaixonado por ela, que não era nenhuma deusa, mas que infelizmente também não correspondia aos sentimentos de Karl, Halli ou Börkur. Fora uma história diferente com o quarto membro do grupo; no entanto, e depois de ela e Thórdur terem ficado juntos, os dois haviam-se afastado rapidamente.

Não fora uma surpresa que Thórdur os tivesse largado, uma vez que nunca partilhara do mesmo hobby. Isso era um problema: pouca gente partilhava. Ser radioamador não era «fixe». Recentemente, e para desgosto de Karl, tanto Halli como Börkur tinham mostrado sinais de desistência do único interesse que os unia, uma novidade que ele duvidava que a amizade aguentasse. Talvez parte do problema fosse porque eles só se tinham candidatado a uma licença de aprendizagem, o que os deixava atrás de Karl. De facto, era surpreendente que Börkur tivesse sequer conseguido obtê-la. Halli perdera o interesse, obcecando com a Internet, enquanto Börkur ficava apenas a babar-se em frente à televisão. Tinham quase desistido de ligar os seus transmissores e nunca começavam conversas sobre assuntos de rádio. Karl raramente tomava parte nas discussões sobre teorias da conspiração que Halli descobria na Internet e nas quais acreditava sem as questionar. E apesar de Karl tentar fingir interesse, sentia que isto era o início do fim da amizade deles. Só esperava que durasse o tempo suficiente para conhecer outras pessoas e não acabar sozinho. Mas, e contra a sua experiência, desejara que a emissora de números islandesa pudesse reavivar-lhes o entusiasmo.

— Alguma coisa vai acontecer às sete. — Karl rezou silenciosamente para estar certo. — Vai acontecer.

— Se tu o dizes. — Börkur bocejou. — Meu Deus, preciso de pipocas.

Havia pipocas lá em cima, mas Karl não iria confessá-lo. Não iria dar-se ao trabalho de ir buscá-las, quando Börkur apenas esvaziaria o saco para depois começar a resmungar que queria outra coisa. Karl tinha a certeza de que, se existisse o equivalente a um cardiógrafo para o cérebro humano, rapidamente perderia o rasto dos pensamentos de Börkur. Ele próprio parecia não conseguir orientar-se no seu labirinto mental.

— O que é que achas que significa esta tua estação? Assumindo que não estavas a ouvir coisas…

Börkur fungou e afastou a comprida franja de cima dos olhos. Porque seria que Karl não conseguia ter amigos com o cabelo lavado?

— Eu não estava a ouvir coisas.

Karl rangeu os dentes para evitar exaltar-se. Tentara sempre ouvir com simpatia as ideias estúpidas de Börkur e esta era a sua paga. Surgiu uma dor de cabeça no meio do efeito da ganza a desvanecer-se.

— Não sou um idiota completo. Ouvi-o várias vezes e sei o que ouvi.

Ao princípio, os números de identificação tinham sido continuamente repetidos, mas a segunda emissão incluíra uma sequência mais complicada que Karl não conseguia entender de todo, intercalada com a palavra «invertido». Setenta e cinco, vinte e três, sessenta e três menos noventa e dois, sete, trinta e dois. Catorze invertido. Dezasseis, setenta e quarto, sessenta e três menos noventa e dois, cinquenta e dois invertido — era uma das séries que se ouvia constantemente.

— Só precisamos de paciência. Vai acontecer.

Börkur parecia alheio ao facto de ter aborrecido o amigo.

— Como queiras. De qualquer forma, o que é que achas que quer dizer? E quem poderia estar disposto a uma coisa destas? Para quê? Não entendo porque é que o teu número de identificação está no meio de tudo isto.

— Nem eu.

A voz de Karl soava tão estranha como ele se sentia. Tudo era profundamente inquietante. Quanto mais pensava na emissão, menos conseguia

entendê-la e pior se sentia. Impedira-o de dormir na noite anterior; ficara deitado a olhar para o teto, à escuta de barulhos estranhos no exterior, apesar de só ouvir o ruído das folhas mortas no jardim. Tentara olhar atentamente lá para fora, apenas para ver um gato gordo da vizinhança a bambolear-se vindo dos arbustos, para depois desaparecer na escuridão.

— Deve ser alguém a gozar. Não pode ser outra coisa.

Börkur balouçou a perna para cima e para baixo, fazendo com que a cadeira rangesse.

— Sim. Talvez. — Parecia cético. — Mas quem é que ia dar-se ao trabalho? Tu não conheces assim muita gente.

Karl tossiu.

— Conheço montes de pessoas. Há, sei lá, duzentas pessoas em algumas das minhas aulas.

Não era preciso dizer que talvez apenas uma dúzia delas sabia o nome dele. Karl não acreditava que nenhuma delas perdesse sequer dez minutos a pregar-lhe uma partida, quanto mais dar-se ao trabalho de montar um transmissor. Se os outros estudantes queriam infernizar-lhe a vida, tê-lo-iam feito na sala de aulas.

— Pensei que pudesse ser alguém do clube.

— A sério?

Pela expressão de Börkur, era como se Karl tivesse dito que suspeitava de alguém dos escuteiros. No entanto, era a conclusão lógica. Pelo menos, os membros do rádio clube amador sabiam do seu interesse por emissoras de números, podiam construir um transmissor de ondas curtas e tinham o equipamento certo, ao contrário dos estudantes do curso de Química. No entanto, Karl não conseguia imaginar um deles a pregar-lhe uma partida destas.

Nenhum deles era do tipo de lhe pregar partidas, quanto mais juntarem-se para o fazer. Como dissera Börkur, qual era o objetivo?

Börkur coçou a sua cabeça desgrenhada.

— Não são sempre os mesmos velhos?

Ele fora expulso do clube por não pagar as quotas — durante três anos seguidos. A direção estava tão desesperada por manter os membros que se

fizeram de desentendidos enquanto puderam. Karl admitiu que ainda eram as mesmas pessoas.

— E o outro número de identificação? Quem é a mulher?

— Não me perguntes. Estava à espera de que a emissão mudasse para me dar mais informação. É só uma mulher. Não a conheço nem tenho qualquer ligação a ela. Chama-se Elísa Bjarnadóttir, se não estou em erro. Não conheço nenhuma Elísa.

— Como é que podes ter a certeza? Talvez ela seja uma tia velha ou alguma parente de que não te lembras. Podes conhecê-la por uma alcunha ou algo do género?

Karl não conseguia imaginar o que este «algo do género» poderia ser. Nem conseguia imaginar uma alcunha que jogasse com o nome «Elísa».

— Não. Não é minha tia. Fui à procura dela no Facebook. A página era pública e havia montes de fotografias dela. Nunca a tinha visto, nem a qualquer outra pessoa das fotografias. É só uma mãe com um marido e miúdos pequenos.

Não continuou. Do amplificador atrás dele, a emissora começou a transmitir. A caixa musical tocou a música de abertura que se tornara tão ameaçadoramente familiar, seguindo-se-lhe a voz da mulher. O tom mecânico e artificial deveria torná-la menos assustadora, mas o efeito era o oposto.

— Boa noite. Boa noite. Boa noite.

Silêncio. Depois, a voz começou a recitar uma sequência de números.

Karl estava feliz, apesar da sensação de dúvida que a emissão despertava nele. Afinal de contas, não estragara tudo. Halli acordou sobressaltado e olhou, estupefacto, para o transmissor, como se este estivesse a dar as respostas para os grandes mistérios da vida — apesar de sem a chave para o código, estas respostas não serem mais que monótonas sequências de números.

# 10.

O LÍQUIDO QUE PINGAVA DA MÁQUINA nem poderia ser descrito como castanho-claro. E pensar que passara pelo escritório para ir buscar uma chávena de café decente antes de ir para a entrevista de Margrét na Children's House. O moinho fizera muito barulho, mas, a julgar pelo som, os grãos deviam ter acabado a meio do processo. Huldar decidiu contentar-se com a parca mistela aguada e deixar que fosse a próxima pessoa a recarregar a máquina; ele tinha mais em que pensar.

Ao caminhar pelo escritório, passou por membros da equipa de investigação a trabalhar sob as ordens dele no assassinato de Elísa. Esperava ter atribuído a cada um deles a tarefa apropriada às suas capacidades. Apesar de os conhecer a todos, nunca fizera um esforço para lhes conhecer os pontos fortes. Isso cabia aos mais graduados.

Só aceitara a tarefa de liderar a investigação porque parecera a coisa mais fácil a fazer. Agora, depois do aviso do anátomo-patologista, estava convencido de que cometera um erro grosseiro. Também não tivera muito tempo para pensar. Segundo o seu chefe, Egill, os dirigentes do D.I.C haviam tido poucas hipóteses de refletir, mas decidiram oferecer o trabalho a Huldar porque ele fora um dos inspetores chamados ao local do crime e o seu nome era o primeiro na lista alfabética de candidatos. Leifur era o seguinte, caso ele recusasse. Como Huldar não suportava Leifur e não tencionava trabalhar sob as ordens dele, não pensou duas vezes. E agora estava agarrado a esta promoção não desejada, uma potencial desgraça se a investigação corresse mal. Bom, não seria o fim do

mundo e, mesmo que corresse bem, ele poderia sempre pedir o trabalho antigo de volta. Gerir pessoas não era algo que lhe interessasse. Mas queria que fosse uma decisão sua, não uma imposição vinda da administração.

— Boa reunião.

Uma polícia jovem sorriu-lhe quando ele passou. Pelo menos havia uma pessoa que gostara do seu briefing à equipa. Ele também achava que fizera bem as coisas; pelo menos, não pior que os seus antecessores, apesar de ter sentido um ligeiro desapontamento porque pretendia ter sido muito melhor. Sorriu de volta e esperou que ela não estivesse a caminho de um café da máquina vazia. Infelizmente, não conseguia lembrar-se da tarefa que lhe atribuíra, mas esperava que fosse interessante. Poderia compensar a falta de grãos de café.

— Como é que está a correr?

Huldar parou ao lado de Ríkhardur e arrependeu-se logo. E agora era demasiado tarde para fingir que estava com pressa. De qualquer forma, estava cansado de se martirizar por causa da situação; era altura de a deixar um pouco de lado.

— Mal. Não estamos a chegar a lado nenhum. Ninguém sabe como desvendar isto e, para piorar as coisas, não temos peritos em quebrar códigos na Islândia.

Uma das tarefas para a qual Ríkhardur se oferecera era a de procurar uma forma de decifrar a misteriosa mensagem descoberta em casa de Elísa.

— A questão é: será que devemos procurar ajuda no estrangeiro?

— E se a mensagem estiver em islandês?

Huldar relaxara mal eles começaram a falar, a tensão desapareceu com a normalidade que Ríkhardur aparentava — ou seja, seco, hirto e pouco à vontade. O facto de Ríkhardur se manter estranho devia ser um sinal de que ainda não descobrira. Em breve, Huldar poderia deixar de se preocupar; apesar de tudo, já se tinham passado meses desde o seu encontro com Karlotta no bar e, por isso, a hipótese de que a sua imprudente queca na casa de banho viesse a lume era cada vez mais improvável. E logo agora que ela e Ríkhardur iam divorciar-se. Ela não usaria o incidente como arma de arremesso.

— Quero dizer, não será impossível decifrar um código numa linguagem que não entendes? Se estiver em código?

— Acho que sim. Mas eles podem dar-nos alguns conselhos; dizer-nos em que sistema se baseia ou sugerir uma forma de entrar. Não faço ideia de como devemos decifrá-la sem ajuda.

Ríkhardur afastou com nojo a mensagem fotocopiada. Sem desordem na secretária que lhe fornecesse um obstáculo, a folha de papel voou para o chão.

Huldar baixou-se e recolocou-a na secretária.

— Emite um pedido de ajuda do estrangeiro. A Interpol deve ter um departamento ou um perito que possa dar uma vista de olhos por nós. — Bebeu um gole de café e fez uma careta. — Até lá, é melhor concentrares-te noutra coisa. Há desenvolvimentos sobre o interrogatório ao marido?

— A mesma história. Nada de especial. Ele parece tão irrepreensível como a mulher. Nenhum conflito, nenhum inimigo, ninguém o detesta. Ou, pelo menos, ainda não conseguimos provar o contrário.

— E no trabalho? Alguma coisa daí? Algum erro médico ou abuso sexual de uma paciente? Esse tipo de coisa?

Saindo da sua habitual impassibilidade, Ríkhardur fez uma careta:

— Abuso sexual de uma paciente? Ele é ginecologista, por amor de Deus.

Huldar estava surpreendido.

— Nem todas as pacientes de ginecologistas sofrem de doenças sexualmente transmissíveis, sabes?

— Não é isso que quero dizer. Julgo que quase todas as mulheres que ele examina estão grávidas. É obstetra.

— Ah, sim, pois é.

Como é que lhe passara pela cabeça que o aborrecido Ríkhardur tivesse associado as pacientes de Sigvaldi a herpes ou gonorreia? Essas doenças não existiam no mundo dele.

— De qualquer forma, teremos de considerar essa possibilidade. Se a memória não me falha, a maioria das queixas que chegam à Ordem dos Médicos estão relacionadas com obstetras… justificadas ou não.

— Vou ver isso. — Ríkhardur fitava o vazio, olhando a sala. — É bem visto. Deve ser terrível perder um recém-nascido ou ter um que, à nascença, sofra danos que poderiam ter sido evitados.

Huldar ignorou isto, a rezar para que o assunto dos abortos de Karlotta não surgisse outra vez.

Ele já passara mal o suficiente com dores de estômago e ansiedade por causa do assunto. Desde novembro, quando Ríkhardur anunciara orgulhosamente pela terceira vez que iria ser pai, até ao dia em que afirmara baixinho que Karlotta perdera o bebé, que Huldar se sentia como se tivesse uma bola no estômago. Especialmente depois de ganhar coragem para perguntar de quanto tempo é que Karlotta estava, e depois ter calculado, com grande pânico, que poderia ser o pai. A dor de Ríkhardur por causa do desmancho causara-lhe uma grande agitação interior — um misto de compaixão pelo casal e de alívio por não ter de viver com medo de que os olhos da criança fossem castanhos como os dele, e não azul-celeste como os dos pais. E, pior do que tudo, a vergonha de ter traído o colega. Podiam não ser amigos do peito, mas ele tivera uma relação de trabalho mais próxima com Ríkhardur do que com qualquer outra pessoa na Polícia, e isso criara um laço. A traição era imperdoável e, em retrospetiva, inexplicável, a não ser que se tivessem em conta os incríveis atributos de Karlotta.

Ela só precisou de olhá-lo nos olhos com aquele sorriso e ele esqueceu tudo exceto as suas urgências primitivas. Ele sabia que ela estava sozinha; Ríkhardur estava numa formação sobre armas no campo nesse fim de semana, e a costa parecia livre. Uma oportunidade como aquela não iria surgir tão depressa. Que merda de erro lamentável. Huldar aclarou a garganta para limpar uma súbita secura.

— Sim. A Ordem dos Médicos deve ter uma lista de pacientes que fizeram acusações ou queixas quanto a Sigvaldi.

— Achas? Parece-me que ele tem uma reputação incomummente boa. A Karlotta tentou marcar uma consulta com ele, mas ele estava sem horário. Parece que tens de planear o teu nascimento com anos de antecedência, se queres que ele seja o teu obstetra. Esse não seria o caso se ele tivesse um historial de erros.

— Verifica, pelo menos. É uma possibilidade que não podemos ignorar. — Huldar endireitou-se. — Se a rapariga estiver certa e o assassino tiver outra mulher debaixo de olho, precisamos de nos apressar.

— Porque é que alguém que assassina a mulher de um médico por causa de um erro médico iria matar outra vez? — Ríkhardur foi direto ao assunto como sempre. — E não teria matado o médico? Porquê matar-lhe a mulher?

— Não estou a dizer que o assassínio tem uma ligação a Sigvaldi, mas não podemos descartar essa hipótese, mesmo que te pareça improvável. — Uma pergunta à questão de Ríkhardur ocorreu-lhe depois. — Ele pode ter querido matar Sigvaldi, mas decidiu atacar a mulher porque ele não estava em casa. Além do mais, não são só os médicos que cometem erros. Talvez uma enfermeira ou uma parteira possam estar envolvidas. Como hei de saber? — Huldar apressou-se a mudar de assunto. Depois de tudo o que acontecera, dava-lhe azia discutir nascimentos com Ríkhardur. — E em relação à repartição de finanças? Precisamos de examinar todos os casos em que Elísa esteve envolvida. Talvez alguém encalacrado com um pagamento elevado de impostos ou multas. Esse tipo de coisa pode rebentar financeiramente com uma pessoa, e problemas de dinheiro são um móbil comum para homicídio. Por acaso, sabes de alguma coisa sobre isso?

— Não, não é da minha responsabilidade. Foi atribuído ao Andri e ao Tómas.

Assentindo, Huldar deu uma olhadela pelo escritório. Nenhum dos homens estava presente. Esperou que estivessem a trabalhar muito a reunir material e depoimentos dos funcionários da repartição de finanças. Os pensamentos regressaram ao que o anátomo-patologista dissera durante a autópsia: «O aspirador faria sentido nesse cenário.»

— O que é que queres dizer com isso?

— Bom, não sei se será plausível, mas talvez o assassino quisesse dizer que ela tirou dinheiro da conta dele, e ele pagou-lhe na mesma moeda. Aspirou-lhe a vida.

Ríkhardur pareceu cético.

— Ok.

Moveu o rato para ativar o computador e uma fotografia de Karlotta apareceu no ecrã. A fotografia era a imagem de fundo do computador de Ríkhardur desde que Huldar se lembrava. O ambiente de trabalho estava tão arrumado quanto a secretária, com os ícones alinhados numa impecável coluna vertical do lado esquerdo, o que queria dizer que a fotografia era visível na íntegra. Ele desligou rapidamente o computador.

Quando Ríkhardur confidenciara, no início do ano, que Karlotta o deixara, Huldar sentira-se mal. Isto lançara uma sombra negra sobre o seu alívio ao saber da gravidez falhada. O seu maior medo era que Karlotta tivesse deixado Ríkhardur na esperança de que eles os dois pudessem ficar juntos, mas um telefonema para ela tratou de lhe dissipar as dúvidas. Quando lho perguntou, foi tranquilizado pelo riso seco dela: o divórcio não tinha nada a ver com ele; ela e Ríkhardur não estavam destinados a ficar juntos. Mas Ríkhardur não partilhava desta ideia e não era difícil perceber porquê. Eles eram feitos um para o outro; ela era como ele, sempre imaculadamente arranjada, nem um cabelo fora do sítio. Huldar não conseguia lembrar-se sequer de uma falha no verniz nas bonitas unhas dela. Era improvável que Ríkhardur tivesse a mesma sorte uma segunda vez.

Ríkhardur continuou a discutir o caso como se nada fosse. No entanto, parecia invulgarmente hesitante.

— Tens a certeza de que não deveríamos concentrar-nos em investigar todos os negros que pudessem ter alguma ligação a Elísa ou ao marido?

Quando Huldar anunciara na reunião de acompanhamento do caso que não havia nenhuma razão para, naquela fase, ir atrás da descrição de Margrét do assassino, por esta ser demasiado vaga e porque a imagem ficaria mais clara quando eles falassem outra vez com ela, Ríkhardur e muitos outros tinham protestado.

— Como te disse, vamos esperar um pouco por agora. Mais tarde, vou à Children’s House para a segunda tentativa de entrevistar a rapariga. Espero que me dê uma melhor ideia do quanto devemos levá-la a sério. — Huldar olhou para o relógio: ia chegar atrasado. — Não queremos ser acusados de racismo, se

ela só viu a silhueta dele. Mas, se deparares com algum homem negro durante a investigação, por favor investiga.

— Ainda não encontrei e, até me dares luz verde, não irei especificamente atrás de nenhum.

— Claro que não.

Huldar sorriu. Ríkhardur não era apenas exemplar a vestir-se e a comportar-se, mas igualmente escrupuloso a seguir ordens. O desagradável sentimento de culpa em relação a Karlotta voltou a manifestar-se e Huldar sentiu-se compelido a acrescentar:

— Talvez queiras vir comigo à Children's House?

— Não tenho tempo. Consegui combinar uma ida à zona comercial local, lembras-te? Para ver as filmagens das câmaras de vigilância do multibanco.

Ríkhardur parecia desapontado, como se preferisse delegar a tarefa que Huldar lhe atribuíra nessa manhã e acompanhá-lo em vez disso. Especialmente porque a sua tarefa não deveria dar grandes resultados. O multibanco ficava numa das principais estradas de acesso à área onde Elísa vivera. Se tivessem sorte, a câmara teria captado o momento em que o assassino passara por ela, mas era bem mais provável que a objetiva estivesse apontada para baixo e que não houvesse imagens da rua. Ainda assim, um membro da equipa teria de lá ir para verificar.

— Claro. Deixa lá. Vens da próxima vez. Tenho um palpite de que esta não será a última tentativa de interrogar a rapariga.

No caminho de volta para o seu gabinete para ir buscar o casaco e as chaves do carro, Huldar observou a sala, procurando alguém que fosse com ele. Alguém que pudesse servir de amortecedor entre ele e Freyja. Estava farto dos constantes olhares de desprezo que lhe recordavam o seu péssimo comportamento. O problema era que nem se importaria de repetir o encontro que haviam tido, mas a atitude dela deixara bastante claro que isso estava fora de questão. No entanto, ela produzira-se toda para ir ter com ele ao local do crime. Talvez ainda tivesse uma hipótese, apesar de tudo.

# 11.

MOLLY FITAVA FREYJA INTENSAMENTE, como era habitual nela. Freyja suspirou baixinho e viu o olhar da cadela tornar-se mais atento. Estava com dificuldade em habituar-se a ter um cão. Sempre que encontrava os olhos castanhos em alerta, sentia-se culpada por não a levar mais vezes a passear ou por não a alimentar melhor. Se dependesse de si, nunca teria um cão, especialmente um cão tão grande; tinha a certeza de que se estudassem a linhagem de Molly, iriam encontrar um cavalo. Mas, claro, este era exatamente o tipo de raça que agradava ao irmão. Baldur procurara um animal que ficasse bem num vídeo de rap, a rosnar ao fundo, rodeado de carros vistosos e raparigas a abanarem o traseiro; uma raça que parecesse capaz de matar a sede com sangue e roer ossos de dinossauro. Ela não ficaria surpreendida se encontrasse uma tatuagem debaixo do pelo espesso. E só agora, depois de partilhar o apartamento com Molly durante um mês, é que Freyja podia aproximar-se dela sem o constante receio de ficar sem um dedo ou mesmo uma mão inteira.

A cadela bocejou, mostrando filas de dentes brancos e afiados que pareciam chegar até ao fundo da garganta. E apesar de Freyja ainda não estar completamente à vontade perto de Molly, havia alturas em que a sua presença a tranquilizava. Invariavelmente, isso acontecia durante a noite, quando acordava sobressaltada com gritos e agitação no corredor lá fora, graças aos caprichosos moradores do edifício deprimente. O irmão não era o único que vivia na corda bamba. As precárias condições do prédio e dos apartamentos, por inerência, tornavam-nos baratos para comprar ou arrendar — não se conseguia cobrar

muito por metro quadrado ali — e aquelas desafortunadas almas tinham acabado ali por falta de alguma coisa melhor.

Molly acabou de bocejar e virou a enorme cabeça a Freyja, parecendo ofendida. Freyja sentiu-se novamente culpada. Naquele dia, negligenciara a cadela, deixando-a sair cedo nessa manhã para encontrar um sítio onde urinar entre as latas vazias e outras porcarias que decoravam o jardim. Não era a primeira vez que as exigências do trabalho lhe tinham estragado os planos para o animal.

— Levo-te à rua mais tarde.

Não deveria ter dito a palavra «rua». A cadela arrebitou as orelhas e voltou a cabeça para Freyja, de língua de fora. Freyja gemeu. Pegou na caixa da piza da noite anterior e escolheu uma fatia com bastante carne em cima.

— Toma.

A cadela engoliu-a inteira, depois lambeu os restos com a língua do tamanho de um filete de pescada, olhando para Freyja na esperança de outro pedaço maior.

— Desculpa, amigona. Não podes engordar enquanto estiveres à minha guarda.

Freyja inclinou a cabeça para avaliar se a cadela aumentara de peso. Talvez — mas isso não importava, porque Molly estava escanzelada quando Freyja fora buscá-la ao amigo do irmão a quem a cadela fora confiada enquanto Baldur estava na prisão.

Infelizmente, este espetacular espécime humano também acabara atrás de grades, depois de quebrar as regras da liberdade condicional. E uma vez que o irmão lhe emprestara o apartamento, ela não poderia recusar tomar conta da cadela — no entanto, nunca teria aceitado tomar conta sequer de um peixinho vermelho em troca do desastre que era o carro dele. Ao desligar a ignição horas antes, o motor emitira um rugido mortal que sugeria que ela deveria ter à mão o número de uma empresa de táxis para quando regressasse da Children’s House.

O relógio que estava pendurado às três pancadas na parede da cozinha dizia-lhe que estava na hora de ir. A exigência de Huldar de uma entrevista no prazo

de uma hora fora irrealista: o avô da rapariga recusara-se a ir com tão pouco tempo de aviso. Deu a desculpa de que as crianças se tinham encontrado finalmente com o pai e que seria demasiado stressante para Margrét ser arrastada tão cedo para longe dele outra vez. Diante dele no degrau da porta, Freyja teve quase de chorar para convencê-lo a ceder uma hora nessa tarde. Não fora convidada a entrar nem tivera qualquer vislumbre das crianças, do pai ou da avó. Os sons de choro e vozes altas tinham passado através da porta aberta, mas Freyja não conseguira distinguir as palavras. Nem queria escutar à porta; preferia deixar em paz a família destroçada.

Enquanto se afastava, conseguia sentir os olhos do avô a segui-la. A porta da entrada não se fechou até ela destrancar o carro, como se ele quisesse ter a certeza de que ela se ia mesmo embora. Como se ela tivesse algum interesse em ficar perto da casa deles até à reunião na Children's House. Pelo contrário. Era domingo e tinha outros planos. As amigas dela estavam provavelmente a sair agora do restaurante, por isso não valia a pena apressar-se a ir para a cidade. Iria na próxima vez. O plano de dar atenção à Molly depois do almoço também teria de esperar. Freyja agarrou nas chaves, sorrindo à cadela, que a seguira esperançosa até à porta de entrada. Quando percebeu que não iria haver passeio, Molly dobrou o beiço em desaprovação e trotou de volta para dentro do apartamento.

Freyja perguntava-se se poderia contar com Molly no caso de um assalto à casa. Pela maneira como estava a relação entre elas, não parecia provável.

— Acho que não preciso de ressalvar o quão vital é que desta vez tudo corra de acordo com o plano.

Estavam sentados à volta da grande mesa de reuniões, a ver através do vidro Silja e Margrét sentarem-se no pequeno sofá. A rapariga estava visivelmente mais aflita do que na reunião anterior; devia estar a interiorizar a morte da mãe.

— A nossa investigação irá basear-se muito naquilo que ela diz e por isso peço, por favor, que façamos um esforço suplementar.

Huldar inclinou-se para a frente ao falar, como se estivesse a tentar encontrar

o equilíbrio. Provavelmente só queria garantir que Silja ouvia cada palavra através do microfone no centro da mesa. Os papos debaixo dos olhos estavam mais pronunciados, o cabelo mais despenteado, as roupas mais amarrotadas do que nessa manhã, mas chegara a horas, acompanhado por uma agente que apresentou como Erla. Ela pouco disse e parecia não fazer grande coisa a não ser estar sentada em silêncio ao lado de Huldar, apesar de ser evidente pela expressão dela que tinha opiniões concretas sobre os procedimentos. As opiniões pareciam pouco lisonjeiras, por isso era melhor que não dissesse grande coisa. Agora assentia para indicar concordância com as palavras de Huldar.

— Deixem-me repetir: um esforço suplementar.

— Não precisas de nos dizer.

O tom de Freyja era educado, mas seco. Não estava divertida. Mas quem é que ele pensava que era? A Polícia não tinha autoridade ali, era melhor estabelecer limites claros no início.

— Estamos habituados a que as revelações das crianças sejam da máxima importância. Ninguém aqui vem para tomar chá. Não tens de te preocupar. — Ao cruzar os olhos com os dele, brindou-o com um sorriso gelado. — Deixa-nos fazer o nosso trabalho e concentra-te em perguntar o que queres.

Antes da chegada da rapariga, Huldar sentara-se com Silja para rever as principais perguntas que ele queria que ela fizesse a Margrét. Também lhe dera o desenho do homem fora da casa e ficou desagradado quando Silja se recusou a mostrá-lo à rapariga dentro da capa de plástico. No fim, aceitara o argumento dela de que Margrét se mostraria mais acessível se o desenho estivesse como da última vez que o vira. Acima de tudo, ele sublinhara que a tarefa mais urgente era a de conseguir qualquer coisa que Margrét pudesse saber sobre o outro assassínio que ela dissera estar próximo.

Silja decorou as perguntas de Huldar, mas ressalvou que as respostas de Margrét iriam levantar novas questões, e ele devia garantir que estas lhe seriam fornecidas. Ele também teria de compreender que ela não conseguiria espremer a rapariga da forma de que ele gostaria. Ela teria de controlar o ritmo e colocar as questões como achasse melhor. Como todos os antecessores dele — juízes,

investigadores, procuradores — ele assentira, assumindo que isso não seria um problema. Mas, tal como eles, iria inevitavelmente revelar sinais de impaciência e agitação durante o decorrer da entrevista.

— Lembras-te daquilo de que falámos… Se precisares que a Silja se desvie da tua linha de interrogatório, tens de lhe dizer. Mas mantém a calma e por favor não ladres ordens ao microfone enquanto ela estiver a falar. Podes confiar nos nossos métodos e que iremos levar isto a sério. Ok?

Huldar encolheu os ombros, evitando o olhar de Freyja, mas pareceu concordar. Talvez estivesse apenas demasiado cansado para protestar.

— Tudo bem. Podemos começar então?

Ele recostou-se para trás, desaparecendo atrás de Erla.

— Tudo a seu tempo.

Freyja voltou-se para o espelho e ouviu Silja a conversar delicadamente com a rapariga sobre a neve na rua. Margrét estava silenciosa. Prendeu o seu longo cabelo ruivo atrás das orelhas num gesto infantil, depois fixou o olhar nas suas meias cor-de-rosa. Apesar de desgostosa, estava serena. O mesmo não se podia dizer do avô.

— Deixem-me relembrar-vos de que vou levá-la daqui mal a hora acabar. É todo o tempo que irão ter. Ela precisa de estar com a família. Com o pai e os irmãos.

Fora uma surpresa para Freyja ver que era o avô a trazer a rapariga outra vez, mas não comentara. Talvez o pai estivesse demasiado perturbado, ou não estivesse autorizado a ouvir o depoimento da filha por também ele estar a ser investigado.

— O relógio está a contar — acrescentou o avô.

Silja fez sinal de que estava pronta. Voltando-se para Margrét, agarrou na mãozinha da rapariga, que repousava na almofada entre elas. Margrét retirou-a e colocou as duas mãos debaixo das coxas magrinhas. Silja manteve-se imperturbável.

— Certo, Margrét. Sei que não queres estar aqui e que queres ir para casa o mais depressa possível. Por isso, vamos despachar isto.

O olhar da rapariga manteve-se fixado nas meias. Apesar de os pés não chegarem ao chão, tal como os das inúmeras crianças que tinham ocupado o sofá antes dela, ela resistiu à vontade de os balouçar.

— Sabes que és muito importante, Margrét. Claro, sempre foste, mas agora és mais importante do que nunca. Podes ajudar a Polícia a descobrir o que aconteceu à tua mamã. — A criança estava sentada como uma efígie de cera. — És uma heroína, tu sabes. Mas, infelizmente, ninguém pode ser uma heroína sem passar uns maus bocados. — Margrét não concordou, nem discordou. — Sei que não é fácil lembrares-te daquela noite… É aí que entra a parte de seres uma heroína. Se tentares lembrar-te de tudo o que viste ou ouviste e me contares, isso quer dizer que estás a ajudar a Polícia. Eles querem mesmo descobrir o que se passou.

Freyja e Silja tinham concordado que era imperativo que não se referisse a pessoa que era suposto ter assaltado a casa. O género do criminoso ainda não era certo e a mínima referência a um homem ou uma mulher poderia influenciar a memória de Margrét. Era crucial não implantar ideias que a rapariguinha pudesse aceitar como sendo dela.

— Achas que consegues dizer-me o que se passou? Só as partes de que te lembras. Se não te lembrares de nada, tudo bem. Podes dizer.

Huldar e o procurador franziram o sobrolho. O médico e a enfermeira que tinham participado na entrevista anterior não estavam presentes porque Freyja achara que tal não seria necessário, tendo em conta o custo de chamá-los pela segunda vez a um fim de semana. A Comissão de Proteção de Menores também declinara o convite para assistir.

— Eu pus as mãos nos ouvidos. — A voz pequenina transmitida pelo altifalante impressionou-os profundamente. — Pus as mãos nos ouvidos. Não queria ouvir a mamã a chorar.

Silja estava desconcertada, mas apenas Freyja notou. Não estava à espera de uma resposta tão rápida.

— Compreendo. Foi uma boa decisão.

Margrét voltou a falar, agora num quase suspiro:

— Tinha as mãos nos ouvidos. Não sei o que ele disse. Não quis ouvir.

Todos eles se inclinaram para a frente, em simultâneo. Margrét dissera «ele».

Silja também ouvira a palavra.

— Falas como se fosse um homem, Margrét. Como é que sabes isso?

— Eu vi-o. Acordei e precisava de fazer chichi. Vi-o às voltas na sala, tentei dizer à mamã, mas ela não acreditou em mim. Ela foi ver.

Margrét libertou as mãos de debaixo das coxas e começou a entrelaçar os dedos no colo.

— Então, a tua mamã saiu do quarto. Onde é que tu estavas enquanto isto acontecia?

— No quarto dela. Quando ouvi alguém a vir, escondi-me. Debaixo da cama. Espreitei e vi os pés da mamã. Ia sair, mas depois vi outros pés a aparecerem. Os pés do homem preto.

— Então, ele seguiu a tua mamã até ao quarto?

Quando Silja se calou, Freyja apercebeu-se de que aqueles que estavam à escuta na sala de reuniões mal respiravam.

Quando Margrét falou novamente, depois de uma pausa para pensar, toda a gente inspirou ao mesmo tempo, quase que abafando a pequena voz.

— Sim. Não me atrevi a sair de debaixo da cama. — Calou-se outra vez, a olhar para os dedos entrelaçados. — Eu devia ter ajudado. Devia ter saído de debaixo da cama e corrido para a rua. Podia ter encontrado um polícia ou um bombeiro para ajudar a mamã.

— Margrét, ainda bem que não o fizeste. Não há polícias nem bombeiros na tua rua à noite. O homem ter-te-ia apanhado muito antes de conseguires pedir ajuda. A tua mamã não queria isso. Se não és uma pessoa crescida, o melhor é esconderes-te. E, às vezes, também é o melhor para os adultos.

Margrét não olhou para cima. Os dedos estavam quietos agora, mas o olhar permanecia fixo neles como se os visse pela primeira vez.

— Mas era um homem. Eu vi-o e ouviu-o falar quando tirei as mãos dos ouvidos para ver se já tinha acabado. — Ela mexeu-se no sofá. — Mas não tinha acabado. Ele falava como um homem.

De uma vez, ela reduzira a metade o número de suspeitos — a secção feminina da população estava a salvo.

Silja esperou um pouco, caso o polícia ou o procurador quisessem acrescentar alguma coisa. Ninguém falou, e ela inclinou-se para Margrét e afastou o cabelo da cara da rapariga, como se estivesse a espreitar por trás de uma cortina.

— Lembras-te do que me disseste da última vez que estivemos juntas, Margrét? Disseste que pensavas que havia outra mulher em perigo.

A rapariga desviou o olhar, voltando a deixar cair o cabelo sobre a cara.

— Ouvi um pouco. Tive de tirar as mãos dos ouvidos às vezes para pô-las na boca, e o homem não me ouvir a chorar.

— Estou a ver. Às vezes, também conseguimos ouvir coisas entre as mãos, mesmo que estejamos a fazer tudo para tapar os ouvidos.

Silja estava perfeitamente calma; nem por um momento a voz dela deixou transparecer o quanto estava em jogo. Poder-se-ia pensar que estavam a falar do tempo.

— Podes não acreditar, mas provavelmente foi uma sorte teres ouvido alguma coisa. Especialmente se ajudar a Polícia a impedir que façam mal a outra mulher.

— Não quero pensar nisso. — A voz de Margrét caíra outra vez num sussurro. — Não quero. Quero falar de outra coisa.

— Lembras-te do que disse sobre seres uma heroína? Que só podes ser uma heroína se fores corajosa?

Margrét assentiu. Não conseguiam ver-lhe a cara porque ela estava inclinada para a frente, com o cabelo a tapar-lhes a vista, mas era fácil imaginar a expressão de desespero.

— Se conseguires ganhar coragem para me contares o que o ouviste dizer, vais ser uma heroína, Margrét. Não iria demorar muito e vais sentir-te melhor a seguir. Às vezes, falar da coisa que nos perturba ajuda a afastar os maus pensamentos.

As pernas de Margrét começaram a balouçar devagar para trás e para a

frente. O movimento não era indolente, nem descuidado; parecia um brinquedo cujas pilhas estavam a acabar. Inspirou rapidamente, olhou para cima e mordeu o lábio superior antes de falar. As pernas deixaram de se mexer.

— A mamã chorou e perguntou se ele também ia fazer-nos mal. Ouvi isso, apesar de estar com as mãos nos ouvidos, mas depois tirei-as. Queria ouvir se ele dizia que sim. Mas ele disse «agora não». Havia outra mulher a quem tinha de dar uma lição. — Ela disse-o com grande cuidado, depois olhou inquisitivamente para Silja. — O que é que ele quis dizer com uma lição?

— Ele queria que ela entendesse qualquer coisa. — Silja estava nervosa e mexeu-se no sofá, enquanto aguardava uma explicação. — Não precisas de entender, Margrét. Nem sempre é fácil descobrir o que os adultos querem dizer. — Olhou de lado para o espelho de dupla face à procura de ajuda.

— Pergunta-lhe se ele disse quem era a mulher.

Huldar falara muito alto e Silja assustou-se. Bateu no ouvido e focou-se novamente em Margrét.

— O homem disse quem era a mulher, ou alguma coisa sobre ela?

Margrét abanou a cabeça.

— Não. Só disse que ia fazê-la sofrer. Como à mamã. — Margrét calou-se e inspirou profundamente. — Eu vi a mamã. Ele tapou-lhe os olhos com fita autocolante.

Silja tossiu. Durante o briefing, Huldar mostrara-lhe uma fotografia do corpo de Elísa ainda no local do crime. Teve mesmo de ser porque Margrét poderia referir-se aos pormenores mais aterradores. Freyja também vira a fotografia e demorou um pouco a perceber o que estava a ver. Quando entendeu, teve de desviar o olhar.

— Saíste de debaixo da cama, Margrét?

— Não. A mamã olhou para baixo. Mas ela não conseguia ver nada. Fez-me uma festa e disse: «Chh.» Depois, o homem mau arrastou-a dali.

— Foi sensato da parte dela, Margrét. Ela não queria que o homem soubesse que estavas ali. Agora podes ver por ti mesma que a última coisa que ela teria querido era que saísses de debaixo da cama. Ela queria que fizesses exatamente

o que fizeste. Que ficasses escondida.

Huldar inclinou-se subitamente para o microfone.

— Não percas o fio à meada. Pergunta-lhe se ouviu mais alguma coisa. Que fosse importante.

— Depois de arrastar a tua mamã para cima, Margrét… o homem disse mais alguma coisa?

— Sim. Uma história. Ele queria contar-lhe uma história. Mas eu pus as mãos nos ouvidos. Não queria ouvir a história dele. Sabia que ia ser horrível. Ele não disse mais nada depois disso. Nem a mamã.

Ninguém conseguiu falar por momentos. Silja foi a primeira a recompor-se e continuou como se nada se tivesse passado.

— Diz-me uma coisa. Tinhas os olhos fechados? Se viste a mamã quando ela te disse para ficares caladinha, deves tê-los aberto algumas vezes. — Silja formulou esta frase com cuidado, mas Margrét não respondeu.

— Pergunta-lhe outra vez.

Huldar agarrou no microfone. Silja hesitou com o estalido no auricular dela. Ele estava a falar muito alto e não ajudava quando repetia as palavras cada vez mais alto.

— Pergunta-lhe outra vez.

Freyja pousou a palma da mão no peito dele e afastou-o do microfone. Tentou não recordar que a última vez que lhe tocara ali fora para se apoiar e para se mexer mais depressa em cima dele.

— Deixa a Silja. Ela sabe o quão é importante.

Huldar anuiu e calou-se. Viraram-se para o vidro, enquanto Silja continuava:

— Tinhas os olhos fechados, Margrét? Se tinhas, tudo bem. Se não, seria bom saber o que viste.

— Não quero falar sobre isso. — Havia agora uma ponta de raiva na voz da rapariga. — Não quero.

— Está bem. Falamos de outra coisa?

A rapariga levantou os olhos pela primeira vez. Perscrutou Silja com expectativa.

— Sim. Não está a tentar enganar-me, pois não?

— Não, claro que não estou a tentar enganar-te. Quero fazer-te perguntas sobre um desenho que fizeste.

Silja sorriu-lhe. Pegou na folha de papel que estava na mesinha ao lado do sofá. Estava lá também um urso de peluche, com as pernas direitas e a cabeça inclinada para um lado, como se tivesse pouca confiança nos procedimentos — tal como Huldar.

— Desenhas muito bem. — Silja estendeu o desenho a Margrét. — Podes dizer-me o que está aqui no desenho?

Margrét afastou o cabelo da cara e inclinou-se sobre a página.

— Pode ver o que está aqui. Disse que eu era boa a desenhar. — Devolveu o desenho.

Silja não se desmanchou.

— Vejo que é uma casa. É a tua?

Margrét assentiu.

— É o teu carro?

A rapariga assentiu outra vez.

— E isto? É a árvore que há no teu jardim ou uma árvore de Natal que compraste para levar para casa? — Silja tentava colocar a questão de forma a obter uma resposta mais longa.

— Está no jardim.

— Sim, é muito grande. Não caberia dentro de casa.

Silja fez perguntas sobre outros pormenores do desenho. Tinha o cuidado de colocar questões que requeriam respostas com frases completas. Todos repararam que cada resposta que Margrét dava era mais longa que a anterior. Ao descontrair, as respostas tornavam-se mais detalhadas. Mas o procurador e Huldar estavam a ficar impacientes. O último cruzou o olhar com Freyja quando Silja fez uma pergunta sobre as cortinas na janela, e apontou para o relógio. Freyja desviou os olhos e teve o cuidado de não voltar a olhar para ele. Os dois homens acalmaram-se quando Silja chegou finalmente ao que pretendia.

— E quem é este?

— O homem.

— Qual homem?

— Só um homem.

— Mas tu conhece-lo? É o teu pai?

A rapariga abanou a cabeça.

— Um vizinho?

— Não sei o que ele é.

— Porque é que o desenhaste então?

— Porque o vi.

— Viste-o quando estavas a fazer o desenho?

— Não.

— Estou a ver.

Huldar inclinou-se outra vez sobre o microfone. Para seu mérito, desta vez falou com comedimento e não tocou no equipamento a não ser para carregar no botão.

— Pergunta-lhe se viu o homem perto de casa ou noutro lado. Se ele não tem nada a ver com a casa, podemos seguir em frente.

Silja assentiu discretamente.

— Diz-me uma coisa, Margrét. Onde é que viste este homem?

— Na nossa rua. No passeio. E uma vez no nosso jardim. À noite.

Silja assentiu.

— Ele ia muitas vezes ao teu bairro?

— Não sei. — As crianças tinham dificuldade em definir o que era «muitas vezes».

— Viste-o duas vezes? Cinco? Dez vezes, talvez?

Freyja praguejou para si. Silja não devia ter mencionado números. A rapariga iria agarrar-se a um deles.

— Talvez cinco vezes. Mas só talvez. Não contei.

— Isso é bastantes vezes.

— Sim.

— Quando é que isso aconteceu, Margrét?

A rapariga encolheu os ombros.

— Há uns tempos.

— Depois do Natal?

— Sim. Ou não. Quando o vi no jardim, ainda era Natal. Acordei e estava à procura do meu sapatinho para ver se tinha alguns presentes, mas não tinha nenhuns. Ao princípio, achei que ele era o Pai Natal.

— Também o viste depois do Natal?

— Sim, acho que sim.

— E a fazer o quê?

— A olhar. Estava a olhar.

Huldar agarrou outra vez no microfone.

— Pergunta-lhe se viu a cara dele.

— Viste a cara dele, Margrét? Consegues descrevê-lo?

— Eu vi-o. Tinha uma cara zangada. Não estava contente.

De repente, a rapariga começou a baloiçar outra vez as pernas. Era um sinal de agitação; baloiçavam mecanicamente para trás e para a frente.

— Não quero falar mais consigo.

Ela fixou-se nas meias enquanto estas iam e vinham.

— Posso ficar aqui? — Não olhou para cima. — Não quero estar com o papá. A culpa é toda dele.

# 12.

— PODE NÃO SIGNIFICAR NADA. Talvez ela culpe o pai pelo homicídio porque ele não estava em casa naquela noite.

Huldar encolheu os ombros, não para enfatizar a sua ideia, mas na tentativa de permanecer acordado: preferia não tombar para cima da secretária do chefe. O cansaço que se acumulara durante o fim de semana estava a pesar muito agora; ele já não o aguentava com café e pastilhas de nicotina. Desde cedo na sexta-feira de manhã, quando os filhos de Elísa tinham sido encontrados a vaguear nas ruas, ele não dormira mais do que oito ou nove horas e apenas por curtos períodos no seu gabinete, à secretária ou no pequeno sofá que era tão curto que mais parecia uma cadeira.

— Eu teria o cuidado de não tirar muitas ilações daquilo que ela disse. Pelo menos, essa foi a opinião da psicóloga que a entrevistou.

Egill franziu o nariz, mostrando uma fileira de dentes brancos pouco naturais. Ninguém se atrevera a comentar a transformação quando ele aparecera um dia no trabalho com um sorriso de anúncio de pasta de dentes. Tal como não comentaram o desaparecimento súbito da sua calvície. O cabelo já não se agitava ao vento exceto em bloco e ele começou a levar o boné da Polícia sempre que ia à rua. Os esforços de Egill para melhorar a aparência haviam coincidido com a decisão de trocar a mulher por uma modelo vinte anos mais nova. Alguns dos homens do D.I.C apostavam se Egill iria fazer uma plástica à cara, mas havia poucas probabilidades de alguém ganhar a aposta, uma vez que todos apostavam que sim.

Os olhos semicerrados sugeriam que Egill conseguia ler a mente de Huldar. Ele tossiu com força.

— A opinião da psicóloga. Sim.

Sentou-se atrás da secretária, fingindo deixar cair o peso todo do seu incrível intelecto sobre o assunto. O ar arrogante e as frases vazias faziam parte do espetáculo.

— A propósito, qual é a tua impressão da Children's House? Nunca lá fui, mas tenho reservas quanto ao trabalho que fazem. Na minha opinião, é desaconselhável que se entreguem entrevistas forenses a amadores. É pouco provável que tragam resultados.

Huldar sentiu-se derrotado pelo cansaço.

— É boa. Não descreveria o pessoal como amadores. Têm pessoas treinadas para entrevistar crianças.

— Crianças, adultos… Qual é a diferença?

A surpresa de Huldar devia estar-lhe estampada no rosto porque, de repente, Egill recuou.

— Claro que sim, eu sei, claro que há uma diferença. Não queria dizer literalmente. As crianças são mais pequenas e tudo isso. Mas diferentes quando se trata de responder a perguntas? Duvido.

Desde que Huldar fora transferido para o Comissariado de Polícia que trabalhava para este homem. Ao início, estava tão no fundo na cadeia alimentar que mal conseguia respirar sob o peso dos seus superiores hierárquicos. Nessa altura, sentiu um impressionado respeito por Egill, considerando a sua imagem de marca de insatisfação como um sinal de profunda inteligência e clarividência. O homem devia estar sobrecarregado com todos os crimes que eram cometidos na sua circunscrição quando ele lá não estava para os impedir. Mas nada era menos verdadeiro. Com os anos, Huldar começou a perceber que Egill nascera insatisfeito. Nada era suficientemente bom para ele. Nada do que lhe diziam lhe agradava. Não havia casos resolvidos com a rapidez suficiente, e quando eram resolvidos, Huldar tinha a impressão de que Egill ficava com todos os louros. O homem tinha por hábito intrometer-se nas reuniões de progresso, dando uma

olhadela às provas e enunciando o óbvio, chamando triunfantemente a atenção para pormenores, sugerindo ângulos que todos já haviam visto há muito. Huldar não conseguia lembrar-se de uma única vez em que tivesse ouvido alguma coisa substancial vinda daqueles lábios sempre descaídos.

O forte do homem parecia ser a tecnologia. Tinha um entusiasmo inesgotável por gadgets, de projetores a armas de fogo. Como tal, o D.I.C estava invulgarmente bem equipado com os aparelhos mais modernos, mas, como o orçamento era apertado, isso acontecia em detrimento de outras áreas em que o chefe tinha menos interesse. Naquele outono, por exemplo, todos os polícias do departamento haviam sido presenteados com iPads, sem grande propósito. Rapidamente se percebeu que eram usados para jogar *Candy Crush*. Ao mesmo tempo, Egill tentara convertê-los num escritório sem papéis como parte de uma medida económica, retirando o papel das impressoras e fotocopiadoras. Quem quisesse imprimir ou fotocopiar tinha de lhe bater à porta para pedir papel. Huldar sabia que não era o único que preferia trazer o seu material de casa.

— O desenho vai clarificar-se em breve. Temos o pai a chegar para mais um interrogatório. Entretanto, estou a pensar ir a casa fazer uma sesta rápida. Não durmo desde que isto começou.

Huldar moveu os pés para combater uma onda súbita de tonturas, lutando contra a vontade de tombar sobre a secretária de Egill. Tinha medo de a virar ao contrário, derrubando o conjunto elaborado de molduras com fotografias de Egill na companhia de vários VIP com quem se cruzara enquanto estava a trabalhar. Huldar estava disposto a apostar que os VIP não tinham retribuído o favor. Recuperou o equilíbrio sem ter de se apoiar e continuou:

— Não há nada agora que não possa esperar ou ser tratado por outra pessoa.

Egill emitiu um barulho profundo, e os cantos da sua boca descaíram ainda mais.

— E eu que pensava que o capitão era sempre o último a abandonar o navio. Espero não ser necessário lembrar-te de que és responsável pela investigação e que os primeiros dias são críticos.

Huldar sentiu-se como se tivesse pedrinhas nos olhos. Doía-lhe piscá-los de

tão secos.

— A Erla, o Ríkhardur, o Almar e o Stefán estão a trabalhar nisto. Os outros estão a cumprir as tarefas que pedi além do trabalho normal, mas a maioria foi para casa porque é domingo. A investigação anda devagar, mas com segurança, e não vai parar porque eu vou a casa descansar. Não será útil para ninguém se eu não dormir.

Absteve-se de comentar a absurdidade da metáfora do capitão: a investigação não era um navio a afundar-se. Ele não acreditava que algum dos seus antecessores tivesse ficado sem dormir no início de um inquérito. Para além de que os métodos de trabalho deles não tinham sido propriamente um bom exemplo. Naquela altura, era difícil andar no escritório porque membros da equipa dos inquéritos internos estavam ocupados a esvaziar prateleiras na tentativa de perceber se alguma prova estava desaparecida. Corria o rumor de que os resultados deste inventário não iriam dar uma boa imagem do D.I.C.

Egill pegou no rato, desviando a atenção para o computador. Huldar podia apostar que ele estava a meio de uma paciência de cartas. Não havia necessidade de ele estar no escritório a um domingo; só aparecia aos fins de semana para evitar praticar exercício físico com a sua jovem mulher. Ela combinara uma viagem de bicicleta à volta do país para o verão seguinte e Egill teria de arranjar uma boa desculpa para não ir, se quisesse evitar um segundo divórcio. Se ele fosse, Huldar tencionava ir de carro para leste, visitar a família, certificando-se de que os caminhos deles se cruzariam. Estava a precisar de umas gargalhadas.

— Só espero que não nos desiludas. Seria uma pena se lixasses isto.

Não valia a pena continuar com aquilo.

— Não lixo. Mas o risco é maior se trabalhar dia e noite sem dormir.

Egill manteve o olhar fixo no ecrã.

— Pelo menos, põe o despertador para não ficares a dormir e faltares ao interrogatório deste Sigvaldi. Independentemente do que diz a psicóloga, eu acredito que a rapariga quis dizer alguma coisa.

— Não vou ficar a dormir, não te preocupes.

Poria o despertador e, como precaução, pedira a Erla que lhe ligasse uma

hora antes do início do interrogatório de Sigvaldi. Convidara-a a estar presente. Apesar de ela não ter contribuído muito na Children's House, prestara atenção aos procedimentos. Tinham trabalhado juntos em alguns casos nos três anos que Erla estivera no D.I.C. Tinha uma excelente memória e nunca perdia tempo. À exceção de Ríkhardur, era a pessoa com quem Huldar trabalhara de mais perto, porque era um dos poucos agentes que não se importava de ter uma mulher como parceira. Por isso ela procurava a companhia dele e, porque eram ambos solteiros, costumavam sentar-se juntos nos raros convívios sociais do D.I.C. Depois da questão de Karlotta, Huldar voltara-se cada vez mais para Erla numa tentativa de evitar Ríkhardur. Infelizmente, ela parecia ter interpretado mal o interesse dele. Porque é que tudo na vida pessoal dele tinha de correr mal?

Egill olhou-o; podia perceber que a mente de Huldar estava a vaguear.

— Ainda bem. E não te deixes enganar pelas lágrimas de crocodilo. Os mais astutos são capazes de dar espetáculos notáveis.

Sigvaldi Freysteinsson não chorou, nem lágrimas de crocodilo nem de qualquer outro tipo. Sentou-se na cadeira dura diante de Huldar e Erla, de cabeça baixa e ombros curvados. A camisa estava mal abotoada e saía das calças de um lado. Parecia devastado. Era esgotante olhar para ele e a energia que Huldar conseguira com o descanso esvaía-se sempre que o seu olhar pousava naquela cara derrotada. Para piorar as coisas, o homem parecia ter-se magoado: tinha uma ligadura à volta da mão direita e uma nódoa negra perto da olheira profunda debaixo de um olho. Não houvera menção a nenhum ferimento no relatório do primeiro interrogatório.

Huldar ainda não comentara os ferimentos, apesar de o interrogatório estar a decorrer há quase uma hora. Avisara Erla para que não os mencionasse até que ele mesmo abordasse o assunto, com medo de que o homem se remetesse ao silêncio se achasse, erradamente, que estava sob suspeita. Era melhor tê-lo do lado deles, pelo menos no início. Até então, as questões tinham sido sobre assuntos fáceis de discutir, tais como a opinião de Sigvaldi sobre a mensagem deixada em casa dele ou a possibilidade de alguém ter um ressentimento em

relação a ele por causa de um erro cometido no trabalho.

A mensagem parecia ser tão misteriosa para ele quanto para toda a gente, e ele rejeitou qualquer sugestão de uma relação com o seu trabalho. Segundo ele, a sua reputação era irrepreensível, apesar de ter acrescentado, secamente, que não terminara a especialização assim há tanto tempo. Os pacientes eram todos mulheres e não conseguia lembrar-se de uma única, quer estivesse grávida ou doente, que não se tivesse despedido a bem.

Quando parecia que nada de substancial iria emergir das perguntas sobre o seu emprego, Huldar desviou o interrogatório para o casamento.

A voz sem vida ecoou nas paredes vazias.

— Como já tentei explicar, estava tudo bem quando me fui embora. A minha relação com Elísa sempre foi boa. Não havia discussões. Não havia tensões.

A cabeça de Sigvaldi descaiu; lembrava a Huldar uma versão adulta de Margrét, apesar da falta de semelhanças físicas entre pai e filha. Sigvaldi levantou novamente os olhos, ainda mais esgotado do quando chegara.

— Não aguento mais. Só rezo para recuperar os sentidos e descobrir que imaginei isto tudo. Ou que foi um pesadelo.

Erla inclinou-se para trás, acertando com o braço em Huldar de lado enquanto o fazia. Ele teve a sensação de que aquilo não fora acidental, porque ultimamente ela fazia poucos esforços para disfarçar a atração que sentia por ele. Era uma pena que não fosse correspondida, mas Erla não fazia o género dele. Era demasiado dura, tanto mental como fisicamente. Visto de costas, o corpo trabalhado dela podia ser o de um homem e tinha um linguajar tão grosseiro que era conhecida por chocar até os veteranos mais desbocados do D.I.C. Também usava uma voz deliberadamente grave e podia ser difícil distinguir-lhe o género, em especial ao telefone. Huldar duvidava que esta aspereza e esta crueza lhe fossem naturais e suspeitava que era a forma dela de tentar inserir-se no meio dos homens. Ele queria dizer-lhe que os homens que falavam assim estavam longe de serem modelos a seguir. Para homens ou mulheres. Mas era difícil abordar o assunto. E ainda mais difícil era passar com subtileza a mensagem de que não estava interessado.

— Aceita um copo de água?

O lado de Huldar doeu do contacto com o cotovelo de ferro de Erla. Se a intenção dela era excitá-lo, uma leve festinha na coxa teria sido mais eficaz. A ideia de sexo que mais parecia um desporto de combate, certamente apimentado de obscenidades, não lhe dizia muito. Aliás, era um verdadeiro *turn-off*.

Sigvaldi recusou a água. Nada teria feito para aliviar o sofrimento mental que estivera a descrever.

— Sigvaldi, tenho de lhe perguntar uma coisa que pode ser dolorosa. É importante que responda sinceramente. — Huldar fixou o olhar nos olhos inflamados do homem. — Há alguma hipótese de um de vocês estar a ter um caso extraconjugal?

A resposta foi imediata, sem pausa para pensar:

— Não. Não, não e não. Eu não, ela não. Claro, tem havido oportunidades, pelo menos para mim, mas desde que nos casámos que nunca mais olhei para outra mulher.

— Como é que pode estar certo de que o mesmo se aplicava a ela?

A pergunta de Erla era natural; claro que o homem não podia responder pela mulher com certeza absoluta.

— Apenas sei. A Elísa não era desse género. Bastávamo-nos um ao outro. Se não acreditam em mim, perguntem aos amigos dela. Eles confirmarão.

— Iremos falar com eles, e não apenas sobre isso. É possível que ela lhes confidenciado algo de que se esqueceu ou que optou por não comentar consigo. É frequente obtermos informações importantes com base em incidentes que não pareceram significativos na altura.

Huldar não estava a conseguir lembrar-se de um exemplo e esperava que o homem não lho pedisse, mas Sigvaldi limitou-se a olhar inexpressivamente para a parede atrás deles.

— Continuando… Sabe se Elísa estava envolvida em algum conflito ou altercação no trabalho ou fora dele? Não tem de ser algo de recente.

— Não. Porque é que diz uma coisa dessas? — Sigvaldi fungou. Apesar de não ter chorado durante o interrogatório, era possível que estivesse a conter as

lágrimas. — Ela era popular no trabalho e entre os amigos. Todos gostavam dela.

— Sim, isso é consistente com a imagem que construímos. Ainda assim, somos obrigados a fazer-lhe umas quantas perguntas que podem parecer-lhe absurdas, mas que servem para eliminar certas linhas de inquérito. Só porque os colegas dizem que estava tudo bem, isso não significa que ela concordasse. O mesmo se aplica ao testemunho dos amigos.

— A Elísa não tinha inimigos.

— A maioria de nós não tem. Sim, as pessoas podem invejar-nos ou não gostar de nós, mas, felizmente, os verdadeiros inimigos são poucos e dispersos… Deixando isso de lado…

Não valia a pena tentar convencer o homem a dizer alguma coisa negativa sobre Elísa. Agora ele só conseguia vê-la rodeada de uma aura idílica. Mas toda a gente tinha os seus dias maus e toda a gente cometia erros. Não existia um homem ou uma mulher vivos que fossem universalmente populares. Mas, apesar do questionário intensivo, o interrogatório a Sigvaldi ainda não fornecera pistas. Parecia cada vez mais provável que o assassino escolhera Elísa ao acaso.

— Como é que se dá com os vizinhos? Alguma tensão por causa de barulho ou árvores ou por lhes taparem a luz, esse tipo de coisas?

— Não. Nada disso. — Uma luz pareceu acender-se na cabeça do homem, mas ele exprimiu raiva e não alegria. — Acha que os nossos vizinhos podem ter sido responsáveis? Quais?

— Não temos razões para pensar isso. Estamos apenas a tentar examinar todos os ângulos, como lhe disse. Portanto, as suas relações com os vizinhos são boas?

O brilho nos olhos de Sigvaldi voltou a desvanecer-se.

— Sim, ótimas. As pessoas uma porta abaixo, no número 68, são bastante nossas amigas. Conversamos sobre a sebe e, uma vez por outra, fazemos churrascos. A Elísa e a Védís davam-se mais do que eu e o Helgi.

— Então, eram amigas?

Erla escrevinhava a pergunta enquanto falava. Não era necessário uma vez

que o interrogatório estava a ser gravado, mas era um hábito que ela tinha. Tomava notas constantes durante os interrogatórios, no local e no computador dela no trabalho. Apesar de Huldar se interrogar se deveria seguir-lhe o exemplo, não tinha destreza para escrever ao mesmo tempo que falava com as pessoas.

— Sim. O apelido da Védís é Gísladóttir, creio, e tenho quase a certeza de que o do Helgi é Magnússon.

A caneta deslizou com agilidade pela página à medida que Erla tomava esta nota. Huldar habituara-se tanto a vê-la escrever que quase conseguia adivinhar as letras a partir dos movimentos dela. Quando ela acabou, ele olhou de novo para Sigvaldi. O homem também parecia hipnotizado pelo tomar de notas. Devia ter dormido ainda menos que Huldar nos últimos dias.

— Ok, vou mostrar-lhe uns desenhos feitos pela sua filha. — Huldar tirou uma capa de plástico transparente da pilha de documentos em cima da mesa. — Descobrimos que a Margrét desenhou isto depois de ver um homem a observar a vossa casa da estrada e, pelo menos numa ocasião, de dentro do vosso jardim.

Sigvaldi alinhou os desenhos com cuidado diante dele e estudou-os. Era difícil interpretar a sua expressão e Huldar e Erla não tiveram outra hipótese senão esperar pacientemente que ele terminasse. Sem uma palavra, de repente, juntou os desenhos e levantou a cabeça.

— Podem ser da Margrét. Parece o estilo dela. Mas não conheço desenhos de outras raparigas da idade dela para poder comparar. — Empurrou-os sobre a mesa. — Nunca os tinha visto, se é isso que está a perguntar.

— Não é isso que estou a perguntar.

A reação do homem pusera Huldar em alerta. Dadas as circunstâncias, esperara que Sigvaldi fizesse perguntas sobre o homem no desenho.

— Estamos interessados em saber se ela vos falou nisto, a si ou à Elísa e, se sim, se tem ideia de quem possa ser este homem.

Sigvaldi parecia não ter uma resposta. Viram-no lamber os lábios e passar a mão esquerda pelo cabelo desgrenhado. Suspirou e afundou-se ainda mais na cadeira.

— Demore todo o tempo que precisar. — Huldar apontou para as pouco

inspiradoras bebidas na bandeja. — Quer água? Ou um café?

— Não, obrigado.

Havia uma nota confusa na voz de Sigvaldi como se nunca tivesse ouvido falar destas bebidas e não soubesse se era seguro experimentá-las. Engoliu e a sua proeminente maçã de adão subiu e desceu. Depois, aclarou a garganta e endireitou-se um pouco.

— A Margrét é uma criança. As crianças veem o mundo de uma forma diferente da nossa. Têm tendência a imaginar coisas.

— Imaginar coisas?

Huldar achou o tom de Erla um pouco brusco considerando que o homem era o pai da criança. À parte o comentário de Margrét, não havia nada que o ligasse ao crime. A descrição que Sigvaldi dera do seu casamento era consistente com o testemunho de toda a gente que tinham entrevistado e com todas as provas recolhidas até então. Na ausência de outras informações, deviam tratar o homem como um marido inconsolável, apesar de ainda terem de questioná-lo sobre os ferimentos.

— Pode explicar melhor? — Huldar brindou-o com um sorriso afável. — Não falei com a sua filha, mas já a vi e ela parece uma rapariguinha perfeitamente normal a viver circunstâncias extraordinárias. Os psicólogos da Children's House não consideraram estes desenhos imaginários.

Margrét tinha sete anos e, na opinião de Huldar e apesar de ela não ser sua filha, já tinha idade para saber a diferença entre realidade e faz-de-conta. Ele desejava tanto ter filhos quanto dormir com a masculina Erla.

— A Margrét tem dificuldades de aprendizagem?

— Não, pelo contrário. Está a sair-se bem na escola. Talvez não tenha tantos amigos quanto gostaríamos, mas não é vítima de bullying. É como qualquer outra criança, à exceção da sua imaginação anormalmente fértil. Ela imagina coisas; vê coisas que não existem.

— Amigos invisíveis e por aí em diante?

Huldar não conseguia disfarçar o desapontamento. Talvez o homem nos desenhos fosse produto da imaginação da criança. A única pista de que

dispunham poderia não ser mais verdadeira que o Pai Natal, que a rapariga também mencionara. Ele visualizou a cara branca, de boneca de porcelana, e o seu cabelo ruivo e indomável. Seria possível que não estivesse debaixo da cama quando a mãe fora atacada? Poderia ter-se escondido ali de manhã, depois de encontrar o corpo frio e rígido de Elísa? Depois de trancar a sua própria porta atrás de si? Poderia ela ter inventado todos os pormenores sobre os acontecimentos daquela noite? Não, impossível.

— Como se revela a imaginação dela?

— Não tem visões nem vê figuras ou alguma coisa assim. Mas tem tendência a pensar que alguma coisa aconteceu de facto quando só a sonhou. Não é assim tão incomum entre crianças.

— E punha-os nessa categoria? — Huldar apontou para os desenhos.

— Não sei. Nunca nos falou de um homem, nem a mim, nem à Elísa… tanto quanto sei. Onde é que encontraram estes desenhos?

— No quarto dela.

Huldar não podia ser mais específico. Os primeiros polícias a examinar o quarto da rapariga não se lembravam de onde estavam os desenhos antes de ficarem espalhados por todo o lado e de Freyja os encontrar. Um tinha a sensação de que estavam numa gaveta do armário, mas ambos concordavam que não estavam à vista, e as fotografias tiradas antes de eles começarem a trabalhar comprovaram-no. Uma vez que o pai não sabia destes desenhos, não havia como confirmar se a rapariga os teria escondido ou se a mãe teria sabido da sua existência. Com sorte, talvez a própria Margrét pudesse esclarecer isto.

— Essa sua ideia de ver isto como uma invenção da cabeça da sua filha não me convence. Os desenhos sugerem que havia alguém a observar a vossa casa e por isso precisamos de saber se são pura fantasia. É essa a sua opinião definitiva?

— Meu Deus. Não. Sim. Não sei. Estou demasiado confuso para saber o que penso sobre alguma coisa. — Sigvaldi suspirou pesadamente. — Porque é que alguém haveria de nos observar? Não é óbvio que o assassino entrou na casa errada ou que a escolheu ao acaso? Não há nenhuma hipótese de a Elísa ter sido

morta por alguma razão relacionada connosco. Não somos esse tipo de pessoas. Não pode ter havido um homem na rua. Não faz sentido.

Mais conversa sobre os desenhos de Margrét iria ser pouco produtiva. O melhor caminho seria ter um psiquiatra a atestar a fiabilidade do depoimento da rapariga.

— A Margrét falou consigo sobre a noite em que a mãe morreu?

Huldar gostaria de ter perguntado diretamente a Sigvaldi porque é que Margrét o culpava pela morte da mãe, mas recordou a si próprio que precisavam de o tratar com gentileza. Por enquanto.

— Não. — Sigvaldi parecia desconcertado. Olhou alternadamente para Huldar e para Erla. — Ela não fala comigo. Recusa-se a ficar sozinha comigo e nem sequer me olha quando estamos juntos. Não sei porquê. Deus sabe que não tem nenhuma razão para estar zangada comigo ou com medo de mim.

Huldar assentiu. A rapariga não perdoara ao pai. Estava na altura de terminar o interrogatório.

— O que é que aconteceu à sua mão?

Sigvaldi passou os olhos pela ligadura mal-amanhada, que obviamente não fora feita por um profissional.

— Tropecei na minha mala de viagem na pressa de a arrumar. Estava de tal forma em choque que não prestei atenção.

Huldar assentiu outra vez.

— Foi observado?

— Não. — Sigvaldi hesitou, depois acrescentou: — Estava preocupado com outras coisas. — Não havia como não notar o sarcasmo na sua voz áspera.

— Não existe referência a ferimentos no relatório do seu primeiro interrogatório. Tropeçou na mala depois disso?

— Não. Aconteceu quando estava a sair do meu quarto de hotel. Estava com pressa para sair para o aeroporto depois de saber das notícias, claro. Foi só quando cheguei a casa vindo do interrogatório que reparei que me magoara. Foram buscar-me ao aeroporto e trouxeram-me diretamente para aqui. Foi por isso que não disse nada, e a Polícia não reparou porque não havia nada para ver.

O olho só ficou negro depois de me deitar.

— Compreendo. Podemos ajudá-lo a passar à frente nas Urgências. Tem de ser visto.

— Não, obrigado. Não é preciso. Sou médico, sei que não é nada de grave. Vou recuperar.

— Desculpe, mas tem mesmo de ir às Urgências. Precisamos de um atestado médico que confirme a natureza dos seus ferimentos. — Huldar não sorriu. Olhou para o relógio. — Penso que já acabámos. Não está a pensar em sair da cidade nos próximos dias, pois não? Iremos certamente de precisar de falar consigo.

— Não vou a lado nenhum. Exceto à Urgências.

Huldar bateu na mesa com tanta força que lhe doeu a mão, depois levantou-se.

— Certo. Então, está tudo. A não ser que queira dizer-nos mais alguma coisa, que ache que devemos saber.

Sigvaldi abanou a cabeça.

— Não, nada de que consiga lembrar-me. Vão manter-me informado, não vão? Ninguém está mais interessado do que eu em que este monstro seja apanhado. Ninguém.

Baixou os olhos e levantou-se. Huldar acompanhou-o à entrada principal. Nenhum deles falou. Depois, ao olharem os dois através do vidro que os separava do agreste vento norte, Sigvaldi voltou-se e estendeu a mão.

— Boa sorte. Aguardo notícias. — Depois, um olhar estranho passou-lhe pela expressão, como se se tivesse esquecido de algo lá em cima. — Não me interessa se a Elísa tinha um caso. Só quero que encontrem o homem que a matou. Aí, pela minha parte, podem matá-lo.

Dirigiu-se à porta automática, que se abriu com um som de sucção. O ar gelado entrou, mas Huldar não se mexeu. Ficou ali, a olhar, enquanto o homem se encaminhava para o carro, entrava e arrancava.

# 13.

KARL NÃO SABIA PORQUE É QUE O CARRO o irritava tanto. Os amigos não se queixavam, apesar de os joelhos de Halli estarem comprimidos contra o porta-luvas e de Börkur estar sempre a mexer-se de um lado para o outro no banco de trás, numa tentativa vã de ficar mais confortável. Não estavam em posição de reclamar; nenhum deles tinha carro, por isso tinham de contentar-se com o que Karl herdara da mãe.

Apesar disto, Karl não conseguia habituar-se ao veículo. Mais valia admitir: tudo na sua vida era péssimo, mas ele não caíra na de outra pessoa por engano; estava encurralado na sua própria vida. Casa feia, carro podre, amigos fracos. Este era o mundo dele e era melhor que o aceitasse. Nenhum pai e agora nenhuma mãe. Quão irónico que o seu parente mais «próximo» fosse o emocionalmente — e agora também fisicamente — distante Arnar. Poderia a vida ser mais frustrante? Toda a gente tinha, pelo menos, uma família… ou uma namorada. Mas mesmo que a mulher dos sonhos dele lhe caísse nos braços vinda do céu, a probabilidade era que não ficasse com ele, pelo que não valia a pena andar atrás de raparigas. A vida dele era nojenta. Quanto mais cedo aceitasse isso, melhor. Nada iria mudar nos tempos mais próximos.

Podia começar por aprender a viver com o carro… mas isso era impossível. Parecia que o objetivo fora o de produzir um veículo que satisfizesse os requisitos mínimos: carroçaria, chassis, quatro rodas, bancos e um volante. Nada para melhorar a experiência de condução ou proporcionar conforto aos passageiros. Ele também se sentia inexplicavelmente irritado com a ideia do

orgulho que a mãe tinha no carro, a forma como o limpava todas as semanas por dentro e por fora, e o levava a revisões regulares como se fosse um avião.

Pouco depois de ela morrer, Karl pesquisara online quanto é que poderia receber por aquilo, mas ficou desapontado. O homem do stand para onde ligou disse que não fazia diferença que o carro estivesse em ótimo estado e que ninguém diria que já tinha oito anos. A única vantagem de estar em bom estado era que isso iria acelerar a venda. Depois, bocejara, como se o veículo estivesse abaixo de toda a consideração. Karl tinha a impressão de que o homem ficara aliviado quando ele dissera que ia pensar. Claro que não havia hipótese de vender o carro. Como com a casa, teria de dividir os lucros com Arnar e a parte que lhe caberia só iria cobrir o preço de um modelo ainda mais manhoso, se é que tal coisa existia. Aliás, teria sorte se conseguisse comprar uma bicicleta decente por aquele valor.

— Experimenta tocar à campainha.

Börkur agarrou-se aos encostos e enfiou a cabeça entre os bancos da frente. Karl inclinou-se para trás e a sua visão da casa foi bloqueada pela cabeça de Halli.

— Vai lá e pede para falar com a mulher.

— E depois? O que é que lhe digo?

Esta fora a pior ideia da noite. Não que as outras tivessem sido muito melhores.

— «Olá. É a Elísa? Ouvi o seu número de identificação na rádio.»

— Sim, porque não? — Börkur olhou da casa para Karl. — Não ficarias curioso se alguém te batesse à porta e te dissesse uma coisa parecida?

A parte de trás da cabeça de Halli abanava ligeiramente enquanto ele falava.

— Eu ia achar que esse gajo era doente. Um chanfrado. — Por vezes, existia um laivo de senso comum nas apreciações de Halli. — Ela pode chamar a Polícia. Ou passar-se e bater-te.

Karl perdeu as estribeiras. Sentiu uma súbita necessidade de arrancar o colar de contas que balouçava no espelho interior e dar com ele na cabeça de Halli.

— Mas que caraças? Achas mesmo que eu deixava uma velha qualquer

bater-me? Tu talvez, seu maricas de merda. Eu, não.

Halli olhou-o, impressionado pela sua reação violenta. A raiva de Karl evaporou-se, deixando para trás uma sensação de vazio, e ele pensou o que teria acontecido para se passar daquela forma. Halli não dissera nada de mal, nada que nunca tivesse dito com os seus comentários parvos. Karl não se sentia em si nos últimos dias; a emissão de ondas curtas inquietara-o e esse desassossego não mostrava sinais de desaparecer. De facto, estava a piorar.

Não havia dúvida de que fazia parte de uma crise existencial que ele estava a atravessar. Estava descontente com a química, descontente com a sua casa, descontente com os amigos e descontente consigo.

Acabara de fazer vinte e três anos e tinha de encarar o facto de ser um falhado. E não conseguia ver como podia dar a volta à vida. Mas perder a cabeça não era a solução, mesmo que existisse uma causa para isso — uma depressão generalizada ou a sua ansiedade em relação às emissões de ondas curtas. Mas nada disto era culpa de Halli. Karl tentou remediar a situação:

— Estava só a brincar.

Era difícil dizer pela expressão de Halli se ele acreditava; voltou-se para a janela sem uma palavra.

Como de costume, Börkur estava alheado destas minudências. Fora o único que não vira o ex-quarto elemento Thórdur no cinema antes. Thórdur estava lá com a namorada. Ambos os lados tinham fingido não se verem na plateia semivazia. Havia alturas em que deveria ser uma vantagem ser tão insensível quanto Börkur. Ele bateu no ombro de Karl.

— Podes sempre arriscar. De qualquer forma, não parece que esteja alguém em casa.

Estudando silenciosamente a casa, Karl chegou à mesma conclusão. Todas as luzes pareciam estar apagadas, o caminho de acesso estava vazio e as janelas estavam fechadas. Karl arrependeu-se imediatamente de não ter desafiado Halli, indo bater à porta. Teria sido bom para a sua imagem e não teria havido nenhuma consequência constrangedora, uma vez que não estava lá ninguém. Devia aprender a pensar antes de abrir a boca.

— Será que está a haver uma emissão agora?

Karl olhou para a casa deserta, tentando entender porque é que o número de identificação da mulher fora dito. Já desistira de tentar perceber porque é que o seu próprio número aparecera. Talvez fosse tudo uma enorme coincidência e as sequências não fossem, de todo, números de identificação.

— Não sei.

Halli ainda fitava a casa, a respiração a embaciar o vidro. Limpou-o.

— Vocês os dois não vão tentar apanhá-la?

Karl olhou para o banco de trás, para Börkur, que perdera o interesse e estava agora a tamborilar com os dedos nos joelhos e a cantarolar uma melodia.

— Eu? — Börkur pareceu surpreendido. — Não mexo no meu recetor há semanas. Nem sequer está ligado. Rebentou um fusível e não tive paciência para arranjá-lo.

Karl desviou o olhar para Halli.

— E tu?

Halli manteve o olhar na casa.

— Não. Acho que o meu também está avariado. Perdi um bocado o interesse na cena da rádio. Há tantas coisas diferentes a acontecer. Tu sabes, outras coisas muito mais fixes.

— Avariado?

— Talvez. Estou a pensar em vendê-lo. Para comprar um computador novo.

Halli saltara para o mundo virtual com tal entusiasmo que quando, mesmo antes do Ano Novo, a Polícia fizera rusgas a uma rede envolvida em downloads ilegais, ele fora um dos detidos. O seu equipamento IT, a menina dos seus olhos, pelo qual se matara a trabalhar no armazém do supermercado, fora confiscado. Na altura, Karl esperara que isto talvez pudesse obrigar Halli a recuperar o antigo interesse pela rádio, mas sem sucesso. Isto acontecera há mais de dois meses e ele ainda não encontrara Halli em nenhuma frequência.

Karl estava sem palavras. Os amigos tinham perdido o interesse e nem sequer a emissora de números era suficiente para o recuperar. Costumavam ser como ele — desejosos de comunicar com operadores estrangeiros e fascinados

por todas as estranhas e maravilhosas transmissões existentes por aí. Durante anos, tinham muitas vezes preferido ficar em casa ao pé dos rádios, à espera de que alguma coisa excitante acontecesse no ar, em vez de irem socializar. Mas quando finalmente, contra todas as probabilidades, isso acontecera, eles não queriam dar-se ao trabalho de ligar o rádio. Karl estava desconsolado. Abriu a boca, depois fechou-a de novo, sem vontade de ouvir as respostas deles. Seria ainda pior ouvi-los confirmar que ele era o único sobrevivente no mundo radioamador. Se o abandonassem, não teria ninguém. Nem uma só pessoa.

— Olha! — Börkur apontou para a casa ao lado. — Está ali alguém a observar-nos.

Através da cortina, conseguiam ver uma figura a olhar o carro deles. Nada de estranho acerca disso e nada a temer, mas Karl não deixou de sentir um arrepio na espinha. O ambiente no carro tornou-se ainda mais pesado.

A ideia de ir ver a casa de Elísa ocorrera-lhes, vinda do nada, depois de saírem do cinema. Primeiro, iriam até à casa dela e, depois, passariam pela casa da mulher cujo número de identificação fora acrescentado à lista da última emissão. Não viviam assim tão longe uma da outra. Mas ao ver aquela figura misteriosa a observá-los, Karl interrogou-se se isto teria sido uma boa ideia. O vizinho coscuvilheiro podia confundi-los com ladrões a estudar o sítio, e chamar a Polícia. Perguntou-se se a sua matrícula seria visível àquela distância. Não, provavelmente não. Karl conseguia pensar em muitas coisas que gostaria de fazer em vez de visitar uma esquadra de Polícia. Como precaução, era melhor esvaziar o cinzeiro que continha a prova dos charros dessa noite. Sentiu um gosto amargo na boca ao lembrar-se do cheiro pungente que agora havia na cave da casa.

Karl pôs o carro a trabalhar.

— Vamos embora. Não há nada para ver aqui. Não sei do que estávamos à espera. A mulher é uma completa desconhecida; eu não precisava de ver a casa dela para confirmar isso.

Borkur deixou-se cair no assento enquanto Karl acelerava para longe dali, mas isso não o calou.

— Vamos passar pela casa da outra mulher. Já que viemos até aqui, nunca se sabe se não consegues reconhecê-la. Talvez possamos vê-la e ela, afinal, pertença ao Departamento de Química. E ficas a saber que a emissão é uma brincadeira de faculdade.

— Brincadeira de faculdade?

Halli não tirava os olhos da estrada. Pela maneira como ignorava deliberadamente Karl, era óbvio que ainda estava amuado.

— Sim, uma brincadeira de estudante. A festa do departamento não vai ser por estes dias?

— Não. Foi antes do Natal.

Ao passar pela casa do vizinho, Karl arrependeu-se de não ter virado e ido pelo outro lado. Se o observador na janela não conseguira ler a matrícula antes, ele ou ela conseguiria agora. A figura voltou-se para segui-los com o olhar e ele carregou no acelerador.

Se ele pulverizasse a cave com limpa-vidros, talvez isso disfarçasse o cheiro a ganza.

— Isto não tem nada a ver com o Departamento de Química.

Ástrós Einarsdóttir, a proprietária do novo número de identificação, não permitia acesso público à sua página de Facebook e as únicas fotografias dela online eram velhas e desfocadas. Se estava matriculada na universidade, deveria ser uma estudante mais velha porque já tinha sessenta e cinco anos. Não havia ninguém tão velho nas aulas dele. A não ser que estudasse a partir de casa ou num departamento diferente. As fotografias dela tinham demasiado grão para que Karl pudesse dizer se a vira antes. Não ajudava o facto de ela ter uma daquelas caras que se esquecem logo. Era tão memorável quanto aquele carro.

— Uou!

Börkur, que estava sem cinto de segurança, embateu contra a porta quando Karl virou para a estrada principal sem abrandar. Queria sair dali tão depressa quanto possível.

— Vá. Passa pela casa da outra mulher. Mal não vai fazer.

A não ser que se deparassem com outro vizinho abelhudo, que também

poderia fazer queixa deles à Polícia. No entanto, Karl obedeceu. Pelo menos Börkur ainda falava com ele: não iria aguentar voltar para casa com os dois amigos amuados. Preferia acabar esta noite desastrosa em boa onda. Assim talvez conseguisse dormir à noite, em vez de ficar acordado, a pensar no seu futuro solitário.

— Ok, ok. Mas não vou bater-lhe à porta. Não faz sentido.

— Podias ao menos tentar.

Pelo espelho retrovisor, Karl viu Börkur cruzar os braços e virar a cabeça para olhar pela janela lateral, como se fosse uma criança mimada a quem recusaram uma ida à loja de doces.

Karl não respondeu e o silêncio instalou-se outra vez. Felizmente, não iam longe, mas Karl ligou o rádio para aliviar a atmosfera tensa. Passava uma canção sentimental sobre amizade eterna. Porra. Não havia como mudar de estação porque isso só chamaria a atenção para a infeliz coincidência.

A canção não acabou até eles chegarem à morada da outra mulher. Karl estacionou na curva.

— Pronto. E agora?

Inclinou-se para a frente para ter uma melhor visão através do para-brisas. A casa, uma espécie de vivenda com dois apartamentos, estava iluminada por luzes de Natal que ainda ninguém tirara. Ao googlá-la, eles tinham descoberto que Ástrós vivia em cima — aparentemente sozinha, porque não havia outros números registados naquela morada. Além disto, não sabiam nada dela.

Halli e Börkur tinham sido pouco úteis depois de ouvirem a emissão de números. Quando Halli acordara sobressaltado com a música de abertura, parecera distraído. Se Karl não o conhecesse melhor, diria que Halli estava envergonhado por ter adormecido. Mal dissera uma palavra, limitando-se a ouvir sem participar na conversa. Börkur compensara isto em excesso, falando tanto que Karl mal conseguira anotar a emissão dessa noite e o novo número de identificação. Quando a enumeração terminara, tinham tentado e falhado em arranjar uma explicação plausível para aquilo. Börkur achou divertido; uma aventura inesperada para quebrar a monotonia da vida deles. Para Halli, parecia

ser um embaraço que era melhor ignorar, enquanto para Karl era um mistério irresistível que o envolvia pessoalmente.

O que é que pode ser mais pessoal que o nosso número de identificação?

— Está alguém em casa. A luz acabou de se apagar lá em cima.

Na sua excitação, Halli esqueceu-se do mau feitio. Abandonara o seu comportamento ausente mal chegaram ao cinema, e agora parecia recuperar da altercação com Karl.

— Achas que é ela?

Börkur enfiou a cabeça entre os lugares e perscrutou a casa. Enquanto se mexia para ter uma perspetiva melhor, o pé bateu num objeto solto e ele baixou-se.

— O que é que andas a fazer com isto? — Mostrou um telemóvel. — Era da tua mãe? Estava no chão.

O telefone tinha uma capa brilhante.

Karl pegou nele e revirou-o nas mãos. Nunca o tinha visto. O telefone da mãe, que ainda estava pousado na mesa de cabeceira dela, não era tão sofisticado.

— No chão? Não faço ideia de quem seja. — Tentou ligá-lo, mas estava sem bateria. — Talvez uma das amigas da minha mãe o tenha deixado cair.

O telefone devia ter deslizado de debaixo do banco quando ele carregara no acelerador. Podia estar ali há meses.

— A tua mãe tinha amigas boazonas?

Börkur baixou-se novamente e, desta vez, tirou um par de cuecas femininas. Um fio dental rendado e vermelho. Nunca poderia ter pertencido à mãe de Karl. Karl tirou-lho da mão, ligeiramente corado quando os dedos tocaram no delicado material. Era como tentar agarrar uma teia de aranha ou ar rarefeito.

Halli desatou a rir, mas o seu divertimento inicial desapareceu rapidamente.

— Tens uma namorada e não nos disseste? Não quero ser grosseiro com a tua mãe, mas não há hipótese de isto ser dela ou das amigas. Já as vi e não eram capazes de puxar isto acima dos joelhos.

— Não tenho namorada. — Karl pousou com cuidado o fio dental e o

telefone ao lado. — Não faço ideia de a quem possam pertencer ou o que é que fazem aqui no carro.

— Devem estar aqui desde a altura em que a tua mãe ainda usava o carro. — Börkur pegou no telefone. — Tenho um carregador em casa que serve neste modelo. Queres que o carregue e descubra de quem é?

Halli olhou para Karl como se estivesse à espera de que ele declinasse a oferta com medo de que a namorada secreta fosse descoberta. Sorriu ligeiramente quando Karl agradeceu a Börkur e o deixou meter o telefone no bolso.

As luzes apagaram-se noutra janela do andar de cima. E numa terceira. Devagar, mas sem parar, todas se apagaram. No mesmo instante, as notícias da rádio começaram a dar.

«A Polícia ainda se recusa a revelar quaisquer pormenores sobre a morte de uma jovem mulher, na passada quinta-feira. Segundo fontes, o incidente está a ser tratado como crime. O corpo da mulher foi descoberto em casa, onde ela estava sozinha com os três filhos enquanto o marido se encontrava no estrangeiro. Não existem evidências de droga ou abuso de álcool. O comissariado de Polícia irá fazer uma declaração amanhã de manhã.»

Karl engoliu. Não queria estar ali nem mais um minuto. Sentiu-se a sufocar dentro do carro e abriu a janela até abaixo para deixar entrar algum ar fresco. De repente, a cabeça começou a doer-lhe como se tivesse sido atingido com um martelo. Rodou a chave na ignição e arrancou. Não podia ter a certeza, mas, quando saiu da rua, pareceu-lhe ouvir um grito débil. Nem Halli nem Börkur deram sinais de o notar, por isso Karl guardou isto para si.

Quando finalmente conseguiu adormecer nessa noite, o grito ainda ecoava na sua cabeça.

# 14.

AS PIPOCAS ESTAVAM MUITO SALGADAS. Ástrós levantou-se várias vezes para encher o copo de água, o que lhe interrompia a concentração. Perdera o enredo e só possuía uma vaga noção de como as pessoas no ecrã estavam relacionadas ou quem é que fizera o quê a quem. Os atores, todos muito parecidos, não ajudavam, com os seus enormes dentes brancos a iluminar o ecrã de cada vez que sorriam; as mulheres, todas elas jovens e com rostos semelhantes a máscaras lindíssimas e inexpressivas; os homens demasiado velhos para justificarem o interesse das mulheres jovens. Ela sentia falta de Geiri. Ele deveria estar ali sentado ao seu lado, a adormecer sempre que havia uma pausa na ação ou quando ela passava demasiado tempo a reclamar que as personagens femininas só ali estavam para disputar a atenção dos homens.

Ástrós pegou no controlo remoto e baixou o som dos anúncios. Pareciam sempre mais ruidosos do que os programas, como para garantir que ninguém os falhava. Talvez fossem horas de ir para a cama e insistir com o livro que tentava acabar. Não sentia qualquer interesse pelo destino dos personagens bidimensionais que estavam tão ocupados a enganarem-se uns aos outros na televisão. Por ela, muitos deles podiam acabar sozinhos ou mortos na sarjeta.

A temperatura descera e ela foi fechar as cortinas da grande janela da sala de estar. Ao aproximar-se, sentiu o frio a atingi-la e a sua pele arrepiou-se. Ficou um pouco mais quente quando as grossas cortinas ficaram bem colocadas, cortando a corrente de ar e a visão do mundo gelado lá fora. Ástrós dera uma espreitadela à rua deserta. Claro que não havia ninguém lá fora com este tempo.

Não estava a nevar, mas um vento cortante soprava os flocos de neve soltos em cima dos passeios e do asfalto gelados.

Arrepiou-se e fechou todas as frestas entre as cortinas. Com alguma sorte, o tempo estaria melhor no dia seguinte. Estava na altura destas impiedosas frentes frias irem assombrar qualquer outra parte do mundo.

Os anúncios deram lugar a trailers de programas futuros. Isto não ajudou a melhorar a depressão induzida pelo frio e pela solidão. Era melhor desistir. Ástrós foi verificar que a porta da varanda estava trancada e fechou também as respetivas cortinas. Ainda não se aventurara a sair para a varanda desde que preparara o canteiro para o inverno, retirando as flores de verão secas e um pequeno tufo de ervas daninhas que estava a brotar da terra. Não havia necessidade de verificar a porta, mas fê-lo por hábito. Apesar da sua formação científica, tinha um medo supersticioso de que algum perigo inexplicável pudesse acontecer se não verificasse a porta. Não valia a pena tentar racionalizar para afastar este sentimento. Era como o medo do escuro, que a afligira quando era criança e regressava agora que estava sozinha. Quando Geiri estava ali, não pensava nisso; mal as luzes se apagavam, o calor da presença dele afastava qualquer medo quanto ao que poderia estar escondido em cantos escuros.

Ástrós sobressaltou-se com o que lhe pareceu um movimento no exterior. Largou as cortinas. O coração batia-lhe no peito. Lembrou-se da consulta que marcara no médico, para ver se precisava de comprimidos mais fortes para a sua tensão arterial, e isto aumentou-lhe ainda mais a pulsação. Não queria um ataque de coração. Viu o seu reflexo no vidro: o pijama velho a ver-se por baixo da bainha do seu roupão sujo; o cabelo cinzento, que estava tão bem quando acabara de o arranjar, estava agora espetado e revolto. Os olhos esbugalhados quase perdidos no meio de mais rugas do que era justo que uma cara tivesse. Estava impressionada pela visão das bochechas descaídas e da prega de pele, semelhante à de um peru, que lhe ia do queixo ao pescoço. O que é que lhe acontecera à cara? E ao corpo? O roupão apertado na cintura só realçava a sua figura sem formas, acrescentando vários quilos onde ela menos podia suportá-los.

Ástrós recompôs-se. Não adiantava render-se a queixas vãs sobre a sua aparência, quando a escolha era envelhecer ou morrer. Os seus pensamentos recaíram nas estranhas mensagens telefónicas e na visita prometida. A pessoa em questão não aparecera nem mandara uma mensagem a cancelar. À medida que o dia fora passando, deixara de pensar nisso, guardando o bolo que tirara do congelador e esvaziando o café do termos. Não iria bebê-lo tão tarde e correr o risco de passar a noite em branco. Não que interessasse se dormia ou não; não havia nada de interessante para fazer de manhã. Era a ideia de ficar deitada no escuro, a olhar inutilmente para o teto, que fazia de tudo para evitar. Era estranho como os problemas pareciam tão irresolúveis à noite. As mínimas questões ganhavam força na escuridão. No momento em que começava a clarear, diminuíam e tornavam-se novamente suportáveis.

Nada se mexia na varanda a não ser a rodopiante neve que se acumulara num canto. Ástrós sentiu o batimento cardíaco regressar ao normal e, de repente, tudo lhe pareceu melhor. Ao afastar-se da janela, reparou que o seu reflexo já não parecia uma ofensa tão grande à sua autoestima. Suspirou e uma pequena nuvem formou-se no vidro, desaparecendo logo a seguir. O terrível drama televisivo devia tê-la afetado mais do que ela se apercebera. A dada altura, um homem rastejara debaixo dos arbustos ao longo da parede de uma casa, até encontrar uma janela por onde entrar. Depois, estrangulara uma das lindíssimas mulheres com as mãos enluvadas. O rosto da mulher morta, caída no chão, continuava tão imaculado como quando ela estava viva. Ástrós duvidava que ela mesma desse um cadáver tão belo. Irritada, puxou as cortinas diante da porta.

O programa retomou depois do intervalo comercial. Ástrós lançou mais um olhar à varanda, afastando as cortinas para surpreender algum potencial ladrão, mas não havia nada para ver. Devia ter sido lixo a voar. Apesar de um homem ágil poder trepar até ali com facilidade, era improvável que um ladrão se desse a esse trabalho. O drama já perdera todo o charme. Ástrós entrou na casa de banho, deixando a televisão ligada para evitar ser rodeada pelo silêncio enquanto se preparava para ir para a cama. Talvez conseguisse ouvir o que acontecera àquelas pessoas bonitas, mas o zumbido da escova de dentes elétrica abafava-

lhes as conversas.

Quando ouviu um barulho estranho, não lhe ocorreu que fosse outra coisa que não outro anúncio — sobre seguros domésticos, desta vez. Por isso, teve um enorme choque quando saiu para o corredor e viu uma figura escura a aproximar-se, o braço levantado para atacar. Nem teve tempo de gritar. O grito ficou preso na garganta enquanto a pancada lhe acertava no pescoço.

Quando Ástrós recuperou a consciência, estava sentada meio erguida. Não conseguia abrir os olhos. As mãos procuravam a cara. Sentia-se a explodir, como se a cabeça tivesse sido posta num torno. Mas os seus dedos trémulos só conseguiam sentir um tipo de textura suave e fria, cobrindo-lhe metade da cara, do meio do nariz até à testa. Passou as mãos pela cabeça, mas não conseguia tirar aquilo; raspou com as unhas nas faixas que tinham sido postas com várias voltas. Arranhar foi inútil; só fez com que a testa e as bochechas dela picassem. Parecia que uma máscara lhe fora colada à cara.

E foi nesse momento que a mão direita dela foi puxada da cabeça e ela sentiu um objeto familiar a ser forçado no punho. Era um lápis. A mão foi brutalmente posta em cima de uma folha de papel numa mesa diante dela. Percebeu que estava na cozinha. Podia dizer pela sensação familiar da cadeira e o vago cheiro a caril dos restos do dia anterior que ela aquecera para jantar.

— Faz as contas.

— O quê?

A voz falhou-lhe, mas para sua grande surpresa, soou mais perplexa do que temerosa. O que é que estava a acontecer? O pescoço torturava-a e ela lembrava-se de ter recebido uma pancada. Aliás, doía-lhe o corpo todo; o homem devia tê-la arrastado violentamente para a cozinha.

— Faz as contas, foda-se. És muito boa nisso, não és?

Era uma vez masculina, estranhamente indistinta, como se ele tivesse alguma à frente da boca, mas talvez isso fosse por causa do que quer que estivesse a tapar-lhe os ouvidos a ela. Ástrós não reconheceu a voz, mas podia dizer que o homem estava possesso de raiva; a voz tremia de ódio. A pressão na cabeça dela aumentou e Ástrós sentiu-se a perder a consciência outra vez. Só conseguia

pensar que isto estava destinado a acabar mal. A única questão era quão depressa. Quanto tempo seria suficientemente rápido? Vinte minutos? Dez? Cinco?

Ástrós fungou e tentou ser prática. Se não fizesse um esforço, seria ainda pior.

— Contas? Quais contas?

Como é que poderia fazer algum cálculo, se não conseguia ver? Deveria pedir ao homem para lhe destapar os olhos? Não, era melhor não ver a cara dele. Isto suscitou uma centelha de esperança: o facto de ele a ter vendado sugeria que não tencionava acabar com ela de vez.

— Faço todas as contas que quiser. Diga-me quais.

— Probabilidade. Calcula-me uma probabilidade.

Ástrós sentiu-se fraca. Do que falava o homem? Probabilidade? Talvez se tivesse enganado na casa.

— Não sou matemática. Nem estatística. Sou professora de Biologia. Reformada.

A boca dela estava tão seca que doía, mas implorar por água seria provavelmente inútil.

— Eu disse, calcula a probabilidade.

— De quê? — Ástrós sentiu as pálpebras a picar com lágrimas não derramadas debaixo daquele invólucro horrível. — Não consigo calcular probabilidades ao acaso.

— És tão esperta. Mostra-me como é que, se existem duas possibilidades, tu só te focas na probabilidade de uma delas acontecer. Ignora a outra, apenas. Aposto que achas isso bem fácil, não achas?

O coração e os pulmões dela pareciam encolher. Falhou-lhe a respiração, estava quase a desmaiar. O que é que o homem queria que ela calculasse? O que ele queria que ela provasse não fazia sentido.

— Não posso calcular isso. Não é uma equação possível. Não sei o que é.

O lápis mexeu-se e ela esperava que ele não visse a linha que estava agora sobre a página como um erro imperdoável.

— Tu é que vais dizer-me.

Ástrós estava silenciosa. Não se atrevia a falar com medo de o provocar mais.

— Vá lá, faz as contas.

Os dedos dela tremeram e quase que deixou cair o lápis quando começou a rabiscar números. Tentou visualizar o papel e símbolos. Não queria desenhá-los uns por cima dos outros e arriscar outro erro. 1/10 + 9/10 = 1. Só conseguia pensar nisto. Desistindo da tentativa, humedeceu os lábios secos. Daria tudo para conseguir ver. A incerteza de onde ele estava, o que fazia e se estava prestes a agredi-la de novo era insuportável. Tentou encolher-se o mais possível para se preparar para os golpes que iriam chegar.

— O que é que isso quer dizer?

Em vez de lhe bater, o homem agarrou-lhe violentamente no cotovelo.

— A probabilidade de acontecimentos mutuamente exclusivos com hipóteses de um em dez mais nove em dez é de cem por cento. — A dor na garganta dela aumentava a cada palavra. Esperava ter-se feito entender.

— Mutuamente exclusivo? Mas do que raio estás a falar? Pedi-te que demonstrasses porque é que devias apenas focar-te numa de duas possibilidades quando estás a calcular a probabilidade. Pensei que sabias desses assuntos.

Isto despertou-lhe uma ideia vaga. Estaria ele no lugar certo, afinal? Mas como é que este disparate podia despertar-lhe ideias?

— Não. — O nariz dela pingava. Percebeu que estava a chorar, apesar de as lágrimas não terem sítio para onde irem. — Não estou familiarizada com nada disso. É uma afirmação falsa.

— Digamos que a probabilidade de um resultado negativo seja de um em quatro. Isso não quer dizer que a probabilidade de isso não acontecer é de três em quatro? O que é mais provável? O resultado negativo ou o positivo? Um em quatro. Três em quatro.

O homem calou-se. Ástrós sentiu-o ao lado dela, depois ouviu-o mover-se por trás dela para o outro lado. Como tal, não foi um choque quando ele lhe sussurrou ao outro ouvido:

— Ou um em dez. Nove em dez.

Foi surpreendida pelo quão gelado ele era quando lhe tocou com a cabeça na pele da nuca. Nenhuma respiração, quente ou fria, acompanhara o sussurro. Os últimos pedaços de pensamento racional abandonaram-na com a ideia de que o homem pudesse estar morto. O que mais poderia explicar a carne gelada e a falta de respiração? Sentiu-o a afastar-se. O que ouviu de seguida gelou-lhe o sangue: o barulho familiar de gavetas a abrir e o chocalhar de utensílios de aço da cozinha. As gavetas estavam cheias de facas, tesouras, pinças de salada e outros instrumentos que podiam ser usados para infligir dor.

O barulho do metal aumentou, à medida que o homem remexia na gaveta à procura do utensílio certo. Ela deixou escapar um patético queixume, que levou com ele as suas últimas reservas de coragem. Estava indefesa, impotente para resistir às investidas daquele louco. Quão ridícula fora a esperança de que isto poderia acabar bem. O homem atirou uma data de objetos para cima da mesa. Ástrós tentou não pensar em quais é que ele julgava precisar e o que tencionava fazer com eles. Em vez disso, pensou desesperada no que quereria dizer a declaração demente dele sobre probabilidade.

— Faz as contas.

Ástrós hesitou.

— Mostra-me como é que fazes. Que a probabilidade de um resultado positivo é mais baixa que a de um resultado negativo. És perita nisso.

Enquanto ela gatafunhava desesperadamente números arbitrários na página, uma memória começou a surgir. Seria possível? Poderia haver ali uma relação? Parou de escrever. Se estivesse certa, talvez conseguisse dar a volta ao homem. Valia a pena tentar. A tremer, pousou o lápis com cuidado. A voz tremia, a garganta doía e a boca estava seca.

— Uma em quatro é uma percentagem mais baixa do que três em quatro. Uma em dez é mais baixa que uma em nove. Mas não se segue que uma em quatro e uma em dez seja igual a zero. Depende do contexto se o número for considerado grande ou pequeno. Por vezes, uma em quatro pode ser considerada uma probabilidade muito alta. Uma em dez também.

O homem soltou um rugido e Ástrós encolheu-se de medo. Não tinha como evitar o golpe que a atingiu, fazendo a cabeça zumbir. Depois, tudo se aquietou. Os passos dele afastaram-se e, aguçando o ouvido, ela ouviu-o mexer nos interruptores da sala. Incapaz de ver, não conseguia lembrar-se de como deixara a sala, pelo que não estava certa de se ele estava a acender ou a apagar as luzes. O som da televisão foi subitamente aumentado. Ástrós sentiu o pulso acelerar. Aquilo devia destinar-se a abafar outros sons; os gritos dela. Poderia ele estar enganado? Não haveria uma hipótese de os vizinhos de baixo virem queixar-se do barulho?

Um pequeno raio de esperança surgiu através da dor, da escuridão e do terror. Os vizinhos. Se, ao menos, conseguisse escapar do apartamento, eles poderiam salvá-la. Não teria de ir longe para alertá-los. Só precisava de conseguir sair dali. Tendo vivido ali durante décadas, conseguia encontrar o caminho às cegas.

Apoiando-se no tampo da mesa, Ástrós pôs-se de pé. Começou a percorrer o seu caminho ao longo da mesa na direção da porta da cozinha.

— Onde é que achas que vais, génio da matemática? «Probabilatista» autonomeada.

Ástrós arfou e virou a cabeça, apesar de saber que não iria ver nada. Sentiu um impulso pedante de comentar que a palavra «probabilatista» não existia, mas não teve oportunidade. Foi arrastada de novo para a cadeira e a cabeça puxada para trás tanto quanto era possível. Dedos de couro abriram-lhe tanto os maxilares que pensou que fossem partir-se.

Sentiu o sabor de metal. Um objeto duro foi-lhe enfiado na boca e pela garganta abaixo. Mesmo pela garganta. Notou um cheiro químico enquanto lutava para não se engasgar, depois o homem começou a enrolar-lhe alguma coisa à volta dos maxilares e da boca. Era fita adesiva. Fita adesiva forte, destinada a fixar o objeto de metal no sítio.

O homem soltou-a e ela lutou por ar quando ouviu um estalido. Ele estava a ligar alguma coisa. Depois, ele aproximou-se e ela ouviu o clique de um botão enquanto ele lhe sussurrava ao ouvido:

— Está perfeito para ti. — Fez uma pausa e depois acrescentou: — Vai

acabar depressa.

Mas era mentira.

# 15.
# Segunda-feira

Os papos debaixo dos olhos de Huldar estavam mais pronunciados do que nunca; ele pensou que se olhasse para baixo conseguiria vê-los. Ríkhardur estava sentado à frente dele, na cadeira raramente usada por visitantes. Evitava o olhar de Huldar, como se não quisesse enfrentar uma visão tão maltrapilha logo pela manhã. Ele próprio estava tão composto como sempre, com um leve cheiro a pasta de dentes misturado com aftershave. Huldar não conseguiu evitar uma pontada de satisfação ao notar uma pequena mancha de pelos na bochecha de Ríkhardur, que lhe tinham escapado enquanto se barbeava.

Era a segunda vez que notava uma falha na aparência dele. Era tão pouco comum. Talvez tivesse deixado a mancha de propósito, como arquitetos de séculos passados deixavam pequenos defeitos nos seus edifícios para não ofender Deus, porque apenas Ele era perfeito.

Mas claro que a verdade era que, com tudo o que estava a acontecer no trabalho e na sua vida privada, Ríkhardur não tinha tempo para andar tão impecável quanto antes. Huldar considerou deprimente ver estes sinais exteriores do seu sofrimento, apesar de ele fazer de tudo para não o mostrar. Não ajudava que tivesse sido parcialmente culpado pelo falhanço do casamento do parceiro. A sua *schadenfreude* sobre a mancha de pelos deu lugar a ansiedade; e se Ríkhardur quebrasse sob pressão, tal como o diretor dos RH avisara que poderia acontecer? Não podiam funcionar sem ele na equipa de investigação.

— Não pensaste em tirar uns dias de licença?

Huldar atirou as palavras sem parar para pensar. Ríkhardur ficou claramente surpreendido.

— Uma licença? Agora?

Soou como se ele praguejasse.

— Só uma sugestão. Sabes que tens direito a alguns dias. Recebi um resumo das férias do departamento e tu tens uma quantidade ridícula de dias para tirares. Não queremos que apanhes gripe ou que fiques exausto por excesso de trabalho. Era melhor se tirasses uns dias agora, em vez de teres de tirar várias semanas se adoeceres.

Talvez o diretor dos RH estivesse enganado. Não seria melhor para Ríkhardur afundar-se em trabalho do que ficar em casa, a lamentar-se por aquilo que perdera? Devia ser uma sensação estranha, a de vaguear sozinho pela casa que até recentemente partilhara com Karlotta. Ultimamente, até Huldar dera por si a pensar que estava farto de acordar sozinho. Mas não nessa manhã. Qualquer mulher teria feito as malas ao acordar com um homem com tão mau aspeto. Os seus pensamentos voltaram a Freyja e em como fizera asneira. Porque é que não lhe dissera a verdade? Não teria interessado sobre o que falaram naquela noite — o barulho no bar abafara todas as palavras e ela não teria ouvido o que ele fazia na vida. Mas não. Em vez de acordar ao lado dela e de admitir a verdade — culpando a bebida talvez —, escapara-se como um idiota. Seria muito mais difícil voltar a cair nas boas graças dela.

A cara de Ríkhardur contorceu-se numa careta.

— Não, obrigado. Não tenho qualquer intenção de tirar férias.

— Boa. Prefiro não perder as tuas capacidades, mas sou obrigado a chamar-te a atenção para todos estes dias que tens acumulados.

Ríkhardur assentiu e fez um gesto como se lhe apetecesse atirar as férias pela janela para a grande extensão da baía de Faxaflói.

— Estou num beco sem saída — disse. — Qualquer ângulo que tente, só encontro vazios. Se há algo, a solução parece ainda mais remota do que no início. Nem a Elísa nem o marido tinham segredos sujos, por aquilo que descobri, nem pisaram os calos de ninguém, nem estavam envolvidos em

qualquer conflito… Isto segundo os amigos, vizinhos e colegas de trabalho. Estou a chegar à conclusão de que ela foi escolhida ao acaso ou o assassino se enganou na pessoa. O que não é bom para a próxima vítima. Se é que existe outra vítima.

Ficaram em silêncio. Huldar sentia acidez no estômago. Tentara afastar o pensamento de que poderia não apanhar o assassino, mas este estava a tornar-se mais insistente. Sempre que vinha à tona, a ideia parecia ganhar força e tornar-se mais difícil de negar. A somar a isto, havia a preocupação de o próximo assassínio poder estar prestes a acontecer, com Huldar e a sua equipa impotentes para impedi-lo. De cada vez que o telefone tocava, sentia um aperto no peito, que só aliviava quando percebia que não era alguém a comunicar a descoberta de um segundo corpo. O seu maior desejo agora era que a rapariga estivesse enganada.

Ainda por cima, ficara sem pastilhas elásticas de nicotina. Fora necessário um esforço sobre-humano para permanecer calmo enquanto os subordinados lhe pediam conselhos sobre vários aspetos da investigação. Só se passara uma vez, quando a Internet fora abaixo e afinal os informáticos tinham-se esquecido de os informar de uma atualização do sistema. Naquele momento, se houvesse uma tabacaria nas redondezas, ele teria perdido a cabeça e recomeçado a fumar. Mas não havia, e ele optara por partir vários lápis e gritar obscenidades para o teto.

— E a rapariga? Conseguem sacar mais informação dela? A descrição do homem preto com a cabeça gigante não é grande ajuda. — Ríkhardur percebeu que estava a dar palpites e sentou-se direito.

— Não sei. O problema é que agora ela é a nossa única esperança. Se não a tivéssemos, estaríamos ainda pior. — A acidez voltou novamente ao estômago de Huldar. — Ela poderá ser muito útil se apanharmos este gajo. Há a hipótese de ela lhe ter visto a cara fora da casa… assumindo que não estava a imaginar coisas, como o pai parece acreditar.

Ríkhardur franziu a testa, talvez por causa do pai ou pela ideia do assassino no jardim.

— A Erla falou disso. Espero que tenhamos a hipótese de verificar o

depoimento dela. Dava-nos jeito uma pista.

— A quem o dizes.

Huldar conteve um gemido. As provas não estavam a aumentar. A fita adesiva não revelara nada, apesar de haver mais do que a necessária, e eles nada tinham tirado das amostras biológicas. Ainda por cima, as imagens do circuito de vigilância do multibanco mostravam a estrada secundária do bairro de Elísa e inúmeros carros a passarem, mas nenhuma matrícula era legível e Ríkhardur não vira nada de útil quando passara a pente fino a filmagem do período durante o qual eles assumiram que o assassino devia ter entrado ou saído. Quanto às mensagens codificadas, parecia que iriam continuar a ser um livro fechado; não tinham recebido quaisquer dados da Interpol sobre maneiras possíveis de decifrá-las… assumindo que eram um código, claro.

— Não está na altura de interrogar a Margrét da forma normal?

Até então, Ríkhardur abstivera-se de exprimir uma opinião sobre o envolvimento da Children's House, ao contrário do resto do departamento que estava dividido em dois campos, a favor e contra. Os a favor estavam em minoria. Entre aqueles que não se esforçavam por esconder a reprovação estava Erla. A observação da segunda entrevista não contribuíra para que mudasse de opinião.

— Não. Quero continuar assim. Tenho medo de que a rapariga se desfaça em pedaços se lhe pusermos mais pressão em cima. É melhor fazer mais uma tentativa.

O gabinete era demasiado pequeno para ser partilhado por dois adultos por qualquer que fosse o período de tempo. Huldar abriu a janela. Entrou ar fresco, dispersando o atabafamento e revigorando-o um pouco. Voltou-se para Ríkhardur, sentindo-se mais positivo.

— Estão a pensar ficar com a rapariga durante a investigação.

Ríkhardur abanou a cabeça.

— O quê?

— Pois é. Vamos ver o que sai dali. Por acaso, acho que é uma boa ideia. Um dos jornais já topou o envolvimento dela. Querem contar a história para terem a

certeza de que têm o furo. Por algum milagre, conseguimos assegurar um adiamento e o artigo está suspenso por agora, mas duvido que seja por muito tempo. O resto dos media também vão perceber, mais cedo ou mais tarde.

— Quem é que se desbroncou?

Huldar encolheu os ombros.

— Sei lá. Muitas pessoas sabiam. Aqui no D.I.C., na Children's House, na família mais alargada, no Departamento de Anatomia Patológica do hospital, na Comissão de Proteção de Menores. É incrível como é que não houve logo uma fuga de informação. Não preciso de te dizer o quão difícil é manter segredos numa sociedade pequena como esta, mas veremos o que acontece. De qualquer forma, como estava a dizer-te, estão a considerar acolhê-la e disseram-me que não seriam necessárias medidas tão drásticas se a investigação estivesse a fazer progressos. — Huldar sorriu tristemente. — Vamos rezar por um avanço antes de eles tomarem a decisão final.

— Não tenhas muitas esperanças.

Huldar sentiu-se subitamente invadido por raiva e frustração. Tentou disfarçar o facto, mas o silêncio tenso incentivou Ríkhardur a ir-se embora. Mal tinha saído, apareceu uma outra pessoa.

— Estão aqui todas as mensagens, emails, fotografias e coisas do Facebook que consegui encontrar nos últimos seis meses. Filtrei tudo o que me pareceu irrelevante. Se quiseres, posso ir ainda mais atrás. — Almar entregou a Huldar um cartão de memória. O seu olhar pousou sobre os lápis partidos e depois desviou-se. — Tens aí uma enorme quantidade de dados.

— Úteis? — Huldar fez um esforço para suavizar a expressão dura que tinha na cara desde que a Internet fora abaixo. — Alguma coisa que possa levar-nos ao assassino?

— Não tenho a certeza. Houve muita coisa que ignorámos na primeira observação, mas nada de muito gritante. Mas também os nossos olhos tendem a distrair-se depois de lermos uma centena de atualizações de estado.

Almar agitou os pés de uma forma constrangida. Era um dos membros mais novos do departamento. A sua invulgar perícia em IT chamara a atenção dos

superiores na Polícia normal, que tinham recomendado a transferência. No entanto, os rumores diziam que a verdadeira razão para a mudança era que Almar não era feito para o trabalho de polícia. Licenciara-se na Academia com as notas mais baixas possíveis em todas as áreas relacionadas com operações e manobras físicas, mas conseguia aumentar a média com a sua ótima prestação em assuntos mais académicos.

No entanto, estava a adaptar-se bem no D.I.C, apesar da tendência para o alheamento e da compreensão lenta, que irritava alguns dos colegas. Em parte, isto devia-se ao hábito de Almar de andar de um lado para o outro com auriculares nos ouvidos, escutando apenas uma fração do que se passava à sua volta. A tentativa de Egill de o repreender surtira pouco efeito, tendo acabado ambos a estudar uma nova aplicação que Almar descarregara para o telefone.

Ele retirara educadamente os auriculares ao entrar no gabinete de Huldar.

— Dividi-o em duas pastas: a «A» contém material que pode ser importante; a «B», coisas que não devem interessar. Como disse, filtrei tudo o que era obviamente irrelevante.

— Por exemplo?

Era impossível adivinhar o que Almar considerava irrelevante.

— A pasta das coisas não importantes contém, por exemplo, emails de viúvas de generais nigerianos, mailings de lojas online, publicidade, avisos das escolas das crianças e por aí em diante.

Almar ganhou fôlego para continuar, mas Huldar interrompeu-o:

— Ótimo. Vou dar uma vista de olhos. E as SMS? Estão aqui também?

Os olhos de Almar esbugalharam-se quando ele arqueou as sobrancelhas.

— Não. Isso foi um bocado estranho. O telefone que me deram estava cheio de mensagens até há dois meses. Mas é como se ela não tivesse recebido ou mandado nenhuma SMS depois disso. Talvez o telefone tenha avariado.

— Hã? — Huldar endireitou-se. — Tens a certeza de que era o telefone que ela usava?

— Bom, tinha lá dentro um cartão SIM, por isso assumi que era. Deram-mo juntamente com o computador fixo e o portátil, e disseram-me que eram as

coisas dela. Ninguém me falou de um segundo telefone.

— Talvez não exista nenhum. — Huldar passou a mão pela cabeça e suspirou. — E chamadas? Viste se havia algumas recentes?

— Não vi as chamadas. — Almor pareceu consternado, como se fosse culpado de negligência grosseira. — Disseram-me para analisar fotografias e textos. Mais nada.

Huldar pousou o cartão de memória.

— Que tipo de telefone é?

— Um iPhone 4. — Almar franziu o sobrolho. — É um modelo um bocado antigo, agora que penso nisso.

Huldar não perdeu tempo a responder. Ligou para Sigvaldi, o marido de Elísa, identificou-se, recebeu um cumprimento indiferente do homem e respondeu às perguntas dele sobre o decorrer da investigação. Isto não demorou muito; a única dificuldade foi encontrar uma frase educada o suficiente para explicar que não estava a avançar. Quando o homem começou a reclamar com ele por causa de Margrét, Huldar interrompeu-o:

— A ideia está a ser considerada no interesse da segurança dela. O senhor também concordou com isso. Se mudou de ideias, teremos de aceitar, mas aconselho-o a não tomar decisões precipitadas. Temos razões para estar preocupados com a segurança dela, como tão bem sabe.

— Então, despachem-se e resolvam o crime. — O tom de Sigvaldi subiu e depois baixou. Tossiu, controlou os sentimentos e continuou, soando neutro e vazio. — Têm de ser capazes de o resolver. — Não havia convicção por trás das palavras.

— Iremos resolvê-lo, sim. Prometo-lhe.

Huldar deixou escapar isto antes de ter tempo para pensar. Na secretária diante dele, estava o relatório de Ríkhardur sobre os ferimentos de Sigvaldi. Ele tinha ido às Urgências e falara com o médico que examinara o homem. Segundo este, os ferimentos eram consistentes com a explicação de Sigvaldi. Não tinham sido detetados sinais de luta noutras zonas do corpo. Nada de arranhões nem hematomas que sugerissem que uma mulher desesperada tentara lutar com ele.

No entanto, Huldar pôs um ponto de interrogação no relatório. Sigvaldi era médico e devia conhecer o outro médico que o examinara, apesar de trabalharem em serviços diferentes.

— Na verdade, liguei-lhe por causa de outro assunto. Que tipo de telefone tinha a sua mulher?

— Tinha um iPhone novo. Dei-lho no Natal.

— De que modelo?

— Um iPhone 6.

— Não um 4?

— Não. O antigo era um iPhone 4, mas ela deixou de o usar quando recebeu o novo. — Sigvaldi fez uma pausa. — Porque é que pergunta?

— Afinal, temos connosco o telefone antigo. Teria o novo sido mandado para arranjar?

Enquanto falava, Huldar foi buscar ao servidor um inventário de tudo o que fora retirado da casa de Elísa. Só o velho iPhone estava na lista.

— Não que eu saiba, não. Estava a funcionar quando parti. Liguei-lhe do aeroporto e ela atendeu.

— Estou a ver… Mas havia um cartão SIM no telemóvel antigo. É possível que o novo tenha deixado de funcionar depois do senhor ter saído e que ela tenha transferido o cartão para o telefone antigo enquanto o outro estava a arranjar?

A maioria das operadoras telefónicas costumava emprestar telefones nestas circunstâncias, mas era possível que ela tivesse recusado, por alguma razão.

— Não. Eles levam cartões SIM diferentes. Ela recebeu um novo quando mudou. O cartão novo é muito mais pequeno.

Huldar desligou e voltou-se para Almar, que enrolava nervosamente o fio dos auriculares à volta dos dedos.

— Ela tinha outro telefone. Um iPhone 6. Deixou de usar este há algum tempo. Sabes onde o encontraram?

— Hum, penso que li no documento que o acompanhava que estava na gaveta da cozinha. Juro que não havia menção a nenhum outro telefone.

O olhar de Almar recaiu brevemente sobre os lápis partidos como se a temer

que Huldar pegasse num deles e lho atirasse. Era óbvio que as notícias da explosão dele naquela manhã se tinham espalhado. Ríkhardur tivera o cuidado de não deixar o olhar pousado na secretária mais tempo do que na cara de Huldar. A Almar faltava-lhe o mesmo autocontrolo; os seus olhos vagueavam pela sala à procura de outra coisa que não os lápis partidos para fixar.

— Se houvesse outro telefone, eu tê-lo-ia examinado, claro.

— Não estou a culpar-te. Fala com os gajos que revistaram a casa. Verifica novamente que nenhum outro telefone foi encontrado, depois diz-lhes da minha parte que quero que eles voltem lá e deem outra vista de olhos. Se não aparecer, vamos ter de mandar localizá-lo. Podes tratar disso, não podes?

— Podemos tentar. Mas se estiver desligado, não há muito a fazer. O wi-fi tem de estar ativado ou o telefone tem de estar ligado à rede GSM.

— Então, deixa-me ver se entendi: se, por alguma razão bizarra, o assassino o levou, teria de estar ligado para conseguirmos localizá-lo?

Almar assentiu, envergonhado, como se as limitações da tecnologia fossem, de alguma forma, culpa dele.

— Como se isso fosse acontecer. Mas vê o que dá, nunca se sabe.

Huldar fez sinal a Almar para que saísse e enfiou o cartão de memória no computador. Sentiu um rebate de consciência por não ter sido mais gentil com ele quando percebeu o cuidado que Almar tivera a vasculhar nos dados eletrónicos de Elísa e com que depois classificara a informação. Cada ficheiro na pasta A tinha uma etiqueta que permitia a Huldar ver tudo metodicamente. No entanto, uma vez imerso no material, esqueceu-se logo do rapaz e das suas faces coradas.

A vida de Elísa estava aberta diante dele. Nos últimos seis meses, não houvera um dia em que ela não tivesse estado em contacto com o mundo exterior através do seu computador. Sem dúvida que um quadro semelhante iria surgir quando e se o telefone aparecesse. O volume de mensagens pessoais e emails era absurdo quando comparado com os hábitos dele. Os únicos emails que ele recebia fora do trabalho eram mensagens esporádicas das irmãs, a acusá-lo de nunca ligar ou de outra coisa que ele fizera e que lhes desagradara. Também

gostavam de lhe mandar mensagens sobre presentes de grupo para o crisma de crianças ou aniversários familiares importantes — seguidos de emails zangados quando ele não dava uma sugestão para os presentes.

Elísa não podia ser mais diferente. Adorava todas as mensagens sobre presentes e festas e, por exemplo, respondera a uma sobre uma reunião de turma com as palavras: «Iai! Maravilha! Eu! Eu! Eu!» Huldar não se lembrava de alguma vez ter usado um ponto de exclamação. Anotou a data da festa no caso de Elísa ter alguns inimigos dos tempos de escola. Uma vez apontada, a ideia pareceu ridícula. Devia ser considerada uma prioridade baixa, mesmo contando com a total falta de pistas.

Por causa do deprimente estado da investigação, sentiu-se obrigado a continuar à procura, por mais entediante que fosse. Embora tivesse uma conta de Facebook, quase nunca entrava nela. Para quê? Nunca sabia o que escrever e não tinha interesse em ver fotografias dos amigos e conhecidos em férias ou viagens de ski. Preferia ver os filhos das irmãs ao vivo, especialmente porque eram todos rapazes — um facto que lhe parecia justiça poética, ele que fora o único rapaz entre cinco irmãs.

Por contraste, Elísa era muito cuidadosa a fazer alterações de estado — quase sempre sobre os filhos. As proezas deles mostradas ao minuto eram queridas ou engraçadas, para quem gostasse de crianças, o que não era o caso de Huldar. Ele tinha ainda menos tempo para atualizações de imagens de bolos e comida que ela cozinhara, assara ou encomendara em restaurantes. Mas os amigos dela pareciam apreciá-las e cada publicação era seguida de um chorrilho de comentários. Passou por todos eles, mas a causa do homicídio de Elísa não devia estar ligada às crianças ou aos seus hábitos alimentares. Ou ao trabalho na repartição de finanças; a Polícia falara com o chefe dela, que disse que, apesar de muitas pessoas terem motivos para detestarem a Autoridade Tributária, era pouco provável que esse ódio fosse dirigido a Elísa. Ela trabalhara nos bastidores, não tinha contacto com quem era investigado e nunca fora chamada a testemunhar em tribunal. Aqueles que eram alvo do fisco não saberiam da sua existência.

Uma coisa que surgiu desta leitura foi quão diferente era Margrét dos seus dois irmãos mais novos. Elísa raramente mencionava alguma coisa divertida que ela tivesse dito ou feito. Quando escrevia sobre a filha, era num tom mais sério, para comunicar a queda de um dente ou, com maior frequência, uma boa nota na escola. Margrét não surgia como uma criança vivaça ou feliz e Huldar sentiu uma pontada de culpa quando se lembrou do debate em curso sobre se deviam, ou não, institucionalizá-la. Se a rapariga era naturalmente depressiva, ele não queria pensar nas consequências de lhe tirarem o tapete de debaixo dos pés numa altura como esta. A verdade é que ela pedira para não ser mandada de volta para o pai. Mas poderia mudar de ideias no último minuto. Não seria surpreendente.

Huldar desviou o olhar do ecrã para a janela, vendo o mar e o topo plano do monte Esja a dominar o cenário, feliz com o seu destino, acima de toda a discórdia humana. Quão boa deveria ser a existência de uma montanha e como deveria ser bom nunca se meter em confusões ou aceitar um caso que não conseguia resolver. Huldar suspirou e abanou a cabeça. Seriam desnecessárias as preocupações com a segurança de Margrét? Uma coisa era assassinar um adulto, mas uma criança era outra coisa. Uma coisa era matar uma pessoa de uma forma convencional, com um objeto contundente, uma faca ou uma arma de fogo, mas outra era aspirar todo o ar do corpo dessa pessoa com tal violência que os tímpanos rebentam. O *modus operandi* sugeria que o agressor era um psicopata, totalmente destituído de consciência. Huldar voltou-se de novo para o ecrã e começou a vasculhar nas fotografias que Elísa publicara no Facebook ou guardara no computador. A cada fotografia, a atenção dele era irresistivelmente atraída para os olhos verdes de Margrét na sua cara pálida sob o emaranhado vermelho do cabelo. Era o único membro da família que tinha sempre o cuidado de olhar para a objetiva. Os outros pareciam ignorar que estavam a ser fotografados. Ela parecia também ser muito mais dependente da mãe do que os irmãos, porque na maioria das fotografias estava agarrada a ela ou mesmo ao lado. Huldar considerou esta tendência ainda mais marcada nas fotografias recentes. Parecia que a rapariga tivera uma intuição sobre aquilo que iria acontecer.

Estudar estas fotografias de família — que não eram destinadas a olhares de estranhos — fazia-o sentir-se desconfortável. Vira o suficiente para concluir que Sigvaldi e Elísa tinham sido um casal normal que, aparentemente, gozava a vida. Ela sorria ou ria em quase todas as imagens e as fotografias em que apareciam juntos davam a impressão de que eram duas pessoas apaixonadas e muito cúmplices. Apesar de, claro, poder ser tudo fachada.

Aborrecido de morte por remexer no material, Huldar não desistiu. Concentrou-se na vida social de Elísa, o que lhe deu pano para mangas. Ela fizera parte de um vasto círculo de amigos que se mantinham em contacto e se encontravam com regularidade. Trocavam inúmeras mensagens sobre jantares e almoços, festas de crianças, dietas e viagens a spas. Elísa estava sempre disponível para tudo. Huldar não sabia o suficiente sobre vida conjugal ou mulheres em geral para dizer se isto era normal ou um sinal de falhas numa relação que parecia perfeita à superfície. Se tivesse de adivinhar, diria que não era normal. Para ele, o casamento significava ter menos necessidade da companhia de outras pessoas, mas talvez ele fosse apenas bastante antiquado. Talvez fosse por isso que ainda era solteiro. Se não tivesse sido tão idiota e dormido com Karlotta, talvez pudesse recorrer a Ríkhardur para aconselhá-lo. Ele devia saber algumas coisas sobre casamentos falhados, mas não havia hipótese de Huldar trazer agora à baila o assunto «divórcio». Seria desadequado mencionar o nome de Karlotta na presença de Ríkhardur. Quanto mais depressa o divórcio saísse, melhor. Quando estivesse feito e enterrado, ele esperava que a memória da asneira que fizera não o assombrasse sempre que olhasse para Ríkhardur.

No fim, não havia nada de interessante no cartão de memória. A avaliar pela declaração do banco que Elísa mandara por email ao contabilista, as finanças do casal eram bastante boas, melhores do que a maioria das pessoas tinha então. A morte de Elísa não traria grandes alterações a estas circunstâncias. A companhia de seguros confirmara a afirmação de Sigvaldi de que ela não tinha um seguro de vida, apesar de não ser impossível que ele escondesse informação sobre uma apólice numa companhia estrangeira. Descobririam a seu tempo. A Polícia

contactara essas seguradoras no estrangeiro, conhecidas por negociarem com islandeses e esperavam-se respostas para breve.

Quando Huldar voltou a examinar as fotografias, ocorreu-lhe que o homem que observava a casa nos desenhos de Margrét poderia ter sido acidentalmente captado pela câmara. Voltou aos álbuns outra vez, tendo isto em mente. Bateram à porta e a cabeça de Erla apareceu enquanto ele estudava uma fotografia de Elísa e Margrét. Fora tirada ao ar livre e, por uma vez, ambas olhavam de frente para a câmara com um invulgar raio de sol a iluminar-lhes o cabelo. Os olhos estavam tristes, apesar da fraca tentativa de Elísa para sorrir. Margrét estava esfíngica como sempre; nenhum sinal de alegria ou felicidade podia ser detetado na sua cara infantil. Isto fazia-a parecer mais velha. Huldar desviou a atenção da fotografia e encarou Erla.

— Sim?

— Encontraram o corpo de uma mulher. Um bocado mais velha que Elísa. Mas as circunstâncias são bastante idênticas. Só que piores.

Huldar fechou a fotografia, desligou o monitor e levantou-se. Antes de sair do escritório, ligou a Egill e deu-lhe a notícia, acrescentando que seria aconselhável levar Margrét sem demora para um abrigo. Enquanto falava, lutava contra um desejo avassalador de nicotina.

Seria o destino a decidir: ele recomeçaria a fumar nesse dia dependendo se passasse primeiro por uma farmácia ou uma tabacaria.

# 16.

ERA DIFÍCIL IMAGINAR UM SÍTIO menos convidativo do que a cela de visitantes da prisão de Litla-Hraun. Poderia ter sido intencionalmente concebida para passar a mensagem de que o crime não compensa. As paredes estavam a pedir uma demão de tinta, e o gasto chão de vinil precisava de ser substituído. A sala estava mobilada com uma pequena mesa, uma cadeira e uma cama estreita, pregada ao chão, que servia agora de assento. Claramente destinava-se a atividades mais prazerosas durante visitas conjugais, a avaliar pelo saco contendo um cobertor e um lençol, colocado na cabeceira da cama. Freyja não se dera ao trabalho de informar o novo guarda prisional de que era a irmã do recluso, mas de todas as vezes que olhava para a roupa de cama, arrependia-se do facto. Tinha medo de que o guarda descobrisse depois qual era a relação entre eles e tirasse conclusões sinistras.

Freyja era pródiga em preocupar-se com mal-entendidos imaginários; capaz de se afligir com isso, muito depois de todos já terem esquecido. Uma vez, quando tinha doze anos, andara com uma bola no estômago durante semanas por não ter conseguido responder à professora de Trabalhos Manuais se tinha ela mesma tricotado a sua camisola. A campainha tocara quando Freyja abrira a boca. Quando, mesmo antes das férias de Natal, finalmente arranjara coragem para esclarecer o mal-entendido, a professora olhou-a inexpressiva. Talvez o desastre das luvas que tricotara acidentalmente sem polegares tivesse ajudado a professora a esquecer que, alguma vez, sobrevalorizara a sua capacidade.

— Como é que está a Molly?

Baldur pousou o braço direito sobre a pequena mesa, agarrando o café que ela trouxera da máquina de bebidas lá de fora. Ao pensar na sua cadela, o rosto dele iluminou-se com um sorriso que mostrou os seus dentes brancos. Baldur sempre fora muito bonito; um bebé rechonchudo, um rapazinho malandro, um adolescente elegante, e agora enquanto homem. A idade adulta assentava-lhe particularmente bem e, por isso, tinha muito sucesso com as mulheres; mais sucesso do que poderia ser considerado saudável. Pelo menos duas das amigas de Freyja tinham dormido com ele e ela suspeitava de uma terceira, apesar de esta o ter negado com veemência, toda corada, quando as outras duas a encurralaram durante um jantar com muito álcool à mistura. Baldur piscou-lhe o olho como se conseguisse ler-lhe os pensamentos. Ela não conseguiu deixar de sorrir de volta, apesar de a recordação não ser muito edificante.

Baldur tinha uma capacidade inata de convencer as pessoas mesmo contra aquilo em que elas acreditavam. Se tivesse escolhido viver do lado certo da lei, teria dado um político perfeito; carismático e bastante persuasivo, independentemente do disparate que estivesse a vender. Freyja dava por si muitas vezes a pensar que, afinal, os seus planos absurdos não eram assim tão loucos.

Mas ela voltava sempre a si, mal ele acabava de falar. O encanto das palavras dele e a personalidade eram como fogo de artifício: ficávamos maravilhados enquanto durava, mas depois deixava-nos com irritantes pontos de luz nos olhos e um zumbido nos ouvidos.

Baldur ainda não encontrara um esquema inteligente que fosse também legal. Quando isso acontecesse, a vida dele poderia dar uma volta. Mas a esperança de encontrar um filão de ouro estava a desaparecer. Ele parecia cada vez mais à vontade em explorar negócios obscuros, rodeado de personagens que faziam o mesmo. A aparência não era tudo o que herdara da mãe deles: parecia que absorvera, através do leite materno, os sonhos dela de luxo e de felicidade eterna, tudo conseguido sem esforço. Ambos viviam apenas para o momento, convencidos de que melhores tempos os esperavam ao virar da esquina, pelo que não havia razão para complicar a vida com chatices como preocupações ou

cautelas.

O sorriso de Baldur não durou muito.

— Vê lá se ela não engorda. É um pesadelo tentar que perca peso outra vez.

— Sim, eu tenho cuidado. — Freyja mexeu-se no colchão, tentando encontrar uma posição mais confortável, e acabou por se encostar à parede. — Ela está ótima. Não te preocupes.

— Tens de a pôr a fazer exercício. Não é só um passeiozinho à volta do quarteirão, é uma caminhada a sério.

Freyja forçou um sorriso. Baldur era otimista se achava que ela ia subir uma montanha com a cadela dele todas as manhãs e todas as tardes.

— Não te preocupes. A Molly está em grande forma. E tu? Está tudo bem? Dadas as circunstâncias?

— Estou sempre bem. Tu sabes disso. — Ele deu um grande gole no café. — Não falta muito, se não pisar o risco. Devo sair daqui a alguns meses. — Aproveitou para acrescentar: — Mas podes ficar no apartamento mesmo que eu vá para casa. Ao início, vou ter de dormir no centro de reabilitação, por isso ficas com a casa para ti à noite.

Os pensamentos de Freyja voaram para o quarto de hóspedes que estava atafulhado de luzes de calor e sementeiras quando ela se mudara para lá. Tinham sido usadas para cultivar uma série de coisas que não ervas aromáticas ao longo dos anos e, apesar de ter levado as sementeiras para a arrecadação, o quarto ainda tresandava a canábis.

— Eu arranjo um apartamento. Só não consegui ainda porque as pessoas preferem alugar a turistas. É compreensível… Pagam mais.

— Talvez eu deva dedicar-me ao turismo, quando sair.

Freyja suspirou baixinho. Não queria imaginar que oportunidades poderia Baldur encontrar para conseguir um lucro rápido à custa de visitantes estrangeiros, mas tinha a certeza de que seriam serviços que os turistas podiam dispensar. Ele cumpria pena por ter contraído um enorme empréstimo com um amigo, hipotecando uma propriedade que pertencia a um homem que por acaso tinha o mesmo nome do amigo dele. Tinham gasto o dinheiro antes de a fraude

ser descoberta, chegando a pagar algumas das prestações mensais para ganharem mais tempo. Foi só quando deixaram de pagar que o esquema foi desmascarado. Como Baldur estava em condicional, o resto da sua pena anterior fora acrescentada à nova pena por burla e desvio de capital. Freyja tinha dificuldade em lembrar-se de uma altura em que Baldur não estivesse preso ou a aguardar uma sentença.

Ele piscou-lhe novamente o olho e sorriu.

— E tu? Andas a sair com alguém?

— Não. Ninguém, nem especial nem sem ser.

Freyja não tencionava contar-lhe o fiasco com Huldar. Primeiro, porque a vida amorosa dela não lhe dizia respeito, e depois porque não queria que ele soubesse que ela deixara entrar um polícia no apartamento, mesmo sem o saber.

— Por enquanto, estou ótima.

— Ótima? Mas que merda é que se passa contigo?

Baldur franziu as sobrancelhas. Na sua perspetiva, toda a gente precisava de um companheiro para ser feliz, mesmo que não necessariamente a longo prazo, porque a variedade era o sal da vida.

— Nunca sais? Não vais encontrar ninguém, com esse cu sempre sentado em casa.

Ela quis retorquir que estar preso não lhe limitara o estilo quando se tratava de conhecer mulheres. Como é que ele conseguia, era um mistério para ela. Tivera quatro namoradas no ano anterior. Sempre que o lugar ficava livre, uma nova aparecia. Freyja tinha sempre dificuldade em conseguir uma autorização de visita, porque a atual namorada tinha sempre prioridade. Era sobretudo quando ele estava entre mulheres, como agora, que tinha tempo para ela.

— Não estou sempre com o cu sentado em casa. Eu saio. Só ainda não encontrei o homem certo. E também não estou solteira há tanto tempo assim. Ainda não desisti.

— Posso arranjar-te alguém, se quiseres. Sem problema. Escolho com cuidado.

— Obrigada, mas não obrigada.

Tentou esconder a veemência para que ele não notasse quão pouco apreciava a ajuda dele. Era melhor mudar de assunto antes que começasse a interrogá-la sobre o gosto dela em relação a homens e a fazer uma lista de possíveis candidatos.

— Neste momento, o trabalho está caótico.

— Então?

Baldur nunca acreditara muito na carreira de Freyja. Os trabalhos que ela tivera ao longo dos anos não faziam sentido no mundo dele. Achava que a Children's House era porreira como conceito, mas não entendia toda aquela agitação quando toda a gente sabia que se podia lidar com pedófilos com um taco de beisebol sem ter de se incomodar os serviços de saúde ou advogados.

O sol irrompeu por entre as nuvens negras que tinham acompanhado Freyja durante a sua viagem pelas montanhas, desde Reiquejavique. As grades da estreita janela faziam sombras simbólicas no chão. Incapaz de desviar o olhar daquilo, sentiu um baque ao pensar na situação do irmão e foi tomada pela ansiedade em relação ao futuro dele. Tinham visto um prisioneiro mais velho a entrar noutra cela de visitas; uma figura curvada e esquelética, com tatuagens desbotadas a saírem da gola e das mangas da camisola de lã amarrotada. Freyja não suportava a ideia de Baldur acabar assim. Não deveria ser permitido que acontecesse. Irrealista como sempre, achava que lhe competia a ela certificar-se de que não aconteceria. O sentimento era-lhe familiar.

Desde que se lembrava, ela e Baldur tinham tomado conta um do outro. Ele estava lá para ela; batia nos rapazes que a chateavam nos intervalos, levava-lhe a pesada mala da escola. Era dois anos mais velho e desde que ela era muito pequena que o admirava e se sentia segura quando ele estava por perto. A sua admiração e inabalável confiança nele aumentaram a autoestima de Baldur e deram-lhe um propósito na vida. Mas, ao crescer, Freyja começou a aperceber-se de que o irmão não era perfeito, e a sua adoração pelo herói desvaneceu-se. A verdade é que ele tinha as suas falhas, que foram aumentando sem supervisão. Não admirava: a mãe tivera-os a ambos antes de completar vinte anos e era demasiado imatura para criá-los como deve ser, apesar de eles a amarem

incondicionalmente, como amam as crianças, e ela ajudava bastante nisso. Como Baldur, ela era naturalmente feliz, sempre sorridente apesar das dificuldades e do caos na sua vida doméstica.

Freyja e Baldur não eram filhos do mesmo pai, mas nunca se consideraram meios-irmãos. Não havia nada de «meio» na relação deles. Os pais eram figuras periféricas; a mãe, o centro do mundo. Dela, recebiam tudo de que precisavam — comida, abrigo, segurança, companheirismo e um refúgio, ainda que caótico — enquanto os pais iam e vinham sem nunca ganharem um espaço na vida deles. Ambos eram homens novos que tinham conhecido casualmente a mãe deles, apesar de terem tentado, pelo menos, fazer a coisa certa. A contribuição deles consistia principalmente em presentes mal embrulhados pelos anos e no Natal, a ocasional ida ao cinema ou ao bowling, refeições em casas de hambúrgueres, repletas de longos silêncios durante os quais eles não paravam de olhar para o relógio. Pouco a pouco tinham-se afastado da vida de Freyja e Baldur, desaparecendo de vez depois de casarem e terem outros filhos. A mãe também nada fizera para incentivar mais contactos; desde que a pensão de alimentos chegasse a tempo, não lhe interessava se eles participavam na vida dos filhos. O seu coração e a sua cabeça eram sempre arrebatados por novos homens e era apenas uma questão de tempo até encontrar o «Sr. Certo», que iria recebê-los aos três de braços abertos e construir-lhes uma enorme vivenda em Arnarnes, onde viveriam felizes para sempre.

Na memória de Freyja, estes homens formavam uma longa fila em que cada um tivera uma breve oportunidade de se intrometer na vida dela e de Baldur. Costumavam aparecer a tresandar a aftershave, constrangidos com a presença de crianças e desejosos de sair assim que possível do apartamento atulhado, para irem até à cidade com a mãe deles. Nenhum ficou tempo suficiente para aprender o nome e a idade dos irmãos. Um dera a Freyja um gatinho e parecia promissor, mas logo desapareceu de cena como todos os outros.

Talvez a mãe tivesse acabado por conseguir arranjar um companheiro, mas morrera aos trinta anos, quando Freyja tinha dez e Baldur doze. O lindo sorriso pintado, o cheiro a perfume, os olhos com pintura carregada e as unhas

envernizadas desapareceram da vida deles num sábado à noite, quando ela foi à cidade como sempre, mas dessa vez não voltou para casa. Numa festa em Mosfellsbær, o coração dela, que sempre batera de forma extravagante pelos seus dois filhos, decidiu parar de repente. Eles receberam a notícia, com os olhos ainda ensonados, na casa desconhecida de uma ex-colega de escola da mãe, a quem ela pedira para tomar conta deles à noite.

Não choraram até tarde nessa noite, mas quando as lágrimas começaram a correr, foram imparáveis. O desgosto foi agravado pelo medo do que iria acontecer-lhes. Teriam chorado ainda mais se tivessem sabido que iriam ser mandados para casa dos pais da mãe, um casal religioso que desistira da filha e pouco se interessara pela família. Não eram más pessoas, apenas emocionalmente atrofiados e, em retrospetiva, desgastados por uma vida de trabalho e pouco capazes de tomar conta de crianças, especialmente de um rapazinho revoltado e rebelde. Em pouco tempo, Baldur partira quase todos os objetos decorativos da casa suburbana, mas Freyja assumia a culpa metade das vezes para protegê-lo das reprimendas deles.

A vida deles não mudara assim tanto; havia poucos momentos felizes, mas os irmãos permaneceram inseparáveis. Freyja tentava cuidar do irmão e ele tomava conta dela. Havia muita coisa que não entendiam, que ninguém se dava ao trabalho de lhes explicar. Os avós depositavam todo o seu amor num deus estranho e invisível que se sentava num trono celestial. Isto parecia injusto para as crianças porque Deus tinha milhões de pessoas que O amavam e eles só tinham os avós. Deus ocupava um espaço enorme na casa nova deles: este ser celestial, que raramente aparecera antes na vida deles, estava subitamente em todo o lado, mas em lado nenhum. Nenhum deles compreendia a fé dos avós, mas, com medo de admitir o facto, aguentavam aquilo trocando olhares e risinhos nas costas dos velhotes.

Nenhuma das pérolas de conhecimento divino que saíam dos lábios dos avós coincidiam com a experiência de Freyja e Baldur e, com o tempo, concordaram que, se Deus existia e era tão velho como as pessoas diziam, a visão d’Ele devia estar a falhar. A explicação alternativa que justificava que um todo-bom, todo-

poderoso Deus permitisse que injustiça e mal florescessem no mundo era a de que Ele não existia. Eles rapidamente aceitaram esta explicação. Era mais simples e poupava-os do esforço de tentarem entender tais conceitos nebulosos como o Espírito Santo ou o perdão dos pecados. Apesar disso, ambos concordaram em ser crismados, demasiado astutos para alertarem os avós de que não eram crentes. Essa bomba cairia mais tarde.

Pouco depois do crisma, Freyja fora forçada a aceitar que Baldur não era tão estudioso quanto ela. Os interesses dele estavam noutro lado, e as tentativas dela para o encorajar a aplicar-se tinham cada vez menos efeito à medida que ele se desviava para o caminho da delinquência juvenil.

E agora estavam aqui. Ela sentiu a culpa habitual por não ter sido mais firme, nem por esforçar-se mais para encorajá-lo. Mas não teria mudado nada.

— Tens tido notícias do idiota?

Baldur não precisava de dizer o nome dele. Nunca se referia ao ex dela de outra maneira. «Idiota» podia ser qualquer um. Mas «o idiota» era o ex-namorado de Freyja, que Baldur nunca suportara.

— Sabes que arranjo quem trate dele se ele tentar alguma coisa.

Freyja queria rir-se.

— Tipo o quê? Ele não vai tentar nada. Estás a esquecer-te de que eu o deixei porque era um chato do caraças, e não porque era violento?

Recordando agora o aborrecimento perpétuo por causa das coisas mais banais, sentiu-se impressionada por ter aturado aquilo durante tanto tempo. «Que mancha é esta na porta do frigorífico? Acertaste na berma? Há uma amolgadela na jante. Quantas vezes tenho de te dizer que arrumes a carteira quando entras? Porque é que enches a máquina da louça desta maneira tão estúpida?» A sua situação atual podia não ser invejável, mas, pelo menos, não havia o risco de alguém se queixar sobre para onde estava virado o rolo de papel higiénico.

— Livrei-me dele para sempre.

Baldur olhou-a.

— Tenho dois gajos no meu corredor que estão a cumprir pena por agredirem e violarem ex-namoradas. Aposto que as raparigas pensaram que se tinham

livrado deles *para sempre* quando eles saíram de casa. — Deu um gole no café, o olhar pousado na janela. — Tranca a porta e mantém a Molly perto de ti. O idiota não tem hipótese com ela.

Freyja optou por não dizer que o medo dela era que, numa situação de crise, Molly a atacaria a ela. Não valia a pena. E a última coisa que queria era que Baldur organizasse um ataque de vingança contra o ex dela. A ideia era mais tentadora do que admitia, mas as hipóteses de um plano desses correr mal para Baldur eram de cem por cento.

— A Molly dorme no chão ao lado da minha cama. Ele ficaria em frangalhos se tentasse lá entrar. — Sorriu. — Deixa-o em paz, Baldur. Ele não vale o risco de te aumentarem a pena. Tudo o que fez foi aborrecer-me de morte com os seus resmungos.

— Bom, sendo que não queres que te arranje um namorado, pelo menos deixa-me arranjar-te um protetor. Gostavas disso?

— Um protetor? Não, obrigada, não preciso de nada disso. Eu e a Molly estamos ótimas juntas. Deixa-te de preocupações.

Ela podia ver pela expressão dele que estava cético. Ou que não queria acreditar nela. Ela suspeitava que a sensação de estar a ajudá-la dava a Baldur um propósito no meio da inutilidade da vida na prisão. Mas porque é que essa ajuda não podia ser tratar-lhe dos impostos ou cortar-lhe anúncios de jornal com apartamentos para arrendar? Porque é que ele tinha sempre de ir longe de mais?

— A sério. Não quero um gajo qualquer a rondar-me a casa.

Baldur não respondeu a isto e passaram o resto da visita a conversar sobre outras coisas. O sol pôs-se e Freyja voltou para casa sob um céu escurecido.

Ela estava no *drive-in* de um restaurante de hambúrgueres quando o telefone tocou. Tentou atendê-lo ao mesmo tempo que entregava o cartão multibanco e agarrava no saco gordurento.

— Sim?

— Freyja?

Parecia uma pergunta. Reconheceu a voz; ele trabalhava na Comissão de

Proteção de Menores, mas ela não se lembrava do nome dele. Quando se apresentou como Geir, visualizou-o logo: um rapaz decente, bom no que fazia e cujo único defeito era o hábito de interromper as pessoas — o que era intolerável.

— Surgiu algo relacionado com a rapariga, a Margrét. Margrét Sigvaldadóttir.

— Surgiu?

Freyja prendeu o telefone entre a cara e o ombro, recuperou o cartão multibanco e um recibo, e depois encontrou um lugar de estacionamento ao lado do restaurante.

— Houve um enorme desenvolvimento na investigação policial. Não sei o quê, mas agitou mesmo as águas.

O homem calou-se e Freyja teve de ouvi-lo respirar. Talvez estivesse à espera de que ela falasse para poder interrompê-la. Ela decidiu não lhe dar essa satisfação e esperou que ele continuasse.

— Resumindo, concordámos com o pedido da Polícia para institucionalizarmos a rapariga. Deduzo que ela ainda recuse ir para junto do pai, mas a principal razão é que eles acreditam que seria melhor para ela esconder-se, agora que as notícias chegaram aos media. Lendo nas entrelinhas, penso que têm medo do que o assassino possa fazer quando souber que houve uma testemunha.

— E então? Queres saber a minha opinião?

— Não, não. Não é necessária.

Freyja decidiu não tomar aquilo como uma ofensa. Ele não deveria ter querido dizer aquilo de uma forma tão desastrada.

— Estou a ligar para ver se poderias ficar com ela. Só por uns dias. E só durante parte do dia.

— Parte do dia?

O cheiro a fritos estava a impregnar o carro e as janelas estavam a ficar embaciadas.

— Claro que, assim que a Polícia resolver o caso, a rapariga pode voltar para casa. Ficaria surpreendido se eles não fizessem uma detenção em breve.

— Desculpa, mas não posso.

— Não é nada de especial. Ficarias no apartamento que usamos para este tipo de casos. Não está lá ninguém agora.

— Porque é que ela não pode ir para a Bogga?

Bogga geria um serviço de acolhimento a crianças que tinham sido retiradas aos pais, até que se encontrasse uma solução permanente para elas.

— Está sobrecarregada. Já tem mais dois miúdos do que devia.

— Desculpa, não dá… Estou a tomar conta de uma cadela. Não posso deixá-la sozinha em casa.

— Nós pagaríamos um canil.

— Meu Deus, não há mais ninguém que possa fazê-lo? A Dísa ou a Elín?

Não mencionou nenhum dos homens porque estavam fora de questão. Era política que nenhum homem ficasse sozinho com crianças protegidas pela comissão, não porque estes pudessem constituir um risco, mas porque algumas crianças estavam tão devastadas que era um perigo que se apegassem de mais se um homem fosse gentil com elas. Claro que isto também se aplicava às mulheres, mas não da mesma forma.

— Não estão a trabalhar? E a Silja? Sei que ela não está de folga.

Houve um murmúrio e um suspiro do outro lado. O homem acabou por dizer:

— És a única solteira. Todas as outras têm filhos. Exceto tu. Queremos que a Margrét tenha atenção exclusiva. É muito mais difícil para as mães largarem tudo e mudarem-se para o apartamento.

Portanto, ela era a única mulher adequada porque não tinha uma vida. Boa. Perdeu a vontade de comer o conteúdo do saco no lugar do passageiro.

— E o gajo encarregado da investigação pediu especificamente que fosses tu.

— O Huldar?

— Sim. Não me perguntes porquê, és a única a quem ele confia a rapariga.

Freyja franziu o sobrolho. Ele não a conhecia de todo, a não ser da única noite que tinham passado juntos. Será que ele baseava a sua opinião profissional sobre as pessoas com base nas suas experiências sexuais? Se esse tivesse sido o propósito daquela noite, os resultados do teste de personalidade dela iriam

colocá-la na categoria de exuberante e insaciável. Corou e sentiu-se grata pelo facto de as videochamadas nunca se terem tornado moda.

— Desculpa. Tem de haver outra solução.

— Não, já esgotámos todas. — O tom dele era definitivo.

Freyja continuou a levantar objeções, mas sabia como aquilo iria acabar. Antes de a noite terminar, a rapariga estaria a seu cuidado. Com sorte, já teria comido. Não havia no saco comida suficiente para duas.

# 17.

KARL NÃO SE SENTIA CULPADO por faltar às aulas. Ninguém controlava as presenças, era ele quem decidia se ia ou não. Agora que a mãe não estava ali para inquietar-se, ninguém se preocupava com os seus estudos, nem mesmo ele… na maioria das vezes. Era um pensamento deprimente, apesar de ele aproveitar a liberdade, tirando tanto tempo de folga quanto queria. Se ninguém queria saber dos seus resultados, o que é que interessava se o seu desempenho era bom ou mau? Mas não era assim tão simples. Para cumprir os requisitos da Student Loan Authority, ele tinha de empenhar-se. Se não fosse por isso, seria duvidoso que tivesse frequentado quaisquer aulas ou entregado algum trabalho de curso. Mas se queria um empréstimo bancário de estudante para conseguir viver, tinha de passar nos exames, e se queria passar nos exames, tinha de se aplicar.

Hoje, no entanto, iria ignorar aquele leve peso na consciência. Merecia um tempo de descanso. Tinha muito em que pensar e, finalmente, arranjara energia para remexer nos bens da mãe. A visita de Halli e Börkur fora o catalisador e agora iria tomar conta da casa. Fora durante demasiado tempo um gigante monumento à mãe — como o mausoléu de um faraó morto.

Percebeu que teria de arranjar novos amigos, mas jamais iria convidar pessoas para aquela casa antiquada — supondo que arranjaria alguém para convidar. No entanto, tivera uma ideia que iria torná-lo popular. Os seus colegas tinham sempre dificuldade em encontrar locais para festas. Oferecer uma casa, uma grade de cerveja e uns pacotes de batatas fritas poderia ajudar a que fosse

notado.

Transformar o sítio não precisava de custar dinheiro; a mobília feia podia ficar, desde que retirasse a maior parte dos bibelôs e os quadros das paredes. Arrancar as sanefas e os reposteiros, e deitar fora todas as cortinas transparentes. Estava na altura pôr a sua marca na casa, nem que fosse apenas fazendo desaparecer todos os vestígios da mãe.

Começou por retirar o Che Guevara do hall de entrada e enfiá-lo num saco de plástico debaixo do lava-loiças. Via-se um dos olhos do líder revolucionário e metade do seu boné militar a saírem do meio da tralha enquanto Karl fechava o armário. Depois, decidiu atirar-se ao quarto da mãe, com o intuito de se mudar para lá. Era absurdo não o usar quando era tão maior que o dele. Naquele momento, era como se ela tivesse acabado de sair de lá e isso era um pouco sinistro, como se ela pudesse voltar para casa a qualquer minuto.

Ele fechara a porta há algum tempo para evitar ver o interior sempre que ia à casa de banho. A visão do velho toucador da mãe coberto de cremes de rosto e de cosméticos era muito perturbante, combinada com um sopro do perfume fortíssimo que costumava segui-la como se fosse uma nuvem. Claro que nenhum cheiro podia sair dos frascos fechados e chegar ao corredor, mas isso não o impedia de imaginar. Era estranho que o cheiro da mãe lhe tivesse ficado na memória quando ele já mal conseguia visualizar a cara dela.

Quando Karl abriu a porta, o ar mofado do quarto irritou-lhe o nariz. Pegou em papel higiénico e assoou-se. Pensou por instantes em enfiar algodão nas narinas, mas desistiu da ideia e decidiu começar pela casa de banho. Foi buscar um saco de plástico, tirou todos os cosméticos da casa de banho e levou-os para o lixo. Entre os objetos que deitou fora havia uma horrorosa saboneteira com pernas douradas, que a mãe adorava. Karl sempre a achara de mau gosto, querendo dizer que eles sonhavam com uma banheira com pés de esmalte, mas que tinham de contentar-se com uma saboneteira. Uma dispendiosa escova de dentes elétrica, nova em folha — um presente de Natal de Arnar para a mãe — foi também para o saco, juntamente com uma escova de cabelo de madrepérola, um presente antigo de crisma que ela guardava para ocasiões especiais. Karl

devia ter levado algumas destas coisas para a loja de caridade Good Shepherd, mas estava aterrorizado com a ideia de perder o embalo só por tentar escolher as coisas. Ia tudo para o lixo. Era onde tudo iria acabar mais cedo ou mais tarde; por isso, que diferença faria um breve interlúdio com um novo dono?

Ouviu-se um barulho alto quando o saco pesado aterrou no fundo do caixote de lixo vazio. Tinha um toque final muito chato; nada do que entrava no caixote podia ser recuperado. Isto refreou o zelo de Karl e ele fechou a tampa com mais cuidado do que com que a abrira. Era insultuoso para a memória da mãe que tratasse as coisas dela como se fossem lixo.

Voltou para dentro. O quarto estava cheio de objetos inúteis que a mãe adorara. Teve a estranha noção de que aplaudiam a chegada dele, como se estivessem à espera de que alguém voltasse a admirá-los de novo. Mas esse não era o plano.

Alguns objetos só têm valor aos olhos dos seus donos; para outros, são lixo. Com uma esquisita sensação de *pathos*, Karl consciencializou-se de que isto se aplicava a tudo o que a mãe possuíra. Nunca houvera muito dinheiro para comprar coisas boas; o custo de criar dois rapazes era a causa. Todos aqueles livros estrangeiros de Arnar tinham custado uma fortuna, todos os livros que ele acumulara enquanto decidia o que estudar na universidade. Não era como Karl, que escolhera o curso que menos odiava. Não, não. Em vez de fazer o mínimo para passar os exames finais, Arnar dedicara o seu tempo no secundário a analisar metodicamente os programas de todos os cursos que achou que poderiam adequar-se às suas necessidades.

O ordenado era o fator de motivação. Tencionava escolher o campo em que teria mais probabilidades de se destacar. Não queria ter nada com a mediocridade; queria brilhar numa profissão bem remunerada. Arnar fora terrivelmente presunçoso quanto a este objetivo de longo prazo, enquanto tudo o que Karl quisera naqueles tempos eram livros de banda desenhada, que a mãe só lhe comprava nos meses em que Arnar não precisava de livros de estudo novos e caros.

Karl reprimiu uma súbita onda de dor pela mãe; de nostalgia por um passado

que não lhe trouxera muita felicidade. Pelo menos, não estivera sozinho naquela altura. Tinha de olhar em frente, não para trás. Talvez fosse um erro ter começado pelo quarto da mãe. Era como se as coisas dela tivessem reparado no saco de lixo e estivessem a fazer luto pelo seu destino. Limpar a casa estava a ser muito mais difícil do que esperara.

Karl tentou recompor-se, na tentativa de preservar a ilusão, pelo menos na sua cabeça, de que estava menos afetado pela morte da mãe do que Arnar. Por uma vez na vida, queria ultrapassar o irmão de alguma forma, especialmente agora que ele decidira cortar todos os laços. A partir desse dia, o relacionamento deles terminara — à exceção das discussões sobre o testamento. Arnar demonstrara que eram apenas irmãos de nome. Isso ficara mais do que claro durante a conversa telefónica do dia anterior.

A memória ainda doía. Karl engolira o orgulho e ligara a Arnar contra vontade. Estava fixado numa ideia, uma ideia que lhe ocorrera antes, mas que rejeitara até então. Mas na sensação crescente de inquietude, criada pela emissão de ondas curtas, a ideia não o deixava em paz, por isso, sem parar para pensar, agarrara no telefone e ligara. Para evitar falar com a detestável Alison, marcara o número de telemóvel de Arnar e, por uma vez, a ligação estava desconcertantemente límpida, como se Arnar estivesse na sala do lado. O que só tornou a conversa mais difícil, porque não podia esconder-se atrás dos habituais estalidos, demoras e ecos.

Karl balbuciou o seu difícil pedido, cada palavra levando-o para mais perto da rejeição que temia… e que recebeu. Nem teve tempo para terminar. No instante em que Arnar percebeu que Karl lançava o barro à parede para ir ter com ele e estudar numa universidade americana, cortou logo com aquilo. Talvez mais tarde. Não agora. Alison estava a tentar engravidar e não era boa altura. Além disso, faria muito mais sentido que ele se candidatasse às famosas e gigantes universidades da Costa Leste, que ficavam muito mais perto de casa.

Como se Karl tivesse alguma razão para regressar à Islândia.

A conversa continuou com Arnar a dizer que ele poderia sempre visitá-los nas férias. Bom, não neste Natal, porque iam para o Havai, e no verão também

não, porque queriam ter a possibilidade de largar tudo e partir a qualquer momento. A esta altura da conversa, até Karl não podia deixar de notar que tudo na conversa do irmão se resumia a um redondo «não». Não, obrigado. Não venhas. Nem para estudar, nem em férias. Não venhas. Nunca.

Com as bochechas a arder, Karl só conseguira despedir-se e desligar antes que brotassem lágrimas de raiva. A humilhação fora total.

Por isso, Arnar que se lixasse. Karl desejava que Alison o deixasse e que ele morresse sozinho num quarto de hotel no Havai. Se Arnar ligasse e lhe pedisse que fosse ter com ele, ele desligar-lhe-ia o telefone na cara. A rir-se. Que pena que a mãe já tivesse esvaziado o quarto de Arnar. Se não o tivesse feito, Karl começaria a limpeza atirando para o lixo toda a tralha dele. Ou queimando-a no jardim.

O armário da cozinha estava a abarrotar de todos os tipos de chá que a mãe se preocupara mais em comprar do que em beber, mas não havia café. Karl agarrou no saco de plástico e despejou tudo lá dentro. Era uma pequena vitória; estava outra vez embalado e nada o deteria. Dada a falta de café, bebeu um copo de água e acalmou-se. O corpo pedia cafeína, mas não havia muito que pudesse fazer a não ser recuperar algumas das vitaminas que a mãe acumulara como fizera com o chá, por todo o bem que lhe tinham feito. Era pouco provável que lhe dessem a energia de que precisava, por isso enfiou as caixas de suplementos saudáveis no saco e fechou-o com um nó.

Duas prateleiras vazias chamaram-lhe a atenção enquanto fechava os armários, sentindo-se bem consigo mesmo. Era bom ter uma ocupação que o fizesse esquecer Arnar. E aquelas sinistras emissões de ondas curtas. Então, sentiu-se pronto para atacar o quarto.

A determinação abandonou-o à porta. A última vez que pusera ali os pés fora com a prima da mãe, à procura de roupas com que enterrá-la. A prima inspecionara cada peça à vez, segurando vestido atrás de vestido diante de si mesma, para ajudar Karl a escolher. Ele fingira interesse e resistira à tentação de lhe pedir que se deitasse na cama e experimentasse os vestidos naquela posição. A mãe não iria estar em pé no caixão, pois não?

No final, a prima escolhera o vestido de que mais gostava.

Dentro do caixão, só se viam o pescoço e os ombros da mãe, por isso ela poderia ter usado qualquer coisa. Ele é que deveria ter tido mais atenção à sua própria indumentária. Os jeans não tinham causado boa impressão entre a mão-cheia de pessoas que se tinham dado ao trabalho de aparecer.

Karl sentiu o toque macio do pelo da carpete entre os dedos dos pés. Estava ali desde que se lembrava e a mãe tivera tanto cuidado com ela que parecia nova. Não era permitido levar para o quarto nada que pudesse manchar a carpete. A única bebida autorizada era água e ele não se lembrava de a ver sequer com um lanchinho para comer na cama. Repreendeu-se novamente por se ter esquecido de comprar café. Bebê-lo na carpete seria a forma perfeita de marcar o início de uma nova era. Um gesto mais simbólico que limpar o quarto. Ou do que o funeral. As pessoas que aparecerem eram pessoas com quem a mãe não se dava muito; aliás, ele nunca as vira nem ouvira falar em metade delas antes… nem depois.

Duas varredelas com o braço foram o suficiente para atirar os cosméticos — boiões, bisnagas e frascos — do toucador para dentro do saco de lixo. Karl não sentiu remorsos. Era tudo para deitar fora. Quem é que no seu juízo perfeito quereria usar as sobras de cremes e perfumes de uma pessoa morta? Depois de fechar o saco e abrir as janelas, o quarto ficou a cheirar menos a mofo. Ele inalou o ar fresco e sentiu que a dor de cabeça diminuía. A mãe devia ter tido uma dor de cabeça permanente, sempre rodeada de toda aquela porcaria. Os cheiros deviam ser tóxicos; talvez tivessem causado o cancro que acabara com ela… em tempo recorde. Abriu a janela de par em par e atirou o saco para o corredor.

Ao início, fez bons progressos. Com os mesmos movimentos hábeis, esvaziou as gavetas de uma cómoda, cheias de meias, roupa interior e cachecóis coloridos que não se lembrava de ter visto a mãe usar. Tudo para o lixo. A seguir, a gaveta do fundo, atafulhada de roupas de criança que deviam ter pertencido a ele e ao irmão. Porque é que ela as guardara era um mistério para Karl; o tecido era rijo e estranho ao toque, pelo que dificilmente seriam usadas pela geração

seguinte. Além disso, não era provável que ele fosse aumentar a população humana nos próximos tempos e, se Arnar e Alison tivessem filhos, a cunhada mais depressa as vestiria com sacos de plástico do que com roupas velhas e poeirentas vindas da casa de infância do marido.

Ela visitara a Islândia uma vez, mas em vez de ficar em casa da futura sogra, ela e Arnar tinham feito as malas ao fim de duas noites e ido para um hotel. Karl ficara satisfeitíssimo por vê-los pelas costas, especialmente por causa da permanente expressão de desagrado da cunhada. Não bebia um gole de água sem antes inspecionar o copo. A mãe dele, que não falava de outra coisa desde que Arnar anunciara a visita, ficara magoada, mas tentara disfarçar. Depois de eles terem ido para o hotel, continuou a arranjar desculpas para a súbita partida; a mais patética era que Arnar não queria incomodá-la. Pois sim.

Voltou a si com a visão de dois sacos de plástico transparentes cheios de roupas no fundo da gaveta. Ambos tinham conjuntos de roupa de criança, um dos quais reconheceu. A mãe tirara-o para fora uma vez e dissera-lhe que era o que ele tinha vestido na primeira vez que ela o vira. Um macacão e uma parte de cima. A primeira vez que ela lhas mostrou, isso reavivara memórias de uma mulher de cabelo escuro deitada sob as cobertas de uma cama de hospital.

Desta vez, não sentiu nada. A vida passada estava perdida. As roupas foram para o saco. Nem se incomodou em tirá-las do plástico.

O outro saco tinha calças, uma t-shirt e um casaco de malha, todos sujos. Nunca os vira. Karl fez uma careta, perplexo, porque era improvável que a mãe guardasse roupa suja numa gaveta. Revirou o saco nas mãos, a tentar perceber se tinham pertencido a ele ou a Arnar. A Arnar, provavelmente. Não as reconheceu, mas a verdade é que tinha poucas memórias de infância. Calculou que as roupas teriam pertencido a um rapaz de quatro ou cinco anos, mas o que sabia ele de tamanhos infantis? Curioso, tirou as roupas do saco em vez de as atirar diretamente para o lixo. Um pó fino levantou-se e fez-lhe comichão no nariz.

Sentou-se a contemplar as roupas, especulando por que raio é que a mãe as guardara. Devia ser a indumentária que Arnar usava quando chegara ou da primeira vez que ela o vira. Era a única explicação. Além do seu macacão, o

resto das roupas na gaveta eram tricotadas à mão ou para ocasiões especiais. Estas não eram nada disso. Um casaco de malha, uma t-shirt e umas calças, o tecido gasto e em mau estado. Karl passou os dedos pela roupa, recuando quando encontrou uma mancha dura. Agarrou na t-shirt e examinou-a. Havia uma substância estaladiça nas outras roupas também, mas o casaco de malha tinha demasiados padrões e as calças eram muito escuras para ele ver as marcas. O algodão branco mostrava tudo. A t-shirt estava limpa na parte de trás, mas tinha manchas na parte da frente. Variavam de tamanho, mas eram quase todas redondas. Parecia que alguém salpicara a criança com um líquido castanho. Karl tentou cheirar, mas só conseguia sentir o cheiro do interior da gaveta.

Ao olhar, hipnotizado, para as manchas castanhas, ocorreu-lhe que poderiam ser sangue. Sangue velho e seco. Como é que ele ou o irmão tinham ficado sujos de sangue? E porque é que a mãe guardara as roupas como recordação? Estremeceu perante o tecido manchado. Devia ser outra coisa. Mas o quê? Só conseguia pensar em alguma forma de batismo num culto estranho. Mas certamente que as crianças não teriam sido salpicadas com uma substância esquisita?

Enfiou as roupas no saco de lixo. Se eram dele, não se lembrava. Se eram de Arnar, não queria saber. O conjunto foi todo para o saco e, no fim, a cómoda estava vazia. Karl espreguiçou-se, contente com o seu feito. Estava a sair-se muito bem.

Em cima da cómoda, havia fotografias dos irmãos em várias idades. Karl separou as suas fotografias e deitou fora as de Arnar. Regozijou-se ao ver as primeiras fotografias do irmão desaparecerem no saco: tinham sido tiradas em película e os negativos já estavam perdidos há muito. Enquanto fechava o saco, o seu olhar cruzou-se com o sorriso forçado do irmão com seis anos. Karl sentiu uma pontada de culpa, mas passou-lhe depressa. Nenhum deles usava as roupas manchadas em nenhuma das fotografias. Não ligou à questão. Porquê ficar a remoer um mistério que nunca seria esclarecido? A única pessoa que poderia dar uma resposta estava morta. E ele nunca iria perguntar a Arnar. Para Karl, ele estava tão morto como a mãe. E ele sabia instintivamente que a mãe o teria

desencorajado de vasculhar o passado. Karl não queria saber… mas Arnar, sim.

O roupeiro iria dar um trabalhão. Continha a maior parte das roupas da mãe, juntamente com inúmeras caixas de todos os tamanhos, cheio de peças que ela achara que valia a pena manter. As roupas não eram problemáticas; a única questão era se devia despachá-las ou doá-las à caridade.

Decidiu deitá-las fora e mitigou a culpa pensando que era improvável que houvesse mulheres pobres ao ponto de quererem roupas deselegantes e disformes, que tresandavam a naftalina e perfume velho. Uma a uma, as peças foram parar em cima da cama até só restarem os cabides.

Só depois de retirar as roupas é que reparou no grande envelope amarelo no fundo do roupeiro. Ao tirá-lo, percebeu que era bastante grosso. Hesitou em deitá-lo fora sem o abrir. Mas em vez de receitas e recortes de jornais antigos, poderia conter um testamento, títulos de propriedades ou outros documentos importantes. Só iria demorar um segundo a analisar o conteúdo.

Karl afastou a montanha de roupas para arranjar lugar para si na cama. Algumas peças escorregaram, mas ele ignorou-as. De qualquer forma, iriam para o lixo. Tirou um maço de papéis do envelope. Bingo. Papéis de adoção. Documentos que eram relíquias sagradas para o irmão. Para Karl, eram apenas pedaços de papel que haviam transformado a vida dos irmãos, retirando-os aos pais biológicos e substituindo-os pela mulher que eles desde sempre tinham conhecido como mãe.

Naturalmente que os papéis tinham datas diferentes; Arnar fora adotado nove anos antes de Karl. Pareciam originais, com assinaturas a tinta azul e carimbos vermelhos no canto. E pensar no esforço que Arnar fizera para encontrar esta informação no Registo Nacional e em várias outras instituições. Tudo em vão.

Arnar fora informado de que a sua situação não era única; em casos excecionais, os registos eram destruídos. O facto de a mãe deles ter sido assistente social e trabalhado em casos de proteção de menores podia ter influenciado. O trabalho dela consistia também em avaliar se as crianças deviam ser retiradas aos pais. Karl duvidava que ela tivesse passado por grandes dificuldades para conseguir a adoção, ao contrário de quem estava fora do

sistema. O mesmo se teria aplicado ao caso dele.

Sentia uma ligeira excitação, apesar do seu interesse nas suas origens já ter arrefecido há muito tempo. A identidade dos pais verdadeiros dos rapazes era assunto proibido. A mãe nunca lhes teria dito que eram adotados — talvez inventando histórias sobre os pais ausentes —, se não fosse pelo facto de Arnar ter memórias difusas que o levavam a interrogá-la vezes sem conta, com uma urgência crescente. No fim, ela cedeu e admitiu que eles eram adotados, mas não acrescentou mais uma palavra.

Um dia, à mesa do pequeno-almoço, pouco depois de Karl começar a ir à escola, Arnar dissera-lhe em voz alta que era adotado. Karl não entendera ao início, mas quando entendeu, ficou contente porque significava que afinal tinha um pai. Poderia informar os colegas da escola e acabar com a especulação. Mas depois Arnar escarnecera de Karl, dizendo que os pais não o tinham querido; e que fora por isso que ele estava ali. Por isso não fazia sentido sonhar em conhecê-los. Os seus pais verdadeiros tinham outros planos e, provavelmente, novas e melhores crianças. Por uma vez, a mãe perdeu a cabeça com Arnar e assegurou a Karl que não era verdade: os pais dele tinham morrido. Com seis anos, ele não conseguira decidir o que era pior.

Ela não disse mais nada, a não ser que os irmãos não eram filhos nem da mesma mãe nem do mesmo pai, o que agradou a Karl.

Ao contrário de Arnar, Karl não a pressionara para obter mais informação. Aceitara a indicação da mãe de que era melhor esquecer a história dos pais. Interpretara isto com o sentido de que eles não haviam sido o tipo de pessoas que ele quereria conhecer nem às quais ser associado.

Às vezes, era melhor saber o menos possível.

A cobardia era outra razão pela qual ele não fora tão insistente quanto Arnar. Tinha medo da verdade. Já era mau o suficiente sentir que era inútil em tudo, mas ainda pior saber que fora inútil desde que nascera.

Arnar era diferente. Era um excelente aluno e, apesar de ser um pouco solitário como Karl e de ter poucos amigos, as coisas corriam-lhe sempre bem. Ganhou uma bolsa internacional, licenciou-se com a distinção *summa cum laude*

numa respeitada universidade americana e foi convidado para alguns trabalhos muito bem pagos, tanto na Islândia como no estrangeiro. O tempo dedicado na escola a escolher a carreira certa compensara, e muito.

Tinha uma boa vida e as suas origens não poderiam fazer nada para alterar isso. Conseguira safar-se.

Na verdade, o único fracasso de Arnar fora não conseguir convencer a mãe a dizer-lhe quem era a sua família. Ela nem sequer prometera dizer-lhe mais tarde ou, pelo menos, pensar nisso. A resposta era sempre a mesma: «Não, está fora de questão.» Por mais que Arnar citasse a lei que dizia que uma criança tinha o direito de conhecer as suas origens, ela não cedia e, como a informação parecia ter desaparecido do sistema, Arnar era obrigado a aceitar as suas repetidas derrotas.

Karl sorriu. Tinha nas mãos os documentos que o irmão procurava há anos. Tinha em seu poder a hipótese de lhe dar a informação tão desejada. O seu sorriso rasgou-se.

Daria a Arnar os papéis?

O caraças é que dava! Arnar devia tê-lo tratado com mais generosidade na noite anterior.

Karl voltou a colocar os papéis no envelope. Não se sentia tentado a conhecer-lhes já o conteúdo. Deixaria isso para quando estivesse num estado de espírito melhor. Vira os nomes dos seus pais biológicos, mas não sentiu urgência em procurá-los online. Isso podia esperar. Não precisava de más notícias agora. Mas não iria deitá-los fora, claro que não. Saber que tinha os papéis e que os retinha de Arnar dava-lhe uma sensação de triunfo. Passou os dedos com cautela pelo envelope frio e depois levantou-se, sentindo-se mais satisfeito consigo do que alguma vez se sentira. O velho colchão manhoso rangeu quando se levantou e mais roupas caíram no chão. Apanhá-las-ia mais tarde; não havia pressa. Também já decidira faltar às aulas do dia seguinte; daria aos professores a impressão de que estava doente, especialmente se aparecesse com um cachecol. Ninguém ficava doente só por um dia. Apesar de a presença não ser obrigatória, os professores seriam mais simpáticos se achassem que ele fora cuidadoso nos

estudos.

Escutou um ruído baixinho na cave. O estômago revirou-se e toda a autoconfiança desapareceu num instante. Guardando o envelope, aguçou o ouvido. Nada. Mas no momento em que avançou para a porta, ouviu outra vez o mesmo barulho, um pouco mais alto, mas não muito mais distinto. Havia alguém na cave, mas a única entrada era através da casa. A não ser que os barulhos viessem do emissor de ondas curtas. Mas desligara-o da última vez que lá estivera. Ou não? Talvez o tivesse deixado ligado, com a intenção de voltar mais tarde para ouvir. Só tinha agora de o desligar.

A cave estava às escuras. Karl tentou ignorar a ideia de que isto implicava que subira na noite anterior sem a intenção de voltar a descer. Mas ele não era um pensionista velho e triste, preso a uma rotina. Devia ter desligado as luzes, mas não o rádio. Era apenas isso. Enquanto descia as escadas, uma emissão começou. No momento em que ouviu a voz mecânica, percebeu que estava sintonizado na emissora de números islandesa. Não podia ser. Lembrava-se claramente de se obrigar a não ouvir, com medo de que isso lhe tirasse o sono à noite. A última coisa que escutara era uma emissão solitária de um operador amador na Austrália, tarde na noite anterior. Abrandou o passo.

— Está aí alguém?

A sua voz soou humana e vulnerável, ao contrário dos tons robóticos da transmissão de ondas curtas.

— Está aí alguém?

Nenhuma resposta. Era absurdo estar a chamar assim. Se um ladrão tivesse entrado, era improvável que respondesse. De qualquer modo, não havia ninguém à vista nem nenhum sítio onde se esconder. Um intruso poderia ter-se enfiado atrás do sofá, mas teria de ser magro. E era igualmente ridículo imaginar que um homem adulto pudesse caber dentro do armário do fundo da cave.

— Está aí alguém?

Ninguém respondeu. O amplificador continuava a debitar números. Quando Karl conseguiu finalmente ganhar coragem para entrar na cave, o batimento do seu coração abrandara. Devia estar a enlouquecer. Por certo que o ladrão do ano

anterior não viria àquela casa uma segunda vez. Havia muitas outras por onde escolher, com conteúdos que eram, de facto, valiosos. Os ladrões não saberiam o quanto custava o equipamento de rádio e, mesmo se soubessem, não iriam conseguir vendê-lo porque os únicos compradores do mercado para tais equipamentos iriam logo reconhecer que era roubado. O grupo que praticava este hobby era tão pequeno que bastava um email para o clube para que todos ficassem alerta. Que idiota era Karl por imaginar o pior. Talvez a consciência estivesse a castigá-lo por ter deitado fora aquelas fotografias de Arnar. Ele tinha de tornar-se mais duro se queria excisar o irmão da sua vida como se fosse um tumor. Da próxima vez que Arnar ligasse por obrigação ou para pedir um favor, ele não deveria atender. Teria de ser forte.

Karl agarrou no recetor de ondas curtas. Na mesa diante de si, estava uma pulseira que não reconheceu — uma tira de contas coloridas com um elefante prateado pendurado no fecho. Não fora da mãe, definitivamente. Ela sempre preferira bijuteria com contas de madeira, em cores de terra, uma merda hippie que lhe lembrava sessões de poesia e marchas de protesto dos anos 1970 contra a base da NATO em Keflavík. Esta pulseira era demasiado vistosa. Mas não dava nenhuma resposta animadora a Karl. Alguém entrara na cave. Alguém que não era da casa. O medo regressou com uma vingança e a imparável corrente de números feriu-lhe os ouvidos.

«Trinta e nove, oito, noventa e dois, dezasseis, vinte e dois menos cinquenta e três, oito, três menos cinquenta e três, sessenta e três menos vinte e nove, nove, oitenta e seis menos sete, oito, vinte e cinco menos sete, quarenta e dois menos oito, sessenta e três menos noventa e dois.»

Karl agarrou num papel e numa caneta. Absorvido pelos números, não ouviu quando o mesmo ruído baixo que o levara ali ecoou novamente atrás dele.

# 18.

SIGVALDI SENTOU-SE NA SALA a ver os filhos a brincarem com carros velhos que antes o tinham fascinado a ele e ao irmão. Os carros mostravam sinais de muito uso, as tintas de cores vivas lascadas em alguns sítios, o metal à vista. Os remendos brilhantes fizeram-no recordar as violentas colisões que ele e o irmão costumavam simular quando se aborreciam de empurrar os carros no chão. Os frequentes sons de acidente vindos agora do chão mostravam que havia coisas que não mudavam.

O pequeno Stefán, o filho mais novo, olhou para cima.

— Quando é que a mãe vem?

Tinha apenas quatro anos e parecia incapaz de entender o que se passara. Era demasiado novo. Parecia pensar que, se perguntasse vezes suficientes, a resposta seria diferente. A cada repetição, a pergunta era sempre dolorosa para Sigvaldi.

— Ela não vem, querido. Lembras-te do que te disse? — A resposta saíra agora automaticamente.

Stefán e o pai olharam-se, mas o miúdo parecia ver através dele enquanto ele assentia devagar, com uma expressão preocupada.

— Quando ela voltar, vou mostrar-lhe o que consigo fazer. — Os seus dedinhos pegaram num carro e levantaram-no. — Olha.

Imitou um barulho que Sigvaldi sabia que tentava representar as rodas a virar — vira esta demonstração vezes sem conta. Depois, o rapaz atirou o carro contra a parede ao lado de um quadro ao fundo da sala. Em circunstâncias normais, Sigvaldi tê-lo-ia repreendido e chamado à atenção. Mas o que é que interessava

agora?

Bárdur, que tinha quase seis, levantou os olhos assustados para o pai. Estava agora muito sensível, porque percebia mais do que o irmão mais novo. Também sabia que quando se atiravam brinquedos contra a parede, os crescidos costumavam zangar-se. Quando não se zangavam, alguma coisa estava errada. Sigvaldi fez um esforço para cumprir o seu dever paternal, mas só conseguiu dizer:

— Stefán. Não. — Esperava que o rapaz percebesse.

— Anda, Stebbi. Vamos ter com a avó.

Bárdur levantou-se e levou o irmão para fora da sala, deixando Sigvaldi sozinho. Ele viu-os sair, o mesmo pensamento à roda na sua cabeça: como é que ele ia conseguir aguentar-se sem Elísa? Os rapazes estavam com o cabelo enorme e agora cabia-lhe a ele levá-los à marcação que a mãe fizera no cabeleireiro. Hoje. Ela queria tê-los levado hoje.

Lembrou-se de mais coisas que ela dissera que planeava fazer enquanto ele estivesse fora. Tudo o que ela mencionara só o pusera mais contente por se ir embora. Enquanto ela palmilhava a cidade com os miúdos, ele estaria nos Estados Unidos, a relaxar entre conferências. Bebericando whisky no bar do hotel, a festejar a ausência de neve e por não ter de começar o dia a raspar o para-brisas.

Não haveria nada disso nem agora, nem num futuro próximo. Era um pai solteiro com três miúdos que nem conhecia assim tão bem. Elísa tratara de tudo para eles. Ele estivera à margem, um provedor a tempo inteiro e um repressor a meio-tempo. O disciplinador da família.

— Aconteceu alguma coisa?

Sigvaldi ouviu a mãe atrás de si. Virou-se por educação, mas o que queria mesmo era continuar a fitar a parede em que o carro batera. Sentia uma espécie de empatia com o reboco que recebera um embate tão mortal.

— Não. Nada.

Sigvaldi estudou a mãe. Sempre fora uma mulher impressionante; alta e elegante, com feições marcadas que poderiam ter pertencido a uma moeda grega,

quer tivesse o cabelo escuro e as faces rosadas como ele a recordava ou pálida por baixo de uma juba de cabelo cinzento como estava agora. Mas o choque deixara marcas nela; parecia a ponto de ceder sob o peso da sua dor. Ele sabia que ele mesmo não estava melhor.

— Os rapazes estão um pouco desanimados. — Ela encostou-se à ombreira da porta, de braços cruzados. — Se queres saber, acho que devias levantar-te desse sofá e dedicar-lhes algum tempo. Vão à cidade, vejam um filme, visitem o zoo, compra-lhes gelados. Qualquer coisa. Eles precisam de apanhar ar e de uma pausa do sofrimento. Do teu sofrimento. O deles será carregado por eles para onde quer que vão.

Olharam-se nos olhos sem falar e Sigvaldi percebeu pela primeira vez como eram parecidos. Era quase como olhar para si próprio. Desde sempre, as pessoas diziam que ele tinha os olhos da mãe. Nunca reparara, até então. Talvez fosse a dor partilhada que fizera descair as pálpebras de ambos exatamente da mesma forma.

— E também te faria bem saíres. Temos todos de nos levantar e seguir em frente. Independentemente do que possa acontecer.

A mãe sempre puxara por ele, muitas vezes em excesso. Passara dos limites quando ele se esfalfava para tirar o curso de Medicina; parecia que ele era um jovem soldado a caminho da frente da batalha quando saía de casa de manhã durante os exames. Como se ela não esperasse que ele voltasse. Mas desta vez, tinha razão. Sigvaldi forçou um sorriso.

— Vou levá-los a dar um passeio de carro. Não consigo ir ainda a uma loja de doces ou de gelados, onde teria de interagir com outras pessoas — acrescentou de seguida, antes que ela pudesse retorquir com alguma frase feita sobre «nenhum homem é uma ilha»: — Amanhã vai ser melhor. Um bocadinho melhor. Depois melhor ainda no dia seguinte, e no próximo. No fim, tornar-se-á suportável. E vai ter de servir. — Doíam-lhe as costas de estar sentado dobrado no sofá. — Obrigado por nos acolheres. Sei que agora não somos muito boa companhia.

A mãe fez um gesto depreciativo.

— Não digas disparates. Sabes que podes ficar aqui o tempo que quiseres. — A sua expressão endureceu. — O teu pai disse que se fala em levar a Margrét para uma instituição. Espero que não tenhas concordado com isso.

Havia um carro de brincar aos pés de Sigvaldi; ele fixou ali o olhar.

— Eu não poria as coisas assim. A Polícia está preocupada com a segurança dela. Têm medo de que a imprensa possa divulgar que ela estava lá naquela noite. Que possa ter visto alguma coisa.

— E depois? Eles acham que essa é a pior coisa que a miúda tem de enfrentar? Que as pessoas comecem a espalhar rumores sobre ela?

Era o carro vermelho, aquele que ele e o irmão costumavam disputar. Ambos queriam brincar com ele porque era um descapotável com raios pintados de lado. Ele lembrava-se de que apesar de ser fixe, o carro não andava muito bem porque tinha uma das rodas traseiras empenada e tinha de ser empurrado à mão. Havia ali uma moral que os irmãos nunca haviam aprendido: nem sempre as coisas que mais desejamos correspondem às nossas expectativas.

— Não são rumores que preocupam a Polícia, mãe. Eles têm medo de que o assassino venha atrás dela. Que possa ter medo de que ela o identifique e por isso tente silenciá-la. Seria mais fácil localizá-la aqui ou em casa. Seria muito mais difícil se ela estivesse numa instituição.

A mãe dele suspirou e o seu rosto atraente enrugou-se.

— O que é que estás a dizer?

— Aquilo que me disseram. Estou incapaz de inventar alguma coisa ou de distorcer o que as pessoas me dizem. Querem levar Margrét para um sítio seguro. É temporário, só até apanharem aquele tarado doente. — Cuspiu a última palavra.

A mãe abriu e fechou a boca como um peixe fora de água. Depois estremeceu e tentou manter o sangue-frio.

— Quem é que achas que foi? Um psicopata?

Sigvaldi não sabia responder. Quando estava a voltar dos Estados Unidos, partira a cabeça a pensar em quem poderia desejar mal a Elísa. Mas não encontrou ninguém. Nenhum amigo, ninguém da família. Não estavam

envolvidos em conflitos, nem com os vizinhos nem no trabalho. Honestamente, ele sabia pouco do trabalho dela, mas ela ter-lhe-ia contado se houvesse problemas. Era o tipo de relação que tinham. Ele lembrava-se do polícia perguntar se um deles, ou ambos, haviam tido um caso extraconjugal, mas não conseguia lembrar-se do que respondera.

Era mais fácil recordar o primeiro interrogatório; o segundo era um borrão.

Parecia que o tinham agendado para coincidir com o momento em que ele tomara consciência do que acontecera. Mal conseguira evitar atirar-se para cima da mesa, a gritar, a soluçar e a arrancar cabelos. A tensão fora tão grande que era um milagre que tivesse conseguido responder a alguma pergunta, e depois ficou com medo de ter parecido frio e desprendido. O que era totalmente mentira. Sabia que, se deixasse escapar a mínima emoção, a barreira se desmoronaria.

Só tinha uma vaga memória da mensagem do assassino, que o haviam obrigado a ler. Não era surpreendente porque, daquilo que conseguia lembrar-se, não era senão uma salgalhada ilógica de números. Tão incompreensível quanto as outras ações da pessoa que cortara os números e os colara no papel.

— Não faço a mínima ideia de quem possa ter sido. Só que deve ter sido um desconhecido. Ninguém que conhecesse Elísa poderia ter-lhe feito aquilo.

— Então, como é que a Polícia vai apanhá-lo?

Agora era a vez dele de abrir e fechar a boca, na procura vã de uma resposta. No fim, desistiu.

— Não sei.

— A Margrét precisa de estar connosco. Não com estranhos.

— Não sei se o pai te disse, mas ela quer ir. — Era tão difícil verbalizá-lo. Sentiu uma súbita raiva contra a mãe por obrigá-lo a fazê-lo. — Talvez isso ajude a que ela se reconcilie comigo.

— Reconciliar-se contigo? Mas o que é que *tu* fizeste?

Os pais agiam como se não houvesse nada estranho na forma como Margrét reagia a ele. Nunca tinham comentado o facto de ela passar o dia inteiro a ler no quarto que fora do irmão dele e de raramente sair. Até quando era obrigada a partilhar refeições com eles, fazia questão de nunca olhar para ele, e os avós

fizeram um esforço igualmente determinado para não reparar. Para compensar, falavam todos exageradamente alto e com alegria. Os únicos que se portavam normalmente eram Stefán e Bárdur. Exceto quando Stefán perguntava se a mãe tinha fome e se iria comer com eles. Aí Bárdur comportava-se como todos os outros. Eram esses momentos os que mais custavam a Sigvaldi.

— Não fiz nada. Mas ela parece culpar-me. É só uma criança. Provavelmente, pensa que eu devia ter lá estado para salvar a mãe.

— Já lhe perguntaste? Queres que fale com ela?

— Sim, tentei perguntar e não, ela não fala comigo. Acho que ela só precisa de tempo para recuperar. A mulher da Children's House recomendou terapia para ajudá-la a ultrapassar isto.

— Terapia?

O tom da mãe era tão escandalizado que mais parecia que ele queria mandar Margrét para uma clínica de desintoxicação.

— Consultas com um psicólogo. Um psicólogo infantil especialista em terapia de trauma. Não há nada de mal nisso. Estás preocupada com quê? Que possa ser prejudicial?

A mãe não respondeu. Era a sua reação típica quando discordava da pessoa com quem falava, mas não queria discutir. Mas não conseguiu disfarçar a fúria quando voltou a falar:

— Se for mandada para longe de nós, é natural que precise de terapia do trauma. Nunca ouvi tamanho disparate. Afastar uma criança da família depois de ter perdido a mãe! Juro que alguns desses supostos especialistas não são bons da cabeça.

— Na verdade, a sugestão veio da Polícia. E nada foi decidido ainda.

Naquele momento, o telefone dele tocou. Não reconheceu o número e perguntou-se se deveria atender. E se uma das pacientes dele tivesse entrado em trabalho de parto? Não seria a primeira vez que uma mulher lhe ligava diretamente. Hesitou, mas acabou por atender o telefone. Se fosse uma mulher grávida, iria reencaminhá-la para o médico de serviço na maternidade: ele estava de baixa. Quase desatou a rir com a inadequação da palavra.

Era um polícia, o inspetor que o interrogara da segunda vez: Huldar. Não se apresentou com o nome completo e Sigvaldi não se lembrava do apelido, não que isso interessasse. Ouviu, disse «sim» uma vez e despediu-se. Reclinando-se, voltou a fixar o olhar vazio na parede.

— Era a Polícia. Vêm buscar a Margrét mais tarde.

— Nem tentaste protestar. — A mãe colocou-se diante dele, bloqueando a visão da tinta branca texturada.

— Não. É a coisa certa a fazer.

Sigvaldi deixou cair a mão sobre almofada fofa do sofá. O telefone escorregou-lhe da mão.

A chamada esgotara as suas últimas reservas de energia.

— Houve outro homicídio. O mesmo assassino.

Com esforço, conseguiu pôr-se de pé. Tinha de se recompor. Não havia muito tempo; a Polícia e a assistente social chegariam daí a duas horas. Ele queria falar com Margrét, explicar a situação e tentar perceber se era mesmo o que ela queria. Se assim fosse, ajudá-la-ia a escolher roupas e brinquedos para levar. Se não, ligaria para a Polícia e retiraria o seu consentimento. Nesse caso, ele próprio iria esconder os miúdos. Numa remota cabana de pastor nas montanhas, se necessário.

Talvez ela lhe desse uma hipótese de explicar o quão duro fora para ele não estar em casa quando tudo acontecera. Talvez conseguisse convencê-la de que não era de todo responsável pela hedionda morta da mãe… da mulher que ele amara tanto quanto ela.

Sigvaldi endireitou os ombros.

— Se isto significar que a Margrét ficará em segurança, teremos de concordar. Não vou perdê-la também.

A cabeça despenteada de Stefán apareceu à porta e Sigvaldi quase se foi abaixo quando ele repetiu a pergunta que lhe inquietava a mente:

— Pai, quando é que a mãe volta? — Os pequeninos lábios rosados descaíram. — Ela nem me deu um beijinho de despedida.

# 19.

O CHEIRO ENJOATIVO DE CARNE CARBONIZADA intensificou-se à medida que a tarde ia passando. Era impossível ficar insensível a ele. Com o brilho dos holofotes portáteis, ninguém notou que a luz do dia já deixara de aparecer através das cortinas. O brilho azul e branco tornava pretos os olhos das pessoas em caras estranhamente pálidas, dando-lhes uma aparência exagerada de choque. Falavam mais devagar do que o normal, em voz baixa, com uma mão à frente da boca numa tentativa vã de evitar que o cheiro contactasse com a língua.

Em breve, a investigação forense estaria terminada e o corpo poderia ser levado; só então poderiam abrir uma janela. Mas seria preciso mais que uma lufada de ar fresco para afastar da mente deles o que tinham acabado de ver.

Huldar era um dos que ali estava há mais tempo, tendo acompanhado o anátomo-patologista e a equipa forense ao local, mas duvidava que fosse o único a sofrer de claustrofobia. Por uma vez, Erla parecia ter baixado todas as suas defesas e esquecido de se armar em inspetora durona. Pouco falava e a cara expressava o cansaço e o desespero partilhados pelo resto da equipa. Também Ríkhardur não abrira a boca desde que chegara.

Huldar arrependeu-se de os ter chamado. Ambos haviam trabalhado durante todo o fim de semana e tinham o direito — e a necessidade — de sair cedo. No entanto, nenhum deles protestara nem arranjara desculpas. Erla estava no balneário do ginásio, com uma meia calçada. Ríkhardur a caminho de Mosfellsbær, a pequena cidade a norte de Reiquejavique, para ir visitar os pais, mas imediatamente dera meia-volta.

Não davam mostras de nenhum aborrecimento por serem de novo arrastados para o trabalho. Erla chegara primeiro e, como tal, pôde escolher a sua tarefa. Quando Ríkhardur apareceu, não foi preciso dar-lhe ordens. Ele intuiu o que era preciso e começou a fazê-lo, sem nada dizer nas raras ocasiões em que os colegas conferenciavam em voz baixa. Ninguém questionou o silêncio dele: estavam todos muito desanimados.

Nada podiam fazer para mudar o destino de Ástrós Einarsdóttir. Todos os esforços concentravam-se agora no agressor, em assegurar que era chamado à justiça. Tinham deixado de se enfurecer de cada vez que viam o cadáver mutilado da mulher caído no chão da cozinha, mas a raiva era ainda palpável. Huldar sentia-se como se a fúria dele lhe rodasse à volta da cabeça, apertando-a com força.

— Podemos tapá-la? — perguntou Erla ao anátomo-patologista, que estivera curvado sobre o corpo durante quase uma hora. — Não consigo olhar mais para a cara dela.

— Estou quase a acabar. — O anátomo-patologista continuou a registar informações sobre a vítima sem levantar os olhos. Depois, pousou o caderno e recomeçou a tirar fotografias. — Também não consegues ver grande coisa.

Numa repetição dantesca da morte de Elísa, a mulher fora vendada com fita adesiva brilhante e cinzenta, enrolada várias vezes à volta da parte superior da cabeça. Talvez tivesse sido uma sorte ela não conseguir ver. A mesma fita fora usada para prender o aparelho elétrico à boca, o aparelho que a matara e, presumivelmente, a impedira de gritar. Não se via muita carne; só o alto da testa, o nariz e as orelhas, e o estranho vislumbre das bochechas entre as tiras de fita. A forma como o cabelo curto e desgrenhado aparecia por cima fazia parecer que morrera de choque elétrico. Ao menos, teria sido um fim muito mais misericordioso.

O anátomo-patologista tirou mais uma fotografia e levantou-se.

— Podem levar o corpo. A ambulância já chegou?

Huldar disse-lhe que sim e sentiu-se um alívio geral. O pior já passara e em breve deixariam de ser confrontados com aquela horripilante visão.

Por alguma razão, Huldar ficara particularmente impressionado com os dedos da mulher. Estavam contraídos, como se ela tivesse tateado em busca de uma forma de evitar o inevitável, de retirar o aparelho da garganta e de pôr fim à indescritível agonia que devia ter acompanhado a sua morte. Pelos sinais, o anátomo-patologista deduziu que o assassino devia ter-lhe imobilizado as mãos com os pés dele. Em cima da mesa, havia alguns utensílios de cozinha, incluindo uma faca grande e uma tesoura, que deviam ter sido usados para cortar a fita. Era difícil de dizer quais os outros objetos que o assassino tencionara usar e com que intuito. Para assustar a mulher, talvez. Mas a arma do crime teria sido, por si só, verdadeiramente aterradora.

Huldar tentara interpretar a cena do crime de acordo com o que ali estava. Para além dos utensílios de cozinha, havia uma cadeira derrubada, e ao lado no chão, uma única folha de papel coberta de notas estranhas. Eram números aleatórios e cálculos cuja lógica era obscura. Não se pareciam com a mensagem codificada deixada em casa de Elísa; para começar, estavam escritos a lápis, não eram recortados de um jornal. O lápis fora encontrado no chão, ao lado da bancada da cozinha.

Com toda a probabilidade, a mulher estivera sentada na cadeira antes de morrer. Não era óbvio à partida quem teria rabiscado os cálculos mas, dado que os números estavam mal escritos, devia ter sido ela. Parecia a escrita de uma pessoa que não conseguia ver o que estava a fazer. Quando a luta de morte dela começou, Ástrós atirara-se para o lado e caíra no chão. Segundo o anátomo-patologista, a dor da queda desprotegida teria sido eclipsada pela aflição na boca e na garganta. Era até provável que nem tivesse notado que caíra.

— Podem levar o papel, o lápis e estes utensílios de cozinha. E desliguem aquela porcaria. Também quero a extensão. Não a tirem, enrolem-na apenas com cuidado e ponham-na em cima disto. — O anátomo-patologista apontou para o cabo preto a sair da boca de Ástrós, meio oculto pela fita. — Certifiquem-se de que usam luvas… também quando o retirarem da tomada. E recolham quaisquer objetos dispersos. — Tirou da mala um enorme saco de plástico transparente. — Sabem como sinalizá-los, não sabem?

Foi Huldar quem voltou a responder pela equipa. Os outros pouco tinham falado e apenas para responder a questões que lhes fossem diretamente dirigidas. Mesmo sem a habitual presença depressiva de Ríkhardur, a atmosfera estava mais fúnebre do que em qualquer funeral. Estavam todos perturbados, apesar de nenhum deles ter conhecido a mulher morta. Huldar estava satisfeito com a reação deles; não teria querido trabalhar com pessoas que ficassem indiferentes perante um homicídio, especialmente de um tão tenebroso como este.

— O que é que descobriste?

Huldar ficou a olhar o anátomo-patologista enquanto ele retirava a máscara e as luvas, que pareciam coladas às mãos.

— Não posso afirmar nada com certeza absoluta, mas a temperatura corporal dela dá a hora aproximada da morte por volta da meia-noite. Tudo indica que a causa foram queimaduras na garganta, mas ainda vou ter de fazer uma autópsia completa para determinar o que aconteceu e o que, de facto, a matou. Pode ter sufocado por obstrução das vias respiratórias superiores resultante das queimaduras. Ou ter feito uma hemorragia, afogando-se no seu próprio sangue. Existem vários cenários possíveis, mas não tenho casos comparáveis em que basear um veredicto. Não é todos os dias que as pessoas são mortas com um ferro de frisar cabelo, se é isso que foi usado.

Huldar e Erla fixaram, gelados, o cabo preto. O cheiro a carne carbonizada aumentou de novo e Erla esfregou o nariz numa tentativa fraca de o tapar.

O anátomo-patologista abanou sombriamente a cabeça.

— Temo que a morte dela não tenha sido nem indolor, nem rápida. Infelizmente.

Huldar e Erla fizeram caretas. Ríkhardur estava a polvilhar as prateleiras de um armário de cozinha com pó de impressões digitais e voltou a cara, mostrando uma expressão igualmente dolorida. O anátomo-patologista continuou, imperturbável:

— Mas, como eu disse, a autópsia irá clarificar o quadro e poderá também dar-nos uma hora mais precisa da morte, apesar de isso ser um desafio. Podia ajudar se descobrissem quando é que ela comeu pela última vez, mas isso

também pode ser enganador… Ela vivia sozinha, não vivia? Assumindo que este era o apartamento dela.

— Sim. Foi o que me disseram.

Huldar falara com a irmã da mulher morta, que comunicara o crime. Estava demasiado chocada para falar, mas ele conseguira arrancar alguma informação básica, incluindo o facto de ela ter ido lá a casa porque Ástrós não atendia o telefone. Entre soluços, explicara que estava preocupada que a irmã tivesse sofrido um ataque cardíaco e estivesse caída no chão, inconsciente. Ela tinha a tensão alta.

— Segundo a irmã, Ástrós enviuvou há dois anos, por isso podemos ter a certeza de que não jantou com o marido. Não tinham filhos. No frigorífico, há um bolo ao qual falta apenas uma fatia, por isso também não parece que ela tenha recebido visitas. No lava-loiças, há uma frigideira, um prato, uma faca e um garfo, que também indicam que ela comeu sozinha. Mas existem dois copos. Suponho que um deles tenha sido usado mais cedo, durante o dia, mas uma vez que a casa estava limpa e arrumada, ela não parece ter sido o tipo de pessoa que acumulasse louça suja.

— Recolheste tudo? O bolo também?

O anátomo-patologista era conhecido pela sua meticulosidade. Huldar sabia que ele não deixaria o local até estar certo de que todas as provas haviam sido recolhidas e nada escapara.

— Sim. Espero que haja impressões digitais nos copos, mas tenho quase a certeza de que serão dela. Parece-me que o assassino é demasiado cuidadoso para ser apanhado assim. Encontraste impressões no corpo?

Huldar já sabia a resposta. Estivera a observar atentamente o anátomo-patologista e não teria deixado de reparar em alguma descoberta significativa.

— Não encontrei nada na parte da frente durante o exame preliminar. É possível que me tenha escapado alguma coisa, mas não estou otimista quanto a encontrar impressões nas roupas, dada a forma como ela está vestida.

A mulher deixara este mundo com um roupão de turco, uma t-shirt surrada e calças de pijama de algodão. A parte de cima subira enquanto lutava pela vida,

mostrando um estômago pálido e flácido. O roupão estava aberto e as abas soltas como asas deformadas.

— Saberemos mais assim que eu realizar um exame exaustivo no laboratório. A nuca pode estar cheia de impressões, mas duvido. A fita é a nossa melhor aposta, mas não vale a pena entusiasmarmo-nos muito com isso também. Não encontrámos nada aí da última vez e quem quer que seja o assassino, parece ser incrivelmente cuidadoso. Assumindo que é o mesmo homem.

Huldar não comentou, apesar de acreditar que sim. Existiam demasiadas semelhanças para ser coincidência. Duas mulheres, assassinadas com poucos dias de intervalo, da mesma forma grotesca. A própria fita adesiva era suficiente para convencer Huldar de que o assassino era o mesmo. Elas nada mais tinham em comum, a não ser o pormenor de que aparentemente nenhuma fora violada e de que as circunstâncias não apontavam para um móbil sexual. Tanto quanto ele sabia, não havia nada na vida destas mulheres que desse alguma razão para supor que alguém quereria matá-las; Elísa, uma mãe de trinta e tal anos com três filhos, que trabalhava nas finanças; Ástrós, uma viúva na casa dos sessenta anos, que fora professora de Biologia no liceu e tinha poucos interesses além de ver televisão, segundo a descrição da irmã. O apartamento testemunhava o tédio que era a existência monótona desta mulher: havia fotografias dela e do marido a posarem juntos numa enorme variedade de situações: férias de verão, piqueniques em pântanos islandeses, jantares animados. Apesar de as fotografias terem sido tiradas com grandes intervalos temporais, o casal mudara pouco; ela usava sempre o cabelo curto e fino penteado para trás do rosto pálido; ele tinha as bochechas mais cheias e o cabelo recuara um pouco a cada fotografia. Pessoas normais. Nem Ástrós nem Elísa pareciam ser do tipo que atraísse a atenção de um assassino lunático. Mas a verdade é que isso acontecera.

Huldar precisava de manter os sentidos alerta para não perder algum pormenor importante, mas isto estava a revelar-se difícil porque o cheiro a carne chamuscada continuava a desviar-lhe o pensamento para a cena macabra na cozinha. Daqui para a frente, a visão de fita adesiva trar-lhe-ia sempre um sabor ácido à boca e ele assumiu que o mesmo se aplicaria a todos os outros que

tinham posto os pés naquele apartamento naquele dia.

Huldar baixou-se até à tomada e, com cuidado, desligou o cabo da extensão. Com luvas nas mãos, enrolou-o e colocou-o em cima do corpo. Sentiu a cabeça a andar à roda e teve o cuidado de se levantar devagar, com medo de desmaiar e cair em cima da pobre mulher. Ela sofrera o suficiente quando estava viva; não havia razão para lhe infligir mais indignidades no cadáver.

Enquanto esperava que a tontura passasse, tentou disciplinar os pensamentos de uma maneira que não conseguira desde que chegara. Era tão fácil cair na armadilha de se concentrar apenas na fita e nos utensílios elétricos. Mas apesar das semelhanças, os dois homicídios tinham diferenças. Huldar sabia que devia manter um espírito aberto quanto ao facto de se tratar do mesmo criminoso. Melhores homens que ele tinham ficado queimados por dar estas coisas como garantidas e por, durante o processo, esquecer aspetos óbvios que não se enquadravam na teoria deles.

Elísa fora encontrada na cama, não no chão como Ástrós. No primeiro caso, o assassino esperara que a vítima fosse dormir; no último, aparecera à mulher quando ela estava acordada. Huldar tinha a sensação de que isto era um sintoma de confiança crescente, mas era apenas um palpite. Era também possível que não se tratasse do mesmo homem.

E apesar de o pormenor da fita não ter sido anunciado nas notícias, poderia sempre transpirar lá para fora. Muitas pessoas, e não apenas da Polícia, sabiam que a fita fora usada no homicídio de Elísa e era possível que mais do que uma tivesse confiado este pormenor ao cônjuge, a um membro da família ou a um amigo. Em circunstâncias normais, não iria demorar muito para que aquele tipo de informação se espalhasse.

Huldar esfregou a cara com força. Precisava de usar as mãos, mas quando as baixou outra vez, não notou diferença. Sentia falta dos dias em que cabia a outra pessoa a preocupação com o progresso do caso. Quando algum dos seus superiores hierárquicos tinha de se debater com a questão sobre quem praticaria tal ato e se o método fornecia algumas pistas para os motivos do assassino. Agora não havia como fugir à responsabilidade. Estudou o grotesco espetáculo

da cabeça de Ástrós, respirando devagar. Tinha de ser o mesmo homem. Era inconcebível que dois psicopatas com o mesmo *modus operandi* existissem num sítio tão pequeno quanto a Islândia.

O anátomo-patologista fechou a mala com força, e Erla, que estivera entorpecida contra a parede, saltou de susto. Fora um dia comprido. Demasiado comprido. Huldar não lutava apenas contra a fadiga, mas também contra uma aflitiva dor de cabeça. A luz agressiva provocara-lhe manchas na visão, forçando-o a desistir da tentativa de se focar em alguma coisa. O telefone tocou no seu bolso, mas ele não atendeu, assim como não atendera antes. Nem se incomodou a ver quem estava a tentar ligar-lhe; a cena do crime requeria a sua atenção total. Os homicídios, raros como eram na Islândia, graças a Deus, tinham prioridade sobre tudo o resto. Da primeira vez que o telefone tocara, todos haviam parado o que estavam a fazer, olhando para ele, sobressaltados. Agora, ninguém prestara atenção quando ele não atendera.

— Guardaste as ventosas e o cortador de vidro?

A voz do anátomo-patologista sugeria que nem ele próprio estava num dos seus melhores dias. Massajou a cara no sítio onde antes estivera a máscara.

— Sim?

O telefone silenciou-se quando Huldar falou. A dor de cabeça diminuiu um pouco. O agressor entrara pela porta da varanda. Isto era revelado por uma marca de pontapé na parede ao lado, pegadas na neve da varanda e que iam da porta até ao hall. As pegadas haviam sido deixadas por sapatos masculinos de tamanho normal, mas o padrão da sola era demasiado indistinto para analisar.

A porta da varanda fora aberta com o corte de um buraco no vidro. Fora usada uma ventosa, mas parecia que o assassino não estava muito habituado a usar o instrumento porque a ventosa caíra para dentro do apartamento quando ele tentara descolar a rodela de vidro, que depois se estilhaçou. Depois disso, fora fácil para o intruso entrar e abrir a porta pelo lado de dentro. Parecia que atacara a mulher no corredor do quarto. Isto era mostrado pelas linhas pretas no chão, que começavam fora da casa de banho e se estendiam até à cozinha, onde o corpo dela fora descoberto. Assumiram que as linhas eram marcas de borracha

deixadas pelos chinelos da mulher, enquanto o assassino a arrastava. Depois disto, a sequência de acontecimentos era obscura.

O anátomo-patologista estava a despir o fato de proteção descartável.

— Há uma coisa que têm de se lembrar. Se se tratar do mesmo homem, não hesitará em matar de novo. Claro que pode ficar satisfeito com estas duas, mas depois disto, por mais vidas que tire, a sua pena de prisão não será muito diferente. Poderia apanhar vinte anos em vez de dezasseis. É um pensamento tranquilizador.

O ar ficou opressivo novamente.

— Vamos esperar que o assassino esteja preocupado consigo mesmo. Não deve querer ser apanhado, mas cada homicídio aumenta as hipóteses de o ser. Assumindo sempre que se trata do mesmo homem.

Huldar desejou que esta lógica servisse para encorajar a equipa: eles tinham de acreditar que o pior acabara.

Mas Huldar duvidava disso, e os colegas pareciam partilhar da mesma opinião. Ríkhardur voltou-se novamente para a prateleira que estava a polvilhar e Erla baixou o olhar e cruzou os braços. Decidiu mandá-los para casa; tinham-se portado bem. Ele podia terminar tudo com a investigação forense. O alívio era visível, apesar de tentarem não o mostrar. Mas quando Huldar pediu a Ríkhardur para passar diante da casa de Freyja quando fosse para sua casa, a máscara impassível do homem caiu um pouco, mostrando a sua exaustão. Pareceu agradecido quando Huldar explicou que ela vivia em Grandi, que não era longe da casa dele na ponta oeste. E pareceu ainda mais aliviado quando Huldar disse que não precisava de entrar, só dar uma vista de olhos do carro para ter a certeza de que estava tudo tranquilo. Agora que Margrét se mudara para o apartamento do Freyja, era melhor ter sempre tudo debaixo de olho. Não havia muitas pessoas a quem pedir; à exceção dos funcionários seniores que tinham organizado tudo, Ríkhardur e Erla eram os únicos membros do D.I.C. que sabiam do plano de mandar a rapariga para ali.

Erla olhou com desconfiança, a sentir-se menosprezada, mas Huldar estava demasiado cansado para pensar em alguma tarefa que ela pudesse fazer a

caminho de casa. A não ser que passasse na farmácia para lhe comprar analgésicos. Mas ele duvidava que isso fosse suficiente para amansar a fera, e não teve energia para explicar que não fazia sentido mandá-la a casa de Freyja, já que ela vivia do outro lado da cidade, em Breidholt. Ela devia estar grata pela oportunidade de ir para casa e talvez até ainda apanhar o noticiário da noite. Mas ficou calado, limitando-se a desejar que ela percebesse que era ridículo pensar que ele favorecia Ríkhardur em detrimento dela. A situação nunca teria acontecido se ele tivesse recusado a promoção. E mais uma vez, arrependeu-se da decisão. Mas isto só lhe piorou as dores de cabeça.

Estava muito frio lá fora e, apesar de agradecer o ar fresco, Huldar quase desejou estar novamente no calor do apartamento. Ainda tinha de falar com os vizinhos de baixo, mas só conseguia pensar no quanto precisava de um cigarro. Carregou na campainha e insistiu, mesmo sabendo que não tinha qualquer influência no toque interior. Carregou outra vez. Os moradores estavam em casa; outro carro aparecera no estacionamento. Tocou à campainha uma terceira vez.

Um cigarrinho. Iria afastar-lhe o cheiro nauseabundo das narinas. Ok, dois. Conseguira não fumar, mesmo tendo-se obrigado a passar por duas tabacarias antes de chegar à farmácia. Desde então mastigava pastilhas de nicotina sem parar. Cuspiu a pastilha gasta e substituiu-a por uma nova. Quando a porta se abriu, apresentou-se de forma breve e pediu para falar com os moradores.

— Olá. Aconteceu alguma coisa?

A mulher apertou o casaco de malha como que a proteger-se de más notícias.

— Preciso de fazer algumas perguntas, a si e às outras pessoas que aqui vivam, sobre os acontecimentos de ontem à noite.

Huldar encostou a pastilha à bochecha.

— Ontem à noite?

— Exato. Estava em casa? — As palavras saíram com mais limpidez agora que a pastilha estava fora do caminho.

— Sim. O meu marido e eu estivemos aqui desde as cinco. Os nossos filhos já saíram de casa. — A mulher virou a cabeça e gritou para trás: — Gunni! É a

Polícia. — Voltou-se de novo para Huldar: — Estamos a ver televisão. As notícias das dez.

A maneira como o disse insinuava que a visita dele era muito inconveniente. Ficou claro que ela preferia ver as notícias em vez de estar envolvida naquilo.

A porta abriu-se mais e o marido apareceu. Não estava mais satisfeito com a interrupção do que a mulher.

— O que é que se passa?

Meteu a cabeça para fora da porta e olhou à volta como se esperasse encontrar uma explicação na rua.

— Gostava de saber se ouviram barulhos estranhos vindos do andar de cima ontem à noite, ou se repararam em alguém a entrar ou a sair, do jardim ou de dentro da casa.

O casal pareceu indiferente. Não revelaram nenhuma preocupação ou curiosidade em relação ao motivo das perguntas.

— Ontem à noite? — A mulher franziu a testa e olhou para o marido. — Foi ontem ou anteontem que ouvi o estrondo?

— Ontem à noite, parece-me.

— Estrondo? A que horas?

— Bom, como eu adormeci às dez e meia, foi depois disso. Pelas duas, talvez. Acordou-me e olhei pela janela, mas não consegui ver nada. Assaltaram a casa da Ástrós?

Huldar não respondeu.

— Tem a certeza de que o barulho veio de cima?

Isto não encaixava com a hora estimada da morte; pelas duas da manhã, Ástrós estaria morta há duas horas. Não podiam ter ouvido a porta da varanda porque o assassino devia tê-la partido bem mais cedo. Talvez se ele se tivesse demorado a admirar o seu trabalho manual ou a apagar algumas pistas possíveis. Podia ter batido num vaso ou em qualquer outro objeto, apesar de não ter sido encontrado mais nenhum dano.

— Não tenho certezas. Acordei com um barulho e fiquei confusa. Não vi as horas porque não me ocorreu que pudesse estar ligado a um assalto. Se me

tivesse ocorrido, teria feito um esforço maior para me lembrar.

Ainda assim, a mulher tivera a preocupação de olhar pela janela, mas Huldar deixou passar isto. Estava bastante aliviado que o casal tivesse ficado apenas pela ideia de assalto. Obviamente, não tinham reparado no corpo a ser levado pela ambulância.

— E durante a noite? Notaram alguma coisa?

O casal disse que não, mas corrigiram-se após uma breve troca de palavras e concluíram que, por volta das dez horas, tinham ouvido vozes vindas do apartamento de Ástrós e o que parecia ser um lamento ou choro, mas poderia também ser riso. Não prestaram atenção porque Ástrós recebia muitas visitas. Isto foi dito em tom de censura. Quando Huldar os questionou sobre o tipo e o possível número de visitantes, eles retraíram-se e disseram que talvez tivesse sido apenas a televisão ou a rádio.

Depois de discordarem entre si, acabaram por concordar que devia ser um programa de rádio ou uma peça porque não tinha música de fundo nem anúncios. A mulher acrescentou que o som circulava com facilidade entre os apartamentos. A sua expressão desagradada mostrava que isto era fonte de tensão, mas calou-se de repente ao discreto toque do marido e deixou-o seguir com o assunto. Ele coçou a cabeça quase careca e esforçou o cérebro até se lembrar de que também ouvira barulhos estranhos semelhantes a choro ou lamentos vindos do andar de cima, quando acordou para ir à casa de banho pouco depois da meia-noite. Mas não pensou que Ástrós estivesse doente ou com problemas, apenas triste. Enviuvara há dois anos e as relações entre eles tinham sido tensas desde então, por isso não lhes passaria pela cabeça ligar a perguntar se estava tudo bem. Segundo o homem, desde que perdera o marido, ela tentara esquivar-se à sua responsabilidade na manutenção da propriedade. A escolha da cor da pintura exterior fora a gota de água; Ástrós insistira no amarelo e o casal queria cinzento. Huldar calculou que quando eles soubessem da morte dela, iriam aproveitar para pintar a casa antes que um novo proprietário se metesse ao barulho.

O telefone de Huldar tocou duas vezes enquanto o casal estava ocupado a

denegrir a vizinha morta. Ele ignorou-o. Em poucos minutos, estaria de volta ao carro, disponível para atender qualquer chamada urgente. Entretanto, ouviu-os a atacar à vez, enumerando todas as alegadas falhas de Ástrós enquanto vizinha. As histórias iam-se tornando cada vez mais mesquinhas até que eles foram perdendo gás e caíram num silêncio constrangedor.

Concluindo que não havia mais nada a tirar do casal, Huldar despediu-se, explicando que seriam intimados a fornecer um depoimento oficial nos próximos dias. Estava prestes a registar os números de telefone deles no seu telemóvel quando reparou que a chamada mais recente era de Freyja. Rapidamente, anotou os números do casal e despediu-se.

O frio e a rigidez da pastilha elástica na bochecha foram esquecidos, substituídos por preocupações mais sérias. Era pouco provável que Freyja lhe ligasse apenas para conversar, e ele prometera estar contactável dia e noite.

— Ei! — O marido ainda estava à porta. — Há uma coisa que talvez queira ver.

Desapareceu e voltou pouco depois, o que pareceu uma eternidade a Huldar na sua impaciência para ligar a Freyja. Nunca perdoaria a si próprio se alguma coisa acontecesse a Margrét porque não atendera o telefonema. Devia ser um assunto de pouca importância; Ríkhardur não o contactara, pelo que não devia ser nada de grave. No entanto, ele já devia ter passado por lá há meia hora e, entretanto, muita coisa podia ter acontecido.

Huldar não tinha alternativa senão aguentar o medo e esperar. O marido reapareceu, parecendo envergonhado, com um envelope coberto por aquilo que parecia ser ketchup.

— Desculpe, mas atirei isto para o lixo. O envelope estava preso debaixo do meu limpa-para-brisas esta manhã. Quando o abri, pensei que era um disparate qualquer. Pode deitá-lo fora se não tiver nada que ver com o assalto. Não faço ideia de quem seja.

Huldar calçou as luvas de látex e pegou cuidadosamente no envelope. O homem e a mulher, que também voltara para a porta, observaram atentamente esta precaução. Huldar ignorou-os. Se aquilo era o que pensava, não seriam

necessárias mais provas: Elísa e Ástrós haviam sido mortas pelo mesmo homem.

De costas para o casal, tirou o papel do envelope, inspecionou o conteúdo e voltou a colocá-lo lá. Ali estava a prova: duas vítimas, um assassino. Huldar levantou os olhos para o homem.

— Preciso das suas impressões digitais. — Depois, para a mulher: — Das suas também, se tiver tocado no envelope ou no papel.

As expressões do casal eram de pura estupefação.

# 20.

MARGRÉT DEU-SE MELHOR COM MOLLY do que Freyja. A cadela seguia a rapariguinha para todo o lado, recusando-se a abandoná-la; quando Margrét se sentava, Molly ficava aos seus pés. Deitava-se com as orelhas arrebitadas, apesar de ter os olhos fechados e parecer estar a dormir. Era como se o instinto lhe dissesse que a rapariga precisava de proteção. E estava certa. Todos desejavam que a preocupação com a segurança de Margrét se revelasse desnecessária, mas ninguém se atrevia a correr riscos.

Geir, da Comissão de Proteção de Menores, salientara-o ao ligar novamente a Freyja, para informá-la da decisão final do acolhimento de Margrét. Deixara bem claro que esperavam que Freyja aceitasse a responsabilidade, e parecia mais preocupado em manter boas relações com a Polícia do que em ouvir as opiniões dela sobre o assunto. E porque a Polícia e os serviços sociais tinham concordado em tentar esta solução, ela não tinha alternativa senão aceitar.

Deu luta, apesar de tudo, usando o problema de Molly. Mas afinal, aos olhos deles, a segurança que a cadela dava era uma enorme vantagem. A descrição que Freyja fez do apartamento também não ajudou; pelo contrário, eles assumiram que ninguém iria procurar a rapariga ali. Não havia nada que ela pudesse fazer a não ser aceitar o inevitável.

Foram enviados dois inspetores para avaliar a casa e a cadela. Apareceram logo que ela desligou e ela suspeitava que haviam estado à espera lá fora no carro até que cedesse. Inspecionaram cada centímetro do apartamento sob o olhar atento de Molly. A cadela portou-se impecavelmente e, estranhamente, eles

acharam o espaço muito aceitável. Ajudou, sem dúvida, que Freyja tivesse tirado objetos incriminatórios que pudessem pôr o irmão em maus lençóis. Por sorte, retirara as lâmpadas de calor do quarto vago várias semanas antes, quando convidara as amigas do grupo de costura para lá irem. Não teriam sido do agrado dos inspetores, ou até das suas amigas, ainda que a maioria talvez tivesse sorrido e uma ou duas até se tivessem mostrado interessadas na colheita.

Por isso, a arrecadação na cave estava a rebentar pelas costuras e o roupeiro do quarto estava cheio de parafernália decorada com folhas de canábis e outros motivos relacionados com droga.

Ela ficara surpreendida com o aspeto triste e vazio do apartamento depois desta limpeza. Condizia com os olhos aborrecidos de Margrét quando ficou ali, de cabeça baixa, depois dos homens a entregarem à porta. A rapariga não disse uma palavra, despiu o anoraque e só reagiu quando Freyja lhe disse que não precisava de descalçar os sapatos: o chão estava bastante sujo por causa da cadela e as meias ficariam pretas se andasse com elas por ali. A rapariga levantou os olhos e pela sua expressão ansiosa pareceu achar que Freyja estava a armar-lhe uma ratoeira ou a pô-la à prova. Freyja sorriu e apontou para os seus próprios sapatos. Os homens aproveitaram a oportunidade para entregar a Freyja duas malas de roupa e um DVD do filme *Frozen*, e foram-se embora sem acompanhar a criança até dentro de casa, andando depressa pelo patamar até ao início das escadas.

Algum tempo depois, Freyja estava à porta do quarto que esvaziara para Margrét. Tencionava ficar no sofá da sala em vez de dormir no quarto pequeno onde haviam estado as lâmpadas de calor. Isso teria implicado retirar a persiana que o irmão montara na janela, sem falar nos outros objetos que não deveriam estar num quarto, como a coleção de pesos e outro equipamento de ginásio. Fora isto que impedira os inspetores de insistirem para que ela dormisse ali; nenhum deles tivera vontade de tirar dali os pesos para arranjar espaço para ela.

— Queres leite com chocolate? — perguntou Freyja. — Faço um ótimo leite com chocolate. — Sorriu à rapariga. — Ou preferes café?

Margrét levantou os olhos do livro. Estava sentada na cama, estranhamente

direita, como se encostada a uma parede invisível. As pernas magrinhas balouçavam na extremidade, as meias um pouco grandes a aparecer por baixo dos jeans, os sapatos atirados para o chão. A cara tinha o selo da dor.

— Não, obrigada.

— Tens a certeza?

Freyja preocupou-se que a criança não andasse a comer ou a beber. Recusara tudo desde que chegara e eram agora oito da noite.

— Também tenho refrigerantes, se quiseres. E água da torneira.

— Não, obrigada.

Os lábios de Margrét mal se mexiam. Parecia uma boneca, a cara de porcelana só exponenciava a semelhança.

— Então, e achas que podes ajudar-me a dar de comer à Molly? — Freyja olhou para a cadela que estava aninhada aos pés de Margrét. — Acho que de outra forma ela não vai querer ir até à cozinha. Gostou tanto de ti que vai recusar sair do teu lado. — Freyja sorriu de novo. — E nem é normal, sabias? Ela, por exemplo, não me adora.

— Mas não é tua?

Era a primeira vez que Margrét dava uma aberta para uma conversa.

— Não, é do meu irmão. Este apartamento é dele. Eu só estou a tomar conta da casa e da cadela.

— Então, onde é que ele está? — Margrét estava em pose de bailarina, braços de lado, costas direitas.

— O meu irmão? — Freyja procurou desesperadamente uma resposta adequada. Não podia dizer a verdade à criança. — Vive no campo agora, mas vai voltar em breve, e eu vou ter de arranjar um apartamento só para mim. Não quero viver com ele.

Margrét mexeu a cabeça pela primeira vez. Assentiu, com intensidade. Depois baixou os pés até ao chão e enfiou-os nos sapatos.

— Eu ajudo-te. A Molly tem fome.

Mal a cadela ouviu o nome, levantou-se e colocou-se ao lado de Margrét. A rapariga deu-lhe uma festa na cabeça e coçou-a atrás das orelhas. O animal

fechou os olhos como um gato gigante. Freyja nunca conseguira esta reação, apesar das frequentes tentativas de lhe dar festas. Molly limitava-se a abanar a cabeça como se quisesse livrar-se de alguma praga. Quem sabe, talvez conseguissem convencer a família de Margrét a tomar conta da cadela? Absorvida nestes pensamentos, mal notou quando Margrét suspirou. Um pequenino e triste suspiro.

— Estás bem, querida? Posso fazer alguma coisa?

— Não. — A voz da rapariga era áspera e intransigente. Mas a continuação foi mais amena. — Sinto-me mal por dentro. Na minha cabeça. — Constatou isto sem emoção, como se tivesse o dever de comunicar o facto. — Como se tudo estivesse partido.

— Dói-te a cabeça? — Freyja teve de perguntar, apesar de saber que o que incomodava a criança não se curava com analgésicos.

— Não é uma dor de cabeça. É como se eu me tivesse magoado, mas dentro da minha cabeça, e aí não se pode pôr um penso.

— Eu entendo.

— Não, não entendes. Ninguém entende a não ser eu. É a minha cabeça, não a tua.

Freyja não ficou ofendida com isto; conhecia muito bem o sentimento, por causa da sua própria infância. Sentira o mesmo quando adultos lhe falavam com expressões solidárias e falsa compreensão na voz quando a mãe dela morrera. Não faziam ideia do que ela estava a passar. Nenhuma ideia.

— Posso contar-te um segredo, Margrét?

A rapariga olhou para cima. Os segredos eram sempre fascinantes, mesmo em situações muito difíceis.

— A minha mãe morreu quando eu era um bocadinho mais velha do que tu. Por isso, posso não saber exatamente como te sentes, mas tenho uma ideia.

Margrét analisou-lhe a cara para se certificar de que Freyja dizia a verdade.

— Foi morta?

— Não. Não diretamente. Morreu porque não cuidava de si como deve ser.

Freyja estava desejosa de fazer uma festa naquela cabeça vermelha e

encaracolada, mas não se atrevia com medo de que a rapariga não apreciasse o gesto. Como Molly. Teria de se contentar com um sorriso travesso.

— Tiveste uma mãe melhor que eu. Mas eu ainda sinto muita falta da minha. Por isso, não sei exatamente como te sentes porque é natural que te sintas pior do que eu… mas quase que sei. — Parou, sentindo que estava a chegar a Margrét e nada disposta a quebrar o fio frágil que agora as ligava. — Anda. Não queremos que a Molly morra de fome.

A cozinha era pequena porque o edifício fora construído quando a comida e cozinhar ainda não tinham grande importância. Mas o irmão conseguira lá enfiar uma mesa e duas cadeiras ao lado da janela, e também arranjara espaço para um conjunto de enormes taças para a cadela. Era um cochicho para as três.

— Tinha de estar a morrer à fome para conseguir comer isso. E tu?

Freyja observou a rapariga a deitar cuidadosamente ração, de um saco semicheio para a taça.

— Talvez quisesse se fosse um cão. Mas não sou um cão.

Margrét esforçou-se por pôr o pesado saco em cima da mesa. A sua voz era enervantemente desprovida de emoção, mas pelo menos começara a responder às perguntas de Freyja.

Era normal. Nada do que Freyja dissesse poderia apagar a dor. Só o tempo o faria. Freyja forçou uma risada.

— Não, tens sorte. É mais divertido ser rapariga. — Conseguiu agarrar o saco antes de ele cair no chão. — Sabes o que se diz de vida de cão… pode ser muito infeliz.

— Preferia ser um cão. Agora, pelo menos. — Margrét olhou o linóleo, evitando o olhar de Freyja. — Os cães não querem saber dos pais e das mães.

— Sim, aí tens razão.

Molly não parecia sentir falta dos pais. Freyja estendeu a Margrét a taça que esta enchera. Os olhos de Molly seguiram-na e quando a comida foi colocada no chão ela começou a devorá-la, ao som do tilintar da coleira que batia contra o prato. Era inútil falar por cima do barulho, e ainda bem, porque Freyja tinha de ser cuidadosa com o que dizia. Não só a rapariga estava extremamente sensível

como Freyja não queria influenciar o depoimento dela sem querer.

O silêncio instalou-se assim que Molly acabou. Freyja simulou surpresa.

— Bolas, ela devia estar com fome. Posso dizer-te uma coisa? — Margrét não respondeu, mas pareceu assentir. — A Molly tem sempre fome. No segundo em que lhe tiramos a taça, fica com fome outra vez.

A cadela olhou-as, uma de cada vez, lambendo os beiços. Emitiu um gemido baixo como se soubesse que não iria receber mais comida, mas que não perdia nada em tentar.

— Agora temos de a levar para um passeio. Alinhas?

— Está bem.

Parecia que o passeio não era nem melhor, nem pior, que tudo o resto.

Freyja afastou a antiquada e bizarramente rendada cortina da cozinha. Flocos gigantes de neve caíam lá fora. Um carro da Polícia passou lentamente; devia ser uma das patrulhas que eles tinham prometido. Apesar de andar a passo de caracol, era difícil perceber como é que isto iria deter algum potencial agressor. A dissuasão só funcionaria enquanto o carro estivesse na rua. O pensamento perturbou-a e Freyja desejou que isso não tivesse transparecido.

— É melhor agasalharmo-nos bem. Está a nevar.

Freyja tinha pouca experiência em vestir crianças e pensou se não teria exagerado, quando estavam as duas à porta. Nada de Margrét era visível a não ser um rasgo de olhos verdes entre o cachecol e o gorro de lã.

— Achas que vais ter calor?

— Não me importo. — A voz ouviu-se bastante abafada através do cachecol.

Molly não conseguia conter a alegria e abanava a cauda ruidosamente contra a parede enquanto desciam as escadas. Passou por elas quando Freyja abriu a porta, puxando a trela com força. E apesar de ter pensado em deixar Margrét levar a cadela, Freyja percebeu que era demasiado arriscado. Não queria devolver a criança com ferimentos, mesmo que fosse difícil ver como é que ela se poderia magoar por baixo de tantas camadas de roupa. Freyja teve o cuidado de não andar demasiado depressa no pavimento escorregadio, embora Molly estivesse cheia de pressa e a arrastá-la consigo. Não havia sinal do carro-patrulha

nem de quaisquer outros veículos ou peões.

Os flocos de neve caíam devagar. Pareciam absorver todos os sons e as poucas palavras que Margrét e Freyja trocaram soavam estranhamente abafadas, como se enroladas em algodão.

Perto do mar, Freyja soltou Molly, que se afastou e desapareceu na penumbra branca. Por uma vez, Freyja não estava preocupada que se perdesse ou que se atirasse a estranhos. As pessoas pareciam todas ter ficado dentro de casa nessa noite. Ela e Margrét ficaram lado a lado, a observar os flocos de neve que tinham engolido Molly.

— Acreditas em Deus?

Freyja ficou contente por a rapariga não estar a olhar para a cara dela quando ela respondeu. Não queria dizer-lhe qual era sua opinião sincera porque, naquele momento, a crença no céu e na vida depois da morte poderia ser aquilo que dava algum ânimo à criança. Mas também não queria dizer-lhe uma mentira descarada.

— Às vezes, sim. Às vezes, não. — Mas achando que isto era fraco, acrescentou: — E tu?

— Às vezes, sim. Às vezes, não.

Voltaram a ficar em silêncio e, quando o telefone apitou no bolso do casaco de Freyja, quase pareceu um insulto à tranquilidade. Por hábito, tirou o telefone que brilhava no escuro. A mensagem fora enviada de um número que ela não reconheceu e que assumiu pertencer à Polícia — a Huldar. Ele prometera manter-se em contacto, mas não dera notícias. Típico. Ela percebera logo o carácter dele na manhã em que ele fugira. Sob aquela aparência atraente, havia um vazio interior.

Mas a mensagem não podia ser dele. «ACHAS QUE NÃO DOU CONTA DO CÃO?» O coração de Freyja disparou enquanto olhava em volta, à espera de ver alguém em pé atrás delas. Não conseguia esconder a agitação. A criança iria ficar com medo. Mas não havia nada a não ser neve, a cair cada vez mais espessa. Agarrou na mão de Margrét.

— Molly! Molly!

Margrét apercebera-se do pânico de Freyja.

— O que foi?

Os dedinhos dentro da luva lutavam contra o aperto da mão de Freyja.

— Nada. Mas é melhor voltarmos antes que a neve nos chegue aos joelhos ou que a barriga da Molly arrefeça. — Dizia disparates, que era o que fazia sempre que tentava esconder o desespero. — Molly! Anda cá, rapariga.

Freyja movia o telefone entre os dedos, a tentar decidir se largava a mão de Margrét para chamar a Polícia. Antes de conseguir decidir-se, ouviu um latido seguido de um gemido baixo.

— Molly! Molly!

A cadela reapareceu tão subitamente quanto tinha desaparecido e Freyja suspirou de alívio.

— Molly! Anda cá!

Enquanto a cadela se aproximava a coxear, Freyja viu que deixava um rasto vermelho-vivo na neve. Quando chegou ao pé delas, não havia dúvida de onde vinha o sangue; havia um corte grande na parte de trás da coxa. Como não podiam fazer nada por ela neste caminho desolado, Freyja tomou a dianteira e caminhou tão depressa quanto conseguia.

Foi uma sorte que a cadela estivesse a coxear ou Freyja teria corrido para casa, arrastando a rapariga consigo e revelando o terror que tentava esconder.

E pensou ter ouvido o eco de passos no silêncio espesso atrás delas.

# 21.

MOLLY ABRIU OS OLHOS, SONOLENTA, mas pareceu não gostar do que viu porque voltou a fechá-los.

— Pode deixá-la aqui, se quiser. Ela pode descansar na sala das traseiras.

A veterinária, uma quarentona que não se impressionava com facilidade, fitava Freyja, à espera de resposta. A bata imaculadamente branca que vestira para recebê-las estava agora enfeitada de pequenos pontos vermelhos.

Freyja evitou olhar para as suas próprias roupas, consciente de que não estava em melhor estado. Apesar de ser tentadora a proposta de uma noite sem Molly, recusou-a. Conhecia-se o suficiente para saber que se consumiria de remorsos antes de chegar a casa. O irmão tratava a cadela como uma criança, e ela nunca deixaria uma filha dele sozinha no hospital, para ir para casa descansar. Já estava com medo de lhe ligar e explicar o que acontecera, e só rezava para que ele não lançasse uma data de represálias loucas contra a pessoa que fizera mal à cadela. Sendo que o problema seria que ele faria tanto para estabelecer a culpa de um suposto agressor quanto para organizar um castigo adequado.

— Não, obrigada. Vou levá-la para casa. Só lhe peço que me dê uma ajuda a levá-la para o carro.

Apesar de Freyja estar em forma, Molly era tão pesada que ela não tinha a certeza de conseguir levá-la sem ajuda. Nem queria pensar em que estado ficariam as suas roupas depois. A pelagem de Molly estava, do lado da ferida, rija e pegajosa com sangue meio coagulado e outros fluidos misteriosos que

tinham saído dela quando a veterinária usara o bisturi e a agulha.

— Tem alguém em casa que possa ajudá-la a levá-la para dentro?

— Não.

Freyja sentiu-se corar. Qual era o problema? Não havia nada de que se envergonhar por viver sozinha na idade dela. Muitas outras mulheres com mais de trinta anos eram divorciadas ou solteiras. A veterinária não mostrara curiosidade em relação às calças manchadas de sangue e ao cabelo despenteado de Freyja, nem em relação à criança traumatizada que ela trazia a reboque, pelo que era possível que não se impressionasse com o seu estado civil. E também, desde quando é que Freyja se ralava com a opinião de desconhecidos? Devia ser choque tardio. Ela ansiava por relaxar num banho quente, mas teria de se contentar com um duche porque tinha uma criança a seu cargo… uma criança e uma cadela ferida. Pela primeira vez desde que deixara o ex, sentiu saudades dele. Ele tinha momentos bons. Mais do que ela queria recordar.

— Não há hipótese da Molly recuperar pelo caminho?

— Recomendo que espere um pouco. Agora que começou a abrir os olhos, não vai demorar muito a acordar. Não quer arriscar que ela volte a si no banco de trás do seu carro enquanto está a guiar. Vou dar-lhe um colar protetor, alguns analgésicos e antibióticos, e fazer a conta. Se acordar entretanto, pode levá-la consigo. Se não, fica aqui esta noite.

Não havia como discordar. Freyja não estava desejosa pela conta. Para além do custo normal, haveria uma taxa adicional por causa da hora tardia. Quando a veterinária perguntara se a cadela tinha seguro, Freyja quase desatara às gargalhadas, de tão improvável que o irmão tivesse tal coisa. A única razão que o levaria a fazer um seguro era se visse alguma maneira de enganar o sistema, mas era difícil ver como é que isto seria viável com seguros de animais. Não havia dúvidas de que ela iria ser sobrecarregada com uma conta astronómica para pagar. Mas não valia a pena preocupar-se com isso: a ferida nunca teria sarado por si e não poderia ter sido ela a suturá-la. Ainda pensara em pedir ajuda ao médico da Children’s House, mas depois desistira. Se havia alguma coisa que detestava mais que contas enormes, era ficar a dever favores aos outros.

Molly mexeu-se, abriu um olho e deu um esticão com a perna traseira. Depois, pareceu apagar-se outra vez, apesar de os seus olhos se moverem por detrás das pálpebras. Levara dez pontos na extensão de pelo rapado no alto da coxa. Segundo a veterinária, fora esfaqueada com uma faca afiada, aparentemente de propósito. A ferida não seria tão profunda nem limpa se a cadela apenas tivesse chocado em alguma coisa. A veterinária explicara isto enquanto limpava e suturava a ferida. Freyja teria preferido esperar no exterior, mas fora das horas normais de funcionamento, os donos eram obrigados a ajudar nas intervenções. Parecia que a veterinária passava a maior parte do tempo a acordar os donos que desmaiavam a meio das intervenções. Freyja evitara esta humilhação por pouco, desviando o olhar sempre que começava a ver o mundo a andar à roda. Deu por si a pensar na mãe de Margrét e em como o assassino dela matara outro ser humano de forma tão bárbara. Isto só piorou as tonturas e teve de se afastar da mesa de operações e encostar-se a um armário até recuperar.

Decidiu aproveitar o facto de Molly não estar a acordar para abrir a porta da sala de espera onde Margrét estava sentada a olhar para as fotografias de uma revista de cães.

— Queres entrar e ver? A intervenção já acabou. A pobre Molly ainda dorme, mas deve estar a acordar. Tenho a certeza de que prefere ver-te a ti do que a mim quando abrir os olhos. Mas não podes ficar maldisposta ao veres os pontos.

Margrét pousou a revista com cuidado. Arrumou-a como se quisesse apagar qualquer sinal de que estivera ali sentada. Freyja tentou perceber pela cara dela se ficara afetada pela aventura da noite, mas não parecia que assim fosse. A não ser que a expressão de pedra dela significasse que ainda estava em choque. Tinham chegado a casa sem ninguém a bloquear-lhes o caminho ou a persegui-las. E enquanto Molly estava deitada no chão, com o sangue a escorrer pela coxa, Freyja tentara inúmeras vezes ligar a Huldar. Devia ter havido um acontecimento muito importante porque a esquadra de Polícia recusava-se a passar a chamada ou a dizer onde é que ele estava. Não conseguiu deixar de ficar aborrecida, principalmente porque fora proibida de falar com a Polícia normal.

Calculou que isto era para garantir que muito poucos soubessem do paradeiro de Margrét.

— Olha para a coitadinha. — Freyja levou Margrét até à mesa de operações. — Levou dez pontos.

Observou a rapariga a fazer festas cuidadosas na cadela e pareceu-lhe ver o maxilar rígido dela a suavizar-se com um sorriso ténue.

— Espero que não tenha dores quando acordar.

— A mulher sabe o que lhe aconteceu?

Margrét levou os dedinhos à ferida. Freyja controlou-se para não lhe agarrar nas mãos, mas também não teria sido necessário. A rapariga tocou com cuidado na área rapada, mas nunca chegou aos pontos.

— Ela disse alguma coisa sobre isso?

— Não, não tinha a certeza. A Molly pode ter-se enredado em alguma coisa cortante que estava escondida na neve ou ter sido atropelada por um ciclista. Não sabemos.

— O que é que fazias se alguém te dissesse quem é que a magoou?

Freyja inspirou profundamente. Era possível que Margrét estivesse a enunciar a sua opinião, por isso devia responder com cuidado.

— Dependeria se tivesse sido de propósito ou um acidente. Se tivesse sido um acidente, faria a pessoa que a magoou pedir desculpa. Seria suficiente. Mas se tivesse sido de propósito, pedir desculpa não bastaria. Seria muito mais grave e eu iria à Polícia e deixaria que fossem eles a lidar com o culpado, para que este recebesse a punição merecida.

— O que é a punição merecida?

Os olhos verdes da rapariga semicerraram-se de dúvida, como se suspeitasse de que Freyja inventara a expressão.

— A punição merecida é quando as pessoas recebem o castigo ou o ralhete adequados ao que fizeram de errado. É importante, porque impede-as de voltarem a fazer mal e também impede que outras pessoas façam o mesmo.

Freyja esperava que este curto discurso convencesse Margrét do quão importante era que lhes contasse tudo o que vira na noite em que a mãe fora

assassinada. A próxima entrevista iria acontecer no dia seguinte e pouparia tempo e esforço — e angústia a Margrét — se fosse possível convencê-la a falar. A não ser que, claro, não tivesse mais nada para contar.

— Se alguém magoou a Molly, acho que merece ser magoado também. Mas pior.

— Antigamente, era assim, Margrét. E ainda é, em alguns sítios. — Freyja acariciou a orelha de Molly, que começara a contrair-se como se estivessem a fazer-lhe cócegas com uma folhinha verde num dia de verão. — Mas já se comprovou que esse tipo de castigo não funciona. As pessoas normais tornam-se más por dentro se começarem a fazer as mesmas coisas que as outras que fazem mal propositadamente.

— Não, se só o fizeres uma vez.

— Não, talvez não. Mas existem formas melhores de castigar as pessoas que fazem coisas más a outras.

— Quais?

Freyja perguntou-se porque é que a veterinária estaria a demorar tanto. Não queria conversar mais sobre crime e castigo com uma criança cuja mãe acabara de morrer em circunstâncias tão traumáticas. Lembrou-se do irmão e interrogou-se sobre o que acharia a rapariguinha de alguém como ele.

— A prisão. Ninguém quer ser preso, Margrét.

— Quer, sim. As pessoas que morreram. Aquelas que os homens maus mataram. Preferiam estar na prisão a estar mortas. — A rapariga calou-se e passou os olhos pela cadela adormecida. — É o que eu acho.

Margrét tinha razão. Era fácil ver agora para onde apontavam os seus pensamentos.

— Tenho a certeza de que tens razão. Mas infelizmente, isso não é possível. — Mais uma vez, Freyja contrariou o desejo de acariciar a nuvem de cabelo vermelho e encaracolado que parecia viva com a eletricidade estática do gorro da rapariga. — Mas vai por mim, é melhor prender as pessoas que cometem esses crimes maus do que as matar. Muito, muito melhor.

Ela sabia o quão fraco isto soava. Se fosse sincera, a verdade é que o mundo

ficaria melhor sem algumas pessoas. Mas a decisão não era dela — não era de ninguém, provavelmente. Pensou se deveria explicar a Margrét que o principal problema da pena de morte era a impossibilidade de a reverter se a pessoa afinal estivesse inocente, mas não teve hipótese. A porta abriu-se e apareceu a veterinária.

Trazia na mão duas folhas de papel, que Freyja assumiu serem a conta. Ficou alarmada por ver que uma folha não fora suficiente. A veterinária pediu a Freyja para sair da sala com ela por um momento, pedindo a Margrét para vigiar Molly. Mal a porta se fechou, estendeu os papéis a Freyja.

— Isto estava na secretária da receção. São as notas médicas de um cão que esteve aqui hoje, e a descrição do incidente é estranhamente parecida com o que aconteceu à sua cadela. — A mulher olhou Freyja com argúcia. — Vive em Grafarvogur? Segundo o número do seu Cartão de Cidadão, vive ao lado do cão que foi esfaqueado.

— Não. Moro no centro da cidade, como lhe disse. Perto de Grandi.

Por outro lado, o ex ainda vivia no apartamento que haviam partilhado em Grafarvogur. Se os vizinhos não se tivessem mudado, ela achava que conhecia o cão em questão. Era um animal barulhento, que costumava fazer um enorme estardalhaço no jardim comum onde passava os dias amarrado a um poste. Era tão grande como Molly, mas parecia mais inofensivo. Invadida por uma súbita suspeita de que o ex poderia estar envolvido nos acontecimentos, corou. Deviam ter sido os comentários do irmão que lhe deram a ideia. O ex aceitara muito mal a separação e dissera coisas muito feias. Mas poderia estar assim tão zangado, a ponto de maltratar Molly só para assustá-la? E praticar primeiro no cão do vizinho? A ideia fez ferver o sangue de Freyja e pelo calor que sentiu na cara, calculou que estaria a corar outra vez. O que piorava tudo era que a mulher não parecia acreditar numa palavra do que ela dizia.

— Já me mudei há que tempos, mas ainda não tive tempo de alterar a minha morada nos Registos Centrais. O meu ex-namorado ainda vive aí.

— Estou a ver. — O que quer que a mulher estivesse a ver não parecia melhorar a sua opinião sobre Freyja, a avaliar pelo olhar dela. — E esta cadela é

dele, por acaso?

— Não. Ele não tem nenhum direito sobre ela. Isto não tem nada que ver com alguma disputa sobre a custódia da cadela.

— Então, tem que ver com quê? Não é todos os dias que aparecem cães vítimas deste tipo de ataque em Reiquejavique. Dois acontecimentos parecidos em pouco tempo são mais do que um pouco suspeitos. Os ferimentos são quase iguais e não me surpreenderia que fossem obra da mesma pessoa. Seria demasiada coincidência. — A veterinária pôs as mãos nas ancas. — Estou capaz de denunciar isto à Polícia. Se o seu ex está por detrás dos ataques e planeia continuar a fazer isto, precisamos de impedi-lo imediatamente. Tem a certeza de que não o viu no local?

— Não, não vi. Por favor, acredite em mim quando digo que não o encobriria se soubesse que ele maltrata animais. Pode chamar a Polícia. Poupa-me o trabalho.

A conversa foi interrompida por um latido débil vindo da sala de operações, apesar de ser claro que a veterinária não dera o assunto por encerrado.

— Não consegui atender, mas vim mal vi as tuas mensagens. Pelo menos, o mais depressa que consegui.

Huldar estava à porta do apartamento de Freyja. Parecia pronto a cair para o lado, mas não mostrava sinais de vergonha, o que, para deceção de Freyja, significava que tinha uma desculpa perfeitamente razoável. Era insuportável quando, afinal, a raiva justificada não tinha razão de ser. Ao lado dele, estava uma mulher jovem que se apresentou como Erla. Parecia igualmente cansada, mas os olhos estavam mais alerta, o que a fazia parecer menos destroçada que Huldar. Freyja reconheceu-a como a agente que o acompanhara à segunda entrevista na Children’s House, mas estava agora vestida à civil. Por isso, parecia mais pequena e perdera o ar de autoridade associado à farda. Aparentemente, viera diretamente de casa, o cabelo molhado a sugerir que acabara de sair do chuveiro. Freyja sentia o desagrado da mulher, apesar de nunca terem trocado uma palavra depois de serem apresentadas na Children’s

House. Só Deus sabia o que tinha contra ela. Para evitar ser perturbada pela inexplicável hostilidade de Erla, Freyja fingiu que ela não estava ali e fixou a atenção em Huldar.

Ele continuava a desculpar-se.

— Houve um desenvolvimento.

Freyja não sabia o que esperava ele que ela dissesse. Ligara-lhe duas vezes para o telemóvel, enviara uma SMS e ligara para a esquadra de Polícia, por isso era inútil fingir que não tinha importância e que estava tudo bem com ela e com Margrét. Mas a boa educação falou mais alto e, em vez de se passar e dizer que ele não era único a deparar-se problemas imprevistos, respondeu com secura:

— Não te preocupes. Nós resolvemos tudo.

Antes que Huldar pudesse responder, Erla intrometeu-se:

— Posso perguntar-lhe uma coisa?

Observava o patamar com um ar crítico, enquanto falava. A tarefa de limpar as áreas comuns era supostamente partilhada pelos moradores, mas tanto quanto Freyja sabia, ninguém a não ser ela alguma vez pegara num aspirador e limpara desde que chegara. Há três semanas que o fizera. E para ser justa com Huldar, a verdade é que ele não torcera o nariz de nojo ao ver o estado do local, tal como não o fizera naquela outra, e mais feliz, ocasião. Mas Erla era diferente.

— Porque é que vive numa pocilga destas? O ordenado da Children’s House é assim tão mau?

Freyja ficou furiosa.

— Porquê? Está a pensar em organizar uma vaquinha?

Claro que não iria falar do irmão nem explicar que estava ali temporariamente. Não era da conta deles. Não tinha vergonha de Baldur e não tencionava traí-lo ao comentar a situação dele com dois polícias. Quando se tratava do irmão, eles pertenciam ao inimigo; ele iria considerar a visita deles um sacrilégio. Ela só esperava que ele nunca viesse a saber.

A expressão de Erla ensombrou-se, mas um olhar assassino de Huldar impediu-a de retorquir e ela calou-se. Huldar voltou-se para Freyja e falou num tom mais conciliador:

— Desculpa; não temos nada que ver com onde escolhes viver, claro. Estamos os dois exaustos. E tu também deves estar.

Ele olhou-a nos olhos por mais tempo do que o estritamente necessário e ela leu um pedido para não referir diante de Erla que os dois já se conheciam. Talvez eles fossem um casal. Talvez ele tivesse usado um nome falso porque estava a traí-la. Que clichê.

A atitude de Freyja tornou-se ainda mais seca.

— Sem problema.

Não sabia com qual dos dois estava mais zangada, ele ou a sua mulher malcriada. Com ele, provavelmente. Ainda assim, evitou olhar para Erla e insistiu em agir como se ela não estivesse ali. Da próxima vez que Erla abrisse a boca, não iria dignar-se a responder.

Estava um silêncio insólito no patamar. Os vizinhos deviam ter visto o carro da Polícia e haviam decidido ser discretos ou sentido o perigo no ar. Uma visita da Polícia era uma ameaça muito real aos moradores deste quarteirão. Freyja não teria ficado surpreendida se uma campainha de aviso tivesse disparado nos patamares quando o carro-patrulha apareceu na rua.

— Podemos entrar? Preciso de ir ver se está tudo ok. Precisamos também de falar contigo e preferia que não fosse aqui fora.

Freyja apercebeu-se de que estava a considerar o pedido dele há tempo de mais quando Huldar começou a mexer os pés. Por sua vez, Erla ficou de pernas afastadas e mãos nas ancas, como se tivesse recebido ordens para adotar uma postura formal. Dentro da farda, o efeito poderia ser impressionante, mas em roupas civis parecia um pouco ridículo.

— Por favor, entrem.

Freyja afastou-se, aborrecida consigo própria por ter cedido. Erla inspecionou o hall e aquilo que conseguia ver do apartamento com uma expressão arrogante, enquanto Huldar ignorava cuidadosamente o ambiente à volta. Estava a fazer um péssimo trabalho a comportar-se como um homem que entra pela primeira vez num sítio. Limpou meticulosamente os pés e, depois, descalçou os sapatos como sinal de que ia entrar mais lá para dentro. Erla

imitou-o, lívida. Freyja decidiu deixá-los sujar as meias.

— Como é que está a cadela? — Huldar olhou para as manchas de sangue no chão, que Freyja ainda não limpara. — Vai recuperar?

— Está ainda um bocado zonza da anestesia e infeliz com o colar de proteção, mas acho que vai ficar bem.

Como que sentindo que as pessoas estavam a falar de si, Molly apareceu à porta do quarto onde estivera a dormitar sob o olhar atento de Margrét. A cadela cerrou os dentes e emitiu um rosnido baixo, cujo efeito ameaçador foi diminuído pelo colar de plástico em forma de cone.

— Quieta, Molly.

Freyja empurrou a cadela de volta para o quarto. Margrét estava sentada na cama com o seu livro, tal como da última vez que Freyja fora verificar. Não conseguira convencê-la a ver o filme que trouxera.

— A Polícia está aqui por causa da Molly. Vou fechar a porta para que não lhes morda. Ela não entende que eles querem ajudá-la.

Sorriu a Margrét, que não respondeu. Enquanto Freyja fechava a porta, os olhos da rapariga e da cadela seguiram-na como se estivessem a esconder alguma coisa e não conseguissem acreditar que tinham conseguido escapar impunes. Freyja sentiu-se tentada a voltar a abrir a porta de repente para apanhá-las em flagrante. Mas, em vez disso, voltou-se para Huldar e Erla.

— Estão a salvo agora.

Huldar desviou os olhos do póster do hall, que estivera a observar para evitar olhar a cama sem querer. O póster escapara por pouco à purga antes da chegada de Margrét. Era o anúncio de um concerto de uma banda de rock da pesada que Freyja nunca seria capaz de ouvir: preferia ficar ao lado de um martelo pneumático. Huldar pareceu surpreendido por ver aquilo ali. Freyja não se lembrava de ter mencionado de quem era o apartamento, durante a noite que passaram juntos. Tinham estado ocupados com outras coisas. Decidiu não clarificar a ideia errada de que ela era fã de heavy metal.

— Podemos sentar-nos? — perguntou ele, reservado.

— Claro.

Encaminhou-os para a sala de estar, onde se sentou na única cadeira, obrigando Huldar e Erla a ficarem lado a lado no sofá, como crianças num banco da escola, com as mãos nos joelhos, prontos para pularem a qualquer momento.

— Recebi uma chamada do veterinário. Foi-me passada quando o teu nome surgiu. — Huldar não esteve com rodeios. — Parece que tens um ex que eles suspeitam de ter esfaqueado a cadela. A veterinária que ligou disse que outro cão também foi ferido. Parece que o dono vive no mesmo prédio que o teu ex.

Freyja rezou mentalmente a agradecer o facto de Margrét não estar na sala. A rapariga ainda achava que Molly se magoara sozinha num acesso de exuberância.

— Ficaria muito surpreendida se ele tivesse alguma relação com isto.

— Não mencionaste nenhum ex quando eles falaram em deixar a Margrét contigo.

Huldar teve a presença de espírito de não acrescentar que ela também não lhe dissera nada a ele, da outra vez. Afinal, ele não estava em posição de se queixar de que ela ocultara certos pormenores da sua vida privada.

— Se é violento, teremos de reconsiderar a decisão. Levanta dúvidas sobre a prudência de deixarmos a Margrét contigo. Acho melhor deixar um carro da Polícia estacionado lá fora até termos provas em contrário.

Não passou pela cabeça de Freyja recusar a oferta de proteção. Se isto o surpreendeu, ele não o mostrou.

— Ótimo.

Que pensamento tão rebuscado, o de que o ex-namorado poderia ter atacado Molly, mas tudo apontava para que o culpado a conhecesse. Bem vistas as coisas, tinha o número dela. Mas o facto de estar registada na lista telefónica era o suficiente para saber o número dela.

— Apesar de duvidar seriamente de que o meu ex possa constituir alguma ameaça para a Margrét, não há dúvida de que ela corre perigo. Alguém esfaqueou a Molly e eu recebi uma SMS ao mesmo tempo. Vejam. Esta manhã, teria dito que a Margrét estava segura aqui comigo. Agora não tenho tanta certeza.

Huldar leu a mensagem, mostrou-a a Erla e, depois, devolveu-lhe o telemóvel.

— Não há como negar que esta cena com a cadela não cheira nada bem. A única razão para fazer uma coisa destas seria para tirar o animal do caminho e facilitar um ataque à Margrét ou a ti. Assumo que a cadela saltaria em tua defesa.

— Sim, espero que sim. — Freyja não iria confessar as suas dúvidas quanto à lealdade de Molly.

— A cadela era dos dois ou só a arranjaste depois de se separarem?

— Depois. — Freyja não deu mais explicações. — E não éramos casados.

— Estou a ver. — O suspiro de Huldar era difícil de interpretar. — Tenho de dizer-te que vamos chamá-lo para ser interrogado… provavelmente, amanhã de manhã. Não espero que saia nada daí, a não ser que ele confesse, mas acho melhor que saiba que estamos de olho nele.

— Sem dúvida. Deem-lhe um apertão. Mal não fará. — Freyja reclinou-se na cadeira. — Mas é pouco provável que esteja envolvido. Pelo menos, eu ficaria estupefacta se estivesse. Não tem coragem para atacar um cão grande, quanto mais dois.

— Bom, vamos ver o que descobrimos. Vamos tentar localizar a SMS e se tiver sido enviada do telefone dele, isso irá clarificar o assunto. Se bem que duvido que ele seja estúpido. A mensagem deve ter sido enviada de um cartão SIM descartável e, nesse caso, irá demorar mais tempo a localizar. Mas isso é um problema nosso. No momento, a suspeita mais óbvia é que foi enviada pelo teu ex e, se assim for, a situação pode escalar. — Erla não conseguiu disfarçar um esgar quando Huldar disse isto. Freyja precisou de todo o seu autocontrolo para ignorá-la. — Qualquer intervenção nossa pode ter como efeito provocar *stalkers*. Pode enfurecê-los ainda mais contra as vítimas porque eles tendem a culpá-las pela humilhação de serem interrogados pela Polícia.

A palavra «*stalker*» parecia sempre inapropriada a Freyja, com a sua associação à caça de veados[1] nas montanhas. A realidade era bem pior, como ela sabia por causa do seu trabalho com os filhos de mulheres que eram perseguidas pelos ex-maridos. Mordeu o lábio e respondeu com calma:

— Teremos de esperar para ver.

— Podes ficar descansada que nada irá acontecer enquanto houver um carro-patrulha estacionado lá fora.

Por outras palavras, assim que eles encontrassem outro lugar seguro para Margrét, o carro iria desaparecer. Ela ficaria sozinha com Molly, que não poderia morder por causa do colar de proteção. Talvez a pessoa que atacara a cadela andasse atrás dela, e não de Margrét. Sentiu as palmas das mãos suadas.

— Mais alguma coisa?

— Sim, por acaso. — O olhar de Huldar estava pregado na mesa de centro. — O caso tomou um rumo inesperado. Acho que deves sabê-lo por mim, em vez de leres nas notícias de amanhã. — Olhou para ela. — Outra mulher foi assassinada. O mesmo *modus operandi*. Isto altera a situação, claro. A Margrét tinha razão quando disse que iria haver outra vítima e não preciso de te explicar o quão importante é que consigamos que ela conte a história toda amanhã.

Freyja demorou uns instantes a recompor-se. O que é que aquilo queria dizer? Que a pessoa que fizera mal a Molly podia ser o homem que matara a mãe de Margrét? Qual era o nível de perigo que a rapariga corria? E ela mesma?

— Têm a certeza de que é o mesmo homem?

— Temos. Encontrámos o mesmo tipo de mensagem que ele deixou no local do primeiro crime.

— Mensagem? Que espécie de mensagem?

A pergunta saiu sem querer. Ela não tinha qualquer vontade de saber da mensagem do assassino. Só queria que aqueles dois lhe saíssem do apartamento para que pudesse fazer o relógio andar para trás, até antes de tudo ter acontecido. Mais do que tudo, desejava alguma coisa normal, como uma chamada da amiga Nanna a queixar-se das otites dos filhos. Agora, parecia inacreditável que alguma vez tivesse achado aborrecido ouvir as queixas de Nanna.

— O que é que dizia?

— Não se preocupe com isso. — Erla recuperara a voz, mas não a boa educação.

Huldar cerrou os dentes para controlar o mau feitio.

— Passo-te toda a informação antes da entrevista de amanhã — disse a Freyja. — Talvez tenhamos de questionar a Margrét sobre as mensagens, no caso de ela ter ouvido alguma coisa que possa ajudar a entendê-las. Ainda não percebemos o que dizem… nem a que foi encontrada em casa dela nem esta última. Assumindo que há alguma coisa para perceber.

O prazer de ter picado Freyja desapareceu da cara de Erla. Resfolegou pesadamente, como um touro prestes a atacar.

— Ótimo. Se não houver mais nada, gostaria de ir deitar a Margrét.

Freyja sentiu um tal desejo de os mandar embora que cerrou os dedos até quase formar um nó. Eles perceberam a mensagem.

Depois de Margrét estar na cama e de tudo estar em silêncio, Freyja foi à janela da sala. Parara de nevar. O bairro parecia estar em completa paz debaixo da sua branca cobertura de neve. Parecia impossível acreditar que algures lá fora havia um homem que queria fazer-lhes mal, a ela ou a Margrét. Um polícia saíra do carro estacionado lá fora e estava encostado à porta do condutor, a fumar. Olhando para cima, viu Freyja a observá-lo e acenou. Envergonhada, ela fechou a cortina sem lhe retribuir o aceno.

Nenhum dos dois notou o movimento no jardim do outro lado da rua. A figura que ali estivera afastou-se e desapareceu na escuridão.

---

1 Em inglês, *deer-stalking*, usando o mesmo nome para a caça destes animais. *(N. da T.)*

# 22.
# Terça-feira

O TOQUE SOOU DESAGRADAVELMENTE estridente na casa silenciosa. Karl olhou para o telefone, o som agudo nos ouvidos enquanto tentava decidir-se. Atendia ou deixava tocar? Sabia quem estava a ligar e a sua mão pairava sobre o auscultador enquanto vacilava. Prometera a si próprio nunca mais falar com o irmão. Não atendas. Mas estava desesperado por falar com alguém, nem que fosse Arnar. Vá lá, atende. As duas possibilidades eram igualmente tentadoras.

Desde que acordara que estava envolto em silêncio e numa arrepiante sensação de solidão. Agora que retirara toda a tralha da mãe, a casa parecia sombria e triste, como um palco que tem ainda de ser decorado. As janelas pareciam maiores desde que arrancara os reposteiros e, sem as cortinas finas, o mundo lá fora parecia cinzento e desolador.

Acima de tudo, sentia falta das plantas que tinham murchado e morrido, uma a seguir à outra, desde que ele deixara de as regar. Não era difícil identificar-se com elas. Sem as plantas, a fealdade da mobília destacava-se. E as manchas mais claras nas paredes onde haviam estado pendurados quadros e objetos decorativos pareciam sombras do passado.

Era demasiado tarde para arrependimentos — estava agora preso a esta versão crua da sua casa. A maioria dos ornamentos, cortinados, quadros, fotografias, eletrodomésticos antigos, vasos de flores, porcelanas decorativas e outros objetos supérfluos tinham ido para a lixeira. No final, fizera três viagens, com o carro cheio até cima. Os funcionários haviam ficado perplexos ao vê-lo

deitar fora vários objetos em bom estado e, quando lá foi pela segunda vez, a atenção dele fora gentilmente desviada para o contentor de caridade fornecido pela Good Shepherd[1]. Corado, procurara outro sítio e largara ali o resto. Na última viagem, o funcionário não estava presente e Karl enfiara o resto das coisas no contentor geral. Teve uma sensação de fecho definitivo.

Agora o apartamento vazio fazia eco, as paredes despidas faziam-no sentir que andava às voltas dentro de um contentor metálico. Não que ele fizesse muito barulho; depois de ter deitado fora o rádio da mãe e a velha televisão, e que ele não tinha ninguém com quem falar, vivia num silêncio quase total. A solidão não lhe agradava, embora já devesse estar habituado a ela, mas as tentativas de contactar Börkur e Halli haviam sido infrutíferas: o telefone de Börkur tocava sem resposta; Halli parecia estar morto. De vez em quanto, saltava de susto quando ouvia barulhos vindos da cave, mas quando lá ia para verificar, não havia nada para ver. No final, convencera-se de que os sons deviam vir do exterior e deixou de se assustar sempre que os ouvia. Mas não saíra para ver se havia alguma coisa a bater contra a parede; tinha demasiado medo de não encontrar lá nada.

O toque persistiu, parecendo, se era possível, ainda mais perentório. Talvez fosse um sinal de que seria o último toque antes de Arnar desistir. As mãos de Karl estavam pegajosas. Desejava ouvir uma voz, uma voz humana, a voz de alguém que queria mesmo falar com ele. Se quisesse comunicar com desconhecidos, poderia ir para a cave e procurar outros radioamadores solitários. Não tinha dúvidas de que estaria lá sentado agora se o equipamento não o recordasse constantemente das assustadoras emissões de números. Também havia aquelas malditas batidas. Já era suficientemente mau ouvi-las lá em cima; de perto, na cave, era insuportável.

O toque parecia estar a desvanecer-se. Karl não podia hesitar nem mais um momento. Levantou o auscultador.

O irmão pareceu surpreendido, como se estivesse à espera de outra pessoa.

— Karl?

— Sim.

Fez o possível por parecer indiferente, nem zangado, nem satisfeito. Tinha de passar a imagem de que não se interessava nada pelo irmão.

— Estava quase a desligar. É o Arnar. Acabaste de chegar?

— O quê? Não. Não ouvi o telefone.

Karl arrependeu-se logo de não ter aproveitado a desculpa dada pelo irmão e mentido, dizendo que acabara de chegar. Era impossível não ouvir o telefone em qualquer parte da casa, e Arnar sabia-o bem.

— Está bem.

Arnar fez uma pausa e Karl pressionou o auscultador contra a orelha. O silêncio na América era igual ao silêncio na Islândia. Opressivo. Mas não durou muito.

— Só queria saber se estavas bem, depois da nossa última conversa. Tu sabes… — Ele não precisava de desenvolver.

— Como assim?

— Oh, só queria certificar-me de que não tinhas entendido mal. Podes ter achado que eu não queria que viesses para aqui.

Arnar parecia hesitante, o que nem era dele. O tom de voz estava sempre a mudar, como se não soubesse ser simpático e estivesse a lutar por conseguir a nota certa.

— De qualquer forma, essa não era a intenção.

— Nunca pensei que fosse. Como disse, tu é que não me entendeste. Não estou interessado em fazer o caminho todo até à Costa Oeste. — Esta mentirinha fraca não soava agora mais credível do que durante a última conversa deles. — Não te preocupes.

— Ok. — O alívio de Arnar era tão óbvio que era quase embaraçoso. — A propósito, uma pergunta…

— O que é?

Karl pensou em desligar. O auscultador causava desconforto a pressionar-lhe o ouvido. O sangue subira-lhe ao rosto ao aperceber-se de que Arnar nem sequer o encorajara a visitá-lo. Se não tivesse despachado o enorme espelho com a moldura dourada que costumava estar pendurado por cima do telefone, poderia

ter visto a sua cara vermelha. Fixou os olhos no retângulo branco deixado pelo espelho.

— Já andaste a ver as coisas da mãe?

— Sim. — O melhor seria remeter-se a monossílabos, para não denunciar o ódio e a dor.

— Encontraste alguns papéis ou documentos?

Karl hesitou. Era a primeira vez durante o relacionamento deles que ele estava na mó de cima e queria aproveitar esta vantagem.

— Sim. Imensos.

— Imensos?

— Sim, uma pilha de papéis antigos.

— Mas olhaste para eles?

— Sim.

— Para todos?

Arnar hesitava em perguntar o que mais lhe interessava. Com tanto em jogo, queria defender-se de algum potencial desapontamento.

— Sim, todos. — Karl não tencionava facilitar as coisas.

— E?

— E o quê?

— E… encontraste papéis de adoção? Os *meus* papéis de adoção?

Mais uma vez, Arnar revelava o seu egocentrismo; não queria saber das origens de Karl. *Ele* era o único que interessava.

Karl inspirou profundamente e, depois, sorrindo para si, disse:

— Não.

— Não?

Arnar não conseguiu disfarçar a desilusão. Nem a embaraçosa esperança que as perguntas seguintes continham.

— E mais nada? Cartas, certificados, esse tipo de coisas? Não têm de ser registos formais de adoção.

— Não, nada. — Karl sorriu novamente para si próprio. — Zero.

— Está bem.

Arnar calou-se, como se precisasse de tempo para digerir a desilusão… e a completa derrota.

— Manda-me tudo na mesma. Quero analisá-los para o caso de…

Karl inclinou-se para trás e levou os olhos ao teto. Que sorte ter atendido. Não poderia ter terminado de melhor forma o relacionamento com o irmão.

— Oh, deitei tudo fora — disse, casualmente. — Ontem. Devias ter ligado mais cedo.

— Deitaste tudo fora? Onde? No caixote?

— Não, levei tudo para o contentor. Os papéis também. — Karl fechou os olhos. — Já não conseguimos encontrá-los. Devem ter sido levados com o resto do lixo. Mas talvez pudesses perguntar onde deitaram o lixo desse dia e tentar procurá-los… se estivesses no país. Mas duvido que adiantasse de alguma coisa.

— Estou a perceber. — Arnar soava como uma pessoa completamente diferente. O tom arrogante e ameaçador desaparecera da sua voz, que agora não era mais do que um sussurro.

— Havia mais alguma coisa? Tenho de desligar.

— O quê? Oh… Não.

— Então, adeus.

Karl desligou. Já não se sentia solitário nem ansioso. Pelo contrário… Sentia-se bestialmente bem. Era como afundar-se num sofá confortável depois de ter dado uma passa num enorme charro. Então, era assim que se sentiam os vencedores. Um gajo podia habituar-se a isto.

O envelope estava em cima da mesa da cozinha com os documentos dispostos à volta. Karl colocara-os com cuidado, um a seguir ao outro, depois de os ler. Apesar de os nomes terem sido omitidos em alguns dos papéis, ele reunira informação suficiente para saber quem eram os seus verdadeiros pais e os de Arnar.

Os nomes dos seus nada lhe diziam: Gudrún María Gudjónsdóttir e Helgi Jónsson. Como tudo o resto relacionado com ele, os nomes não eram nem sonantes nem memoráveis, apenas banais. Lamentava ter cedido à curiosidade,

mas fora demasiado tentador descobrir o tipo de informação sobre a sua família biológica que Arnar estava tão desesperado por descobrir para si próprio. Quando Karl tirou os papéis do envelope amarelo-mostarda, imaginou que para o resto da vida andaria mais direito, sentir-se-ia um pouco mais reconciliado com o seu destino, sabendo que apenas ele possuía esta informação. Agora, no entanto, desejava poder apagar a informação da memória. Mas não era assim que funcionava.

A ventoinha do seu computador portátil barato despertou para a vida como se para o apressar; lembrá-lo de que tinha de acabar aquilo, agora que começara. Karl passou as mãos pelo cabelo. As palmas vieram brilhantes de gordura. Enquanto as observava, ocorreu-lhe que tanto Gudrún María como Helgi deviam ter sido confrontados com as mesmas mãos todos os dias. Largas, unhas planas, dedos anelares desnecessariamente longos, polegares grossos. Deviam ter vindo de algum lado.

Pondo os documentos de lado, aproximou o portátil de si, mantendo os olhos no teclado preto em vez de olhar para o ecrã como era habitual. Por alguma razão, não queria ver os nomes materializados letra por letra. Nunca olhava para o teclado, por isso só então reparou como as letras se tinham desvanecido. O M desaparecera completamente, assim como metade do S. Pequenas linhas brancas restavam do A e do R. Era um pouco como a memória que tinha da mãe adotiva; as feições dela estavam a esfumar-se e já não conseguia lembrar-se da voz. E como não havia nenhuma gravação dela a falar, a voz fora literalmente apagada do Universo.

Levantando os olhos para o ecrã, Karl começou a sua pesquisa. Como Arnar durante o telefonema, decidira empatar um pouco. Iria procurar primeiro os pais do irmão. Assim, poderia continuar por uns minutos numa abençoada ignorância acerca das suas deprimentes origens, enquanto se agarrava à esperança — contra toda a razão — de que talvez não fossem assim tão más. Afinal de contas, era provável que a mãe as tivesse mantido em segredo para protegê-lo da horrorosa verdade.

No entanto, daquilo que se lembrava, a mãe estivera mais focada em

esconder informação de Arnar. Talvez porque ele fosse mais insistente que Karl, se bem que ele tivesse um palpite de que essa não era razão. As origens de Arnar deviam ser bem piores que as suas, por isso parecia lógico escavar primeiro na família dele. Iria diminuir a dor de Karl saber que outros tinham de lidar com coisas piores do que ele. Apenas teria de se disciplinar para não contar o segredo, independentemente de quão terrível fosse. Seria melhor guardar a informação para si num futuro próximo do que atirá-la à cara de Arnar para saborear o choque dele. O irmão não era do tipo de se afundar na desilusão e, num ápice, iria recuperar e voltaria a ficar de cabeça erguida, imponente em relação a Karl — mais inteligente, mais satisfeito consigo mesmo do que merecia. Nenhuma história anterior seria devastadora o suficiente para esmagar Arnar por muito tempo — Karl não deveria esquecer isso.

Mas havia outra razão pela qual o passado de Arnar lhe interessava mais do que a sua própria história. Segundo a certidão de nascimento de Arnar, a mãe chamava-se Jóhanna Hákonardóttir. A caixa a seguir ao nome dela tinha um número de oito algarismos; não havia números de identificação de dez algarismos no documento porque ainda não tinham sido introduzidos em 1983 quando Arnar nascera, mas o número pareceu familiar a Karl. Estava convencido de que a mesma sequência fora emitida na rádio na noite anterior — lembrava-se de puxar pela cabeça durante muito tempo porque não se assemelhava a nada do que antes fora transmitido pela estação. Depois de a emissão ter terminado, pesquisara a sequência de oito algarismos, mas nada aparecera. Era quase de certeza o mesmo número e, para se certificar, Karl até se dera ao trabalho de ir buscar às suas notas à cave. Estava certo: o antigo número da segurança social da mãe de Arnar fora lido.

Não valia a pena tentar convencer-se de que era uma coincidência. As hipóteses de uma série aleatória de oito algarismos coincidir exatamente com o número desta mulher eram remotas o suficiente, mesmo sem o facto adicional de a série de dez algarismos de uma emissão anterior corresponder à sua própria identificação.

Não havia como negar a conclusão de que a pessoa responsável pela emissão

os incluíra, a ele e a Arnar, nos seus planos obscuros. Karl não fazia ideia do que aquilo queria dizer. Talvez pudesse desvendar o mistério se conseguisse descobrir alguma coisa sobre esta mulher.

Nenhuma das emissões de números estivera até então associada ao pai de Arnar, cujo nome era, segundo a certidão, Thorgeir Bragi Pétursson, e por isso Karl estava menos interessado nele.

A pesquisa não ajudou grande coisa. Apareceram trinta mil resultados, mas as mulheres com o mesmo nome que surgiam logo no início ainda estavam vivas. Repetiu a busca com a data de nascimento de Jóhanna, o que reduziu bastante o número de resultados. Entre eles, estava a notícia da morte dela. Morrera no dia 12 de fevereiro de 1987 em casa, na quinta de Gráhamrar no distrito de Hvalfjördur, aos trinta e três anos. Era descrita como dona de casa e mais nada. Não havia menção a um filho ou a um marido, nem a nenhum familiar ou sogros vivos. O obituário encontrado pelo motor de busca não dava mais detalhes. O nome em baixo era o de Thorgeir Bragi Pétursson, o pai de Arnar, que se limitara a enviar um poema que não parecia relevante:

«Senhor, peço que veles
Pelo meu pobre filhinho;
Faz com que ele durma sossegado;
Faz com que nunca chore.»
Benedikt Th. Gröndal

Dado o assunto do poema, Karl teria esperado uma referência ao filho deles, Arnar, mas não. A decisão de o entregar para adoção já devia ter sido tomada e a única interpretação possível era que este Thorgeir Bragi recusara ficar com o filho.

Mas onde é que estava o escândalo? A fotografia da mãe de Arnar que acompanhava o obituário mostrava uma jovem com um aspeto perfeitamente normal. Era uma fotografia tipo passe bastante má, que parecia ter sido tirada durante a adolescência; a cara infantil levou Karl a calcular que idade teria

quando Arnar nascera: dezanove anos. Poderia ser esse o terrível segredo? Que o tivera tão nova? Que desilusão. Isso não era sequer vergonhoso. Desapontado, fechou o obituário.

A janela com a notícia da morte reapareceu. Karl estava prestes a fechá-la também quando perto do fundo do ecrã, apareceu o cabeçalho da notícia de uma outra morte. Hákon Hákonarson morrera no mesmo dia que Jóhanna, 12 de fevereiro de 1987, também em casa, em Gráhamrar, no distrito de Hvalfjördur.

Karl reclinou-se, olhando o ecrã com o sobrolho franzido. Hákon devia ter sido o pai de Jóhanna; o avô de Arnar. Mas, tal como na notícia sobre a morte da filha, não havia menção a outros familiares vivos. Parecia que ele morrera sozinho e sem amigos como ela. No mesmo dia.

Karl pesquisou os arquivos de jornal para ver se havia relatórios de algum incidente que pudesse ter causado a morte de ambos. O seu pensamento imediato foi um incêndio doméstico ou um acidente de carro, apesar de esta última explicação não se coadunar com a informação de que teriam ambos morrido em casa. Uma avalanche? Nenhuma fora registada, mesmo tendo ele visto os jornais das semanas anteriores a 12 de fevereiro. Uma aura de secretismo parecia pairar sobre a morte de pai e filha.

Antes de desistir, Karl decidiu pesquisar mais sobre Thorgeir Bragi Pétursson, o pai de Arnar. Talvez pudesse ligar-lhe e indagar sobre a morte de Hákon e Jóhanna, mas talvez fosse arriscado. E se o homem estivesse a sofrer de remorsos e quisesse contactar Arnar? No entanto, o seu receio revelou-se inútil, porque Thorgeir morrera dois anos antes. Ao contrário da mãe do seu filho, deixara para trás uma família numerosa: mulher, irmã, pais, quatro filhos e vários netos. Por isso, havia muitos obituários segundo os quais era possível perceber que ele nascera, fora criado e vivera na aldeia de Akranes, do outro lado da baía de Faxaflói de Reiquejavique. E apesar de a causa de morte não ser divulgada, os autores dos obituários faziam frequentes referências a uma doença difícil e a uma batalha duríssima. Não havia uma única palavra sobre Jóhanna ou Arnar.

Karl desligou o computador. Não iria encontrar respostas online. A fonte

mais provável de novas pistas seria a emissora de números. Eram dez para as cinco. Levantou-se e correu para baixo. Quando a emissão começasse daí a uma hora, tencionava estar pronto, à espera, armado de papel e caneta. O seu próprio passado teria de esperar.

Na cave, as leves batidas recomeçaram.

---

1 Cadeia de lojas em segunda mão em Reiquejavique. *(N. da T.)*

# 23.

HAVIA UM ZUMBIDO DE ATIVIDADE NA ESQUADRA fora do comum. O foco da investigação mudara do local do crime para uma sala dali, já que a maioria dos dados recolhidos durante a investigação estava agora naquele espaço. Como tal, a maior parte da equipa estava presente, quase todas as secretárias estavam ocupadas e as pessoas trabalhavam em computadores por todo o lado. O barulho dos teclados não abafava completamente os outros sons, mas criava um constante pano de fundo sempre que as conversas cessavam. O ambiente assemelhava-se mais ao da redação de um jornal do que ao de um D.I.C; o cheiro do café no ar só aumentava o efeito.

O sol do meio-dia estendia-se pelo horizonte e brilhava através das enormes janelas, tornando quase impossível para as pessoas verem os ecrãs dos computadores. Como tal, muitas dos estores estavam corridos e a escuridão resultante dava a ideia de que era muito mais tarde. Para a maioria deles, o dia de trabalho estava a meio, enquanto para Huldar estava ainda a começar. O líder da investigação tinha de ser o primeiro a chegar e o último a sair. Era uma regra que todos conheciam. Se fosse para casa às quatro da tarde, passaria a mensagem de que não fazia mal aliviar a pressão, e no dia seguinte a equipa começaria a debandar às três. Ele até cancelara uma consulta no dentista marcada seis meses antes com medo de que isso pudesse esmorecer a dedicação dos colegas. A urgente necessidade de um corte de cabelo também teria de esperar.

Estavam no processo de rever e analisar a informação que já fora recolhida sobre dois assassínios, tentando encontrar sentido na avalanche de dados e

procurando o fio que os levaria ao culpado. Numa sociedade moderna, cada indivíduo deixa um rasto digital, um conjunto de transações eletrónicas e outros dados gerados por atividades rotineiras. Uma vez ordenadas e sistematicamente comparadas com depoimentos de testemunhas, estas provas podem revelar com um pormenor incrível os últimos dias da vida de uma pessoa. A maioria da informação pode ser adquirida com esforço mínimo, por exemplo examinando a utilização de cartões bancários, chamadas, emails e a atividade nas redes sociais. O principal problema consiste em isolar o que interessa da vastidão de informação disponível.

Depois de analisar os dados que Almar encontrara no computador portátil de Elísa, Huldar delegou noutros a tarefa de fazer o mesmo com os ficheiros do computador do escritório dela. Havia muito mais trabalho a fazer e, para além disso, tinha medo de adormecer em cima do teclado. O grupo acabara agora de reunir a maior parte dos movimentos de Elísa antes da sua morte e estava ocupado a construir um quadro claro das últimas horas de Ástrós.

Elísa acordara cedo e tirara os filhos da cama com a ajuda do marido. Passara os olhos pelas manchetes dos jornais no computador portátil, enquanto os miúdos tomavam o pequeno-almoço, e enviara um email para a escola a pedir que Margrét ficasse no interior durante o intervalo porque ela receava que estivesse a chocar uma constipação. O casal dividira então as crianças entre si; Sigvaldi levara Margrét à escola, e Elísa os rapazes à creche. Chegara dez minutos atrasada ao seu emprego na repartição de finanças e entrara logo para uma reunião interna sobre alterações nas leis fiscais. A reunião durara duas horas. De seguida, tarefas de rotina até ao meio-dia; escrevera um parágrafo num relatório sobre lacunas fiscais na indústria turística e lera uma secção compilada por um colega. Ao almoço, fora a um restaurante no centro da cidade com duas colegas, onde comera uma salada César, regada com Pepsi Max. Publicara uma fotografia da refeição numa rede social. Ao ver este monótono prato, Huldar interrogou-se se ela teria escolhido algo mais pecaminoso se soubesse que as calorias ingeridas nunca seriam convertidas em gordura.

Após apenas uma hora de almoço, Elísa regressara para trabalhar no

relatório. No entanto, não poderia ser descrita como diligente. O computador revelava que passara um desproporcionado tempo online, em que vira sapatos na Amazon e ofertas num site de descontos. Neste último, Elísa marcara uma oferta familiar num restaurante de hambúrgueres que teria sido uma pechincha, mas era agora improvável que usufruíssem dela. Almar dera-se ao trabalho de imprimir a confirmação e de entregá-la a Huldar, pedindo-lhe que a fizesse chegar à família. Estava ainda em cima da secretária, de onde iria certamente para o lixo.

Às duas, Elísa gravara no sistema Lync do escritório que tinha de sair, mas que estaria de volta antes das três. Logo a seguir, comprara um bilhete para o autocarro, o que coincidia com o depoimento do marido de que ela o apanhara em casa e lhe dera boleia para a estação central de autocarros como haviam combinado nessa manhã. Enquanto ela estava a comprar o bilhete, ele levara a bagagem para o autocarro. Tinham-se despedido e, depois, ela voltou a correr para o computador.

Elísa saíra do trabalho pouco antes das quatro para ir buscar as crianças ao infantário e à escola. Parara num supermercado a caminho de casa, onde fizera muitas compras, pelo menos segundo os padrões de Huldar. Depois, o grupo apressara-se a ir para casa com as compras, com uma breve paragem numa bomba de gasolina onde tinha atestado o depósito e comprado três sorvetes. O empregado da caixa disse que se lembrava de Elísa, porque os miúdos estavam impacientes e parecia haver um grande rebuliço no carro. Os sorvetes tinham sido uma tentativa de os acalmar. Um pormenor do testemunho do empregado não encaixava na sequência de acontecimentos conhecida. Ele dizia que o marido de Elísa estava com eles e que enchera o depósito.

Inúmeros clientes passavam pela bomba de gasolina todos os dias, e a óbvia explicação era que ele confundira dois grupos diferentes de pessoas. A gasolina fora posta quando Sigvaldi estava a embarcar no seu voo. Ao início, os filhos de Elísa tinham encolhido os ombros quando lhes perguntaram se se lembravam da ida à bomba de gasolina e se havia outra pessoa no carro com eles, mas depois Bárdur, o rapaz mais velho, lembrara-se vagamente de que um empregado da bomba atestara o depósito. Isto foi considerado mais plausível do que a ideia de

que o assassino de Elísa estava no carro e regressara a casa com eles da bomba. Védís, a vizinha do lado, vira a família chegar a casa. Nessa altura, eram apenas os quatro — Elísa e os três miúdos, mais ninguém. Era possível que Margrét pudesse ajudar a esclarecer melhor a situação quando falassem com ela mais tarde.

A transação eletrónica seguinte no cartão de crédito de Elísa era o pagamento de um serralheiro para abrir a porta da frente. Segundo ele, ela perdera a chave de casa, o marido estava fora e a chave suplente estava dentro de casa. Huldar e outros membros da equipa de investigação tinham posto um ponto de interrogação ao lado deste incidente, sugerindo, aliás, que o assassino poderia ter tido acesso à chave naquele dia. Não havia sinais de arrombamento, pelo que o homem devia ter usado uma chave ou Elísa se esquecera de trancar a porta. Apesar de a porta da frente ter sido encontrada trancada na manhã seguinte, isso não era necessariamente significativo. Tanto quanto sabiam, o assassino podia tê-la trancado depois de sair, mesmo que estivesse aberta quando ele entrara.

Elísa não quisera que o serralheiro mudasse as fechaduras, garantindo-lhe que isto já acontecera e que não era motivo de preocupação. Ela tinha uma chave suplente lá dentro; o porta-chaves era velho e a chave devia ter caído algures: no trabalho, na escola ou na creche, na loja ou na bomba de gasolina. A Polícia realizara buscas em todos estes sítios, sem sucesso. Quando já estavam em casa, Elísa ligara-se ao Facebook e pusera «gosto» em várias atualizações dos amigos. Publicou que Sigvaldi estava nos Estados Unidos, para que o seu círculo de amigos soubesse que estava sozinha em casa com os miúdos. Também informou o mundo de que iria cozinhar esparguete e recebeu inúmeros «gostos» por isso. Huldar não sabia se era do esparguete que as pessoas gostavam ou do facto de ela estar sozinha. A Polícia tivera a precaução de verificar que não havia esquisitóides infiltrados entre aqueles que tinham gostado da atualização, mas todos os comentários vinham de amigos com quem Elísa estava em contacto há muito tempo. Tirando isso, aquela noite não fora registada tão minuciosamente como o resto do dia. Ainda assim, entre as 19h00 e as 23h00, Elísa entrara várias vezes no Facebook e no Twitter. A sua última atualização nesta vida podia ser

lida no Facebook: «Boa noite — novo dia amanhã, vou acertar em tudo para variar!» Mas claro que isto nunca pôde ser comprovado.

Dadas as muitas atualizações que Elísa havia feito nestas redes durante a vida, Huldar não conseguia deixar de imaginar o que ela teria publicado se o assassino lhe tivesse dado um computador durante a agonia da morte. «Não vão acreditar nisto, mas um homem está a tentar aspirar o esparguete — que estava delicioso, a propósito — do meu estômago.» Ou simplesmente: «Socorro! Acudam-me!»

Sobre os últimos movimentos de Ástrós sabia-se muito menos. Ela não era, de todo, tão ativa quanto Elísa nas redes sociais e parecia ter sido muito menos extrovertida, no geral. Reformara-se dois anos antes, por isso os colegas já não faziam parte da sua vida. E tanto quanto se podia saber, ficara em casa o dia todo, a não ser que tivesse ido dar um passeio a certa altura. O carro, um pequeno Toyota, estava estacionado na garagem e ela anotara a quilometragem ao atestar o depósito, no dia anterior. Tendo em conta a distância entre a bomba de gasolina e o apartamento, concluíram que fora diretamente para casa e não usara o carro depois disso. O cartão de crédito dela mostrava apenas uma transação no dia em que morrera e era um débito direto para uma instituição de caridade. Fizera três chamadas de casa durante o serão, uma para a operadora telefónica, outra para a irmã e a terceira para uma amiga. A chamada para a operadora telefónica não fora sobre nada de importante, segundo o representante do serviço ao cliente que falara com ela. Ele não se lembrava de pormenores, apenas de que era algo relacionado com um defeito ou um vírus no telemóvel dela. Nada sugeria que esta conversa tivesse alguma ligação com o assassínio. A amiga de Ástrós disse que elas tinham falado de um livro que Ástrós lhe emprestara e sobre o cruzeiro no Mediterrâneo que esta iria fazer. A conversa entre ela e Ástrós durara dezassete minutos e o polícia demorou pelo menos sete minutos a conseguir despachá-la. Mas depois ele sentiu que ouvira tudo o que queria e ainda mais sobre o iminente cruzeiro.

A chamada para a irmã durara mais ou menos o mesmo, à volta de dezanove minutos. A irmã disse que haviam falado dos filhos de familiares que iriam ser

crismados na primavera, de uma loja nova no centro comercial de Smáralind e também de uma visita que Ástrós aguardava e que não dera em nada. Ela não dissera o nome do visitante e a explicação havia sido bastante confusa. Daquilo que a irmã conseguia lembrar-se, Ástrós recebera uma SMS a dizer que alguém estava a chegar, mas ela parecia estar a confundi-la com outras mensagens que recebera e que achava que não eram para ela ou que eram algo duvidosas. Ela não explicara o que continham estas mensagens e a irmã não mostrara muito interesse porque estava atrasada para o teatro. Em lágrimas, informou Huldar de que a peça era péssima e que deveria ter conversado mais com a irmã.

O telemóvel de Ástrós fora encontrado no local. Desta vez, a Polícia tivera o cuidado de verificar que era aquele que ela usava, para evitar repetir o mesmo erro que com o telemóvel de Elísa, que ainda não aparecera. Quem quer que o tivesse, não o ligara ainda e parecia improvável que fosse fazê-lo agora. A operadora telefónica entregara uma lista das chamadas e das mensagens que Elísa recebera nos dias anteriores à sua morte, mas nenhuma das mensagens se assemelhava às recebidas no telemóvel de Ástrós.

As SMS enviadas a Ástrós estavam a ser analisadas. Eram quatro de um remetente desconhecido, três das quais incompreensíveis:

«39, 8, 92 · 5, 3—53, 8, 8, 66 · 83, 43, 1

39, 8, 92 · 75 · 10, X, 65—5

66—39, 8 · 90, 63—92 · 42—8, 85, 108.»

A pessoa que trabalhava na mensagem codificada deixada em casa de Elísa estava agora também a batalhar com estas, mas Huldar não tinha grande esperança de que encontrassem uma resposta. O homem também estava a tentar descodificar a mensagem que fora encontrada no envelope do carro do vizinho de Ástrós: «22, 90—1 · 9, 8, 86—7 · 73, 90—1.» Huldar pensara que a sequência habitual que aparecia em dois dos textos pudesse facilitar a descodificação, mas isso não parecia ter ajudado de todo.

Tinham-se fixado no «X» como a única letra entre os números, mas isto não levara a nenhuma descoberta. A esperança de Huldar era de que a Interpol conseguisse quebrar o código, mas até então o pedido deles só resultara em mais

papelada para ele preencher. Seria bom que não acabasse por se revelar um desperdício de tempo.

A quarta SMS no telefone de Ástrós consistia no anúncio da chegada iminente de alguém desconhecido. A Polícia não fazia ideia da identidade da pessoa e Ástrós também não, a avaliar pela conversa com a irmã.

«Não falta muito para a minha visita — empolgada?»

Huldar não era o único a achar que as mensagens haviam sido enviadas pelo assassino. Fora dada prioridade absoluta ao rastreio do número de onde haviam sido enviadas; com sorte, ele iria tê-lo até ao fim do dia. Finalmente, o assassino parecia ter escorregado. Usara um cartão descartável, do tipo que era comprado maioritariamente por turistas estrangeiros ou pelo habitante local que o usava para propósitos nebulosos. Os vendedores deviam registar o nome dos compradores, mas os registos de vendas em hotéis revelaram-se pouco fiáveis, na melhor das hipóteses. No entanto, deveria ser possível rastrear o cartão até um ponto de venda específico e verificar os registos. E se era esperar de mais que o homem tivesse dado o seu nome verdadeiro, o cartão poderia ter sido comprado recentemente e, nesse caso, o vendedor talvez se lembrasse do comprador ou ele tivesse sido filmado pelo circuito de vigilância. O cartão SIM oferecia, pelo menos, a vaga hipótese de que a resolução do caso pudesse estar próxima.

E isto, dada a falta de potenciais suspeitos, especialmente com ligações às duas mulheres, dava o encorajamento de que eles estavam a precisar. A maior parte dos polícias — Huldar incluído — achavam que as vítimas tinham sido escolhidas ao acaso, mas evitavam discutir o facto porque este seria o pior cenário. Como é que iriam encontrar o assassino se não havia lógica nas mortes? Especialmente quando ele operava com tal cuidado metódico. Para piorar mais as coisas, nem Elísa nem Ástrós pareciam ter-se destacado na vida de alguma forma, o que as tornava alvos pouco prováveis para um indivíduo cego de ódio ao ponto de chacinar perfeitas desconhecidas.

Nada na vida ou na morte de Elísa ou de Ástrós parecia ser a chave para esclarecer o mistério. Nem as provas reunidas no local tinham tido alguma

utilidade. Até então, não haviam encontrado quaisquer impressões digitais nem vestígios de provas em casa de Elísa ou no apartamento de Ástrós que fornecessem uma pista. No entanto, isto não era necessariamente significativo, porque ambas as casas fervilhavam de amostras biológicas, e apenas uma pequena percentagem fora analisada até então. Talvez a impressão digital certa ou um cabelo humano fossem descobertos a qualquer momento. Mas cada amostra que acabava por ter uma explicação inocente reduzia a probabilidade de que pistas vindas do local do crime ajudassem a solucionar o caso. Não era assim tão surpreendente, porque todos os que viam televisão atualmente saberiam as armadilhas a evitar. Um adolescente suficientemente informado poderia cometer um crime sem deixar rasto.

Huldar suspirou. Sabia que a falta de progresso teria um efeito desencorajador na equipa mais cedo ou mais tarde, à exceção de um ou dois inspetores cuja reação a uma desilusão era redobrar os esforços. Ríkhardur pertencia a este grupo reduzido, a avaliar pela inquebrantável energia na sua voz. E a julgar pela sua produtividade nos últimos dias, devia ter sido um dos mais eficientes. Mas o cansaço era evidente em pequenas falhas na sua outrora impecável imagem, como o botão da camisa desapertado ou a pequena, mas indisfarçável, mancha de café na manga.

Até o seu cabelo escuro parecia um pouco descomposto, apesar de arranjado segundo os padrões de Huldar. E, como se conseguisse ler-lhe os pensamentos, Ríkhardur passou a mão pela cabeça e tudo voltou impecavelmente ao lugar.

— Elas não têm nada em comum — constatou, monocórdico. — Nem amigos, familiares, nem sequer uma relação de trabalho. Aliás, seria difícil encontrar na Islândia duas outras pessoas com menos em comum. Idades diferentes, nenhum laço familiar, não frequentaram a mesma escola, nunca foram vizinhas, nem sequer nunca fizeram compras no mesmo supermercado. Extraordinário, de facto.

Ele parecia confiante nos factos, ao entregar o relatório a Huldar. Erla, que trabalhara com ele, estava encostada à ombreira da porta.

Ela perdoara a Huldar depois de ele lhe ter ligado a convidá-la a acompanhá-

lo a casa de Freyja na noite anterior. Apesar de isto implicar atravessar a cidade, Erla fora alegremente, como se isto aumentasse a sua pontuação na absurda rivalidade com Ríkhardur. Tratara Freyja com uma inacreditável má educação, mas o que é que ele poderia esperar? Que caíssem nos braços uma da outra e jurassem amizade eterna? Ele estava contente que Erla não tivesse suspeitado da verdade; que esta era a segunda vez que ele a usara como amortecedor nos seus contactos com Freyja. Talvez «amortecedor» não fosse a palavra certa, porque ela não estava lá para escudá-lo de comentários irónicos, mas para evitar que esses comentários surgissem.

Huldar passou os olhos pelo relatório que enumerava possíveis ligações entre as duas mulheres, mas que afinal não dera em nada.

— Então, nenhuma relação? Nem mesmo indiretamente?

Apesar da desilusão com os resultados, ele estava contente por ver o quão meticulosos tinham sido Ríkhardur e Erla. Haviam falado com dezenas de pessoas, quase todas por telefone, e algumas destas conversas deviam ter sido difíceis por serem logo a seguir à morte das mulheres. Ele estava disposto a apostar que Ríkhardur fizera a maior parte das chamadas. O homem tinha um dom para lidar com assuntos emocionalmente sensíveis sem sair da sua natural personalidade pétrea, mesmo que a sua abordagem pudesse ser considerada um pouco fria.

— Bom trabalho, de qualquer forma.

— Obrigado.

Um raro sorriso atravessou a cara de Ríkhardur. Era o primeiro sorriso genuíno que Huldar lhe via desde o divórcio. Ele tomou uma nota mental para não se esquecer de elogiar mais Ríkhardur — quando ele merecia. Mas o sorriso desapareceu tão rapidamente que Huldar se questionou se não o teria imaginado.

— É pena que não tenha levado a lado algum. — Ríkhardur soava desencorajado.

— Bom, pelo menos ficámos a saber que elas não estavam relacionadas.

Erla mexeu-se para amparar o ombro esquerdo. Lesionara-se durante uma rusga seis meses antes, o que a obrigara a tirar uma licença de duas semanas.

Raras vezes um polícia ficara tão irritado por ser mandado para casa. Ela parecia envergonhada com a fraqueza do seu corpo. Ao regressar, ninguém se atrevera a perguntar como é que se sentia. Huldar não fora exceção. Aliás, esquecera o incidente. Por isso, para se manter coerente, fingiu não reparar no esgar de dor que ela tentava controlar.

— O que queres que façamos? Avançar para outra merda ou continuar a investigar? Pode haver uma qualquer ligação que nos tenha passado despercebida.

Huldar ponderou. Mais investigação não iria adiantar e era melhor dedicarem o tempo deles a outra coisa.

— Não, podem parar isto por agora. Talvez devamos esperar até podermos comparar os movimentos dos cartões de débito delas e por aí fora. Ainda não recebemos todos os registos das contas bancárias de Ástrós, por isso vamos fazer uma pausa.

— Então, fazemos o quê?

Ríkhardur endireitou-se. A sua postura militar sempre irritara Huldar e ainda mais agora que era o chefe dele.

— Estou a atualizar a lista de pessoas que ainda temos de entrevistar. Quando tiver acabado, vai haver muito com que se ocuparem. Como mostra a vossa análise, as mulheres não têm contactos em comum. O assassino parece ser a única ligação entre elas, é óbvio que vamos precisar de algumas horas extraordinárias para vermos o que aí vem.

Erla assentiu e Ríkhardur também pareceu cautelosamente agradado. Quaisquer que fossem as falhas deles, uma coisa era certa: não tinham medo de trabalhar muito e o valor do ordenado nada tinha que ver com isso.

— Mas ainda me falta a autorização do Egill para essas horas extraordinárias.

Huldar não estava propriamente exultante com a ideia de discutir este assunto com o diretor. Egill era o único que não era afetado pela atividade frenética que o rodeava. Em vez de fazer a sua parte para ajudar, estava imerso num levantamento do equipamento do escritório e a verificar se a manutenção

fora feita de acordo com as regras. Egill nunca se preocupara com tais coisas antes, limitando-se a comprar novos aparelhos para substituir os antigos. Provavelmente, o Conselho Nacional de Auditoria começara a fazer perguntas incómodas e ele ficara preocupado por ter investido dinheiro a equipar uma organização já bem equipada. Huldar temia uma bateria de perguntas sobre o registo e empréstimo de material. Por outro lado, enquanto o chefe estivesse ocupado a procurar aparelhos obsoletos e extraviados, treze pares de calçado protetor e dois escudos antimotim, e a pensar sobre a calibragem de dispositivos para medir distâncias, não teria tempo para interferir na investigação. Se conseguisse acabar o seu inventário, Egill podia sempre ocupar-se a recolher os novos iPads para escondê-los dos auditores.

— Algum de vocês está interessado em ir comigo à Children's House? Vão fazer outra tentativa de entrevistar a Margrét.

Olhando para o relógio, Huldar viu que eram quase horas de ir-se embora. Não tencionava atrasar-se, até porque usara a entrevista como uma desculpa para não assistir à autópsia de Ástrós. O anátomo-patologista fora muito simpático em relação a isso e abstivera-se de comentar, apesar de saber que Huldar estava acagaçado. Mas prometera-lhe um relatório muito minucioso. Só de pensar nisso, Huldar arrepiava-se todo. Quando a fita adesiva fora retirada e o aparelho extraído da garganta da mulher, acabara por se revelar mesmo que era um ferro de frisar cabelo. Ele nem queria pensar no tipo de estrago que aquilo teria causado.

— Quero lá chegar a tempo de podermos dar instruções à entrevistadora.

Isto também poderia dar-lhe uma hipótese de tomar um café com Freyja e tentar fazer as pazes com ela. A seguir, desejou poder retirar o convite que fizera aos outros, relembrando-se tarde de mais de quão mal Freyja e Erla se tinham dado. Não o ajudaria se Erla estivesse com ele, a dirigir comentários sarcásticos a Freyja. A não ser que isso o fizesse parecer bem, em comparação. Ele esperou que Ríkhardur se antecipasse.

— Ok, vamos a isso. — Previsivelmente, Erla foi mais rápida. — Foda-se, preciso de uma pausa da minha secretária.

Ríkhardur fechou a sua boca entreaberta, engolindo o que ia dizer. Era demasiado empertigado para admitir que teria gostado de ir, mas a expressão consternada denunciou-o.

— Posso ficar aqui. Parece que recebemos uma data de dicas. Posso analisá-las enquanto não há nada mais urgente para fazer.

Huldar tencionara pedir a Ríkhardur que tentasse decifrar as mensagens codificadas, mas as dicas do público eram um dos aspetos mais aborrecidos de uma investigação e era raro que alguém se oferecesse para as averiguar. Ele não podia recusar a oferta.

— Ok. Ótimo.

A maioria das dicas eram quase sempre uma perda de tempo. No seu desejo de ajudar, o público não entendia que a Polícia nada ganhava em seguir intuições e fantasias. Mas porque, por vezes, este tipo de informação levava a uma detenção, a Polícia não podia dar-se ao luxo de a ignorar. Estavam com sorte por não ser um caso de desaparecimento ou que envolvesse pedir ao público para identificar alguém em imagens de câmaras de vigilância: um desconhecido com um capuz podia resultar numa avalanche de chamadas que era quase impossível de parar mesmo depois do caso ter sido resolvido. Ele imaginava que menos pessoas ligariam se eles lançassem um apelo urgente a pedir informações sobre um homem negro com uma cabeça anormalmente grande. Mas pensado melhor…

— Tenta filtrar os desperdícios de tempo. — Huldar gravou o trabalho e fechou os ficheiros abertos. — Pedirei a alguém que te substitua quando regressarmos.

— Não é preciso. Já que vou começar, é melhor terminar. — Ríkhardur parecia tão azedo como se tivesse comido um limão.

— Está bem, logo veremos. Parece que anda tudo muito exuberante desta vez. Deduzo que o gangue do paranormal tenha começado a ligar.

Quando Huldar disse isto, a expressão amarga acentuou-se. Pobre homem. Talvez isso servisse para incentivá-lo a enunciar os seus verdadeiros desejos, para variar.

— O gangue do paranormal? Mas que merda é essa?

Erla franziu a testa. Em vez de se encostar à ombreira, enterrava agora as mãos tão fundo nos bolsos que era uma sorte ter um cinto robusto. Talvez o fizesse para aliviar o ombro.

Huldar procurou as chaves do carro.

— Tu sabes o género… Médiuns, loucos que dizem que podem ajudar-nos contactando os mortos ou através de sonhos e assim. Saem sempre de debaixo das pedras quando há notícias de um assassínio. Apesar de, estranhamente, nunca conseguirem bater os media. — Encontrou as chaves e levantou-se. — Por mim, este tipo de conversa da treta pode ir direta para o fundo da pilha. Concentra-te nas dicas que contenham um pouco de lógica. — Sorriu a Ríkhardur na tentativa de o animar. Afinal, ficava em dívida para com ele. — Boa sorte. Dou uma vista de olhos quando regressar. E quero que venhas comigo quando for ter com o ex-namorado da Freyja para o interrogar sobre os ataques aos cães. Temos de abaná-lo um pouco; para ter a certeza de que ele a deixa em paz.

Erla olhou com desconfiança, sem se esforçar por disfarçar o ciúme. Para dizer a verdade, ela e Ríkhardur pareciam duas crianças. Huldar arrependeu-se de ter partido todos os lápis; agora seria uma boa altura para rebentar com mais uns quantos.

Porque é que não podiam ser como dantes? Antes de ele ser promovido; antes de ele ter traído estupidamente Ríkhardur. Se pudesse voltar atrás no tempo, até aos dias em que estavam todos no mesmo nível; quando ele não tinha de virar a cara, envergonhado, nas raras vezes em que Ríkhardur desabafava sobre a sua dor em relação a Karlotta e o seu sonho perdido de constituir uma pequena família. Mesmo que fosse apenas durante a investigação. Mal tivesse acabado, ele poderia lidar com isto, tentar melhorar as relações. Mas agora não tinha mesmo tempo.

Sentiu-se como um homem a jogar à macaca num campo de minas. As coisas não podiam continuar assim.

Mas quaisquer intenções que Huldar tivesse de pôr tudo em pratos limpos

levavam a um impasse. Porque é que deveria salvar sua consciência à custa de Ríkhardur? O tipo não sofrera já o suficiente? Se ele lhe confessasse o seu terrível erro com Karlotta, seria como cuspir na memória de Ríkhardur de um casamento perfeito que era, no fim de contas, igual a tantos outros. Para não falar nas repercussões que isso teria na relação laboral deles.

Erla interrompeu estes pensamentos com uma queixa ofendida:

— Mas por que raio é que perdemos tempo com a Freyja e o ex? Já estamos com tão pouco tempo… Acho que ela é capaz de resolver os seus problemas, não? Porra, ela é psicóloga ou não é?

Huldar pousou as chaves do carro com força, tirou a pastilha elástica de nicotina e enfiou duas na boca, mastigando até sentir a droga dissolver-se e entrar-lhe nas veias. Só depois se sentiu seguro para falar. A pastilha não escondia completamente a fúria, mas, pelo menos, os colegas não iriam encolher-se de susto.

— Enquanto a rapariga estiver com a Freyja, temos o dever de priorizar quaisquer ameaças à segurança dela. Alguém precisa de ter uma conversinha com o ex da Freyja, e não quero ouvir nem mais uma palavra sobre o assunto.

Lá se fora o sonho de recuperar a igualdade entre todos.

Huldar arrancou na direção do elevador, com Erla a segui-lo em silêncio. No caminho, passaram pelos espaços de trabalho dos dois homens que teriam sido os candidatos mais prováveis a liderar a investigação, se não estivessem confinados aos seus gabinetes até o público se esquecer do escândalo devido à má conduta deles. Ambos olharam quando ele passou e tentaram parecer ocupados, apesar de não enganarem ninguém. Nenhum deles o cumprimentou.

# 24.

MOLLY NÃO CONSEGUIA HABITUAR-SE ao colar de plástico. Antes de a entrevista começar, percorreu impacientemente a sala de reuniões, colidindo com pessoas e mobília. As barrigas das pernas de Huldar, que pareciam atraí-la particularmente, estavam um pouco doridas. Ele simulou indiferença, enquanto alimentava um desejo secreto de arrastar a cadela pelo colar lá para fora e enfiá-la no carro da Polícia. Mas Margrét afeiçoara-se tanto a Molly que eles esperavam que a presença do animal a acalmasse. Se a cadela ajudasse a rapariga a abrir-se, ele deixá-la-ia de bom grado esbarrar-lhe contra as pernas sempre que lhe apetecesse.

Nada saíra do café com Freyja. Desde que Huldar e Erla haviam chegado, a tarefa que tinham pela frente absorvera-lhes toda a atenção. Houvera alguma discussão sobre se Silja deveria continuar a conduzir as entrevistas ou se deveria ser Freyja a fazê-lo. Silja não tivera muito sucesso a convencer Margrét a falar, mas ao menos a rapariga estava habituada à presença dela no sofá. Por outro lado, Freyja chegara a um bom entendimento — apesar de frágil — com Margrét, mas havia o risco de a rapariga se retrair se Freyja mudasse subitamente de papel. Huldar e Erla ficaram fora da discussão.

Acabou por ser Freyja a colocar o pequeno auricular no ouvido e a passar o fio pelas costas até à bateria que estava presa à cintura. Silja sentou-se do outro lado do vidro, distraindo Margrét com conversa de circunstância. A rapariga vestia um top com a imagem de um panda e jeans decorados com contas em padrões floridos, o que a fazia parecer ainda mais nova do que os seus sete anos.

Huldar observou Freyja, fascinado pelo contraste entre a forma delicada com que ela manuseava o equipamento e a maneira dos polícias colocarem uma escuta. Ao contrário deles, ela não dava mostras de grande heroísmo, nem seria provável que desse uma pancadinha no peito quando tudo estivesse no lugar. Claro que não estava perante o mesmo tipo de situação que um polícia a usar equipamento antimotim, mas ele não achava que fosse por essa razão. Erla teria enfiado o auricular no ouvido com força suficiente para perfurar o tímpano e, depois, enfiaria o fio à bruta por dentro da camisa e até bateria com o pé para o ajudar a descer.

— Ok, estou pronta. — Freyja voltou a apertar o cinto e alargou o rabo de cavalo para que o cabelo lhe caísse sobre as orelhas. — Queres que me foque em alguma coisa específica? Algum ordem particular de prioridades?

Dirigiu a pergunta a Huldar enquanto ele se sentava no mesmo local da outra vez. O grupo na sala de reuniões fez o mesmo. Erla sentou-se ao lado dele, de braços cruzados sobre o peito como uma criança amuada. Tinham ido para o centro em silêncio e, sem dúvida, iriam regressar também em silêncio. Ela tinha o pavio curto, mas não era o tipo de pessoa que conseguisse afastar a raiva igualmente depressa.

Huldar afastou Erla do pensamento.

— Queremos muito saber qualquer coisa que ela tenha visto ou ouvido. Algo que possa ajudar-nos a identificar o assassino. Seria também interessante descobrir porque é que ela culpa o pai, porque pode ser significativo. E precisamos de saber se ela se lembra da ida à bomba de gasolina no dia antes do crime e se pode dizer-nos se havia um homem no carro com eles. E, se tivermos tempo, gostaria de lhe perguntar pela mensagem deixada na casa dela. Mas isso é menos urgente.

Freyja assentiu e saiu da sala. Viram-na trocar de lugar com Silja. Molly, que a seguira, começou a abanar a cauda com frenesim assim que viu Margrét, o colar de plástico a abanar loucamente. Elas só tinham estado separadas durante um quarto de hora; Huldar nem conseguia imaginar como é que a cadela iria cumprimentá-la depois de uma longa ausência.

— Certo. Aqui vamos nós outra vez. — Freyja sentou-se no sofá ao lado de Margrét. — Não demorámos muito, pois não?

A rapariga encolheu os ombros.

— Não.

Enfiou a mão dentro do cone de plástico e fez uma festa a Molly, que reagiu com alegria.

Freyja iniciou uma pequena conversa de circunstância, sobretudo sobre a cadela, discutindo se deveriam levá-la depois para um passeio à volta do quarteirão ou ir até Geirsnef. O comentário de Freyja sobre se Molly ficaria envergonhada por ser vista com um colar pelos outros cães trouxe um sorriso aos lábios da rapariga e as costas dela relaxaram um pouco, mas rapidamente se endireitaram mal Freyja foi direta ao assunto.

— Olha, Margrét, tu sabes que a Polícia anda à procura do homem que fez mal à tua mãe. Querem mesmo pô-lo na prisão, para termos todos a certeza de que ele não volta a fazer mal a alguém.

Tinham decidido resguardar a rapariga da notícia da morte de Ástrós. Poderia perturbá-la e à entrevista também. Margrét assentiu gravemente. Pareceu aceitar a seriedade do assunto. Era bom sinal. Freyja continuou:

— Mas para termos a certeza de que o apanhamos depressa, a Polícia precisa de saber quem é que ele é. De outra forma, não vão saber quem procurar.

— Os assassinos não são como nós. — Isto surgiu quase num murmúrio.

— Não, não são. Não por dentro. Mas por fora podem parecer como nós.

— Não este assassino.

— Não. Pela forma como o descreveste, ele parece ter uma aparência muito diferente.

— Nem por isso.

— Não? Eu não conheço ninguém com uma cabeça muito grande. Branca ou preta. — Freyja levantou as mãos para desenhar uma forma oval no ar, do tamanho de uma bola de basquetebol. — Era deste tamanho?

— Sim.

A voz de Margrét mal se ouvia e a audiência à volta da mesa teve de se

inclinar na direção do altifalante. Ela parecia ter percebido o quão pouco realista era a descrição que dera.

— Era assim.

Freyja ficou, por momentos, incapaz de fazer uma pergunta que desse sequência, pelo que Huldar se aproximou do microfone.

— Pergunta-lhe como era o cabelo dele. Talvez a cabeça tenha parecido anormalmente grande porque ele usava uma peruca ou tinha um penteado estranho que a confundiu no escuro.

Freyja começou a falar no momento em que ele se calou.

— Lembras-te do tipo de cabelo que o homem tinha, Margrét?

Ela não explicou porque é que perguntava isto nem deu exemplos de possíveis cores de cabelo ou estilos. Huldar aprendera o suficiente sobre as técnicas da Children's House para saber que isto era intencional. Ela não queria influenciar as memórias da rapariga.

— Ele não tinha cabelo.

A resposta causou alguma agitação; todos trocaram olhares. Todos, exceto Huldar, que sabia que nenhum cabelo do assassino nem fibras artificiais de uma peruca haviam sido encontrados no local. O consenso era que o criminoso devia ter aspirado a cama com um pequeno aspirador que trouxera de propósito para remover vestígios biológicos. Por razões óbvias, o aspirador da casa não estaria disponível para a tarefa. O mesmo acontecera no apartamento de Ástrós; não haviam sido encontrados cabelos desconhecidos. Quando abriram o saco do aspirador, só encontraram cabelo dela. Isto aumentara a probabilidade de o homem estar equipado com um miniaspirador. Mas se ele não tivesse cabelo, isso também seria uma explicação.

— Era careca?

Freyja conseguiu fazer a pergunta com um tom perfeitamente neutro. Margrét não podia detetar a mínima pista do desejo de um «sim» ou de um «não».

— Não sei. — A rapariga parecia agitada ou confusa. Fitou o pequeno sofá, evitando o olhar de Freyja. — Tinha uma cabeça brilhante, lembro-me disso. —

Margrét franziu a testa. Depois, olhou para Freyja, acrescentando num tom quase inquisitório: — Não tinha orelhas.

Erla praguejou. Huldar sentiu uma pontada de raiva e esperou que Freyja não tivesse ouvido. Mas evitou um olhar de fúria a Erla; não iria trazer nada de bom e só atrasaria a entrevista. Em vez disso, inclinou-se novamente para o microfone.

— Pergunta-lhe se era parecido com o homem que ela viu no jardim. Sem orelhas e por aí fora.

Do outro lado do vidro, Freyja cruzou as pernas e assentiu tão subtilmente que Huldar mal notou.

— Margrét… Lembras-te dos desenhos que te mostrámos da última vez? O homem do desenho era parecido com o homem que viste em tua casa naquela noite? Com uma enorme cabeça preta e sem orelhas?

Margrét revirou uma madeixa de cabelo ruivo entre os dedos, pensativa.

— Sim. Acho que sim. Mas não sei. Ele tinha um capuz.

— Que tipo de capuz? Um capuz de anoraque ou uma balaclava?

Margrét franziu o sobrolho.

— Uma balaclava? O que é isso?

Freyja sorriu.

— É um gorro que desce até ao pescoço, com um buraco na cara ou pequenos buracos para os olhos e a boca. Às vezes, não tem buraco no nariz. Se visses um homem com um capuz desses no escuro, podias pensar que ele tinha uma cabeça preta sem orelhas.

— Não têm buracos para as orelhas?

— Não, acho que não.

— Bom, ele não usava uma coisa dessas. Era um capuz. Um capuz de anoraque.

— E o homem que viste em tua casa à noite tinha um capuz de anoraque?

— Não. — A resposta veio de imediato.

— Uma balaclava, então?

— Não. — De novo, a rapariga respondeu sem hesitar.

— Está bem. — Freyja olhou de esguelha para o espelho de duas faces e Huldar aproveitou para apressá-la.

— Pergunta-lhe sobre a ida à bomba de gasolina.

— Margrét, lembras-te de quando foram todos pôr gasolina na última quinta-feira?

Margrét abanou a cabeça.

— Diz-lhe que a mãe lhes comprou sorvetes. Isso pode ajudá-la a contextualizar.

— A tua mãe comprou-vos sorvetes, a ti e aos teus irmãos.

Margrét assentiu.

— Sim, lembro-me disso. O Stebbi e o Bárdur estavam a portar-se mal. Estavam a lutar pelo Homem-Aranha.

— Ok…

O sorriso de Freyja transportou Huldar para a noite que haviam passado juntos. Tossiu por trás da mão na tentativa de afastar a sua despropositada memória. Deus, era mesmo idiota por tê-la deixado. Freyja deixou de sorrir e retomou o interrogatório, o que levou a atenção dele de novo para a tarefa em mãos.

— Quem é que estava no carro quando foram à bomba de gasolina?

Margrét pareceu irritada.

— Acabei de te dizer. Eu, o Stebbi e o Bárdur. E a mãe, claro.

— E mais ninguém.

— Não, ou eu tinha dito.

— Claro que tinhas.

Huldar interrompeu.

— Pergunta-lhe quem é que pôs a gasolina.

— Quem é que pôs a gasolina no carro? Consegues lembrar-te?

— Não fui eu.

— Não. Calculei que não, mas também não me parece que tenha sido o Stefán ou o Bárdur.

Margrét fungou como uma velhota.

— Eles não conseguiam. São muito pequenos e desastrados.

— Então, quem foi?

— O homem. O homem da bomba de gasolina.

— O empregado? Usava a farda da bomba de gasolina?

— Não, só usava roupas. Não usava farda. Mas eu também não sei como é a farda de uma bomba de gasolina.

— É um macacão da cor do símbolo da bomba de gasolina. Com o logótipo à frente. — Freyja deu uma palmadinha no seu seio esquerdo e Huldar teve de se controlar para não deixar os pensamentos divagarem. — Ele vestia alguma coisa assim?

— Não. Só roupas normais. Um blusão e umas calças. E luvas. — Ela olhou brevemente para Freyja, a expressão grave. — Não uma balaclava. Só um capuz. Como o homem no jardim.

— Pergunta-lhe se ela acha que era o mesmo homem.

Freyja abanou a cabeça discretamente, virando-a lentamente para cada um dos lados. Silja explicou a Huldar:

— Não é boa ideia. Se ela fizer essa pergunta, a Margrét pode começar a acreditar que era ele. E se isso acontecer, nunca mais conseguiremos que mude de ideias mesmo que esteja errada.

Huldar inclinou-se de novo para o microfone:

— Esquece isso. Pergunta só se ela lhe viu a cara ou lhe ouviu a voz. E se ele entrou no edifício da bomba de gasolina depois de ter atestado o depósito. — Huldar voltou-se para Silja. — Se fez isso, pode ter sido apanhado pelas câmaras de vigilância da loja.

— Viste a cara do empregado da bomba, Margrét?

— Não. Ele tinha o capuz para cima, como te disse.

— O que é que ele fez, exatamente? Consegues lembrar-te?

Margrét franziu o nariz.

— Ele aproximou-se quando a mamã saiu do carro e pegou nas chaves dela. Depois, abriu a portinha do depósito de gasolina e pôs a mangueira lá dentro. Não o vi a fazê-lo, só ouvi. Mas não estava a prestar muita atenção porque tive

de ralhar ao Stefán e ao Bárdur. Tirei-lhes o Homem-Aranha.

— Lembras-te muito bem. E depois?

— Quando ele acabou, veio, abriu a porta e pôs as chaves no lugar da mamã. Depois, foi-se embora.

— Viste a cara dele quando abriu a porta e deixou as chaves?

— Não. Ele tinha o capuz como te disse. Já te disse várias vezes. E eu estava sentada no banco de trás com o Stebbi e o Bárdur. Não posso sentar-me no banco da frente antes dos dez anos. Ou dos doze, não consigo lembrar-me.

— Podemos ver isso mais tarde, se quiseres. — Freyja pôs o cabelo para trás das orelhas. — Onde é que ele foi depois? Depois de ter fechado a porta do carro.

— Foi-se embora.

— Para dentro do edifício da bomba de gasolina?

— Não. Só embora.

— Viste para onde?

— Não. O Stefán tirou-me o Homem-Aranha. Tive de lhe bater para o ter de volta.

— Está bem. Não podes ver tudo. — Freyja agarrou no jarro de água em cima da mesinha e serviu-se de um copo. — Queres água? — Margrét abanou a cabeça e Freyja deu um gole. — Só há mais duas coisas de que precisamos de falar antes de terminarmos, Margrét, mas não vai ser fácil. Despachamo-las já? Depois, podemos levar a Molly à rua e ir comprar um gelado ou assim. Ou um chocolate quente. Talvez esteja muito frio para comer um gelado.

— Nunca está muito frio para comer um gelado.

— Pois não. Tens razão. — Pousando o copo, Freyja recostou-se novamente. — Vamos despachar isto?

— Posso escolher qual é a primeira pergunta?

— Claro que podes. — Freyja hesitou, escolhendo as palavras com cuidado. — De que é que preferes falar primeiro? Da noite em que o homem fez mal à tua mamã ou sobre o teu papá?

Margrét começou a agitar-se novamente, o que era natural: a escolha não era

fácil.

— Quero falar daquela noite primeiro. — De repente, levantou os olhos para Freyja. — Mas só podes perguntar-me uma coisa. Não podes fazer duas perguntas. Só uma sobre aquela noite e uma sobre o papá. Depois, quero ir-me embora.

— Está bem. Está combinado: uma pergunta sobre aquela noite e uma pergunta sobre o teu papá. — Freyja bebeu outro gole de água. — Então, vou começar. Como é que soubeste que o homem iria fazer mal a outra mulher? Ele disse-o?

— Sim. — Margrét fechou a boca e lançou a Freyja um olhar obstinado.

— Isso não é uma resposta justa, Margrét.

— É, sim. Eu respondi.

— Isso é como se eu te levasse à geladaria e só te deixasse comer um cone vazio. Tens de me dizer o que ele disse.

— Então, prometes que não me fazes mais perguntas sobre isso?

Freyja concordou e a rapariga respirou fundo.

— Ele disse que havia uma mulher de quem ele iria vingar-se. Ele disse que ela fizera mal as contas.

Margrét calou-se e enfiou as mãos debaixo das coxas. O alegre panda na sua t-shirt parecia absurdamente deslocado.

Huldar inclinou-se rapidamente para o microfone.

— Pergunta-lhe mais coisas sobre isso. Encontrámos papéis cobertos de cálculos na casa da outra vítima, isto é importante.

Freyja fez uma careta para o vidro.

— Ela não pode — interveio Silja. — Prometeu não fazer mais perguntas. Tens de aceitar isso. A não ser que queiras desistir da pergunta sobre o pai.

Freyja assentiu ligeiramente com a cabeça, para mostrar que concordava com Silja.

— Não. Pergunta-lhe sobre o pai. — Huldar não conseguia esconder a frustração, mas ninguém pareceu importar-se.

Para ser justo com Freyja, ela estava a tentar dar a Huldar o que ele queria.

Apesar de, com grande pena dele, ela estar a fazê-lo pela investigação e não por ele. Ao passo que havia muitas coisas que ele não se importaria de fazer por ela…

— Posso fazer mais uma pergunta sobre esta mulher e as contas, Margrét?

A rapariga abanou a cabeça.

— Então, vou avançar para a outra coisa. É mais difícil porque é sobre o teu papá. Mas tu és uma menina muito boa e vais ser corajosa e responder, para depois começares a pensar se preferes gelado de baunilha ou de morango.

— Chocolate. Quero de chocolate.

— Então, é teu. Vamos acabar isto e, depois, vamos comer o gelado e dar um passeio com a Molly.

A cadela, que estivera sossegada aos pés de Margrét, olhou esperançosa através do colar para a cara de ambas, antes de baixar de novo a cabeça.

— Porque é que achas que o teu papá tem culpa? O homem disse alguma coisa que te fez pensar isso? E não te deixo responder só «sim» ou «não».

Margrét respirou fundo. Baixou o olhar como se quisesse encolher-se dentro de si mesma ou ser engolida pelo sofá. Quando falou outra vez, a voz era baixa e cheia de dor e desespero. A audiência inclinou-se toda para o altifalante no meio da mesa.

— Eu não queria ouvir a história dele. — Margrét parou. Respirando pesadamente, continuou: — Mas ouvi na mesma. Ouvi-o falar do papá. Ele disse à mamã que a culpa era do papá. Ela tinha de morrer para ele ser castigado. O homem disse que o papá era o assassino, não ele. Mas ele matou a mamã mesmo assim. — Margrét olhou para cima, as bochechas molhadas. O pequeno corpo dela tremia, enquanto limpava as lágrimas. — A culpa é toda do papá.

A entrevista terminou sem qualquer tentativa de mostrar a Margrét a mensagem com as séries de números. Freyja enfiou a mão no bolso, agarrou no pequeno transmissor e desligou-o. Por instantes, fez-se silêncio na sala de reuniões enquanto ponderavam as implicações de tudo o que acabavam de ouvir. Parecia que teriam de suspender a investigação sobre a vida de Elísa e concentrar-se em Sigvaldi. Huldar não acreditava que o homem tivesse cometido

um assassínio, apesar de não poder atestá-lo com certeza. De longe, a explicação mais plausível era que ele lhes mentira quanto ao seu trabalho. Devia ter sido responsável pela morte de uma criança ou de uma mãe ou de um paciente algures durante a carreira. Pelo menos, era isso em que acreditava o assassino de Elísa.

Huldar levantou-se.

— Quero levar a gravação comigo, se puder.

Queria ouvir tudo de novo à vontade. Precisava de tempo para digerir o que fora dito. De repente, ocorreu-lhe. Uma cabeça preta, enorme e brilhante. Sem orelhas.

O homem usara um capacete. Um capacete de moto.

# 25.
# Quarta-feira

O CHEIRO A CASACOS MOLHADOS enchia o anfiteatro. Estavam pendurados nas costas das cadeiras, a neve derretida a fazer pequenas poças no chão. De cada vez que o professor parava para ganhar fôlego, ouvia-se o gotejar.

Karl sentia-se incapaz de se concentrar. Por mais que olhasse para as imagens em PowerPoint, estava constantemente à espera de ouvir o pingo seguinte. As gotas eram bem mais interessantes que a aula. Quanto mais ele tentava entender, mais confuso ficava. Fora sempre assim com os estudos, desde que se lembrava; era como participar numa corrida que nunca poderia ganhar. Quando estava, finalmente, a entender uma coisa, surgia outra. Ele nunca conseguia acompanhar. Por isso, que hipóteses teria agora, quando nem sequer conseguia concentrar-se? E o pior de tudo é que esta aula era essencial; no início, o professor anunciara que a próxima parte do curso seria baseada na matéria desse dia. O que tornava ainda mais frustrante o facto de ele não conseguir segui-la.

O ecrã do seu computador portátil estava tão vazio como a sua cabeça; não conseguira tirar quaisquer apontamentos. Era pouco reconfortante ver que o mesmo acontecia com os estudantes sentados à sua frente. Aliás, isso só piorava as coisas porque significava que não poderia copiar os apontamentos deles depois. Teria de se safar com as imagens da aula, que não seriam mais percetíveis quando vistas em casa.

— Este elemento, com o nome de Ytterby, por causa da cidade sueca, foi

descoberto em 1843 quando o químico sueco Carl Gustaf Mosander conseguiu separar a gadolinita em três materiais, a que chamou ítrio, érbio e térbio. Na altura, as semelhanças entre érbio e térbio levaram a confusões entre cientistas e…

Karl perdera o fio à meada. Longe de entender a importância da descoberta, que devia ter sido de tal magnitude que a voz do professor tremia de excitação, a mente dele estava preocupada com a estação de ondas curtas. Em vez de números de identificação ou de números antigos da segurança social, a emissão do dia anterior consistira numa incompreensível sequência que nada lhe dizia. Os números voavam-lhe à volta da cabeça como se tivessem ganhado asas, transformando-se em moscas a zumbir. As tentativas de ordená-los eram vãs e, no entanto, havia qualquer coisa de familiar neles. Mas, por mais que tentasse, não conseguia perceber o quê.

«9, 92, 6, 19, 39, 8, 92.» Não havia lógica nestes sete números — e uma vez que nenhum alfabeto tinha mais de noventa letras, os algarismos não podiam representar letras individuais. Experimentara escrever três vezes o alfabeto romano, compondo-o de forma a que cada letra representasse três números diferentes, mas não descobriu aí nenhuma lógica, nem mesmo quando teve em conta os carateres extra islandeses e renumerou aquilo tudo.

Era uma trapalhada completa.

Não deveria ter ficado surpreendido. Ouvira emissoras de números estrangeiras durante anos sem nunca conseguir entender uma única sequência. Sem a chave, era impossível descodificá-las. Então, por que raio é que pensara que a estação islandesa seria diferente? E, no entanto, não conseguia livrar-se da suspeita de que *era* diferente, que devia reconhecer estes números e o que significavam. Afinal de contas, ele entendera os números de identificação e o número da segurança social, pelo que deveria ser capaz de perceber outras partes da emissão. Lá no fundo, sabia que era dirigida a ele. E que tinha de conseguir interpretá-la. Por que outra razão alguém se daria a todo este trabalho?

Se os números fossem completamente aleatórios, teria tido mais facilidade em apagá-los da mente. Era o sentimento tentador de que estava à beira da

compreensão que estava a deixá-lo louco. E a isto não ajudava a crescente convicção de que as mensagens tinham um sentido muitíssimo sério.

Para ele ou para Arnar.

Karl olhou vagamente para os slides da aula, que bem podiam estar escritos em hieróglifos maias a avaliar pela lógica que tirava deles. Até chegar ao fundo do mistério, não seria capaz de pensar em mais nada, e muito menos em química. Mais uma vez, Karl sentia que a solução estava prestes a aparecer-lhe na consciência, mas parecia ter ficado enredada no córtex cerebral e recusar-se a penetrar mais fundo.

O professor acelerara; os slides passavam rápido como se ele fosse pago pelo número de imagens que conseguia mostrar. Era sinal de que a hora estava a acabar; uma vez mais, tentara dar demasiada matéria. No entanto, por uma vez, Karl não estava aliviado com a ideia de sair do anfiteatro. Os problemas iriam segui-lo onde quer que estivesse. Nem mesmo a rapariga de quem gostava conseguia despertar-lhe interesse, embora estivesse sentada à frente dele e tivesse a certeza de que ele olhava com adoração para a nuca dela. Com um movimento súbito, ela abanou o cabelo como se quisesse recordá-lo da sua presença. Normalmente, ele teria ficado embaraçado com as madeixas esvoaçantes e o leve cheiro a champô, mas desta vez estava distraído.

O último slide apareceu no ecrã e o professor começou a falar sobre os trabalhos de casa e a preparação para a próxima aula. Karl não ouviu nada. Imitando os que estavam ao lado, levantou-se mal a aula chegou ao fim, enquanto o professor continuava a falar sozinho. A rapariga olhou à volta enquanto arrumava o livro na mochila e pareceu amuada quando ele não lhe prestou atenção. Nem mesmo esta pequena vitória na fantasia estéril que era a relação deles conseguiu animar Karl.

A rapariga atirou a mochila para cima do ombro e saiu do anfiteatro, abanando provocadoramente as ancas. Pelo canto do olho, ele reparou no olhar dela a ver se ele estava a olhar. Quando percebeu que, por uma vez, ele não estava, voltou ao seu modo de andar normal.

A próxima aula iria começar daí a quinze minutos. Karl hesitou. Ia assistir ou

baldava-se? Baldava-se ou ia assistir? Enquanto as alternativas lutavam na sua cabeça, as pernas continuavam o seu caminho. Quando deu por si, estava fora do edifício; o corpo tomara a decisão por ele. O vento fazia rodopiar a neve solta que caíra nessa manhã. Flocos pequenos e duros picavam-lhe os olhos e olhou para o parque de estacionamento, amaldiçoando-se por não se ter agasalhado melhor. Quando o telefone tocou, atendeu sem sequer olhar para o ecrã.

— Viste as notícias? — Börkur parecia estar sem fôlego. Eram onze da manhã; ele nunca estava acordado a esta hora.

— Que notícias?

Karl saboreou flocos de neve na língua. Tinha uma ideia do que Börkur falava, mas não queria dizê-la, no caso de estar errado. Falar com Börkur não iria ajudá-lo a ordenar o caos dos seus pensamentos.

— O nome dela! O nome da mulher! — Börkur parecia extremamente agitado. — Está morta. E não é tudo… Eles pensam que foi assassinada.

Karl ficou calado. Lera o nome da mulher morta no jornal dessa manhã enquanto comia uma taça de cereais muito secos — só havia uma gotinha de leite no frigorífico. O cereal transformara-se em cimento na boca dele quando viu que se tratava de Elísa Bjarnadóttir, a mulher cujo número de identificação fora transmitido na estação de ondas curtas. Engolindo com dificuldade, lera o resto do artigo. Fazia menção a anteriores notícias sobre a morte da mulher, mas ele prestou pouca atenção. A Polícia recusava-se a revelar pormenores ou a confirmar se houvera alguma detenção. O jornalista apenas conseguira confirmar que estava a decorrer uma investigação e que mais informação seria dada em breve. Fontes jornalísticas eram citadas a dizer que a Polícia ainda não fizera nenhuma detenção nem descobrira qualquer pista, o que explicava porque é que eles apelavam com urgência a testemunhas que tivessem estado na zona da casa da mulher na última quinta-feira à noite. Karl conhecia a breve notícia quase de cor.

— Eu vi.

Não mencionou a ainda mais curta notícia que agravara o seu temor: outra mulher morrera em circunstâncias suspeitas. O nome da mulher não podia ainda

ser divulgado e a Polícia recusava-se a comentar. Não havia necessidade de alarmar ainda mais Börkur, até porque Karl não sabia se, nem como, o segundo assassínio estava associado a ele.

— Li sobre isso esta manhã.

— E então? O que é que significa?

Esta era a questão que atormentava Karl desde que deixara a taça de cereais meio comidos em cima da pilha de louça suja no lava-louças.

— Não sei.

Os pensamentos de Karl voaram até à pulseira. Escrutinara todas as fotografias de Elísa no Facebook, na esperança de encontrá-la no pulso dela. Aliás, «esperança» não era a palavra certa. Saíra-lhe um peso da cabeça quando nenhuma das fotografias mostrara Elísa a usar qualquer bijuteria que se assemelhasse. A pulseira estava ainda ao lado do computador. Não conseguira tocar-lhe outra vez, apesar de ter quase a certeza de que não pertencera a Elísa.

— Vais chamar a Polícia?

— Sim. Não. Não sei. — A chegar ao carro, Karl prendeu o telefone entre a cara e o ombro para conseguir abrir a porta. — O que é que devo dizer? Que ouvi o número de identificação dela na rádio?

— Sim. Porque não? Assim, eles podem descobrir quem tem enviado as mensagens.

— Ah, sim? E como é que eles vão fazer isso? Não é fácil tentar rastrear aquele tipo de emissão. E, de qualquer forma, achas mesmo que eles iriam fazer uma busca com base na história maluca que eu lhes contar? — Dentro do carro estava ainda mais frio do que lá fora. — Não tenho nenhuma gravação e o Halli estava meio a dormir daquela vez que ouviste. Somos as duas únicas testemunhas.

— Duas é melhor que uma. — Börkur parecia desmoralizado, como se só agora lhe tivesse ocorrido que não contava muito aos olhos de Karl. — E o Halli também não poderia ser testemunha. Sabes o que quero dizer.

— Sim, eu sei.

Seria possível que a detenção de Halli o impedisse de ser testemunha? Ele

não fora preso por perjúrio ou por ter prestado falsos testemunhos. Certamente que fazer downloads ilegais e pôr a circular música e vídeos, mesmo que em grande escala, não era considerado um delito grave. Karl achava que ele se safaria com uma multa, mas Börkur e Halli gostavam de especular sobre isso, como se Halli pudesse vir a enfrentar uma longa pena de prisão. Ouvir as suas conversas excitadas, nas quais a pena imaginada de Halli era cada vez maior, era como assistir a um leilão. No entanto, talvez Börkur tivesse razão; com esta mancha no cadastro, Halli não seria considerado uma testemunha muito fidedigna.

— Ei… — Börkur parecia ter recuperado a energia. — Os chuis devem ter alguém que saiba descodificar as mensagens. Um descodificador ou criptoanalista, ou lá o que lhe chamam.

Os dentes de Karl batiam tanto que mal conseguia responder.

— Hum, duvido. Porque é que os chuis teriam um descodificador? Os criminosos islandeses não costumam usar códigos secretos. Isso não é mais uma cena de espionagem internacional? Quem é que achas que se daria ao trabalho de espiar a Islândia? — Karl meteu a chave na ignição. A ideia de voltar para casa deixou-o tão apreensivo que ficou subitamente agradecido pela chamada de Börkur. — Estás ocupado? — As hipóteses de Börkur estar ocupado eram tão reduzidas que a pergunta era escusada.

— Não. Nem por isso. — Mostrando um incomum grau de perspicácia, Börkur acrescentou: — Apareço em tua casa?

— Estou lá daqui a dez minutos. Até já.

Karl ligou o carro e apesar de o aquecimento começar a deitar ar frio, ele sabia que rapidamente iria aquecer lá dentro. As coisas só poderiam melhorar.

Depois de passar dez minutos dentro do carro à porta de casa, Karl desistiu. Börkur podia aparecer a qualquer momento ou só muito depois do meio-dia. Era impossível prever e Karl não podia dar-se ao luxo de deixar o motor a trabalhar para manter o aquecedor ligado. Perscrutou novamente as largas janelas da sala de estar, sentindo-se hirto na antecipação de ver um movimento. Mas o vidro

escuro oferecia uma imagem vazia ao mundo. Claro que não havia ninguém lá dentro, mas Karl não conseguia livrar-se da sensação de que havia; que a pessoa não estava à vista. Por momentos, arrependeu-se de ter deitado fora os reposteiros.

Por mais que olhasse, não via nada a não ser vidro e um vago reflexo das redondezas. Era ridículo ter medo de entrar na sua própria casa. Mas pior era a suspeita de que o problema não iria desaparecer e que iria demorar muito até que se sentisse confortável sozinho em casa. Fora assim que a mãe reagira depois de serem assaltados, mesmo antes de adoecer. Não tinham roubado quase nada, mas o rescaldo assemelhara-se àquilo que ele estava a sofrer agora. A mãe não se sentia segura e estava sempre aterrada com a ideia de que o assaltante voltasse. Segundo ela, a pior parte era quando chegava a casa e abria a porta da frente. Não fizera diferença que o polícia que lá fora lhe tivesse dito que os ladrões raramente assaltavam duas vezes o mesmo sítio. Apesar de não estar presente na altura, Karl suspeitava que o polícia se referira a casas como a deles, que pouco valiam a pena assaltar uma vez, quanto mais duas. Desejou ter sido mais solidário com a mãe, em vez de revirar os olhos sempre que ela falava em alarmes antirroubo e fechaduras de três ferrolhos. Agora, ele teria ficado grato por tê-los.

Karl recompôs-se e desligou o motor. Tinha de deixar de ser tão maricas. Era provável que fosse viver sozinho no futuro mais próximo, pelo que era melhor cortar o medo pela raiz antes que evoluísse para uma perigosa fobia. Devia existir uma explicação simples para os barulhos e para a materialização da pulseira na sua secretária. Não havia sinais de arrombamento e a porta estivera trancada. Estava apenas a ser patético. Fortalecendo-se, saiu do carro, mas com o cuidado de bater com a porta bem alto para avisar da sua presença algum potencial ladrão. A última coisa que Karl queria era dar de caras com um intruso.

— Está aí alguém?

Nenhuma resposta, nenhum som de passos a afastarem-se. Karl enfiou a cabeça na porta e gritou outra vez:

— Está aí alguém?

Nenhuma resposta. Ciente de que não se sentiria mais seguro do que isto, entrou.

Foi recebido pelo cheiro familiar. Estava demasiado habituado a ele para imaginar qual seria a reação de outras pessoas, e também não conseguia adivinhar do que era constituído. Mas sentia que o odor de cortinas poeirentas e de plantas mortas, que se tornara percetível depois da morte da mãe, começava a desvanecer-se. Não havia dúvida de que em breve desapareceria completamente. Karl atirou as chaves para cima da cómoda da entrada. Aterraram com estrondo e bateram contra um horrível jarrão chinês. O jarrão só escapara à purga geral porque já não havia espaço na última caixa de cartão e Karl não quisera dar-se ao trabalho de arranjar outra. O jarrão tombou, e apesar de ele não se importar que se partisse, os seus olhos procuraram instintivamente a fonte do barulho.

O vaso ficou a rebolar de um lado para o outro, entre envelopes fechados e uma velha lata de coca-cola meio vazia. A lata não se virou, mas não foi a preocupação de que se entornasse que levou Karl a agarrá-la. Afastando os envelopes para o lado, pegou na lata, no jarrão e em vários recibos de cartões de crédito, num pacote meio vazio de pastilhas elásticas e noutras porcarias. Mas não conseguia encontrar o que procurava — as chaves da mãe, que estava certo de terem ficado ali desde que ela dera entrada no hospital. Verificou que não tinham caído no chão nem escorregado para dentro de uma gaveta. Uma busca na cozinha também não deu em nada, e tinha a certeza de que, depois da limpeza, não podiam estar no quarto dela.

As chaves tinham desaparecido.

A ansiedade de Karl regressou com uma força redobrada. Quando é que as vira pela última vez? O molho incluía uma chave do anexo, de onde ele retirara os pneus de inverno antes do Natal. Desde então, não precisara das chaves da mãe. Mas tinham ficado ali em cima. Na semana anterior. Há duas semanas. Era capaz de jurar.

Quando a campainha tocou, as suas entranhas pareciam ter ficado petrificadas. Estava tão abalado que nem se importou sobre o que pensaria Börkur da seca pergunta dele:

— Quem é?

— Ei! Estavas à espera de oficiais do tribunal? — Börkur tremia nos degraus. Estava pouco agasalhado para o clima invernoso, com um corta-vento que dificilmente o protegeria de uma aragem de verão. — Não vais deixar-me entrar?

— Desculpa. Não sei porque é que perguntei. — Karl apontou para a cómoda. — Lembras-te de ver aqui um molho de chaves? Da última vez que aqui vieste ou nos últimos tempos?

Borkur apontou para a cómoda.

— Chaves? Está ali um molho.

— Sim, eu sei, aquelas são minhas. Estou à procura das sobresselentes. Estão numa argola com montes de penduricalhos. Um leão… como no signo astrológico. Um apito. Daqueles que sopras.

Börkur abanou a cabeça com uma expressão inquisitiva.

— Não. Não as vi. Nunca, tanto quanto me lembro.

Era escusado dar demasiada importância a isto. Börkur não teria reparado no porta-chaves mesmo que este estivesse pendurado no nariz de Karl.

Sem pressa de ir à cave, Karl arrastou Börkur para a cozinha. Não se importava com o que o amigo pensava da casa, agora que fora esvaziada de tralha; aliás, interrogou-se porque é que alguma vez se preocupara com a opinião dele. Börkur não tinha propriamente classe nem vivia num palácio. Ainda vivia com os pais num prédio alto que estava a precisar de ser remodelado há dez anos. Karl poucas vezes fora convidado a lá ir e nunca passara do escuro hall de entrada, enquanto Börkur se preparava, rodeado de inúmeros casacos velhos e um acre cheiro a tabaco, impregnado em todas as coisas. Lá dentro, conseguia vislumbrar uma carpete colorida e gasta. As vozes roucas de fumadores dos pais de Börkur ao chamarem o filho condiziam com o ambiente deprimente. Em comparação, Karl não tinha razão para sentir vergonha.

Börkur sentou-se à mesa da cozinha enquanto Karl fazia café. Durante a limpeza, encontrara um velho pacote aberto. Teria de servir. A mistela resultante ficou sensaborona e com um travo a mofo, e não ajudou o facto de Börkur ter

pedido leite, porque tinha acabado. Sentaram-se a bebericar aquela mistura amarga e Karl confessou a Börkur que alguém lhe entrara em casa na noite anterior. Pela reação, não percebeu se Börkur acreditava.

Karl também não conseguiu interpretar a expressão dele quando se sentaram na cave.

— Esta é a pulseira.

Karl apontou para a secretária em que se sentava nas raras ocasiões em que abria os livros de estudo. Observou Börkur a examinar a peça de bijuteria.

— Mas de quem é? Do ladrão?

— Pouco provável. Só sei que não é uma coisa que a minha mãe tivesse usado, por isso não pode ter sido deixada aqui por ela ou por mim.

Karl fitava a pulseira enquanto Börkur brincava com ela, fazendo deslizar as espalhafatosas contas por entre os dedos, como um terço. De repente, lembrou-se do telefone que aparecera no carro.

— Conseguiste pôr aquele telefone a funcionar?

— Merda! Pu-lo a carregar e depois esqueci-me dele. — Börkur pousou a pulseira. As cores vivas chocaram com o humor negro de Karl. — Vou tentar lembrar-me de verificar mais tarde. Mas deve estar protegido com uma palavra-chave, por isso não te entusiasmes muito. Talvez devesses pôr um anúncio no Facebook.

Karl lutou para disfarçar a irritação. As palavras-chave não era uma invenção recente. Porque é que Börkur não mencionara logo o problema? O telefone já teria sido devolvido ao proprietário se Karl tivesse colocado logo um anúncio nas redes sociais, ou se tivesse ligado às amigas da mãe a perguntar. Agora, já não tinha hipótese de o fazer, porque deitara fora o telefone antiquado com a lista de contactos dela. Também não adiantava falar de coisas que não podiam ser alteradas.

— Bom, não te esqueças de me dizer alguma coisa ou traz o telefone de volta. Logo verei o que posso fazer.

Estava mesmo na hora. Karl ligou o recetor de ondas curtas Collins, contente por ter o amigo parvo ali, com todas as suas falhas. Era melhor do que ouvir

sozinho. Até as batidas haviam parado em honra do visitante.

— Espero que ouçamos alguma coisa. Posso gravar no telefone para ter provas concretas se decidir a ligar à Polícia.

— Se? — Börkur desinteressou-se da pulseira e afundou-se no sofá. As molas gastas rangeram em protesto. — Tens de lhes ligar, meu.

Antes que Karl pudesse responder, as pequenas notas da caixa musical começaram a ecoar na sala. O recetor estava ainda sintonizado na mesma estação que na noite anterior, mas parecia que ele o ligara com o som muito mais alto que o habitual. Karl agarrou no botão para baixar o som, mas retirou a mão quando a familiar voz feminina começou o recital. Pegou no telefone, mas esqueceu-se dele enquanto ouvia. A mesma série de números era repetida uma e outra vez. Nenhumas letras, nem mais, nem menos. Setenta e quatro, um, sessenta e oito, noventa e nove, um, treze, três. Parecia tão familiar, mas Karl não sabia de onde. Ouviu outra vez. E outra. Setenta e quatro, um, sessenta e oito, noventa e nove, um, treze, três.

Sessenta e oito. Sessenta e oito. Sessenta e oito. A mente de Karl iluminou-se. Pousou o telefone, correu para a secretária e começou a escrevinhar os números. Setenta e quatro, um, sessenta e oito, noventa e nove, um, treze, três. Pensa. Pensa. Pensa.

Lentamente, escreveu as letras que pensava que os números significavam. Murmurou o resultado para si mesmo, depois arfou.

— Börkur… Sabes do Halli?

— Hum, não. — Börkur estava perplexo com as atitudes dele. — Não vais gravar?

A emissão parou abruptamente, como se estivesse previsto.

— Quando foi a última vez que falaste com ele?

Karl não esperou por uma resposta. Com os dedos trémulos, selecionou o número de Halli. O telefone tocou, mas ninguém atendeu. O gravador de voz anunciou que o proprietário do número não podia atender a chamada, mas para fazerem o favor de deixar uma mensagem. Karl desligou. Virou-se para Börkur.

— Onde está o Halli?

# 26.

Pelo canto do olho, Huldar notou que uma mensagem automática da Contabilidade aparecera no ecrã do computador. Desviou por segundos a sua atenção de Ríkhardur e de Erla: «Tem 12 faturas a aguardar autorização.» Bolas, porque é que se deixara distrair? Não tinha tempo para lidar com isto agora e iria receber o mesmo aviso no dia seguinte com novas faturas para validar. A investigação era a principal prioridade. Questionou-se porque é que as faturas não podiam ser encaminhadas para os inspetores seniores que passavam os dias a explorar os limites da Internet. E já agora, podiam também responsabilizar-se pela avaliação do pessoal, que era a menor das preocupações dele. Egill industriara Huldar sobre como ajudar a equipa a estabelecer objetivos e a arranjar maneiras de os realizar. Elaborara uma lista de perguntas que Huldar deveria preencher para cada membro da equipa, antes de comparar a versão dele com as respostas dadas pelo empregado em questão. Depois disto, deveria ter uma reunião com cada um deles para discutir o resultado.

Huldar nunca ouvira uma ideia tão estapafúrdia. Imaginou-se a suspender a investigação para se sentar com Ríkhardur e comparar as respostas de ambos em relação à sua perspetiva de carreira daí a cinco anos.

Huldar esperava ainda conseguir arranjar até então maneiras de evitar a necessidade de autorizar faturas e marcar reuniões de objetivos. Talvez essa fosse a solução: suspender as entrevistas durante cinco anos e poupar-se à maçada de especular sobre as perspetivas futuras da equipa. Nessa altura, seriam óbvias.

Egill não se comoveu quando Huldar alegou que o momento era muito desfavorável. Limitara-se a esconder os seus brancos dentes e entregara-lhe uma pilha grossa vinda dos Recursos Humanos com os currículos das pessoas da equipa dele, um resumo das folhas de serviço anuais e outras informações relevantes.

Isto incluía um documento que comparava as respostas dos empregados e dos gestores anteriores com os formulários de objetivos do ano anterior, que Huldar deveria comparar com as comparações deste ano.

Ele ainda não estava certo de ter percebido bem.

Abanou a cabeça e voltou-se outra vez para Ríkhardur e Erla.

— Algum de vocês sabe como desligar lembretes automáticos da Contabilidade?

Erla foi mais rápida:

— Não. Pergunta ao Almar. Ajudou-me a parar os lembretes sobre folhas de horas.

Ríkhardur inclinou a cabeça para trás e fez uma careta. Fez este movimento súbito sem mexer um cabelo nem amarrotar a camisa.

— Tenho uma ideia melhor. Porque é que não preenches as tuas folhas de horas? Só demora cinco minutos ao fim do dia.

— Sim, está bem.

Erla sorriu, sem a habitual expressão dura e parecendo outra vez a jovem que ingressara no D.I.C. três anos antes. Huldar pensou em chamá-la para uma revisão de desempenho e perguntar porque é que ela estava tão decidida a fazer o papel do velho rabugento da esquadra. Mas conteve-se e deixou-a continuar:

— Ao fim do dia. O *fim*. Quando cada minuto conta. Não sei se sentes o mesmo, mas eu estou ansiosa por ir para casa depois do trabalho. — No momento em que disse isto, caiu em si. — Merda. Desculpa. Tu sabes o que quero dizer.

Ríkhardur não respondeu e as paredes pareceram fechar-se sobre eles. O que é que este divórcio tinha que os pusera a todos em pezinhos de lã? Erla corou e Huldar ficou subitamente muito interessado no agrafador. Não iria discutir os

assuntos pessoais de Ríkhardur quando e se a reunião sobre os objetivos dele se realizasse, isso era uma certeza. O problema era que o tipo devia saber precisamente quais os aspetos que deveriam ser abordados, incluindo a vida e o bem-estar do empregado fora do local de trabalho. Huldar tinha a sensação de que o telemóvel estava a fazer-lhe um buraco no bolso por causa da mensagem de texto que recebera de Karlotta mesmo antes de Ríkhardur aparecer à porta: «Preciso de falar contigo. Liga-me.» Se ele não a conhecesse, teria interpretado isto como um avanço, agora que ela estava solteira. Mas as recordações que tinha do encontro sexual de ambos não lhe davam motivos para acreditar que ela estivesse desesperada por uma nova ronda. A cada cena que lhe vinha à mente, eles estavam a bater desastradamente na divisória entre cubículos. Era um milagre que não lhes tivesse caído em cima. Ainda assim, como é que ele podia saber? Talvez tivesse sido uma mudança refrescante na aborrecida vida sexual entre ela e Ríkhardur.

Pousando o agrafador, Huldar aclarou a garganta:

— Bem, voltemos ao trabalho.

Apesar de aquele parêntesis ter terminado de forma constrangedora, a ideia de regressar à conversa sobre o caso deprimia-o. Há dias que mal falava ou pensava noutra coisa. A pior parte era a total falta de progressos. Ao fim do dia, estavam no mesmo ponto que ao início da manhã. Expirou profundamente, tentando domar os pensamentos e focar-se no essencial. Perdera de vista o quadro geral — de quem estava a fazer o quê — e precisava de repensar a ordem das prioridades. Até então tinham seguido procedimentos de rotina de uma investigação de homicídio, mas haviam chegado a um beco sem saída e ele não fazia ideia de qual seria o caminho a seguir agora.

Tinham escrutinado ao pormenor a folha de serviço de Sigvaldi e falado com o diretor do SNS e com o médico-chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do National Hospital. Nenhum deles recebera queixas sobre Sigvaldi. Assumindo que esta informação estava correta, nenhuma mulher morrera em trabalho de parto e ninguém o responsabilizara por nados-mortos. Aguardavam ainda a resposta do hospital Karolinska na Suécia, onde Sigvaldi fizera a

especialidade seis anos antes, mas Huldar duvidava que isto lhes desse alguma pista. Fora há demasiado tempo e a maioria dos pacientes teriam sido suecos. Sigvaldi confirmara que Margrét não compreendia sueco porque tinha apenas um ano quando regressaram à Islândia, pelo que o assassino só poderia ter falado islandês.

A Polícia percorrera a lista de pessoas com possíveis ligações a cada uma das vítimas e a Sigvaldi, para descobrir quantas teriam uma moto registada em nome delas. Eram muito poucas e nenhuma delas tinha qualquer ligação com as duas mulheres. Também tinham investigado se alguém no círculo de amigos, familiares ou colegas de trabalho de Elísa, Sigvaldi ou Ástrós possuía registo criminal por violência. Apareceram seis nomes: cinco haviam sido acusados de agredir outros homens. O sexto fora acusado de violação dez anos antes, mas tinha álibis fortes para as noites dos crimes.

A análise destas listas fora extremamente morosa, uma vez que Elísa trabalhara para uma enorme organização e vinha de uma família numerosa. O mesmo se aplicava a Sigvaldi. Para além disto, havia uma horda de amigos e conhecidos, especialmente no caso de Elísa. A lista de Ástrós era bem mais curta. Huldar nem queria pensar em quantas horas tinham sido despendidas neste esforço.

Quaisquer que fossem os resultados, eram nulos. Nenhuma prova forense fora recuperada dos locais dos crimes: nenhumas impressões digitais, nem ADN, nenhumas pistas. Nada de interessante surgira dos interrogatórios a amigos ou da papelada que haviam obtido. A Polícia batera à porta da vizinhança de ambas as vítimas, mas ninguém se lembrava de ver uma moto na altura em que as mulheres haviam sido mortas. O telefone de Elísa ainda não aparecera; ou fora destruído, ou estava abandonado algures com a bateria descarregada ou ainda na posse do assassino. O cartão SIM usado para mandar mensagens para o telefone de Ástrós fora vendido num hotel no centro da cidade e a Polícia conseguira encontrar a pessoa que o comprara — um cidadão inglês, chamado Mike Linane, que não só existia como se lembrava de ter comprado o cartão enquanto estivera de férias na Islândia. Dizia que o seu telefone se perdera ou fora roubado no

último dia da estadia. E como era um modelo velho e o cartão não iria ter mais serventia fora da Islândia, não se incomodara a comunicar o roubo, se é que fora roubo. Uma viagem à Lagoa Azul fora mais tentadora que uma visita à esquadra de Polícia. Se necessário, os amigos que tinham viajado com ele poderiam corroborar a história. Como o homem não saíra de Inglaterra entretanto, a confirmação não seria necessária.

A Polícia também visitara todas as lojas que vendiam fita adesiva, mas ninguém se lembrava de uma compra massiva nos últimos meses. Nem mesmo antes disso. Assim, deduziram que o assassino devia ter comprado os rolos em pequenas quantidades para evitar dar nas vistas. Ou poderia tê-los trazido do estrangeiro, na sua mala.

Uma empresa de materiais de construção comunicara o desaparecimento de uma caixa inteira de fita num assalto a um armazém perto do Natal, um ano antes, mas também tinham sido levados vários outros artigos, o que sugeria que a fita não fora o objeto principal. O gerente do armazém explicou que só mais tarde haviam reparado que a fita adesiva desaparecera. Um empregado novo pusera os rolos numa caixa vazia que antes contivera pens USB, pelo que só se aperceberam do facto quando fizeram o inventário de Ano Novo. Os ladrões deviam ter ficado com a impressão de que haviam levado objetos bem mais valiosos.

Huldar consultara o relatório sobre o assalto na base de dados da Polícia e falara com o polícia responsável pela investigação. Este estava convencido de que fora um trabalho de profissionais. O caso ainda estava por resolver e a Polícia não tinha suspeitos. Huldar não conseguia estabelecer se existia uma ligação. O uso desastrado das ventosas e do cortador de vidro no apartamento de Ástrós apontava para que o assassino fosse um amador em arrombamentos; por outro lado, teria havido rolos de fita adesiva suficientes naquela caixa para enrolar inúmeras vezes a cabeça das duas vítimas e de muitas mais pessoas, se necessário.

E o uso de ventosas, juntamente com o roubo do telefone e o assalto à casa, implicava que o assassino estava ligado ao mundo do crime. Vários membros da

equipa de Huldar verificavam agora listas de assaltantes à procura de possíveis candidatos. Os critérios de busca eram ligações a assaltos ou a outros incidentes violentos.

Enquanto novas portas se abriam, outras fechavam-se. Ficara estabelecido que nenhuma companhia estrangeira de seguros de vida tinha Elísa nos registos, pelo que um assassínio por dinheiro parecia estar excluído. O mesmo se aplicava a Ástrós; ainda não tinham recebido confirmação do estrangeiro, mas haviam-se certificado de que ela não tinha um seguro numa companhia islandesa. E como Ástrós não tinha filhos, os seus três irmãos iriam herdar, juntamente com os dois irmãos do falecido marido. E apesar de o seu apartamento não estar hipotecado e de ela ter morrido com algum dinheiro no banco, era pouco provável que alguma destas pessoas a matasse por causa do seu quinhão nas partilhas.

As imagens do circuito de vigilância da bomba de gasolina, cuja data era de quinta-feira, quando se pensava que a chave de Elísa fora roubada, revelaram-se inúteis; algum cretino esperto, quem sabe o assassino, movera a câmara que apontava para as bombas e esta estava virada para o teto. As imagens de interior da loja mostravam Elísa a entrar, a pegar nos sorvetes e a esperar junto da caixa registadora enquanto o carro era abastecido. Olhava para o exterior, provavelmente para vigiar os miúdos e o empregado da bomba. Depois, pagou com cartão, despediu-se e saiu. Ninguém entrou nem saiu imediatamente antes ou a seguir a ela. Baseando-se nas imagens e no depoimento de Margrét, Huldar concluiu que Elísa não conhecia o homem que enchera o depósito. Segundo Margrét, ela entregara-lhe as chaves, mas não falara com ele nem o cumprimentara de uma forma amigável.

Quanto mais terreno exploravam na investigação, mais dúvidas tinha Huldar de que o fim estivesse próximo.

— Posso verificar a cor dos capacetes destes tipos, se quiseres — disse Erla. — Talvez um deles possa ter conhecido ambas as mulheres, afinal. — Ela passou os olhos pela lista de proprietários de motos. — Só não acredito muito que o dono de uma moto seja estúpido o suficiente para usar um capacete como disfarce para cometer um homicídio.

— Isso não altera o facto de precisarmos de fazer uma verificação cuidadosa. — Huldar esfregou os olhos secos. — Pedimos à Alfândega para nos fornecer uma lista de pessoas que encomendaram online capacetes do estrangeiro, no caso de alguém ter comprado um capacete especificamente para este propósito. — Afastou as mãos dos olhos. — Também contactámos todos os fornecedores de capacetes do país e pedimos para nos entregarem um resumo das vendas dos últimos seis meses. Por sorte, não existem assim tantos e a informação deverá estar pronta amanhã ou depois. E acho que já identificámos quatro anúncios em sites classificados a venderem capacetes em segunda mão.

— Ou ele pode tê-lo roubado. — Ríkhardur sacudiu uma poeira invisível da camisa.

— Importas-te de dar uma vista de olhos nisso?

Huldar percebia que Ríkhardur estava a ficar aborrecido por ter de seguir as dicas do público. Tendo feito este trabalho mais do que uma vez no passado, sabia que era como arrumar a cozinha: mal acabávamos de ligar a máquina da louça, aparecia logo uma caneca suja vinda sabe-se lá de onde, e sem darmos por isso, estava tudo uma barafunda outra vez. Quando se resolvia um telefonema do público, aparecia logo outro. E outra onda seria de esperar, mal o homicídio de Ástrós aparecesse nas notícias. Depois disso, as coisas acalmariam, mas até lá Ríkhardur teria de se aguentar.

— A propósito, como é que estás a safar-te com as dicas?

— Bem… — Ríkhardur tentou parecer animado, mas os olhos contavam uma história diferente. — Nada que interesse ainda. Mas nunca se sabe.

— Até agora, qual foi a coisa mais engraçada ou mais estranha? — perguntou Erla, inclinando-se para ele.

— Ouvi dizer que tem havido coisas particularmente extravagantes. — Huldar riu-se. — Houve uma chamada há bocado de um membro do grupo dos paranormais, a dizer que estava a receber mensagens codificadas através da rádio.

Ríkhardur pareceu pouco à vontade.

— Pois, eu sei. Aliás, nenhuma delas fazia muito sentido. Uma mulher jurava

que vira a Elísa a sair de um autocarro cheio de turistas na Lagoa Azul e que o grupo partira sem ela. Percebeu mal o apelo porque pensou que queríamos qualquer notícia da Elísa e sugeriu que dragássemos a lagoa à procura do corpo dela. Depois houve um tipo que disse que a vira a discutir com um guarda de trânsito em Laugavegur. Segundo ele, acabou com ambos a serem presos… no dia a seguir à morte dela.

— Bom, espero que tenhas investigado essa dica.

Huldar interrogou-se se as chamadas do público seriam menos loucas nestes dias. Se estas eram as piores com que Ríkhardur tinha de lidar, não tinha pena dele. Talvez agora os chanfrados canalizassem as suas energias para comentários em fóruns online, em vez de aborrecerem a Polícia.

— Alguém leu os comentários online sobre o caso? Existe sempre uma hipótese de nos ter falhado alguma coisa aí.

— Não prestei especial atenção à Internet. — Ríkhardur parecia ver isto como uma falha grave da sua parte. Constrangido, engoliu em seco e acrescentou: — Aliás, parece que nunca ninguém foi preso na Islândia por discutir com um polícia de trânsito, por isso a alegada detenção de Elísa não poderia ter acontecido mesmo que ela estivesse viva. Claro que não preciso de vos dizer que Elísa parece ter sido uma cidadã exemplar. Tal como Ástrós. — Um facto que ele aprovava. Não teria dito bem delas se as duas tivessem sido arruaceiras.

— E as mensagens de rádio? Ainda te riste, aposto. — Erla aproximou-se para encorajar Ríkhardur a continuar.

— Ainda não cheguei lá. Decidi acreditar em ti, Huldar, e deixar chamadas como estas para o fim. Não consigo imaginar nada de útil vindo dali.

— Bom, nunca se sabe. — Huldar calou-se. Nesta altura, era impossível avaliar o que era importante e o que era uma completa perda de tempo. O único caminho era seguir cada pista, mesmo dicas estranhas do público. — Não podemos esquecer que o genocídio no Ruanda foi espoletado em parte por ordens dadas na rádio. Disseram aos Hútus para matar todos os Tutsis que conseguissem. E todos sabemos as consequências.

Ríkhardur pareceu derrotado. Provavelmente, desejara evitar ter de investigar aquela chamada. Tratar de assuntos com uma parca aproximação da realidade não era o seu forte. Mas muito do que lhes aterrava na secretária iria parecer incompreensível, irracional ou rebuscado para o grande público, por isso era melhor que se habituasse a isso. O mundo não era tão linear quanto ele.

— Claro que vou segui-la. É só que me lembrei de que disseste que tudo o que estivesse ligado ao paranormal deveria ir para o fim da fila.

Ríkhardur estava ofendido, mas Huldar não tinha agora tempo, nem energia, para lidar com a sensibilidade dele. Soltou um suspiro e abanou a cabeça exasperado, e depois, incapaz de se lembrar de mais alguma coisa para acrescentar, mudou de assunto:

— Digam-me, acreditam que, apesar de todas as indicações em contrário, deve haver alguma ligação entre o assassino, a Elísa e a Ástrós? Ou entre ele, o Sigvaldi e a Ástrós?

Huldar não gostou do olhar que trocaram. Interpretou-o como um sinal de que eles gostariam de que ele revelasse mais confiança.

— Acho que sim. — Erla respondeu primeiro e Ríkhardur assentiu.

Huldar tentou compensar, adotando um tom mais autoritário:

— A única explicação plausível para todo o trabalho que o assassino teve é que ele queria castigar as mulheres ou, no caso de Elísa, o marido. Se soubéssemos o que está em causa, estaríamos numa posição melhor. Eu assumo que é a retribuição de algum crime que ele acredita que elas ou Sigvaldi cometeram… talvez contra ele. Os crimes não estão associados a psicose sexual, apesar do aspeto sádico.

Erla tossiu.

— Hum. Não serviria uma vítima idosa qualquer para um sacana doente satisfazer as suas necessidades sádicas? O que é que interessa quem é que sofre, se aquilo que o motiva é o desejo de infligir dor?

— Estou inclinado a concordar com isso.

O sangue aflorou às faces pálidas de Ríkhardur. Fechou os lábios numa linha fina. Contradizer os seus superiores era uma violação à sua natural

subserviência, mas ele tinha dificuldade em ir contra as suas próprias convicções.

— Para um homem daqueles, o que é que interessa quem tortura?

— Nada, suponho. A não ser que ele se excite ao provocar dor em certos tipos. Mas a Elísa e a Ástrós não eram parecidas e tinham idades diferentes. Não tinham nada em comum, a não ser o facto de serem ambas mulheres… e não podemos esquecer que a Margrét ouviu o assassino dizer à Elísa que era o Sigvaldi quem ele estava a castigar. Mas, deixando isso de lado, o que eu quis dizer é que é pouco provável que o móbil dos homicídios tenha sido sadismo puro e duro. O homem devia conhecê-las ou ter-se cruzado com elas, em alguma altura. Se só precisasse de um escape para a sua necessidade de provocar dor, não teria passado mais tempo a fazê-lo? Prolongando o sofrimento o mais possível? De acordo com a autópsia da Elísa, a morte aconteceu pouco depois de ele ter ligado o aspirador. Foi diferente com a Ástrós, porque demorou um bocado até que o ferro de cabelo lhe queimasse a traqueia de tal forma que a fechou, fazendo com que sufocasse. Teria sido mais fácil matá-las com um método mais lento, se o sadismo fosse o móbil principal. — Huldar tentou não pensar nos terríveis pormenores que lera no relatório do anátomo-patologista.

— Queres dizer, torturá-las durante mais tempo? Durante dias, até? — Como sempre, Erla foi direta ao assunto.

— Sim, é isso que quero dizer. Acho os métodos que o assassino usou tão horríveis quanto tu. Mas não se parecem com nenhum dos casos estrangeiros que li sobre mulheres assassinadas apenas para satisfazer necessidades sádicas. Nesses casos, o assassino quase sempre rapta a vítima, atraindo-a para casa dele ou para o carro. Depois, leva-a para um sítio remoto onde a mata o mais lentamente possível. Não acaba rapidamente com ela, como o nosso tipo.

— Tens exemplos? — perguntou Erla, fazendo uma careta.

Huldar abriu a boca, mas não conseguiu desenvolver o tema. Era mau o suficiente ter pesquisado estas coisas; quase que esperara que começasse a jorrar sangue do ecrã do seu computador.

— Acredita em mim, são doentios. Aliás, duvido que alguns dos pormenores

que li sejam reais. — Olhou para o relógio que o pai lhe dera quando se formara na Academia de Polícia. A maioria das pessoas já não usavam relógio, mas ele continuava a fazê-lo em honra do pai.

— Depois, há a questão das mensagens. — Ríkhardur era capaz de recitar de cor as ligadas a Ástrós, mas tinha de tirar uma nota do bolso para se lembrar da mensagem deixada em casa de Elísa. — «Vinte e dois, nove menos um, ponto nove, oito, oitenta e seis menos sete, ponto setenta e três, noventa menos um» e «Então, diz-me: cinquenta e três, dezasseis, ponto cinquenta e três, noventa menos um, ponto quatro, quarenta e três menos seis, sessenta e cinco menos cinco, sessenta e oito, ponto quarenta e três menos seis, oito, ponto cem e seis menos dezasseis, cinquenta e três, vinte e três, sessenta e três menos noventa e dois, ponto noventa, oitenta e nove menos seis, sete, ponto quarenta e três menos seis, oito, ponto setenta e cinco, cinquenta e oito, cinquenta e três, vinte e três, sessenta e três menos noventa e dois»? — Levantou os olhos de novo. — Não parece que o assassino sentia que tinha algum assunto, por assim dizer, com as mulheres? — Ríkhardur mexeu-se na cadeira, relaxando um pouco a postura. Mas a nova pose adotada era igualmente hirta. — Há alguma coisa de suspeito nestas mensagens, se querem saber.

Erla estava tão relaxada quanto Ríkhardur estava tenso. Há uns meses, Egill trouxera um perito em ergonomia para criar um ambiente de trabalho mais saudável, mas isso só significara perda de tempo. O pessoal tivera dificuldade em concentrar-se no trabalho com um homem de fita métrica e caderno de apontamentos a cirandar à volta deles. Dois dias após depois da avaliação e do respetivo curso sobre como melhorar a postura, todos tinham voltado aos velhos hábitos; Ríkhardur direito como um pau, todos os outros com uma postura desleixada, de ombros descaídos. Os tapetes de rato em gel acabaram em gavetas e os apoios para os pés chutados para canto. Erla nem sequer esperara dois dias, apesar do seu ombro magoado, ou talvez por causa disso.

— Por que raio deixar uma mensagem, aliás? E não me digas que, lá no fundo, o cabrão quer ser apanhado. Não acredito.

— Tens razão. — Huldar vasculhou nas pilhas de papel em cima da

secretária, à procura de cópias das notas encontradas no local do crime. — Talvez esteja a gozar connosco. Julga-se tão superior à Polícia que consegue escapar.

Erla franziu a testa.

— Achas? A mim, parece-me que ele está a fazer isto tudo para gozar connosco. Já alguém parou para pensar nisso?

— Mensagens falsas? —Ríkhardur parecia ter sentido um cheiro desagradável. — Isso não é um bocado rebuscado?

Huldar não respondeu logo: a ideia de Erla não era assim tão louca.

— Podes ter aí qualquer coisa. Encaixaria melhor com o cuidado que o assassino tem em relação a tudo o resto. Quero dizer, porque é que ele se preocupa tanto em não deixar rasto, mas depois deixa notas que sabe que irão parar às nossas mãos? Ele sabe que iríamos encontrá-las. E isso não faria sentido. Nesse caso, para quê deixá-las? — Huldar percebeu que estava a perder o fio à meada. — Se as mensagens estão ligadas ao móbil das mortes, poderiam ajudar-nos a apanhá-lo. O que seria um erro grosseiro da parte dele e totalmente incongruente com o resto do seu *modus operandi*. Levantaste uma boa questão, Erla.

— A não ser que a outra teoria esteja certa. — Ríkhardur evitou olhar para Erla; não devia querer ver a expressão de triunfo na cara dela. — Que ele está a gozar connosco. Pensa que somos um bando de idiotas.

— E se não começarmos rapidamente a fazer progressos, ele terá razão. — Huldar levantou-se. — Preciso de um café.

Reparou noutro memorando a aparecer no ecrã. Desta vez, era um aviso de que ainda não completara o calendário da provisão de pessoal para os próximos seis meses. Desligou o monitor. Sentia-se a afundar-se em burocracia.

— Acho que vou terminar por hoje. Já não consigo concentrar-me. E vocês também deviam sair mais cedo.

A ideia não teve a receção que esperava. Pelo contrário, eles olharam-no com reprovação, como se ele os tivesse desapontado. Sentiu uma ponta de irritação, mas, para ser honesto, isto tinha mais a ver com o nó de medo no estômago por

causa do estado da investigação do que com a censura deles.

— Vejo-vos amanhã. Liguem se surgir alguma coisa. E avisem-me se a Interpol disser alguma coisa sobre as mensagens. Pensando melhor, mandem SMS, porque duvido que vá atender qualquer chamada.

Decidira ir a casa de Freyja. E eles não tinham nada a ver com isso.

# 27.

NÃO VALIA A PENA DERRAMAR MAIS LÁGRIMAS. Elas não tinham para onde ir e só faziam com que os olhos lhe ardessem. Esfregar a cabeça contra o piso de cimento também não dera em nada, a não ser esfolar a pequena parcela de pele que não estava coberta de fita. Halli não sabia quantas vezes o homem a enrolara à volta da cabeça dele; deixou de contar depois da sexta vez quando a pressão se tornou tão insuportável que já nem conseguia pensar como devia ser. Era claro que a fita grossa estava demasiado apertada para ser retirada sem usar as mãos. A orelha direita era a que mais sofrera. Parecia estar a arder. Quando escapasse, iria provavelmente precisar de uma cirurgia plástica… Se escapasse.

As lágrimas brotaram outra vez. Não só lhe picavam nos olhos como lhe enchiam o nariz de muco, o que significava que estava sempre a fungar. Tinha de respirar pelo nariz porque a boca estava cheia de enchimento e selada com fita. Ele não queria sufocar no seu próprio ranho.

Não queria sufocar, ponto final.

Valia a pena lembrar-se disto quando sentia crescer a tentação de render-se ao sono e livrar-se da dor. Tudo lhe doía. Mas sempre que se deixava ir, a dor era pior quando acordava, pelo que era melhor manter-se consciente. O calor também contribuía para o seu sofrimento, exacerbando-lhe o desconforto ao ponto de se tornar insuportável.

Já nem sequer conseguia sentir as mãos. Estavam amarradas atrás das costas com tiras de plástico que se lhe cravavam nos pulsos. Jogando pelo seguro, o homem também enrolara mais da maldita fita, bem apertada, à volta das mãos,

de tal modo que seria impossível usar os dedos mesmo que encontrasse alguma coisa para cortar tudo o que o amarrava. Ao início, isto dera-lhe esperança… Deveria significar que havia ali algum tipo de objeto cortante que ele poderia usar. Mas depois de percorrer várias vezes o espaço sobre as nádegas doridas, afastara esta possibilidade.

Mas não podia ter a certeza absoluta. Vendado e impossibilitado de tatear com as mãos ou com os pés, não conseguira procurar bem. Os tornozelos estavam amarrados com mais tiras de plástico e os joelhos também estavam ligados ou unidos com fita.

Talvez lhe tivesse escapado alguma coisa. Talvez valesse a pena obrigar-se a uma última tentativa de exploração. Mas a mente encolheu-se com a ideia da dor. Halli fungou com força para fora e sentiu o muco a sair disparado e a aterrar-lhe no peito. Não se importou. Só tinha medo de que se um desconhecido ou desconhecida abrisse a porta e o visse naquele estado, voltasse a fechá-la e fugisse sem fazer perguntas.

Inspirou ar pelas narinas e sentiu-se um pouco melhor. Tentou saborear a sensação, mas esta não durou. Inevitavelmente, começou novamente a ficar ranhoso. Mexeu-se, reavivando a dor atroz nos pulsos. Não fazia mal porque, ao menos, isso queria dizer que as mãos não estavam totalmente dormentes.

Há quanto tempo estava ali? Vinte e quatro horas? Trinta e seis? Talvez não tanto ou teria mais fome. Mas era impossível sentir mais sede. Durante quanto tempo é que uma pessoa conseguia viver sem água? Dois dias? Três? Quatro ou cinco? Talvez nem tanto. Era esse o plano do homem? Deixá-lo a morrer de desidratação? Não aparecia há muito tempo e, embora Halli fosse capaz de dar tudo para não voltar a vê-lo, o receio de que ele o tivesse abandonado era ainda pior.

Se, ao menos, o homem voltasse mais uma vez, lhe retirasse o enchimento da boca e lhe desse de beber, Halli prometeria nunca o procurar se o libertasse. De alguma forma, Halli convenceria o homem de que ele era de confiança; relembrando-o de que, afinal, não teria nada a ganhar em denunciá-lo.

Talvez fosse melhor saltar a última parte, porque esta sugeria que Halli podia

mudar de ideias e chibar-se. Devia era preparar o que dizer quando o homem regressasse, em vez de estar ali a inventar, à procura de objetos que não existiam. Isto é, *se* o homem voltasse. E *se* tirasse a fita da boca de Halli.

Halli fungou com tal força que o ranho foi projetado para o ar em vez de lhe aterrar no peito. Talvez lhe tivesse acertado nas calças ou nos sapatos. Uma onda de autocompaixão apoderou-se dele. O corpo sofreu uma convulsão e, por instantes, teve medo de estar com epilepsia ou com um calafrio febril. Não tinha a certeza sobre o que um calafrio implicava, mas imaginava que faria as pessoas tremer tão violentamente que seria o mesmo que sofrer um choque elétrico. Poder-se-ia morrer de calafrios? Isso seria irónico, tendo em conta o calor que estava ali dentro. Se fosse por alguma coisa, iria morrer de febre, a não ser que morresse de sede antes de sucumbir a ambas. Ou iria ter uma hipótese de dar a volta ao homem?

As lágrimas voltaram de novo e ele foi incapaz de as conter. Isto era tão horrível. E tão injusto. O que fizera ele para merecer isto?

Era este o castigo por ter participado numa conspiração tonta? Nada fizera que justificasse este destino. Vendera o equipamento ao homem, ensinara-o a montar uma emissão temporizada e pusera o telefone e as cuecas femininas no carro de Karl. Ah, e roubara o molho de chaves. Mais nada. O homem dissera que era apenas uma pequena partida pregada por alguém próximo de Karl e fizera-o prometer que não contaria nada.

Mas ele deveria ter percebido que este homem não era o que parecia; só a voz deixara bem claro que qualquer traição teria consequências graves. E para piorar as coisas, retivera metade do dinheiro que prometera a Halli pela ajuda e pelo equipamento, dizendo-lhe que depois receberia o resto. Mas somente se Halli mantivesse a boca fechada. Isso fora o suficiente para que ele nada dissesse.

Mas agora fora obrigado a enfrentar aquilo de que sempre suspeitara… que isto não era uma brincadeira. Quando o homem foi buscá-lo a casa, o convenceu a entrar no carro e arrancou, ele percebeu. Quando chegaram ao destino e ele o obrigou a mandar uma mensagem aos pais a dizer que ia de férias para um chalé

onde não havia rede telefónica. Naquele momento, tudo foi gritantemente óbvio. Se não estivesse tão perplexo, teria recusado, saltado do carro e corrido sem parar. Como é que podia ter sido tão estúpido? E por que raio é que abrira a porta ao homem quando ele aparecera no seu quarto?

No fundo de si, sabia a resposta. Desejara que o homem lhe tivesse dito para não se preocupar, que a partida estava quase a acabar e que em breve receberia o resto do dinheiro. Ele precisava tanto dele. Já gastara a primeira metade a pagar dívidas, a comprar um casaco novo e sapatos, e a deixar um sinal para um computador que em breve estaria pronto para entrega. Nessa altura, teria de pagar o restante. Fora por isso que abrira a porta. Tão simples quanto isso. Dinheiro. E fora por isso que, ignorando todas as dúvidas, concordara em pregar esta partida ao amigo.

Estes pensamentos deram então lugar a outros: estaria Karl no mesmo barco que ele? O plano do homem fora apanhá-lo a ele? Merda. Para quê? Para matá-lo?

Halli tentou afastar a ideia de que o homem pudesse ser capaz de homicídio. Se fosse, Halli estava metido em merda da grossa, e Karl também. Não conseguia imaginar porque é que alguém quereria matar o amigo, mas isso já não interessava. O que interessava agora era que o homem tinha uma razão clara para querer Halli fora do caminho. Afinal, Halli podia denunciá-lo. Apesar de ele poder ser pouco credível, havia sempre uma hipótese, e o homem não iria querer correr esse risco.

Ele apenas tinha de encontrar uma forma de conversar com o homem. Prometeria manter a boca calada e iria cumprir a promessa. Mesmo que o homem matasse Karl. Halli ficaria calado como um túmulo, manteria a cabeça baixa, não diria uma palavra. Se ao menos conseguisse convencer o homem disto.

Aguçou os ouvidos. O que era aquilo? O barulho de um motor? Depois ouviu uma chave a ser enfiada na fechadura e o bater da corrente que fora colocada à volta dos puxadores das portas quando eles tinham chegado e o homem o convencera a entrar. Dissera que o rádio transmissor estava ali dentro e não

funcionava; Halli tinha de ajudá-lo a resolver aquilo e receberia mais dinheiro pelo incómodo. Mais uma vez, a ganância fora o seu erro.

Antes de a porta se abrir, Halli tentou desobstruir o nariz. Preferiria não ter de o fazer diante do homem. Era uma estupidez, claro, mas ele não conseguia evitar.

Houve o clique de um interruptor. Por isso, Halli deduziu que estivera às escuras e, estranhamente, o pensamento confortou-o. Era mais fácil desculpar-se pela sua incapacidade de ver alguma coisa do que se estivesse ali vendado em plena luz.

Ouviu os passos do homem a aproximarem-se e pararem diante dele. Halli calculou que o homem se curvava. Esperou com impaciência nervosa que ele falasse. Talvez para lhe dizer que iria dar-lhe de beber.

— Ah, estás aqui. Que sorte termo-nos cruzado.

O tom sarcástico era novo e Halli não sabia como interpretá-lo. Poderia ser um bom sinal? Halli começou a fazer barulhos com a boca para indicar que queria falar, mas acabou por soar como um porco amordaçado num impasse com o empregado de um matador.

— A tua orelha está quase rasgada ao meio.

Agora, a voz do homem parecia mais normal, mas estranhamente abafada, como se estivesse a falar através de uma máscara. A tentativa de Halli de fazer um barulho surgiu como um patético gemido.

— Já não vais precisar da parte de cima. Aliás, nem da de baixo. — O homem pareceu suspirar. — Nem de mais nada.

Calou-se e, pouco depois, Halli ouviu passos de novo, desta vez a afastarem-se. Depois, ouviu um clique que pensou ser o interruptor, indicando que o homem se ia embora outra vez sem lhe oferecer uma hipótese de implorar por misericórdia. Quase engoliu o enchimento que tinha na boca numa tentativa desesperada de atrair a atenção do homem e fazê-lo voltar. Mas depois o cérebro processou o som com maior precisão e ele pensou que, em vez de apagar a luz, o homem ligara alguma coisa. Mas o quê?

Os passos aproximaram-se e, sem aviso, o homem estava mesmo ao lado

dele. Halli começou a tremer, primeiro de medo, depois de dor enquanto o homem lhe agarrou na orelha magoada. Estava a ser terrivelmente desajeitado se a intenção era pôr um penso ou uma ligadura. Mas não era isso que o homem tinha em mente. Halli sentiu uma coisa gelada contra o lóbulo da orelha dorido; não só fria, mas também pontiaguda. Queixou-se o mais alto que pôde, mas claro que isto de nada ajudou. Silenciando-se, fez um esforço para se manter quieto; talvez o seu tremor incontrolável tivesse feito com o que homem lhe acertasse na orelha. Ele não podia tencionar magoá-la ainda mais, certo? Talvez fosse apenas a tesoura que ele iria usar na fita. Talvez Halli ainda viesse a ter uma hipótese de implorar por clemência. Fez um esforço sobre-humano para controlar o tremor e os gemidos. Deveria conseguir. Havia tanto em jogo… tudo estava em jogo.

Ficou sentado sossegado, mantendo-se quieto.

— Assim é melhor. Obrigado. Ajuda-me muito.

Halli esperava sentir uma faca ou uma tesoura a serem inseridas debaixo da fita e a começarem a cortar. Mas quando chegou o toque, não era onde ele esperava e revelou-se de uma natureza muito distinta. A picada no lóbulo da orelha foi esquecida, substituída por uma agonia inqualificável dentro da cabeça dele. Ouviu um clique e tudo o que acontecera antes se tornou insignificante.

# 28.

KARLOTTA NÃO ATENDIA O TELEFONE. Depois de seis toques, Huldar sentiu que cumprira o seu dever e relaxou. Ela veria que ele devolvera a chamada e, com sorte, deixaria as coisas por aí, esquecendo a sua intenção e tirando-o da berlinda.

Infelizmente, era pouco provável que a infeliz história que eles tinham começado naquela casa de banho nojenta acabasse com tanta facilidade. Karlotta devia estar numa reunião ou ocupada com alguma coisa e ligaria de volta assim que pudesse. Huldar temia a conversa; ficava cheio de remorsos só de pensar nela. Não era nada pessoal; a culpa era dele.

Karlotta fazia-o lembrar da merda que ele tinha sido.

Conseguira evitá-la desde que aquilo acontecera e poderia envelhecer e morrer sem voltar a ter contacto com ela. O mero facto de ela ter ligado causava-lhe azia. Tomou uns comprimidos, mas nada fizeram para aliviar o ácido que lhe corroía o estômago. Mastigou a seguir mais pastilha elástica de nicotina e sentiu-se logo melhor. Melhor o suficiente para pensar em mexer-se. Saiu do carro para a noite escura de inverno.

Em vez de se dirigir logo para a porta da frente, decidiu esgueirar-se até às traseiras e ver se conseguia entrar sem ser notado pelo polícia de serviço. Pelo que vira, não deveria ser difícil. O polícia fardado estava sentado no carro-patrulha diante da entrada principal. Até agora, tudo bem. Só que o clarão azul refletido na cara dele sugeria que estava entretido a navegar na Internet.

Huldar estacionara a uma distância discreta e conseguira aproximar-se das

traseiras da propriedade sem ser notado, entrando por dois jardins vizinhos. Estavam divididos por vedações baixas prestes a colapsar quando passou por cima delas. O edifício de Freyja não era o único decrépito. Mas a negligência era visivelmente pior no jardim dela; lixo aparecia por entre a neve e um pequeno grelhador a gás — o mais barato que existia — estava tombado a um canto. Um velho baloiço ferrugento oscilava suavemente ao vento. Não admirava que ela se tivesse sentido atraída por um certo carpinteiro de Egilsstadir chamado Jónas. Se ele existisse, podia ter feito uma grande diferença ali.

Chegado à esquina do edifício, Huldar espreitou cautelosamente para a rua. O polícia continuava concentrado no telefone. Huldar conseguiu chegar ao átrio do prédio sem ser visto, como suspeitava que conseguiria. Em vez de tocar à campainha, voltou para o exterior, fazendo barulho de propósito.

O polícia olhou-o, com o telefone ainda na mão. Gaguejou ao responder ao cumprimento de Huldar, fazendo esforços frenéticos para desligar o telefone sem baixar os olhos.

— Esteve lá dentro?

— Não. Vim ver como a vigilância estava a correr. — Huldar fez um gesto com a cabeça na direção do telefone do polícia. — Alguma coisa de jeito no YouTube?

— Hum, não. Distraí-me só por um segundo. — O polícia jovem estava corado.

— Bom, importas-te de te concentrar no teu trabalho? Vou lá dentro ver como estão as coisas e falar com a mulher. Quando sair, não quero ter de bater no vidro para chamar a tua atenção.

— Não, claro que não. Não vou tirar os olhos da casa.

Ao afastar-se, Huldar ouviu o vidro a fechar-se. Olhou à volta antes de entrar, para se assegurar de que o rapaz não recomeçara a brincar com o telefone. Não, ele fitava Huldar com uma concentração feroz.

Era difícil passar por entre as pilhas de jornais gratuitos acumuladas no átrio. Huldar afastou-as com o pé para chegar à campainha. O nome de Freyja estava ali, numa etiqueta nova. Mais uma vez, questionou-se porque é que ela vivia ali,

mas sabia que não podia perguntar depois da imperdoável má-criação de Erla, na última vez. Ele poderia tê-lo feito na primeira visita enquanto Jónas, o carpinteiro, mas não estava capaz de notar nada estranho na altura. Lembrou-se de ela lhe pedir conselho sobre a porta da casa de banho que estava perra. Ele passara as mãos pelas extremidades, tentando parecer um entendido. Por sorte, naquele momento, ela tivera um ataque de soluços e perdera a concentração, e logo arranjaram outras coisas com que se entreter, que não a bricolage. Ele esperava mesmo que ela não se recordasse do incidente.

— Sim? — A voz de Freyja soava vazia e fininha no intercomunicador.

— Ah, olá. É o Huldar. Gostava de falar contigo. É boa altura?

Não houve resposta e ele começou a pensar que ela não iria deixá-lo entrar quando a porta fez um súbito zumbido. Enquanto subia as escadas, ensaiou o que iria dizer. Desta vez, era essencial causar melhor impressão.

Freyja estava à porta, de braços cruzados e com uma expressão hostil.

Vestia jeans justos, uma t-shirt, meias às riscas e pantufas cor-de-rosa e peludas. O seu cabelo louro encaracolado estava preso num carrapito no alto da cabeça, que a fazia parecer mais alta. Visivelmente, não estava à espera de visitas.

— Olá.

Huldar sorriu, fingindo não notar a fria receção.

— Oi. — Aproximou-se e ali ficou, como um idiota. — Achas que posso entrar? Preciso de conversar sobre algumas coisas. Prometo que não demoro.

Freyja semicerrou os olhos, talvez a pensar se deveria acreditar nele. Era uma psicóloga experiente e, por isso, ele tinha todos os motivos para recear que ela lhe leria os pensamentos. Mas ela afastou-se e convidou-o a entrar. Ele não tinha a certeza se ela ficara convencida com a mentira ou se nem sequer se dera ao trabalho de discutir. Não interessava, estava lá dentro. Ela disse que ele não precisava de descalçar os sapatos. Enquanto despia o casaco, Molly apareceu. Na tentativa de o cheirar, bateu-lhe várias vezes na perna com o colar. Só aí surgiu um sorriso na cara de Freyja. Não por causa das desajeitadas tentativas do animal, mas por causa dos esgares de dor dele. Mas ele sabia que merecia.

Ao entrar no hall, Margrét apareceu à porta do quarto. Fitou-o com a cabeça de lado, o que não ajudou a aliviar-lhe o desconforto.

— Olá.

— O que é que estás aqui a fazer? — A cara de Margrét permaneceu impenetrável. — És o polícia.

— Sim, sou polícia. Não sei se sou *o* polícia.

— És o polícia. Eu lembro-me. O polícia que me tirou de debaixo da cama.

Pela cara dela, era impossível dizer se estava grata ou zangada. Ele sabia o suficiente sobre crianças para estar ciente de que os seus processos mentais nem sempre seguiam os mesmos caminhos dos processos dos adultos. Ela podia ter a impressão de que nada teria acontecido se a tivessem deixado ficar debaixo da cama.

— Sim. Sou esse polícia. Tens razão. És uma menina observadora.

Ele lembrava-se de como ela cerrara os olhos e os mantivera fechados mesmo quando ele a arrastara do seu esconderijo, pegando-lhe ao colo, com a cara contra o peito dele para que ela não pudesse ver a mãe morta na cama. Ela recusara-se a olhar para ele, pelo que nunca devia ter-lhe visto a cara; devia ter sido a voz dele que ela reconhecera. Huldar sorriu-lhe, mas não recebeu outro sorriso de volta. Não a censurou.

— Eu vi esses sapatos. Quando estava debaixo da cama. — Ela fitou os pés dele, depois levantou o olhar ansioso. — Havia um homem no jardim agora. Vi-o da janela.

Huldar olhou de lado para Freyja que escutava a conversa, sem dúvida grata por não ter de falar com ele. Ele engoliu em seco, à procura do tom certo e, depois, respondeu com leveza:

— Isso faz sentido. Era eu.

— Eras? — Freyja olhou. — O que é que estavas a fazer no jardim?

Margrét mordeu o lábio inferior, retirou-se para o quarto e bateu a porta atrás de si.

— Assustaste-a. Esqueceste-te do homem que ela viu no jardim da casa dela? Podias ter-me avisado para eu me assegurar de que ela não estava perto da

janela. Agora há o risco de ela pensar que tu és ele. — A voz dela caiu para um murmúrio. — Ou o assassino.

— Estava a fazer uma experiência. — As palavras pareceram fracas quando ditas em voz alta. — Estava a testar se o nosso guarda estava a fazer bem o seu trabalho.

— E?

— E? — Huldar empatou.

— E qual foi o resultado da experiência?

— Prefiro que não saibas. — Huldar hesitou, mas acabou por responder. — Entrei no átrio sem ele notar.

— Meu Deus. — Freyja suspirou. — Porque é que aqui vieste? Para fazeres a tua experiência?

— Não, essa não foi a única razão. Queria dizer-te que falámos com o teu ex-namorado e confirmámos que ele não pode ter atacado a cadela. — Molly virou a cabeça e olhou para ele através do colar de plástico, antes de voltar o olhar de novo para a porta fechada. — A mensagem não foi enviada do telefone dele e parece que ele tem um álibi muito sólido.

— Qual? Uma reunião da Sociedade Nacional de Idiotas?

Huldar sorriu. Levara Ríkhardur consigo para o interrogatório e lamentou-o no momento em que viu o tipo com um ar quadrado à espera no corredor da esquadra. Tal como Ríkhardur, vestia um fato e, ao lado deles, Huldar sentira-se um hippy saído de Woodstock. Como se a figura impecável do homem não fosse má o suficiente, ele também se revelara insuportável. Limpara a cadeira antes de se sentar e fizera uma careta de cada vez que respondia a uma pergunta. Os seus olhos vagueavam enojados pela sala, como se esperasse ver piolhos a saltarem para cima dele vindos de todos os cantos.

— Por acaso, não. Mas não me surpreenderia se fosse presidente, secretário e tesoureiro dessa organização.

Freyja achou graça.

— Qual é o álibi?

— Desculpa, não posso dizer. Mas é muito sólido. — Huldar não queria dizer

que o homem com quem ela vivera até há pouco tempo fora jantar com a nova namorada com quem vivia. Acrescentou, um pouco tímido: — Ficaste bem melhor sem ele.

O que pareceu funcionar.

— Queres sentar-te? — Freyja acenou com a mão para a sala. — Vou só ver se a Margrét está melhor.

Huldar passou pelo póster de heavy metal no qual reparara da última vez. Tendo conhecido o ex dela, percebeu que não era uma recordação do relacionamento anterior de ambos. O homem só devia ouvir música erudita. Decidiu não lhe fazer perguntas sobre isso, ou dizer alguma coisa que pudesse ser desagradável ou deixá-la pouco à vontade. Estava determinado a ter cuidado agora que recebera uma segunda oportunidade.

Bom, uma espécie de segunda oportunidade.

Ela não o recebera propriamente de braços abertos; só o convidara a sentar-se num sofá sujo e puído com o enchimento a sair de vários sítios. Deixou bastante espaço para o caso de ela querer sentar-se ao lado dele, e tentou relaxar. Por um bocado, concentrou-se em duas embalagens coloridas na mesa de centro, uma vazia, a outra semicheia de gelado derretido. Depois, já farto, percorreu o chão com o olhar até encontrar uma tábua do soalho que parecia não estar bem encaixada. Quando Freyja regressou, estava a olhar há tanto tempo para a tábua que as linhas retas estavam a começar a arredondar.

— É difícil chamá-la à razão, coitada.

Freyja deixou-se cair na cadeira diante dele.

— Desculpa. Não me passou pela cabeça. Nunca o teria feito se soubesse que ela estava à janela.

Huldar teve o cuidado de não olhar muito intencionalmente para Freyja. Estava sempre a olhar as embalagens que estavam em cima da mesa, até se aperceber de que isto podia fazer com que parecesse nervoso ou esquisito.

— Queres que fale com ela, para explicar ou pedir desculpa?

— Não, nem pensar. — Freyja respondeu demasiado depressa e com veemência. Tentou depois suavizar as palavras: — Ela já tem medo de ti assim.

É natural… Ela não está em si. É melhor deixarmo-la sozinha por um bocado. Também não tencionavas demorar-te, pois não?

— Não, claro que não. — Huldar apontou para o chão. — A não ser que me deixes tentar arranjar aquela tábua. Às vezes gosto de um pouco de bricolage. — Sorriu.

Freyja não sabia bem como reagir a isto.

— Não vais mexer no chão, Jónas — disse, ácida.

— Está bem. Prometo.

— Há mais alguma coisa para além do ataque à Molly?

— Sim, há, apesar de a envolver também. — Ele engoliu em seco. — Eu disse que a mensagem não tinha sido enviada do telefone do teu ex. — Ela assentiu, apreensiva. — Veio do mesmo telefone que as SMS enviadas para a segunda vítima. Parece que foi o assassino. Foi por isso que quis pôr o guarda à prova. E perante o resultado, não sei bem o que fazer. Mas uma coisa é certa: a Margrét não pode ficar aqui.

— E vai para onde? Certamente não para casa dos avós… Não será difícil encontrá-la se ela estiver com eles.

— Estamos à procura de uma solução. Vou destacar um segundo polícia para aqui, para os turnos do fim da tarde e da noite. Se concordares, preferia que um deles estivesse aqui dentro; poderia ficar aqui sentado para não te atrapalhar.

— Durmo nesse sofá, por isso temo que atrapalhe.

Huldar pressentiu que ela estava a esconder alguma coisa.

— O que foi?

— Estava só a pensar o que irá acontecer-me quando a Margrét se for embora. Provavelmente, o carro da Polícia também se irá embora. Mas, e se o assassino pensar que ela me contou alguma coisa?

— Posso manter um carro estacionado lá fora. Mas não tenho a certeza de conseguir dispensar dois polícias.

— Então, esquece.

Freyja parecia muito pouco satisfeita. Duas olheiras escuras apareceram-lhe debaixo dos olhos. Ele memorizou o sinal, no caso improvável de os caminhos

deles voltarem a cruzar-se após o fim da investigação.

— Nem pensar. Eu próprio me encarregarei disso se mais ninguém estiver disponível. À noite, quero dizer. Preciso de passar o dia à caça deste estupor. Se conseguir apanhá-lo, não será necessária proteção policial, nem para ti, nem para a Margrét.

— Por favor, faz isso. Mas não penses em dormir no carro lá fora. Eu sei cuidar de mim. — Freyja pousou as mãos nos braços da cadeira, preparando-se para se levantar. — Mais alguma coisa? — As olheiras mantinham-se.

O telefone de Huldar tocou no bolso, impedindo-o de responder. Pegou nele, apesar do olhar crítico de Freyja, e o estômago dele revolveu-se outra vez quando viu que era Karlotta. Rejeitou a chamada.

— Não atendes?

— Não.

Quanto menos dissesse, melhor. Um grito vindo do quarto tornou desnecessárias mais palavras.

Freyja estava diante da janela da sala, com o telefone colado à orelha. Afastou os estores. Conseguiu ver, do outro lado do jardim, os feixes das lanternas onde os polícias procuravam a pessoa que Margrét dizia ter visto ali. Huldar também estava lá fora, mas como é natural, ela não conseguia distinguir a sua lanterna das dos demais. A menos que a dele fosse a que se agitava mais freneticamente no escuro.

A razão pela qual o incidente estava a ser levado tão a sério foi a insistência da rapariga em afirmar que se tratava do mesmo homem que ela vira a espiar a sua casa nas semanas anteriores ao homicídio. Embora fosse duvidoso que devessem acreditar no que dizia.

Freyja ouviu em silêncio a explosão enfurecida do seu irmão. O melhor seria deixá-lo deitar tudo cá para fora.

— Um carro da Polícia? Estacionado lá fora? Quatro gajos do prédio já me ligaram por causa disso e digo-te que estão mesmo furiosos. Garanti-lhes que isso não poderia ter nada que ver contigo. O que é que devo dizer-lhes agora?

— A verdade. Que o carro está aqui por minha causa. Mas, provavelmente, amanhã já não estará, como te disse.

— Porque não me contaste? Tenho de cuidar da minha reputação. Não posso correr o risco de que as pessoas pensem que estou de conluio com a bófia.

— Mas não estás.

— Está algum chui no apartamento?

— Não.

Por sorte, essa era a verdade, pelo menos naquele momento, mas não faltava muito para que as buscas terminassem e Huldar regressasse. Provavelmente, ele exigiria dormir no sofá nessa noite e ela acabaria por ter de partilhar a cama com Margrét. Apesar de Freyja não apreciar a ideia de dar de caras com ele assim que acordasse, também não queria arriscar não ter ninguém que as protegesse, caso o assassino entrasse lá em casa.

— Devias ter confiado em mim. Não achas que consigo tomar conta de ti melhor do que a bófia? Mas que merda! — Baldur fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Acredita que consigo.

— Eu acredito em ti, Baldur. Mas eles não estão aqui para cuidar de mim, é por causa da miúda. Já te disse.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Freyja, promete-me que não te passas.

— Passar-me? Porque haveria de me passar?

— Há uma arma no apartamento. Quero que durmas com ela ao lado. Guarda-a na tua mala durante o dia. Não andes com ela no bolso, porque as pessoas podem reparar.

— Uma arma? Estás louco? — Freyja baixou novamente os estores. Sussurrou com receio de que Margrét os ouvisse. — Meu Deus, onde é que está?

— Na sala. Há uma cavidade no chão, debaixo de uma tábua solta. É aí que a guardo. Promete-me que vais buscá-la.

Freyja empalideceu enquanto o seu olhar pousava no soalho irregular. Que teria acontecido se tivesse aceitado a proposta de Huldar? Se ele teimasse em ficar, poderia muito bem tentar consertar o soalho, numa tentativa de cair nas

suas boas graças. Tinha de tirar a arma dali antes de ele voltar.

— Baldur, tenho de desligar. Eu vejo da arma, prometo. Não te preocupes comigo.

— Não me preocupo. Sei que ficas bem.

Freyja desligou e apressou-se a ir buscar uma chave de fendas para levantar a tábua. Refletiu um pouco sobre as últimas palavras de Baldur. Que quereria ele dizer? Como podia ter tanta certeza de que ela não corria perigo? Ajoelhou-se e deitou mãos à obra.

# 29.

A RAPARIGA PARECIA TER ACABADO de acordar, mas os seus maxilares mexiam-se vigorosamente, emitindo sons ensurdecedores pela boca aberta. Vislumbrava-se bastantes vezes a pastilha elástica, cor-de-rosa e nojenta. Na placa por cima da porta podia-se ler o nome «Linda». No lugar de um apelido, fora colado por uma mão desastrada um pequeno autocolante em forma de coração, ligeiramente torto.

Karl suspeitou que teria sido a rapariga a fazê-lo; a sua aparência desleixada era indicadora do desprezo pelo detalhe. O seu cabelo descolorado era mais amarelo do que louro, e as raízes escuras cresciam descontroladamente. Tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo gorduroso, deixando ver uma testa grande, brilhante e cheia de borbulhas. Um pouco mais abaixo, as suas sobrancelhas negras como o carvão pareciam ter sido desenhadas com um marcador.

Estava sempre a levar a mão à testa e a esfregar a pele áspera, chamando a atenção para o verniz azul-escuro que já começara a escamar, mostrando a sujidade por debaixo das unhas. As roupas condiziam com o resto da aparência: a precisar de lavagem. Mas a t-shirt leve mal conseguia esconder uns seios voluptuosos e desconcertantemente arrebitados. Karl precisou de toda a sua autodisciplina para olhá-la nos olhos e, mesmo assim, o seu olhar desviava-se sempre para baixo. Börkur, menos educado, fitava o peito sem sequer pestanejar.

Linda nem parecia reparar. Puxou a pastilha elástica, enrolando-a no seu polegar pegajoso e voltou a metê-la na boca com um estalido alto.

— Quem? Halli? Ele vive aqui?

— Sim. No quarto diante do teu.

Karl apontou para a porta simples que não se distinguia das outras oito do corredor. As portas davam para aquele tipo de alojamento barato e sem licença para o qual havia muita procura.

— Ele é alto. Tem o cabelo escuro.

— Cabelo escuro?

Soou como uma pergunta, como se o conceito lhe fosse estranho. Talvez o desejo de ser loura a consumisse de tal forma que se esquecera de que existiam outras alternativas. Abanou a cabeça.

— Népia. Não sei de quem falam.

Karl tentou em vão recordar-se de alguma característica de Halli que ajudasse a refrescar a memória da rapariga.

— Ele usa um casaco de cabedal preto. E anda de moto.

A cara da rapariga iluminou-se com um sorriso rasgado. Os dentes, grandes e brancos, melhoraram muito a aparência.

— Ah! O tipo da moto. Porque não disseram logo? — Sem esperar por uma resposta, franziu a testa com uma expressão de suspeita. — Porque é que o procuram? São cobradores de dívidas?

— Meu Deus, não. Sou amigo dele. Preciso de falar com ele e ele não atende o telefone.

— Ah… Já tentaram bater à porta?

A pergunta era tão imbecil que até Börkur levantou os olhos incrédulos para o rosto da rapariga. Karl respondeu tão pacientemente quanto conseguiu:

— Já tentei. Não ouviste o barulho?

Linda abanou a cabeça.

— Não. Estava a ouvir música. Vocês sabem. — Puxou de um dos auriculares brancos pendurados à volta do pescoço. Lançava um zumbido estridente de música. — Mas vi a moto dele ontem.

— E não o viste a ele?

Karl e Börkur tinham visto a moto ao chegarem. Estava debaixo das escadas que levavam aos andares superiores, onde ficavam os quartos. Os outros andares

pareciam estar alugados como escritórios a pequenas empresas. A maior parte não parecia ter grande movimento, a julgar pela forma como os donos se limitaram a colar na porta um papel com o nome da empresa.

— Não. Não que eu me lembre. — Linda estava a ficar aborrecida com o interrogatório. Esticou o pescoço e espreitou pelo corredor, como se verificasse que não havia mais ninguém por perto. — Mas vi-o no outro dia. Fiquei a apreciar o blusão novo dele. Era *brutal*.

— Hum, tens a certeza de que era ele? — Börkur finalmente falou, sem tirar os olhos do peito dela. — Ele usa sempre o mesmo blusão.

Karl ficou à espera para confirmar se as suas suspeitas estariam certas quanto a ela ter feito confusão ou não se lembrar bem. Halli era tão pelintra que mal conseguia juntar dinheiro para comprar um bilhete de cinema quanto mais um blusão novo. Em particular um assim *brutal*. Mas Linda estava irredutível.

— Sim. Era ele. Ainda lhe perguntei quanto lhe custara porque queria um igual. Tinha esperanças de que estivessem em saldo, mas não tive sorte. Tenho a certeza de que era ele.

Karl percebeu que não valia a pena insistir.

— Se o vires, podes dizer que andamos à procura dele? Diz-lhe para ligar ao Karl ou ao Börkur.

— Hum, não vou lembrar-me disso. Mas vou tentar.

Linda cruzou os braços sobre os seios, arruinando a vista de Börkur. Franzindo a testa novamente, inclinou-se um pouco para trás, como se quisesse recuar lentamente para o quarto. Com o seu rosto na sombra, percebia-se como ela poderia parecer aceitável à luz fraca de um bar ou de uma discoteca.

— Têm a certeza de que não estão aqui por dinheiro? Não colaboro com cobradores de dívidas.

Karl não conseguiu evitar um sorriso.

— Por acaso parecemos ser cobradores de dívidas? — O peso conjunto dos dois amigos nem sequer se aproximaria do peso de um desses matulões cheios de esteroides. — Somos amigos dele. Vai ficar contente por saber que queremos contactá-lo. Juro.

— Ok. — Ela não estava convencida. — A questão é que já vi um sujeito a rondar o apartamento dele umas quantas vezes. Estava à porta, à espera, com cara de poucos amigos. Pensei que talvez vos tivesse mandado aqui.

— Chegaste a falar com ele?

— Deus, não. Não era do tipo a quem dizemos «olá». — Linda franziu o sobrolho e fez um esforço para pensar. — Usava um boné de basebol e manteve a cabeça baixa das duas vezes que passei por ele, pelo que não consegui ver-lhe a cara. Mas era óbvio que ele não queria conversa.

— Sabes se conseguiu contactar o Halli?

— Não faço ideia. Depois, entrei no meu quarto e tranquei a porta.

Karl não conseguiu arrancar-lhe mais informação. Despediram-se e ela fechou a porta sem dizer mais nada. Tentaram bater a várias outras portas, mas ninguém abriu, apesar de ouvirem movimentos no interior de três desses quartos. De acordo com a descrição que Halli fizera dos inquilinos, a maior parte era gente que tivera muitos azares na vida ou migrantes estrangeiros que viviam de forma precária e se sustentavam com trabalhos incertos e mal pagos. Nenhum deles esperava visitas de alguém que quisessem ver.

Karl bateu uma última vez à porta de Halli, de forma tão violenta que até as outras portas do patamar vibraram. Nada aconteceu. Tentou rodar o puxador, mas, como seria de esperar, a porta estava trancada. Quando estava quase a ir-se embora, Karl olhou para o tapete gasto. Fez-se uma nuvem de pó quando o levantou. Havia uma chave debaixo do tapete.

— Vais usá-la? — Era impossível decifrar no olhar de Börkur se concordava com a ideia. — Isso não é considerado assalto?

Karl encolheu os ombros.

— Não estamos a assaltar nada. Temos uma chave. Vou só dar uma espreitadela para ver se ele não está caído lá dentro, ferido ou inconsciente.

— Inconsciente? Porque haveria de estar ferido ou inconsciente?

Pela primeira vez, um esgar de ansiedade surgiu na cara de Börkur. Ele acompanhara Karl apenas porque lhe faltava iniciativa para recusar ou apresentar uma alternativa melhor.

— Como é que eu havia de saber como é que ele poderia ter-se magoado? Só quero verificar, para ter a certeza.

O quarto tinha uma cama, uma pequena bancada de cozinha com um fogão elétrico e um armário, um roupeiro tosco sem uma porta e uma secretária grande de mais para o espaço. Também havia uma casa de banho minúscula com um chuveiro, um lavatório e uma retrete.

Halli convidara algumas vezes Karl a ir a sua casa, pelo que o cenário não o surpreendeu: lixo por todo o lado; embalagens vazias de *noodles* instantâneos, latas de coca-cola vazias e papéis de rebuçados espalhados em volta de um pequeno cesto do lixo, que Halli teria tentado encestar, sem sucesso, a partir do outro lado do quarto. O edredão enxovalhado caía para fora da cama. E, ao lado desta, inúmeros lenços de papel amarrotados e uma revista pornográfica aberta. Karl desviou o olhar em direção à secretária que, contrastando com o resto do quarto, estava praticamente livre de tralha. As únicas coisas que lá estavam eram o computador de Halli, algumas latas de coca-cola e um pacote de pipocas vazio. Ao lado do computador, havia dois retângulos livres de pó.

Börkur espreitou por cima do ombro de Karl. Não parecia incomodado com o que acabara de ver.

— Ele não está aqui.

— Pois não, não está. Nem o transmissor dele.

— O quê? — Börkur empurrou Karl para o lado para poder ver melhor. — Sim, tens razão. O equipamento desapareceu. — Deu um passo atrás. — Terá sido assaltado? Não podemos esquecer-nos dos gajos que vivem aqui no prédio.

Karl resmungou baixinho:

— É claro que não foi assaltado ou também teriam levado o computador.

Se bem que, olhando com atenção, esse não seria necessariamente o caso. No lugar do computador caro que vira da última vez que visitara Halli, estava agora uma máquina obsoleta que nem teria memória suficiente para um jogo dos mais antigos. Possivelmente, este monte de sucata substituíra o equipamento topo de gama confiscado pela Polícia.

— Deve ter vendido o transmissor. Isso explica como arranjou dinheiro para

um blusão novo. Talvez o tenha feito para comprar também um computador novo.

Depois de olhar uma última vez para o quarto, Karl fechou a porta.

Börkur olhou para ele, boquiaberto.

— Porque é que não nos contou? Ele disse que o equipamento estava avariado, não disse? Não pode tê-lo vendido. O meu não funciona e sei que ninguém daria nada por ele, a menos que o arranjasse antes, e isso custa dinheiro.

Karl voltou a colocar a chave debaixo do tapete.

— Ele mentiu. O rádio estava a funcionar. Desfez-se dele.

— Porquê? Como se nós nos importássemos…

— Não sei.

Mas Karl tinha as suas suspeitas. Uma das razões por que Halli não se pronunciara acerca do assunto talvez fosse por o desaparecimento do equipamento estar relacionado com a origem da emissora de números. Teria ele estado por detrás disto desde o início? Sozinho ou de conluio com alguém? E, se sim, quem?

Karl e Börkur saíram do edifício, sem que nenhum deles tivesse alguma ideia sobre o que acontecera a Halli. Numa derradeira tentativa de explicar o seu desaparecimento, ficaram a olhar estupidamente para a moto dele, sem saber que informação poderia esconder.

Depois, desapontados, voltaram para o frio gelado do inverno.

Estava calor no interior do café e havia no ar um aroma a canela. Fora um sítio muito frequentado por hipsters que, agora, pareciam ocupados com outras coisas. A maioria dos clientes eram pessoas vulgares, pelo que Karl e Börkur encaixavam bem ali. Apenas uma pessoa se destacava: uma jovem glamorosa que já acabara o seu café há algum tempo e folheava revistas enquanto ia olhando pela janela. Karl percebeu o que aquilo significava: tinham-na deixado pendurada.

Depois da visita ao quarto de Halli, Karl achou que o melhor a fazer seria ir para casa, mas não conseguia imaginar ficar lá sentado sabendo que o transmissor estava na cave. Exercia uma atração desconfortável sobre Karl; às vezes, queria parti-lo em pedaços e outras ansiava pela próxima mensagem. Ele não sabia qual dos impulsos era o mais forte e resolveu manter-se neutro. A pior parte era a suspeita de que Halli estava envolvido nas emissões. Quando se tem só dois amigos, espera-se que eles se mantenham leais, mesmo que comece a haver um afastamento.

— Eles não sabem nada.

Depois de um enorme esforço, ele e Börkur conseguiram encontrar os pais de Halli. Infelizmente, ele tinha um dos apelidos mais comuns do país: Jónsson. Mas lembraram-se de que os pais dele viviam no Norte, na aldeia de Dalvík e isso reduziu o número de homens chamados Jón que poderiam ser o pai dele de cinco mil para trinta e sete.

O terceiro homem que Karl contactou conseguiu dizer qual era o Jón que ele procurava, com base na discrição que Karl fez de Halli e do facto de ele ter uma irmã com Síndrome de Down.

Börkur bebericou da chávena absurdamente grande. Ficou com um bigode branco de espuma.

— Quando foi a última vez que tiveram notícias dele?

— A mãe disse que falaram ao telefone há vários dias. Ele parecia bem-disposto e, por isso, ela não se preocupou. Além disso, o pai recebeu uma SMS dele há dois dias, a dizer que a dizer que iria passar uns dias num chalé com uns amigos e que, provavelmente, estaria incontactável até voltar.

— Quando é que iria voltar?

Börkur lambeu o bigode e misturou a espuma do café.

Karl não fizera esta pergunta e teve vontade de se esganar quando se apercebeu do erro.

— O que é que isso interessa? Ele não foi para nenhum chalé. Aliás, quem são esses amigos com quem foi? Consegues lembrar-te de algum amigo para além de nós? E nós estamos em algum chalé?

— Tem calma. Eu só perguntei. — Börkur assumiu uma expressão petulante que não lhe ficava nada bem. — Talvez ele esteja com o Thórdur.

Karl não se deu ao trabalho de salientar que Thórdur nem sequer cumprimentara Halli quando se cruzaram no cinema. Era inconcebível que o ex-amigo deles tivesse mudado de ideias e ligado Halli, convidando-o a ir passar uns dias no campo com ele e a namorada. Inconcebível. Ainda assim, sentiu uma ponta de dúvida e de inveja. E se fosse verdade? Até conseguia perceber que Thórdur não quisesse aturar Börkur, mas então, e ele, Karl? Se Halli reatasse a amizade com Thórdur e a namorada, a Karl restaria apenas Börkur. Talvez também convidassem Börkur para o seu círculo e Karl ficaria sozinho no mundo. Deprimido, brincou com a chávena no pires.

— O Halli não está em chalé nenhum. E duvido que haja um único chalé no país que não tenha rede de telemóvel.

Börkur encolheu os ombros.

— Deve haver por aí uma cabana qualquer no meio do nada que não tenha cobertura. Talvez tenha ido para lá. Ou então, onde é que ele pode estar? — De repente, a expressão dele iluminou-se. — Podemos sempre ligar para a Polícia.

— Duvido que servisse de alguma coisa. Muito menos depois da reação deles à minha chamada sobre as transmissões. Provavelmente, acham que sou doido. Se ligar de novo, vão ter a certeza de que sou.

— Eu posso ligar. Eles não sabem quem eu sou.

Karl estendeu-lhe o telefone. Como sempre, Börkur estava sem saldo.

— Vá lá. Um, um, dois.

Enquanto Börkur fazia a chamada, Karl fitou a sua chávena e, depois, os outros clientes do café. A maioria teria a idade dele e de Börkur, mas poucos pareciam aproveitar a companhia dos amigos. Debruçavam-se sobre os telemóveis, apenas prestando atenção a quem os acompanhava quando encontravam uma fotografia ou um comentário engraçado. Pelo menos, Börkur não passava o tempo todo de volta do telemóvel, embora também fosse inútil uma vez que nunca tinha saldo. O humor de Karl melhorou um pouco e já quase regressara ao normal quando Börkur agradeceu e desligou.

— Isto não correu nada bem. — Börkur devolveu o telemóvel a Karl. — Acharam que eu não era a pessoa indicada para os notificar. Aposto que os pais dele teriam tido mais sorte. Mas, mesmo que ligassem, passou muito pouco tempo desde que ele desapareceu para que a Polícia faça alguma coisa. Se fosse uma criança ou se sofresse de alguma doença, a história seria outra.

Karl apercebeu-se de uma dor de cabeça que o incomodava.

— Os pais dele não vão ligar. Não para já. É óbvio que não fazem de ideia de que é pouco provável que ele tenha sido convidado para passar uns dias num chalé. Não consegui dizer isso à mãe. Se eles querem iludir-se quanto aos montes de amigos que ele tem aqui em Reiquejavique, não vou ser eu a desiludi-los.

— Talvez possa ter sido convidado por familiares. Ou por velhos amigos lá do Norte. Pode ter amigos de quem nunca ouvimos falar.

Karl foi obrigado a admitir que era possível que Halli tivesse uma vida fora do pequeno círculo deles. Lá por ele não ter primos da sua idade, não significava que fosse assim com outras famílias. Era um bom ponto de vista, esse de ter outros amigos em Dalvík. Era pena que Börkur não se tivesse lembrado disso antes de Karl ligar aos pais dele, ou teria perguntado nomes de possíveis amigos à mãe de Halli e ter-lhes-ia ligado. Ainda pensou em voltar a ligar, mas decidiu que era má ideia. Se Halli não os contactasse, teria de ligar novamente aos pais dele para aconselhá-los a contactar a Polícia. Era importante não lhes passar a ideia de que era estranho ou paranoico. Karl teve de aceitar que, de momento, não haveria nada mais que ele e Börkur pudessem fazer.

Nada a não ser ir para casa e sentar-se diante do transmissor à espera da nova emissão. Cresceu nele a suspeita de que agora que tinha a chave do código, as mensagens se tornariam ainda mais sinistras. Em vez de se sentir triunfante pelo seu engenho, a descoberta acidental da solução só lhe aumentara a angústia. Isso forçou-o a reconhecer que as mensagens lhe eram dirigidas. Primeiro, o seu número de identificação, depois a ligação à química, a sua área. Apesar de não ter a certeza absoluta, duvidava que se tivesse apercebido disso, se se tivesse baldado à aula dessa manhã. Fora o slide sobre o elemento químico érbio que lhe

dera a ideia. Érbio, número atómico sessenta e oito, símbolo Er.

Não demorara muito a decifrar a mensagem de hoje, após ter percebido isso. Para cada número atómico teria apenas de encontrar na tabela periódica o símbolo químico correspondente.

«74, 1, 68, 99, 1, 13, 3.

W, H, Er, Es, H, Al, Li — Where's Halli?[1]»

As transmissões anteriores eram igualmente decifráveis se fossem convertidas em símbolos químicos, e isto afastava qualquer dúvida de que realmente descobrira o código.

«75, 23, 63—92, 7, 32, 14 invertido, 16, 74, 63—92, 52 invertido:

Re, V, Eu—U, N, Ge, Si invertido, S, W, Eu—U, Te invertido — Revenge is sweet.[2]

9, 92, 6, 19, 39, 8, 92:

F, U, C, K, Y, O U — Fuck you.[3]

70—5, 8, 92, 16, 65—5, 8, 71—92, 99—16, 87, 8, 25—7, 42—8, 99—16:

Yb—B, O, U, S, Tb—B, O, Lu—U, Es—S, Fr, O, Mn—N, Mo—O, Es—S — You stole from me.[4]»

Estaria ele melhor por saber isto? As mensagens não faziam sentido. O que é que ele roubara? Nada. A única coisa que sacara em toda a vida haviam sido downloads. Era inconcebível que alguém se desse a tanto trabalho só por causa de meia dúzia de downloads. Mas Halli devia estar envolvido nisso de alguma forma. Seriam as transmissões uma forma de vingança pela sua detenção? Pensaria ele que Karl poderia tê-lo denunciado? Não poderia estar mais longe da verdade. Ele não tivera nada que ver com o assunto.

E não teria sido preferível ouvir uma série incompreensível de números a ouvir uma mensagem que ele percebera, mas que preferia não ouvir? Que deveria ele esperar a seguir? Por um lado, estava ansioso por descobrir; por outro, desejava desesperadamente que as emissões terminassem. É claro que isso estava nas mãos dele; só teria de desligar o aparelho se não quisesse ouvi-las. E não queria. Mas parte dele queria.

Karl levantou-se. Não podia ficar ali para sempre. Mais cedo ou mais tarde,

teria de ir para casa, pelo que mais valia ir já.

— Anda. Vou para casa ouvir a rádio. Quero saber se há alguma mensagem nova.

Ficou surpreso com o tom confiante na sua voz. Era puro bluff.

---

1 «Onde está o Halli?» *(N. da T.)*

2 «A vingança é doce.» *(N. da T.)*

3 «Vai-te foder.» *(N. da T.)*

4 «Roubaste-me.» *(N. da T.)*

# 30.

A PIZA COLARA-SE À CAIXA DE CARTÃO. Karl tentou tirar o queijo derretido pegado ao fundo, mas a única coisa que conseguiu foi ficar com os dedos gordurosos e a tresandar a pepperoni. A fatia recusou-se a sair sem trazer um pedaço de cartão agarrado. Frustrado, viu Börkur enfiar uma fatia pela boca adentro, mastigando e cuspindo bocados de cartão antes de engolir. Karl desistiu de tentar descolar a piza. Já matara a fome; estava só a ser ganancioso. Em vez disso, esvaziou a sua coca-cola e entreteve-se a esmagar a lata contra a mesa.

Tinham mandado vir piza quando a fome começara a apertar e já estavam fartos de estar na cave à espera de que a emissora de números ganhasse vida. O aparelho continuou teimosamente silencioso. Talvez a emissão tivesse sido rastreada e desativada pela Companhia de Correios e Telecomunicações. Karl duvidava que o emissor tivesse pedido uma licença, mas a natureza esporádica das emissões e a sua curta duração tornavam-nas difíceis de localizar. A menos que tivessem tido início muito antes de ele começar a ouvi-las. Fosse qual fosse a razão, Karl sentiu-se aliviado. Mas, apesar de tudo, uma parte dele sentia falta delas. Só um pouco. Não era bem um sentimento de perda, mas sobretudo uma sensação de vazio na sua vida agora que esta estranha aventura parecia estar prestes a chegar ao fim. Quando isso acontecesse, ele voltaria a ser um indivíduo comum, aborrecido, por quem ninguém se interessava. Por mais perturbadoras que as emissões tivessem sido, pelo menos haviam feito com que se sentisse importante; haviam dado um sentido à sua vida, que parecia agora evaporar-se… se a estação tivesse sido, de facto, silenciada para sempre.

Börkur deu mais uma dentada e começou a mastigar quando, de repente, gaguejou como se tivesse tido uma epifania.

— Ei!

Karl foi presenteado com a imagem de uma piza meio mastigada, que teria dispensado de boa vontade.

— Trouxe-te o telefone.

Börkur levantou-se, limpou nas calças a maior parte da gordura dos dedos e saiu disparado para o hall. Reapareceu com um ar triunfante e o telemóvel na mão, atirou-o para cima da mesa e serviu-se de mais uma fatia, sem se incomodar com o pedaço de cartão agarrado a ela.

Karl inspecionou o telemóvel. Vira-o apenas de raspão no carro, na noite em que Börkur o encontrara, mas nem por isso lhe parecia mais familiar à luz intensa da cozinha. A capa cor-de-rosa, coberta de cristais, revelava, sem sombra de dúvida, que pertencia a uma senhora ou a uma rapariga.

— Isto não é barato.

— Bem podes dizê-lo.

Depois de empanturrado, Börkur recostou-se com um ar satisfeito. O molho de tomate nos cantos da sua boca fazia, de forma desconcertante, lembrar sangue, como se ele tivesse mordido um pedaço de vidro sem querer.

— Talvez pertença a uma gaja rica que comprou outro porque não quer dar-se ao trabalho de o procurar. Típico.

Börkur tinha uma atitude peculiar no que tocava a gente rica… herdada dos pais, suspeitava Karl. Nas raras ocasiões em que pessoas endinheiradas eram mencionadas nas suas conversas, ele exprimia sentimentos como este, que não tinham nada a ver com nada. Regra geral, Karl não se dava ao trabalho de o contradizer; não se sentia propriamente compelido a defender aqueles que se safavam melhor do que ele.

— Pois, talvez. Mas acho que ela ficaria contente por recuperá-lo. Deve ter uma série de coisas que não podem ser substituídas. Tipo fotografias e outras cenas.

Börkur fungou, franziu a testa e esfregou o nariz.

— Não sentes um cheiro estranho? Como se alguma coisa estivesse a arder?

Karl inspirou.

— Não. — Inspirou de novo. — Espera, tens razão. *Argh!* Cheira a queimado ou cheira a mijo? Deve vir de lá de fora. — Fechou a janela da cozinha. — Merda, um gato deve ter mijado a parede toda ou assim. Que nojo. — Ligou o telemóvel e o ecrã iluminou-se. — Está a pedir um código.

É claro que estava.

— Tenta «um, dois, três, quarto».

Karl assim fez, assumindo que ninguém seria idiota o suficiente para utilizar uma combinação tão óbvia.

— Não deu. — Tentou várias outras combinações, sem sucesso. — É inútil. — Pousou o telemóvel. — Vou tirar uma fotografia e publicar no Facebook. Se ninguém o reconhecer, posso levá-lo à Polícia.

Tinha trinta e três amigos no Facebook, quase todos estudantes de Química que haviam criado um grupo onde partilhavam trabalhos de casa e apontamentos, que foi a razão que o fizera aderir. Apenas o tempo poderia dizer se viria a ter outros amigos. Mas as probabilidades de algum desses trinta e três amigos conseguir desvendar o mistério do telemóvel eram muito remotas.

Teria de descobrir uma das amigas da sua mãe no Facebook e enviar a fotografia para ela partilhar. Não lhe agradava a perspetiva, já que se arriscava desencadear uma torrente de perguntas sobre a sua vida. Ainda assim, poderia despender alguns minutos a magicar respostas que pintassem um cenário mais agradável do que a realidade. Não suportava a cortesia cínica delas. Nas raras vezes que se cruzava com alguma, conseguia perceber que ficavam doidas por ligar às outras e mexericar sobre o quão miserável e fraco o pobre Karl parecia.

De súbito, o seu telefone tocou. Karl olhou para o ecrã, temendo uma chamada de Arnar e na esperança de que fosse Halli. O número que apareceu não pertencia a nenhum dos dois.

— Está?

— Boa noite. Quem fala?

Karl não reconheceu a voz.

— O meu nome é Karl. Será que marcou o número errado?

— Não. O meu nome é Ríkhardur e estou a ligar da Polícia. Soube que nos contactou relativamente à investigação de homicídio em curso.

— Sim. É verdade. — Karl murmurou a palavra «Polícia» e Börkur pareceu não perceber, embora nunca se conseguisse perceber: ele tinha uma compreensão notoriamente lenta. — Querem que vá aí prestar declarações?

— Não, não há necessidade. Comecemos por definir o que é que acha que devemos saber.

O tom do homem era estranhamente robotizado, lembrando a Karl os leitores das emissoras de números. A cada sílaba era dada a mesma inflexão. Se o homem alguma vez se despedisse do emprego, poderia sempre arranjar trabalho a dizer as horas.

— Sei que o rádio tem falado consigo.

Na voz do homem não se detetava qualquer indício de condescendência ou incredulidade. Um discurso seco tem as suas vantagens. Quando Karl contactara a Polícia pela primeira vez, a pessoa com quem falara mal conseguira disfarçar o riso.

— Por onde quer que comece?

Karl tentou organizar os eventos numa narrativa coerente na sua cabeça, mas não serviu de nada; não era preciso verbalizá-los para perceber como pareciam absurdos.

— Pelo princípio, se não se importa.

— Bom. Eu tenho um transmissor e encontrei uma emissora de números da Islândia.

— Uma emissora de números?

— Uma emissora que emite séries de números. Em código. Principalmente para espiões e contrabandistas.

— Compreendo. Alguém está a espiá-lo, é isso?

— Não. Não a mim. Podem ser transmissões entre continentes. Têm origem no estrangeiro. Não têm nada a ver comigo.

— Não disse que era islandesa?

— Sim. Esta é. O que é muito raro. Foi onde ouvi ler o número de identificação da senhora que vi na televisão, assassinada na semana passada. E o meu número de identificação também. Foi assim que percebi.

— Então, essa emissora islandesa tem vindo a espiá-lo.

— Não. — Karl calou-se e fez um esforço para se recompor. Se perdesse a cabeça, o homem poderia perder o interesse e desligar. A conversa já estava a correr suficientemente mal. — Ninguém está espiar ninguém.

— Então, qual é o sentido de ter uma emissora espiã?

Karl inspirou.

— Oiça, eu não estou doido. É um método de trocar mensagens de forma a não serem rastreadas. É mais seguro do que chamadas telefónicas ou emails.

— Terei entendido corretamente que está a falar de uma emissão de rádio?

— Não apenas de uma. De muitas. Em onda curta.

— E em que sentido é que as emissões de rádio são mais seguras do que as chamadas? Qualquer um pode ouvir, certo? Ou é a única pessoa que pode ouvi-las?

O homem continuava a encurralá-lo a um canto.

— Não, claro que não. Não sou o único que pode ouvi-las. Qualquer pessoa que tenha um rádio de ondas curtas pode sintonizar estas estações. O que as torna seguras é que as transmissões são indecifráveis.

Karl nem precisou de ver o olhar aterrorizado de Börkur para perceber que estava a enterrar-se. A menos que a expressão do amigo fosse apenas uma reação ao odor desagradável que ainda pairava no ar, embora a janela estivesse fechada.

— A sério, eu ouvi o número de identificação da tal Elísa Bjarnadóttir, depois o meu, depois o número de identificação de uma mulher chamada Ástrós. Não me recordo do apelido, mas posso pesquisar.

Ele não mencionou Jóhanna Hákonardóttir. Essa informação só a ele pertencia. Se a Polícia decidisse investigar a relação dela com o caso, havia o risco de a informação chegar a Arnar. Isso não poderia acontecer em circunstância alguma. Karl até tivera o cuidado de rasgar em pedacinhos o papel com o nome dela e deitá-lo num dos caixotes de lixo do campus da universidade,

juntamente com a certidão de nascimento. Não precisava deles para se lembrar dos nomes. Por mais absurdo que parecesse, queria assegurar-se de que Arnar não descobriria nada, caso aparecesse sem avisar. Era perfeitamente capaz de voar para a Islândia apenas para vasculhar o lixo à procura dos papéis que Karl deitara fora.

— Ástrós?

Finalmente a voz do outro lado revelou algum interesse. Ao fundo, Karl conseguia ouvir um ruído crescente de barulho e vozes entusiasmadas, como se algo estivesse a acontecer na esquadra de Polícia. O homem fez uma pausa e, depois, pediu a Karl que aguardasse um momento. O barulho foi interrompido. Karl fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Nunca deveria ter ligado para a bófia. Era preciso uma pessoa bem mais inteligente do que ele para explicar tudo de forma a que levassem a história a sério. Talvez devesse ter contratado um relações públicas. O homem voltou ao telefone.

— Onde está, Karl?

— Onde? Em casa. — O homem leu a morada dele e perguntou se a informação estava correta. Karl confirmou que sim e, a seguir, percebeu que o homem voltava a tapar o telefone. — Há algum problema?

A mão foi retirada e seguiu-se um barulho de murmúrios e respiração acelerada.

— Não, nada disso. Continue. Estava a falar de números de identificação.

— Não se trata apenas de números de identificação. Existem mensagens também, num código que consegui decifrar. — Não conseguiu esconder o orgulho na sua voz. Poucos podiam gabar-se de ter resolvido aquele quebra-cabeças.

Contudo, a alegria de Karl foi de pouca dura. Quando o agente falou novamente, usou um tom paternalista, como se estivesse a falar com uma criança.

— É bom nisso, não é? A decifrar códigos, quero eu dizer?

Consciente de que estava a fazer asneira, Karl sentiu uma crescente onda de pânico. Não que alguma vez tivesse estado em vantagem na conversa.

— Não, não sou bom a decifrar códigos. Foi apenas uma coincidência. Sou estudante de Química e foi assim que o decifrei. Era a tabela periódica.

— Certo, compreendo. Significa que usou a química para decifrar o código. Foi inteligente.

— Não acredita numa palavra do que estou a dizer, pois não?

— No que acredito ou deixo de acreditar, é irrelevante. O meu trabalho consiste em tomar nota das suas declarações e tentar entendê-las. Não há pressa, tome o tempo que for necessário e, se achar que percebi mal, diga-me.

Karl endireitou-se e esfregou os olhos. Ainda lhe ocorreu dizer ao homem que tudo não passara de um grande mal-entendido. Ou de uma partida. Isso faria com que eles eliminassem os registos ou poderia ele ser acusado de obstruir uma investigação de homicídio? Poderia sempre partilhar uma cela com Halli, quando este fosse condenado. A piza pesava-lhe no estômago e não conseguia deixar de sentir o cheiro nauseabundo que vinha do exterior.

— Estou a tentar explicar como tudo aconteceu. — Abriu os olhos e fitou Börkur. — De qualquer forma, não fui o único a ouvir. O meu amigo estava comigo em duas ocasiões. Ele pode confirmar o aconteceu.

Finalmente parecia ter conseguido apanhar o homem desprevenido. Desta vez, não foi tão rápido a responder.

— Compreendo. Posso perguntar se estavam sob a influência de álcool ou drogas quando isso aconteceu?

— Não, não estávamos.

Nem pensar que ele iria admitir que tinham fumado um charro. Não tinha nada a ver com o caso; ouvira a maioria das emissões com a cabeça limpa. Börkur é que não. A sua ansiedade voltou a crescer. Será que Börkur contaria a verdade, caso fosse interrogado? O pensamento não era encorajador. Börkur começaria bem, mas logo se iria abaixo sob interrogatório. Será que eles interrogavam testemunhas comuns? Provavelmente não. Nenhum deles era suspeito de atividades criminosas. Corrigiu-se a si próprio. Börkur não seria suspeito, apenas ele próprio.

— Deseja que vamos à esquadra? Os dois? Seria mais fácil explicar cara a

cara.

— Não, por agora não será necessário. Continue apenas com a sua explicação. Depois, poderemos decidir o que fazer. Não me compete convidar-vos a vir prestar declarações. Outros tomarão essa decisão, se necessário.

A conversa continuou no mesmo tom, com Karl explicando e o homem questionando todas as declarações. Karl ficou com a sensação de que o homem estava deliberadamente a prolongar a conversa, como se tivesse sido instruído para manter o diálogo por um certo período de tempo. Mas porquê? Talvez a chamada estivesse a ser utilizada para fins de treino. Mas o homem soava demasiado autoritário para ser um novato.

Quando a campainha da porta tocou, o telefone apitou avisando que a bateria estava fraca.

— Tenho de desligar. O meu telemóvel está quase sem bateria e está alguém a tocar à porta. De qualquer forma, penso que não tenho mais nada a acrescentar.

— Oh, isso é o que veremos.

Karl ficou desconcertado com o súbito tom de gozo naquela voz automática. Mas antes mesmo de poder responder, o homem desligou.

— Deus, isto foi…

Deixando Börkur a adivinhar a palavra correta, Karl foi à porta. Nem teve hipótese de ouvir o que o amigo ia dizer. Os homens que estavam do outro lado mostraram-lhe um tipo de identificação que ele não conseguia ler.

— Karl Pétursson, está detido por suspeita de envolvimento nos homicídios de Elísa Bjarnadóttir e Ástrós Einarsdóttir…

— O quê?

Karl cambaleou para trás e os homens entraram atrás dele, exibindo os seus crachás de identificação, como se fossem padres católicos brandindo crucifixos contra os possuídos. Isto não podia estar a acontecer.

Para piorar a situação, a sua dor de cabeça tornara-se insuportável.

# 31.
# Quinta-feira

A ATMOSFERA NA ESQUADRA assemelhava-se à de um reality show americano sobre polícias. Para completar o quadro, faltava apenas um par de prostitutas algemadas.

Incapazes de conter a euforia, os membros da equipa de investigação estavam sentados à volta das secretárias dos colegas com canecas de café, falando alto, trocando histórias sobre o seu papel na resolução do caso. Algumas das afirmações eram verdadeiras, outras exageradas ou absolutas mentiras. Davam pancadinhas nos ombros uns dos outros, riam-se à gargalhada e faziam brindes com as canecas de café como se de cerveja se tratasse.

Huldar observava a cena, perguntando-se se a atmosfera de celebração seria a mesma noutros locais de trabalho após a conclusão um projeto importante. Provavelmente, apesar de a situação não ser comparável. Em escritórios convencionais, as pessoas poderiam festejar desmedidamente, com a alegria de saberem que o futuro estava assegurado, o salário também e que o trabalho duro ficara para trás. Mas num inquérito de homicídio, a detenção do culpado não resolvia os problemas do mundo. O caso iria desaparecer gradualmente da memória da equipa de investigação, das testemunhas e dos advogados, mas a vida jamais seria a mesma para os parentes da vítima nem para a família do criminoso… e menos ainda para o criminoso. Huldar não sentiu vontade de se juntar ao regozijo geral.

Viu Ríkhardur e Erla a falarem com um homem novo que participara na

busca nas redondezas do edifício do Freyja. Os dois sorriam. Há muito tempo que ele não via Ríkhardur tão feliz. Teve esperança de que não fosse só pelo resultado da investigação, mas um sinal de que aceitava o divórcio e poderia seguir em frente. Mas Huldar sabia que estava a ser demasiado otimista; o homem estava apenas a desfrutar das circunstâncias.

Afinal, ele era o herói do momento.

Enquanto Huldar e os outros andavam a caçar gambozinos nas ruas e jardins à volta de Grandi, houvera um avanço no caso. O telefone de Elísa fora ligado e conseguiram rastreá-lo. Ríkhardur, que por acaso ouvira a conversa, percebera que o local correspondia à morada do homem com quem ele estava a falar ao telefone. Com a eficiência típica, já anotara os dados do interlocutor. Quando o homem mencionara não só Ástrós, cujo nome ainda não era do conhecimento da imprensa, mas também um código secreto, Ríkhardur somara dois e dois e conseguira manter o rapaz a falar enquanto alertava os colegas. O suspeito continuava onde estava, com o telefone na mão, quando os agentes lhe bateram à porta.

A pastilha já não tinha nicotina. Huldar cuspiu-a para dentro de um caixote de lixo verde. Uma a mais ou a menos não perturbaria o processo de reciclagem. Dirigiu-se para Ríkhardur e Erla; era essencial mostrar à equipa que não estava ressentido nem desapontado porque a honra de solucionar o caso não fora dele.

Apesar de ter sido imediatamente informado de que o telefone de Elísa fora rastreado, só chegara ao local após a detenção de Karl Pétursson. Nessa altura, o suspeito estava sentado de boca aberta na parte de trás de um carro da Polícia, e o seu amigo Börkur Thórdarson noutro. A primeira tarefa de Huldar fora ordenar aos agentes que afastassem um dos carros para que os dois homens não pudessem comunicar entre si, por linguagem gestual através dos vidros fechados. Na altura, os seus depoimentos revelaram-se tão inconsistentes que ficou claro que eles não haviam combinado uma história. Huldar assumira o controlo, descobrira o corpo mutilado no anexo e, depois, organizara uma busca pormenorizada à propriedade, que ficara concluída cedo pela manhã.

Em contraste com o meticuloso cuidado com que Karl encobrira o seu rasto

nos homicídios de Elísa e Ástrós, ele acumulara provas comprometedoras em sua casa, que pareciam eliminar todas as dúvidas de que era o culpado. Foi notável encontrar um tesouro tão grande de provas irrefutáveis, de tal maneira notável que incomodou Huldar. Recordou a si próprio que o jovem estava obviamente a meio de esvaziar a sua casa de material incriminatório; já removera a maior parte do mobiliário, apesar de não ser claro porque é que considerara necessária tal ação, especialmente tendo em conta o que se esquecera de deitar fora. Talvez ele fosse um daqueles assassinos que adoravam colecionar troféus das suas vítimas. Os seus motivos seriam, sem dúvida, esclarecidos quando ele e o seu amigo Börkur fossem interrogados.

Foram os dois deixados nas celas durante a noite e a primeira coisa que Huldar fez naquela manhã foi verificar como estavam.

Karl ficara sentado rigidamente a olhar para a porta, num tal estado de choque que não se levantou nem teve qualquer reação, quando os olhos de ambos se encontraram através da portinhola. Agarrava a cabeça como um homem em agonia, como se o cérebro estivesse prestes a explodir.

O amigo Börkur estava deitado, aparentemente adormecido.

Huldar decidiu que, assim que tivesse oportunidade, perguntaria a Freyja qual dos dois comportamentos revelava uma consciência limpa. Seria o pretexto perfeito para lhe ligar, apesar de não ser preciso ninguém dizer-lhe que aquele homem adormecido demonstrava a calma da inocência.

— Então? Dormiram bem?

O próprio Huldar só conseguira dormir três horas. Adormecera assim que deitara a cabeça na almofada e usufruiu de um sono profundo e sem sonhos. Não era o suficiente para diminuir o cansaço acumulado na última semana, mas, ainda assim, sentia-se um homem novo.

— Podes crer. — Erla virou-se para ele. — Mais alguma novidade? Encontraram alguma coisa nas buscas à propriedade?

— O que não foi encontrado, queres tu dizer? Encontrámos o telemóvel, uma pulseira que foi identificada como sendo da Ástrós, esboços grosseiros das mensagens encriptadas, restos dos jornais de onde ele recortou as letras, umas

cuecas da Elísa, um capacete de moto preto, um par de luvas que acreditamos ter sido utilizado em ambos os homicídios e vários rolos de fita adesiva. Intactos. O que pode sugerir que ele planeava outros ataques.

A fita, o capacete e as luvas tinham sido encontrados junto ao corpo, no anexo. Os jornais estavam no cesto do lixo, embora este parecesse ter sido esvaziado depois dos bilhetes terem sido encontrados em casa das vítimas. Isto era um pouco estranho. Seria de esperar que o assassino se desfizesse o mais depressa possível dos jornais incriminatórios. Mas, pensando bem, o que era um comportamento normal ou racional num homem daqueles? A pulseira e as folhas com os rascunhos das mensagens tinham sido encontradas na cave, e as cuecas estavam no quarto, juntamente com um rolo de papel de cozinha, com várias folhas usadas. Era óbvio que homem se masturbara ali. Afinal, os homicídios tinham sido impulsionados por motivos sexuais. De uma maneira nojenta e pervertida.

— E o corpo no anexo? — Erla fez uma careta. — É verdade que a vítima foi morta com um ferro de soldar?

Três horas de sono não tinham dado a Huldar energia suficiente para dissertar sobre pormenores desagradáveis. Ainda sentia um gosto desagradável na boca por causa do fedor a urina, excrementos e miolos fritos no anexo quente e abafado. O cheiro era percetível mesmo antes de abrirem a porta, mas, assim que entraram, tornara-se quase insuportável.

— Sim, é verdade.

E ficou-se por aí, deixando bem claro que não tinha mais nada a acrescentar sobre o assunto.

— Sabemos por que raio ele matou o gajo? E as duas mulheres?

Erla olhou de relance para Ríkhardur com um olhar que Huldar podia jurar ser flirt. Parecia tudo muito promissor, mas fez um esforço para não sorrir. Tinha de ter cuidado para não parecer idiota; sorrir seria uma reação muito inapropriada ao tema que se discutia.

— Não. Esperemos que os interrogatórios de hoje nos tragam algumas respostas. Estava a pensar em pedir-te para me acompanhares, Ríkhardur.

O sorriso de Ríkhardur rasgou-se ainda mais; era notório que o homem não se importava de parecer doido. Recuperara a sua aparência de sempre; impecável, sem um cabelo fora do sítio, as calças perfeitamente vincadas. Com aquele sorriso, teria passado por um manequim na montra de uma loja.

— Conta comigo. A que horas?

— Assim que o advogado aparecer.

Karl escolhera um advogado da lista que lhe fora enfiada debaixo do nariz antes de ter sido arrastado para as celas, na noite anterior. Não fizera qualquer pergunta. Limitara-se a apontar para um nome ao acaso. Vomitara a caminho das celas. Quando lhe perguntaram se consumira alguma droga, negou com um grunhido e apontou para a cabeça. Voltou a vomitar na cela quando lhe tiraram uma amostra de sangue. E voltou a apontar para a cabeça. A enfermeira encolheu os ombros e disse que tanto a temperatura como a tensão arterial estavam normais; era provável que fosse só ansiedade.

— Ele escolheu um bom advogado?

Pela primeira vez, Erla não parecia ofendida por Ríkhardur ter sido favorecido. Ele merecera-o, pelo que não existiam motivos para ressentimentos.

— Sim, para o que é. Os problemas dele são tão óbvios que nem sequer importa quem vai representá-lo.

Huldar disse a Ríkhardur que o avisaria quando fossem horas de ir para baixo, e voltou para o seu gabinete. Esta pequena troca de palavras teria de servir para mostrar à equipa que não havia ressentimentos da parte dele.

Antes de começarem a interrogar Karl, tinha de fazer duas chamadas: uma para Freyja, outra para Karlotta. A última seria difícil, mas se ele queria deitar o passado para trás das costas, como Ríkhardur parecia estar a fazer, tinha de pôr um ponto final naquilo. E nunca mais olharia para o passado. Aprendera a sua lição. Nunca mais, por mais bêbado que estivesse, se envolveria com uma mulher casada, muito menos com a mulher de um colega.

A sua velha cadeira convidou-o a sentar-se com conforto; trouxera-a com ele após a promoção, quando saíra do open space. A restante mobília era-lhe menos familiar: a secretária, o computador novo e as paredes nuas onde ainda não se

atrevera a pendurar nada, no caso de lixar a investigação. Esta seria a altura ideal para impor a sua personalidade naquele espaço, já que era agora pouco provável que corressem com ele. Era uma pena que não soubesse o que pendurar nas paredes; um póster de heavy metal, talvez?

Freyja atendeu ao terceiro toque. A sua atitude foi muito mais amigável do que na noite anterior, quando ele lhe batera à porta para se despedir e para informá-la de que já tinham feito uma detenção. Pedira-lhe que olhasse por Margrét durante a noite, até que a situação ficasse mais clara. Não havia tempo para fazer planos alternativos. A Polícia continuaria à procura do homem que Margrét pensara ter visto, mas Huldar teria de se ausentar. Era pouco provável que o tipo que estava no jardim tivesse alguma ligação com os crimes, mas, pelo sim, pelo não, dois agentes ficariam de guarda, no exterior do edifício.

Ela despedira-se dele à porta com um sorriso gelado, assentindo repetidamente com a cabeça como aqueles bonecos estúpidos que as pessoas põem no tablier dos carros. A princípio, ele pensou que ela estivesse a esconder alguma coisa atrás das costas, mas, quando reparou na tábua de soalho solta, percebeu o que se estava a passar. Era óbvio que ela tentara consertá-la para evitar que ele o fizesse, caso decidisse passar ali a noite. Ela deveria estar a segurar um martelo atrás das costas. Apesar de não querer a ajuda dele, bem podia tê-la aproveitado: a tábua do soalho parecia ainda mais solta do que antes.

— Só quero avisar-te de que virão buscar a Margrét. Estás safa.

— O assassino foi apanhado?

— Parece que sim.

— Posso dizer-lhe?

— Não, espera um pouco. Ainda temos de interrogar o suspeito; por isso é melhor não, não vá ele estar inocente.

— Ele não confessou?

— Não. Ainda nem foi interrogado. Mas existem tantas provas contra ele que isso é quase uma formalidade. — Huldar puxou o rato e reacendeu o monitor. — Podes fazer-me um favor?

— Depende.

— Podes ir ao Facebook e abrir a página de Arnar Pétursson?

— Quem é esse?

— O irmão do suspeito. — O próprio Huldar abriu a página. — Tenta mostrar uma fotografia dele à Margrét, vê se ele lhe parece familiar. — Freyja não respondeu, então ele continuou: — Eu arco com as culpas, se isso só servir para a baralhar. O testemunho dela já não é tão importante quanto antes. Temos montes de provas, por isso é provável que ela nem tenha de testemunhar de todo. Temos boas gravações dela também. Se já tiver identificado o homem, haverá menos hipóteses de o advogado de defesa a chamar a depor. Ele vai preferir ficar longe dela o mais possível.

— Ok. A responsabilidade é tua. Embora eu duvide de que prejudique a Margrét.

Enquanto Freyja foi buscar a rapariga, ele procurou uma fotografia de Karl. Os álbuns que Huldar havia examinado na noite anterior, na página de Facebook de Karl, estavam vazios. A sua fotografia de perfil era um personagem de banda desenhada com auscultadores e um microfone, o que não ajudava muito. A página do irmão não continha muito mais informação, embora tivesse pelo menos uma meia dúzia de fotografias, grande parte dele e da mulher. Mas havia uma dos dois irmãos, com a mulher de Arnar no meio. A fotografia estava no álbum intitulado «Islândia verão 2014», pelo que deveria ser relativamente recente. Karl era a imagem da infelicidade. Huldar abanou a cabeça. O irmão e a cunhada também não pareciam muito mais animados. Havia qualquer coisa estranhamente familiar no irmão, mas Huldar não conseguia perceber de onde o conhecia.

— Estou de volta. — Ouviu-se o barulho de um teclado. — Que fotografia é que queres que vejamos?

Huldar descreveu-a, depois prestou atenção à conversa entre Freyja e Margrét. Ela falava suavemente com a pequena, explicando que queria mostrar-lhe a fotografia de um homem que poderia ser o que Margrét avistara no seu jardim. Mas isso não significava que esse fosse o homem que fizera mal à mãe. Freyja parou de falar e só se ouviam os estalidos do rato. Huldar pressionou o

telefone contra a orelha. Por um longo período não conseguiu ouvir nada, mas quando o silêncio foi quebrado, foi Margrét quem falou.

— Não sei. Penso que é ele. É ele. Acho eu. É muito parecido com ele. Embora não esteja de capuz.

A partir daí, Freyja tomou a palavra, agradecendo a Margrét e dizendo que podia ir à cozinha e servir-se de biscoitos.

— Obrigado. Não foi tão convicta quanto pensei que seria, mas, por agora, serve.

— Bem, ela nunca se sentou à mesa com ele para jantar. Viu-o da janela, quase sempre ao final da tarde ou à noite.

— Eu sei. Foi ótimo. Muito obrigado.

— Quem é o homem, afinal?

— Pouco mais que um rapaz. Estudante universitário.

— Porque é que ele o fez?

— Não sabemos. Ainda.

Huldar ficou com a sensação de que algo teria ficado por dizer, mas não conseguia perceber o quê. Freyja não tinha nada a acrescentar, por isso ele disse que falariam mais tarde e desligou. Não conseguiu perceber o que ela achava de tudo isto.

Não foi complicado encontrar o número de Karlotta na lista de contactos, difícil foi carregar no botão para fazer a chamada. Com o dedo no ar, olhou através da parede de vidro do seu gabinete para onde Ríkhardur estava ainda a conversar com Erla e o jovem inspetor. Mais duas pessoas se tinham juntado ao grupo. Era evidente que todos queriam ouvir em primeira mão a história de Ríkhardur. O que faria ele, se Ríkhardur se separasse dos outros e entrasse por ali dentro a meio da chamada? Desligava? Claro que sim. Teria tempo de se despedir e terminar a chamada. Karlotta era a pessoa que melhor percebia o facto de ele não querer falar com ela perto do futuro ex-marido dela.

Inspirando profundamente, carregou no botão. Se não lhe ligasse agora, só o faria no dia seguinte. Eram quase nove da manhã e queria falar com ela antes que estivesse demasiado atarefada, mas numa altura em que ela também não

pudesse despender de muito tempo para conversar. Deixaria tocar seis vezes, depois desligaria.

Karlotta atendeu quase de imediato. Por trás, ele conseguia ouvir ruídos e pessoas a falar, tal como planeara.

— Olá, Karlotta. É o Huldar.

— Oh… espera só um minuto. Deixa-me ir para outro sítio. — Ele ouviu o som de passos, o clique dos seus inevitáveis saltos altos. Depois, uma porta fechou-se e ela falou de novo: — Desculpa. Obrigada por me ligares. Não queria falar contigo com outras pessoas à volta.

— Não. Eu também estou sozinho. — Ele olhava diretamente para Ríkhardur, que não parecia querer sair de onde estava. — Não sei por quanto tempo vão deixar-me sossegado, pelo que é melhor sermos rápidos.

— Sim, aqui é igual. Tenho um cliente daqui a dez minutos.

Huldar amaldiçoou-se por não ter esperado mais cinco minutos. Não conseguiria manter uma conversa com ela durante dez minutos.

— Olha, sei que já devia ter-te ligado há que tempos. Devo-te um pedido de desculpas por… tu sabes. Não tenho justificação possível, só posso dizer que estava bêbado. O que não é desculpa, claro. Quando te telefonei, depois do Ríkhardur me falar sobre o divórcio, não tive coragem de o dizer. Na altura, só estava interessado em saber se lhe contaras alguma coisa. Fui muito egoísta. Peço desculpa também por isso. Mas principalmente por te ter posto nessa posição.

— Não precisas de pedir desculpa, eu é que deveria fazê-lo.

— Tu?

— Sim. Ficaste surpreendido? Mas que raio pensaste? Que eu não tinha vontade própria? — Ela parecia verdadeiramente espantada. — Que fiquei indefesa diante do teu charme?

— Não. — Huldar não se permitiu ficar ofendido. Estivera a pedi-las. — Claro que não pensei isso. Só queria pedir-te desculpas porque não posso fazê-lo à pessoa que realmente as merece. Sabes de quem falo.

Huldar olhava Ríkhardur ali, divertido, rodeado dos colegas. Não dava

gargalhadas estridentes, gesticulava em exagero ou demonstrava outros sinais de euforia, mas, quem o conhecesse bem, percebia que estava nas nuvens.

— Gostaria de poder fazê-lo, mas, para bem dele, é melhor que nunca venha a descobrir.

Fez uma pausa, esperando que ela concordasse. E se ela se sentisse inclinada a pôr tudo em pratos limpos para ficar de consciência tranquila? Teria sido ele demasiado ansioso com os seus arrependimentos e os seus pedidos de desculpas?

Aparentemente, não. Karlotta era uma mulher inteligente.

— Por amor de Deus, não lhe digas nada. Ele já tem muito em que pensar.

— Há alguma hipótese de se reconciliarem?

— Não. — Karlotta respirou fundo. — Não.

— Ele sente a tua falta.

— Não comeces.

— Desculpa. Não me diz respeito.

— Olha — continuou ela —, é melhor dizer-te de uma vez por todas o que tencionava dizer quando arranjei coragem para te ligar. — Huldar manteve-se silencioso, por isso ela continuou: — O Ríkhardur alguma vez falou sobre a nossa dificuldade em ter filhos?

— Pouca coisa.

— Foi tudo uma tragédia, do princípio ao fim. Eu não conseguia levar uma gravidez até ao fim. Foi muito difícil para o Ríkhardur admitir que não éramos perfeitos. Foi aí que me lembrei de tentar de outra forma.

— De outra forma?

— Sim. Engravidar de outro homem. Fiquei obcecada com ideia de que a culpa era dele. Ele estava a ser inflexível quanto a fazer exames, recusando-se a aceitar que havia algum problema. Na noite em que te encontrei, andava à procura de possíveis candidatos. Primeiro, tentei encontrar um homem que se parecesse com o Ríkhardur, mas, depois de andar por uns quantos bares e tomar umas quantas bebidas, comecei a mudar de ideias. Seria incapaz de me entregar a um desconhecido. A ideia deixava-me enojada. Bebia para ganhar coragem. Foi então que te vi.

— A mim? Foste para a casa de banho comigo só porque querias engravidar? Porque eu não era um desconhecido?

— Sim. — De repente, a voz dela tinha uma característica que lhe lembrou Ríkhardur. Pouco emotiva, era isso. — Por isso mesmo é que queria pedir-te desculpa. Nunca deveria tê-lo feito, sabendo como vocês eram amigos. No dia seguinte, fiquei horrorizada ao aperceber-me do que fizera. Depois, quando descobri que engravidara, tive sentimentos contraditórios. Bons e maus. Bons porque, se o filho fosse teu, eu e o Ríkhardur teríamos oportunidade de ser pais; maus porque tive receio de que a criança se parecesse contigo ou que ele viesse a descobrir. E também porque o Ríkhardur poderia ser o pai, apesar de tudo, e eu não poderia desfazer o que já fizera. — Ela parou para respirar, depois continuou: — Enfim, já sabes o resto da história. Dessa vez também não houve criança.

— Porque é que estás a contar-me isto? Não tenho nada a ver. Só estás a piorar as coisas. — Huldar fechou os olhos. A raiva atenuou-se um pouco, abriu os olhos e, mais calmo, resumiu: — Karlotta, o que está feito, está feito. Acabou. Seja por culpa tua, por culpa minha, não interessa. — Viu Ríkhardur à procura dele, de longe. Os seus olhares encontraram-se e o colega brindou-o com um sorriso bem mais afetuoso do que ele merecia. Ele fingiu um sorriso de volta. — Olha, tenho de desligar. Obrigado por me contares. Apesar de tudo, foi bom saber. Sinto-me um pouco menos merdoso do que me sentia.

# 32.

MILÍMETRO A MILÍMETRO, quase que impercetivelmente, as paredes da pequena sala de interrogatórios pareciam fechar-se sobre aqueles quatro homens. Karl era o único que parecia notar. Mas, uma vez que a sala estava quase vazia, não havia nada para usar como ponto de referência. As paredes brancas estavam nuas, a mesa e as cadeiras eram simples e funcionais; uma única lâmpada estava suspensa por cima da mesa.

Ele evitava olhar para cima porque a claridade piorava ainda mais a dor de cabeça e receava vomitar de novo. Não que ainda tivesse alguma coisa no estômago. Já vomitara a piza da noite anterior e de manhã estava demasiado enjoado para comer o pouco apetecível pequeno-almoço. O tabuleiro fora deixado no chão da cela: papas de aveia frias numa tigela descartável, um copo de água, duas fatias de maçã já oxidadas, um sumo amarelo e aguado, de origem desconhecida. Quando tentou bebê-lo, sentiu ânsias de vómito e optou por engolir de uma vez a água morna, onde boiava um fio de cabelo negro. O cabelo ficara preso na sua garganta, o que o fez recusar a água que um dos agentes insistentemente lhe oferecia, cada vez mais preocupado.

— Beba água. Vai ficar doente se não o fizer.

O advogado de Karl respondeu em sua defesa, seguindo as indicações do seu cliente em tudo.

— Ele não quer água. Já o disse várias vezes. Se mudar de ideias, sem dúvida que irá beber.

Karl manteve os olhos sempre em frente, como o fizera na última hora, para

só mexer a cabeça quando fosse responder às perguntas que eram realmente importantes. Só falava quando era inevitável. O problema era que ele já não conseguia distinguir o que era importante ou não.

Só conseguia pensar na agonizante dor de cabeça.

Virando-se devagar, percebeu que os outros três homens olhavam para ele: o advogado de meia-idade, quase careca, ao seu lado, que parecia estar grávido de oito meses, e os dois polícias sentados à frente deles. Se ele não soubesse, poderia achar que um dos bófias era o advogado e que o advogado era um polícia. O agente em questão usava um fato bem mais elegante e comportava-se de uma forma que Karl achava ser mais adequada a um procurador; não estava constantemente inclinado com o cotovelo em cima da mesa, nem assoava o nariz depois de cada pergunta importante, como o seu próprio advogado fazia. Mas poucos confundiriam o outro polícia com um advogado; tinha o cabelo demasiado comprido e não parava de mascar pastilha elástica.

— Está tudo bem, Karl? — O bófia empurrou a pastilha para a bochecha. — Estás doente?

Karl mexeu cautelosamente a cabeça para a direita, depois para a esquerda. O agente perguntou ao advogado.

— Ele está com febre?

— Como é que eu hei de saber? Ele diz que está bem.

O agente de cabelo comprido curvou-se e apalpou a testa de Karl. Karl nem se mexeu; não tinha energias para isso, nem se importava.

— A temperatura dele parece estar normal. Estás sob o efeito de alguma coisa, Karl?

Karl não respondeu, nem mexeu a cabeça. Já respondera a essa pergunta várias vezes. Sempre com a mesma resposta: não.

— Encontrámos ganza em tua casa. Tomaste alguma coisa mais forte? Alguma coisa que possas ter feito no laboratório de química, talvez?

Karl também já respondera várias vezes a esta pergunta: não.

O agente franziu a testa e dirigiu-se ao advogado:

— Vamos fazer uma pausa. Entretanto, pode rever as declarações com o seu

cliente, mas eu vou chamar uma enfermeira. Passa-se algo de errado com o rapaz. — Levantou-se. — A menos que ele seja muito bom ator.

Karl ficou a ver enquanto ele e o agente bem vestido saíam da sala.

— Não vale a pena fingires que estás doente. Não vai ajudar em nada. Se não quiseres responder às perguntas deles, não há muito que eles possam fazer. — O advogado bateu na mesa com a palma da mão. — Mas, a julgar pelas respostas que deste no início, compreendo que prefiras ficar em silêncio. Isto não me parece nada bem. Nada mesmo.

A névoa na cabeça de Karl desvaneceu-se um pouco.

— Eu não matei ninguém.

— Pronto, tudo bem. — O advogado pareceu considerar a informação como irrelevante. — Tu lá sabes como é que queres fazer. Há tempo suficiente para reconsiderar depois, mas tem em atenção que parece que eles têm provas irrefutáveis da tua culpa.

Karl conseguiu assentir com a cabeça. Iria ouvir, reunir forças e depois responder. Não havia pressa. Eles tinham pedido que ele fosse mantido em prisão preventiva e, de acordo com o que lhe dissera o advogado, era provável que conseguissem. Numa primeira instância, ficaria detido durante duas semanas. Quando Karl questionou se, passado esse período, seria libertado ou seria requerido um prolongamento, o advogado recusou-se a comentar, aconselhando-o a concentrar-se na sua situação atual ao invés de se preocupar com o que poderia vir a acontecer. Karl optou por seguir o conselho; a situação já era suficientemente má.

— Muito bem, rapaz. Entendo que não estejas bem; estás em choque, é natural. Vamos rever tudo outra vez. Interrompe-me se eu tiver percebido mal ou se não tiveres explicado bem ou se a tua resposta tiver sido mal interpretada. Se fores capaz de dar uma explicação racional para tudo, eles libertam-te. A Polícia não pode manter-te detido se conseguires provar que capturaram o homem errado. Mas as coisas não têm corrido bem até agora. Às vezes, quanto menos dissermos, melhor. — O homem olhou Karl fixamente nos olhos. — Comecemos pelos aspetos positivos. Ainda não conseguiram provar que tinhas

qualquer ligação a alguma das duas mulheres, mas o mesmo não se aplica ao outro jovem, o teu amigo. Há algum risco de encontrarem algo que te ligue às mulheres, se continuarem a procurar?

Karl abanou a cabeça. A dor piorou e, por momentos, não conseguiu sequer pensar; teve de concentrar toda a sua energia para respirar. A dor atenuou-se um pouco, mas, ainda assim, não conseguiu referir que, a julgar pela forma como a Polícia distorcia tudo o que ele dizia, seriam bem capazes de inventar uma ligação qualquer. As palavras eram demasiado complicadas de articular.

O advogado continuou:

— Ótimo. São boas notícias. Mas é uma pena o que aconteceu ao teu amigo. — Deu uma vista de olhos nas notas que havia tirado durante o interrogatório. — Tens a certeza de que o ferro de soldar é teu? — Levantou os olhos e Karl assentiu levemente. — Compreendo. Não que mudasse alguma coisa se não fosse, tendo em conta que encontraram as tuas impressões digitais nele.

Karl contemplou as pontas dos dedos, manchadas de azul. Tinham recolhido as suas impressões digitais na noite anterior, assim que chegaram à esquadra, antes de o fotografarem de frente e dos lados.

— E, claro, também não abona a teu favor que a vítima tenha sido encontrada em tua casa. Vives sozinho, o que torna difícil perceber como é que um estranho poderia ter acesso ao sítio sem o teu conhecimento, até porque não havia sinais de arrombamento do anexo. Estava tudo trancado. — O advogado calou-se e continuou a ler em silêncio. — As tais chaves que dizes terem desaparecido; as chaves do anexo estavam nesse molho, por acaso?

Karl assentiu com a cabeça. Não tivera a presença de espírito de mencionar esse facto à Polícia quando questionado em relação ao anexo. Nem sequer fora a dor de cabeça que tornara difícil responder, mas a ideia de Halli amarrado ali, a poucos metros dele, com um ferro de soldar no ouvido — o ferro de soldar de Karl.

— Porque é que não disseste antes? — O advogado nem queria saber se ele respondia. — Bom, de qualquer forma é bom saber. E o teu amigo Börkur pode confirmar que o molho de chaves tinha desaparecido?

Karl assentiu com a cabeça, embora pouco confiante. Com Börkur, nunca se sabia. Se a Polícia baralhava Karl daquela maneira, facilmente conseguiria dar uma volta completa ao Börkur. Antes de terminarem, ele teria confessado todos os homicídios por resolver. Ou apontado Karl como culpado.

— Esperemos que sim. E que ele possa confirmar que também ouviu as transmissões, como afirmaste. É imprescindível que o faça. Para além dele, suponho que mais ninguém as ouviu. O teu outro amigo não viveu para contar a história, claro.

Karl esforçou-se por falar. Estava a ficar atordoado; mal conseguia sentir um dos braços.

— Talvez. Talvez outros radioamadores. Eles têm um clube. Pode perguntar.

Porque não fora ele à reunião e falara das transmissões? Eles teriam sintonizado a frequência para ouvir. Seria pouco provável que a tivessem encontrado por si próprios, já que nenhum se interessava por emissoras de números e não costumavam explorar as frequências de onda curta relevantes.

— Sim. De qualquer forma, chamei a atenção da Polícia para esse facto. — O advogado tomou nota e, depois, coçou o pescoço. — Uma vez que dizes estar inocente, tens alguma teoria sobre quem possa ter assassinado estas pessoas?

Como seria de esperar, Karl já dera voltas e voltas à cabeça durante toda a noite, sem chegar a qualquer conclusão. Era impossível imaginar alguém que quisesse fazer mal a Halli e às mulheres daquela forma. E a ele também.

— Ocorreu-me que pudesse estar relacionado com uns downloads ilegais. O Halli chegou a ser preso numa rusga e só consegui pensar que ele talvez tivesse falado de mais. Que tivesse denunciado a pessoa encarregada dos downloads, ou assim. — Ou assim. A sua teoria parecia ainda mais idiota quando verbalizada.

— Pois. Não é muito plausível, mas quem sabe? — O advogado tomou mais algumas notas e sorriu a Karl. — Já viste que fazemos muitos mais progressos quando estamos só os dois?

Karl tentou retribuir o sorriso, mas só conseguiu fazer uma careta, como um cão a arreganhar os dentes numa disputa por um osso.

O homem parou de sorrir e voltou às perguntas.

— Dizes que nunca viste o capacete e, uma vez que eles não falaram em impressões digitais, duvido que tenham encontrado alguma. — Olhou para as notas e de novo para Karl. — Uma pergunta. Tens ideia de quando foi a última vez que viste o teu ferro de soldar? Se o que dizes está certo, significa que alguém poderá tê-lo roubado.

— Não. — Karl inspirou profundamente, mas o cheiro a azedo e a velho nada fizeram para aliviar a tormenta na sua cabeça. — Talvez no assalto. Fomos assaltados. Quando a minha mãe ainda era viva.

— E isso foi quando?

— Antes do Natal. Em meados de novembro. Não me lembro exatamente. — Karl endireitou-se um pouco na cadeira, apoiando-se na mesa. — Vou tentar lembrar-me… mas não agora. O ferro de soldar pode ter desaparecido nessa altura.

— Boa. Boa. — O advogado também tomou nota disso, mas quando ergueu o olhar, já não parecia tão otimista. — Será possível que eles encontrem mais impressões digitais? Em casa da Ástrós Einarsdóttir, por exemplo?

— Nunca estive em casa dela. Não a conheço.

— Não. — O homem olhou para o que escrevera. — Ainda assim o nome dela foi encontrado num pedaço de papel em tua casa. Escrito com a tua letra. E o da Elísa Bjarnadóttir também.

— Já expliquei isso.

As palavras soavam como se tivessem atravessado um campo de lava áspera pela garganta acima. Ele olhou para o copo de água, pegou nele e deu um pequeno gole. Fê-lo sentir-se um pouco melhor, pelo que deu outro gole maior. Aí sentiu-se enjoado de novo e pousou o copo.

— Então, a tua única explicação para isso é que procuraste os nomes por causa dos números de identificação que foram lidos na rádio?

— Sim.

— Então, como explicas que os vizinhos da Elísa tenham visto o teu carro a passar por lá? — O homem corrigiu-se a si próprio. — Não, viram-te estacionado no exterior. — Falou mais alto, parecia preocupado. — Não me

parece de todo plausível que tu e os teus amigos tenham decidido ir ver onde ela morava depois da cena com os números de identificação.

— Börkur. O Börkur pode confirmar.

— Pois, o Börkur. É bom que ele saiba exatamente o que dizer porque tu dependes da confirmação dele para uma série de coisas. — O advogado tentou aligeirar a conversa. — Ainda assim, podia ser pior. Às vezes, as pessoas não têm ninguém que corrobore o que dizem. Mas devo confessar que nunca tive conhecimento de um caso tão bizarro. Faz com que tudo o que eu antes considerava estranho pareça agora bastante normal.

Karl comportou-se como se não tivesse ouvido. Comentários desnecessários como este eram uma perda de tempo.

O homem não pareceu importar-se com a falta de resposta de Karl.

— Nunca discutimos se alguma vez sofreste de algum tipo de delírios. — Olhou fixamente para Karl e esperou.

— Não, nunca.

— Não há nada na tua infância, ou até mesmo mais recentemente, que possas não ter percebido que fosse uma alucinação… que só te pareceu estranho?

— Não.

— Nada relacionado com drogas que não quiseste mencionar na presença da Polícia?

— Não.

— Ninguém está interessado em incriminar-te por drogas… Isto é muito mais sério do que um delito desses. — Olhou perscrutador para Karl, mas a expressão deste manteve-se inalterada. Qualquer tipo de movimento ultrapassava-o. O advogado encolheu os ombros. — E na tua família? Há alguém que tenha sofrido de alucinações ou paranoia? Isso poderia jogar a teu favor.

— Não sei.

— Não te ocorre nada?

— Sou adotado. Nunca conheci ninguém da minha família biológica.

Os olhos do advogado brilharam pela primeira vez.

— O quê?

Karl nem se deu ao trabalho de repetir; precisava de poupar as palavras para quando fosse necessário.

— Então, é possível que alguém da tua família sofra de alucinações ou comportamentos violentos associados a alguma doença mental? Alguma vez sofreste algum tipo de abuso ou foste maltratado em criança?

— Não sei.

— Tenho de tentar saber. — O ar satisfeito do homem desapareceu quando viu a falta de entusiasmo de Karl com o seu plano. — Posso dizer uma coisa, rapaz? — Continuou sem esperar uma resposta: — Por norma, as pessoas são condenadas a cumprir dezasseis anos de prisão por homicídio, na Islândia. Por um homicídio simples. Convencional. Não significa que não possa haver penas mais longas… O Código Penal permite a possibilidade de prisão perpétua. Nunca aconteceu… Só houve uma pena superior a dezasseis anos, e foi de vinte. Mas a pessoa responsável pela morte destas três pessoas pode criar um precedente e ser condenada à pena mais longa da história da Islândia: prisão perpétua. — Fez uma pausa e olhou Karl bem nos olhos. — Vamos imaginar que não conseguimos provar a tua inocência. Tens vinte e três anos. Os homens islandeses têm uma esperança média de vida de pouco menos de oitenta anos. Se fores condenado a perpétua, significa que poderás passar mais de meio século na cadeia. Isso é mais do dobro do tempo que já viveste. Mas se apanhares uma pena convencional, será de dezasseis anos. E sais ao fim de dez e meio… Falamos de uma diferença de quarenta anos. Quarenta anos. Qualquer coisa que possa gerar compaixão por ti ajuda… no caso de seres considerado culpado.

— Estou inocente.

O advogado ignorou-o.

— Tens de me deixar analisar a história da tua família. Sabes o nome dos teus pais biológicos? Essa informação poderia poupar-te quarenta anos de prisão.

Este argumento chegava para Karl.

— Gudrún María Gudjónsdóttir e Helgi Jónsson.

Lembrara-se dos pais enquanto estava na sua cela, sem conseguir dormir.

Estariam arrependidos de o ter dado para adoção? Especialmente se soubessem pelo que ele estava a passar? Começara a sentir-se dececionado por não se ter esforçado por descobrir mais sobre o seu passado e contactá-los. Não fazia ideia da próxima vez que teria acesso a um computador e, agora que tudo parecia desmoronar-se à sua volta, só a família poderia apoiá-lo. Apesar de que teria sido preferível tê-los contactado antes de ser preso; se ligasse da prisão, o mais certo seria não quererem nada com ele.

Ele não tinha ninguém. Absolutamente ninguém.

Arnar renegá-lo-ia, gritando aos quatro ventos, para quem quisesse ouvi-lo, que não tinham qualquer laço de sangue. E seria bem capaz de testemunhar contra Karl. A dor de cabeça melhorou por instantes quando Karl se lembrou de que deitara fora toda a documentação relacionada com os pais de Arnar. Não havia razão para os nomes deles constarem em documentos oficiais. Sem dúvida que a Polícia descobriria, através do seu histórico de navegação, que ele pesquisara sobre aquelas pessoas, mas inventaria uma desculpa qualquer. Tinha tempo de sobra para inventar alguma coisa plausível.

— Obrigado, vou tentar descobri-los. Nunca se sabe.

— Vai dizer-lhes que estou inocente, se conseguir contactá-los?

— Sim, faço isso. — O advogado parecia atencioso. — Deixa ver se percebi bem: não tens nenhum parente próximo para além do teu irmão? Sem contar com os parentes afastados?

— Não. — Karl engoliu em seco. A garganta parecia de papel. — Ele vive fora e não sabe de nada do que se está a passar. Não quero que fale com ele. Proíbo-o.

— Não tenho a certeza de que isso seja sensato. A Polícia sabe da existência dele e é obrigada a contactá-lo. A tua fotografia que foi mostrada à rapariga estava na página dele do Facebook.

A dor de cabeça de Karl agravou-se subitamente e ele não falou enquanto o pior não passou.

— Não consigo compreender porque é que ela diz que reconhece a minha fotografia. Nunca a vi, nem ela a mim. Muito menos no jardim ou dentro da casa

dela, como eles alegaram.

— Eu não me preocuparia muito com isso. Ouviste como foram vagos. Não tenho dúvidas de que a rapariga não conseguiu identificar-te com toda a certeza. Se ela tivesse conseguido, eles estariam bem mais confiantes ao invés de fazerem insinuações.

Karl assentiu, indiferente.

— Continuo a não querer que fale com o Arnar.

O advogado, que parecia já ter visto tudo, não fez mais perguntas. Baixando os olhos, continuou a analisar as notas.

— Voltando ao tema principal. Percebeste a referência que eles fizeram a cães?

— Não.

Ele ficara perplexo com as perguntas. A Polícia quisera saber se ele atacara dois cães, um em Grafarvogur e o outro em Grandi. Também haviam querido saber como descobrira onde a rapariga, Margrét, estava e como conseguira encontrar o nome e a morada de Freyja. Na verdade, sentira-se aliviado com o teor das perguntas, porque eram de tal forma absurdas que só ajudariam a provar que ele não era o homem que procuravam.

— Não sei nada sobre cães nenhuns.

— Não. Achei que reagiram de forma estranha quando não conseguiste responder, como se tivessem uma teoria própria. Mas isso não quer dizer nada. Talvez devêssemos concentrar-nos nas questões mais importantes. Consegues lembrar-te de qualquer coisa que te sirva de álibi para a noite de quinta-feira, quando a Elísa foi assassinada? Ligaste para alguém ou recebeste alguma chamada? Estavas acordado quando o jornal foi entregue mais cedo? Qualquer coisa. Se estiveste online, é possível confirmar a informação no teu computador. Qualquer coisa que seja. O mesmo se aplica à noite em que a Ástrós foi assassinada. Ouviste o que disseram… A hora da morte foi mais ou menos depois de teres deixado os teus amigos. Isso não é nada bom.

Karl sentiu-se como se tivesse a boca cheia de algodão.

— Eu estava a dormir quando a Elísa foi assassinada.

O que é que era tão difícil de perceber? Uma pessoa a dormir não pode estar online, na conversa com o rapaz dos jornais ou a falar ao telefone. Karl tossiu e pensou que a cabeça fosse explodir. Aí a dor aguda voltou a atenuar-se, deixando apenas uma dor quente e incomodativa. Tentou ignorá-la.

— Fui para casa depois de deixar os meus amigos na noite em que a Ástrós foi assassinada. Deitei-me. Não estive online.

— Percebo. Podes tentar lembrar-te de mais algum pormenor? — O advogado parecia desanimado. — Não soou lá muito bem quando disseste que passaste de carro pela casa da Ástrós na noite em que ela foi assassinada. Muito menos a história de teres ouvido um grito. Não acreditaram em ti. Seria melhor se me contasses essas coisas primeiro, antes de falares com eles. É o que deverias ter feito quando te confrontaram com todos aqueles números. E não ajudá-los a decifrar. Quase de certeza que estão associados aos crimes, logo não havia necessidade de lhes mostrar que entendias aquele código complexo.

Ambos olharam inadvertidamente para a folha de papel onde ele decifrara as mensagens para a Polícia, assim que lhe deram uma cópia da tabela periódica. As expressões deles foram-se alterando à medida que ele trabalhava nas séries; primeiro o espanto e depois o entusiasmo, como crianças numa loja de doces.

«53, 16 · 53, 90—1 · 4, 43—6, 65—5, 68 · 43—6, 8 · 106—16, 53, 23, 63—92 · 90, 89—6, 7 · 43—6, 8 · 75, 58, 53, 23, 63—92

I, S · I, Th—H · Be, Tc—C, Tb—B, Er · Tc—C, O · Sg—S, I, V, Eu—U · Th, Ac—C, N · Tc—C, O · Re, Ce, I, V, Eu—U

Is it better to give than to receive?[1]

39, 8, 92 · 5, 3—53, 8, 8, 66 · 83, 43, 1

Y, O, U · B, Li—I, O, O, Dy · Bi, Tc, H

You bloody bitch.[2]

39, 8, 92 · 75 · 10, X, 65—5

Y, O, U · Re · Ne, X, Tb—B

You’re next.[3]

66—39, 8 · 90, 63—92 · 42—8, 85, 108

Dy—Y, O · Th, Eu—U · Mo—O, At, Hs

Do the maths.[4]

22, 90—1 · 9, 8, 86—7 · 73, 90—1

Ti, Th—H · F, O, Rn—N · Ta, Th—H

Tit for tat.[5]»

Karl olhou para cima.

— Eu entendi as mensagens por causa das transmissões. O código é o mesmo.

— Talvez seja verdade. Mas és um estudante de Química e a chave do código está relacionada com química, o que, para eles, significa uma coisa: tu escreveste o código.

— Não. — Karl não tinha nada a acrescentar. Que mais poderia dizer? A verdade não bastava?

— Eles acham que os pedaços de papel com números encontrados na tua cave iriam ser usados nos teus próximos homicídios.

— Esses eram os números lidos nas transmissões. Escrevi-os depois de decifrar o código. Para descobrir o que diziam. — Karl não conseguia perceber a lógica de ter de se repetir vezes sem conta. Talvez fosse melhor manter-se calado.

O seu advogado de defesa arqueou ceticamente as sobrancelhas, depois suspirou.

— Também não devias ter dito que não suportas sangue, nem violência. Eles têm uma teoria qualquer de que o homicida tem uma espécie de fobia ao sangue. Ou que o considera nojento.

— Devia ter mentido?

— Não. Devias ter pedido autorização para falares comigo em privado. Como já te disse várias vezes. Mas esquece. — O homem já revira quase todas as notas. Bateu com os nós dos dedos na última página e fechou o caderno. — Temos tempo suficiente para rever isto mais tarde. Eles estarão de volta a qualquer momento. Se se confirmar que estás doente, talvez seja possível começar o interrogatório do início. Se estiveres a delirar, por exemplo… — O

advogado olhou para Karl, esperançoso.

— Dói-me a cabeça.

Karl tentou pegar no copo na esperança de que a água aliviasse a dor latejante que irradiava por toda a sua cabeça. Mas falhou. A mão foi numa direção completamente diferente da que ele pretendia. Tentou de novo, sem sucesso. Karl apercebeu-se de que só conseguia ver de um olho. Talvez fosse essa a razão, mas, quando tentou falar ao advogado da sua cegueira repentina, só conseguiu balbuciar sílabas estranhas. A dor de cabeça agravou-se. Tudo parecia ter deixado de funcionar, como se o seu corpo já não estivesse ligado à cabeça.

No exato momento em que Karl tombou da cadeira, a porta abriu-se e os dois polícias entraram. Conseguiu ver, apenas com o olho bom, a sua expressão de terror… até do bem vestido. Ambos abriram a boca e pareceram exclamar alguma coisa, mas Karl não conseguia ouvir nada. Uma mulher que estava parada atrás deles afastou-os e correu para Karl. Tocou na cara dele, mas ele não conseguia sentir-lhe os dedos. Nem isso, nem nada.

E fechou o olho que ainda conseguia ver.

---

1 «É melhor dar do que receber?» *(N. da T.)*

2 «Sua puta nojenta.» *(N. da T.)*

3 «És a seguir.» *(N. da T.)*

4 «Faz as contas.» *(N. da T.)*

5 «Olho por olho.» *(N. da T.)*

# 33.
# Uma semana depois

HULDAR NÃO TIVERA AINDA OPORTUNIDADE de pendurar o quadro no gabinete. Até adiara a compra, convencido de que seria despromovido depois de Karl Pétursson ter desmaiado durante o interrogatório. O episódio era descrito como sendo uma das maiores asneiras da história da Polícia islandesa e Huldar começara, clandestinamente, a procurar trabalho no setor público.

O assunto só foi esclarecido dois dias depois e, durante esse período, sentira-se como um leproso: ninguém no escritório se atrevia a olhar para ele. Até Erla o evitava com receio de ser contaminada pela sua fama.

O pior foi que Ríkhardur partilhara do mesmo destino. Apesar de não lhe ter sido atribuída responsabilidade idêntica pelo bem-estar do suspeito, ele participara nos interrogatórios e fora visto como conivente aos olhos de todos.

Ríkhardur entrara na sala de interrogatórios como um herói e saíra de lá em desgraça. A sua queda foi dramática, mas ele venceu-a com o seu habitual estoicismo, indiferente ao facto de estar a ser desprezado pelos seus colegas. Não querendo isto dizer que enfrentara o incidente de ânimo leve; Huldar não tinha mais ninguém com quem falar na esquadra e não pôde deixar de reparar no impacto que o destino de Karl tivera em Ríkhardur.

A moldura estava esfolada no sítio onde o quadro caíra. Encostara-o à parede, demasiado perto da porta, que batera nela ao abrir-se. Os estragos não eram muito evidentes, mas o melhor era apressar-se a arranjar um martelo e um prego antes que se estragasse ainda mais.

O quadro não era nada de especial; comprara-o numa loja turística no centro da cidade, a caminho de casa, após assistir a um jogo num bar com os amigos, no fim de semana depois das coisas terem acalmado. Era uma fotografia do nascer do sol sobre os montes do mar de Reynisdrangar, que o enchia de otimismo e, ao mesmo tempo, de receio. Não era preciso muito para perceber o porquê: o sol com a promessa de um novo dia despertava uma esperança de melhores tempos, enquanto os pilares de pedra pretos e brilhantes a saírem para fora do mar eram um aviso de que a vida não era uma acalmia constante.

À sua frente estava um relatório de artigos que haviam desaparecido da esquadra de Polícia. A tarefa do dia era analisá-lo, agora que a investigação dos homicídios estava praticamente concluída. Ele não estava cem por cento satisfeito com o que tinha, mas tivera de aceitar que Karl já não poderia dar a sua versão dos factos; estava internado na unidade de cuidados intensivos e cada dia poderia ser o último.

Existiam provas suficientes para incriminar Karl, pelo que Huldar teria de aceitar que alguns pormenores ficariam por explicar. Uma série de peritos ouviram a gravação do seu interrogatório e conceberam a teoria de que Karl usara os vários aparelhos para assassinar as vítimas como forma de evitar esfaqueá-las ou feri-las. Tudo o que tinha de fazer era pressionar um botão, o que o poupava de sujar as mãos. Huldar arqueara as sobrancelhas ao ler essa informação. Como era possível concluir que os homicídios exigiam única e exclusivamente o pressionar de um botão? Houvera muita violência nos momentos antes dos crimes.

A morfologia de Karl também lhe deu que pensar. Era completamente raquítico; era difícil imaginar como conseguira dominar o seu amigo, bem maior e mais forte. Até Elísa parecia mais robusta do que ele. Apenas Ástrós tinha menos probabilidades de lutar contra um homem bem mais novo do que ela. É sabido que a raiva e o ódio podem dar força a uma pessoa, mas o problema é que era impossível perceber o que poderia ter provocado a Karl tanto ódio por duas mulheres que ele nem sequer conhecia. Ele levara a explicação consigo para o coma. Outro mistério era como é que ele descobrira que Margrét estava com

Freyja e que Freyja já não vivia em Grafarvogur, como constava na lista telefónica e noutros registos oficiais.

Segundo o seu computador, Karl não pesquisara o nome dela no Google, em busca de informação. Era possível que o tivesse feito a partir de um computador público na universidade, mas, se assim fora, ainda não tinham conseguido localizá-lo. No entanto, acreditava-se que ele teria encontrado o endereço de Grafarvogur e teria atacado o cão, para o afastar do seu caminho, desconhecendo que não era o cão de Freyja. Depois, ao aperceber-se do erro, atacara o cão certo perto da morada certa. Como é que ele conseguira isso ou como soubera da existência de Freyja e do facto de ela ter um cão, ficava por explicar. E talvez assim ficasse para sempre.

Se não tivesse sofrido um AVC, Karl acabaria por confessar… todos o faziam. Principalmente depois do seu amigo Börkur se ter desmoronado no interrogatório e já não existir ninguém para corroborar a versão de Karl sobre as misteriosas emissoras de números e outras coisas sem sentido.

Huldar tentou lembrar-se se Arnar Pétursson, irmão de Karl, deixaria o país naquele dia ou no seguinte. Era um indivíduo estranho, mas facultara muito mais informação acerca do irmão do que os analistas das gravações, o que não era de estranhar: ele conhecia-o de toda a vida. Mas Arnar fora incapaz de explicar como é que, desde que se mudara para o estrangeiro, o seu irmão podia ter passado de um rapaz comum, com muito poucos amigos e uma obsessão por radioamadorismo, a um assassino sem escrúpulos.

A teoria de Arnar era de que Karl sofrera um esgotamento nervoso quando a mãe adotiva se recusara a dizer aos irmãos quem eram os seus pais biológicos. A princípio, Huldar tentou disfarçar um sorriso perante este ideia estranha, mas, à medida que o homem ia falando, começou a achá-la plausível. A avaliar pela sede do próprio Arnar por informação sobre a sua família biológica, era bem possível que a desilusão do irmão o tivesse feito perder a cabeça.

Na verdade, Huldar ficara surpreso com a obsessão de Arnar por descobrir a identidade dos pais. A mãe adotiva quisera esconder de Karl que a mãe biológica tinha uma predisposição genética para sofrer AVC. Ela tivera-o muito nova,

depois de um encontro casual com um cantoneiro, e adoecera logo após dar à luz. Quando Karl tinha dois anos, ela já não tinha saúde para tomar conta dele. As autoridades contactaram o pai, mas este não se sentiu capaz de criar uma criança pequena, pelo que Karl fora entregue para adoção.

A mãe de Karl estava agora morta, provavelmente após inúmeros AVC. Pouco depois, o pai morrera num acidente de trabalho. Uma vez que nenhum dos dois estava vivo para contar a história, fora necessário um esforço enorme para juntar as peças do quebra-cabeças. A princípio, a Polícia tinha apenas o nome dos pais de Karl, que o seu advogado entregara por iniciativa própria. O homem ficara tão chocado quanto Huldar e Ríkhardur com o colapso de Karl na sala de interrogatórios, e parecia desejoso de se afastar o caso. Entregou as notas do interrogatório, bem como as que tirara enquanto ele e Karl haviam estado sozinhos. Huldar dera uma vista de olhos e chegara à conclusão de que pouco se aproveitava delas, até porque algumas partes estavam ilegíveis, principalmente os comentários que o advogado escrevera no fim.

O nome da mãe levara-os até ao irmão dela, que estava vivo e de boa saúde. Acabou por concordar em contar a história como a sabia. A sua relutância inicial devera-se a um sentimento de culpa por não ter acolhido o rapazinho. Confessou a Huldar que, na altura, já estava farto de ver morrer os seus entes queridos. Contudo, agora que era mais velho, chegara à conclusão de que todos morreremos um dia, independentemente da nossa herança genética.

Ficaram a saber por ele que, naquela altura, era impossível confirmar se Karl herdara ou não o gene e, consequentemente, poucos estavam dispostos a adotar uma criança que tinha cinquenta por cento de hipóteses de morrer antes de completar trinta anos. Mas, segundo o tio de Karl, uma senhora que trabalhava no sistema oferecera-se para adotar o rapaz, desde que as suas origens fossem mantidas em segredo. Não quisera que ele crescesse sabendo que tinha uma espada de Dâmocles suspensa sobre a cabeça. Huldar compreendeu a atitude: não se sabia se Karl possuía o gene, mas mesmo que assim fosse, não era inevitável que sofresse um AVC. Verificou-se que a documentação relativa ao nascimento de Karl havia sido destruída. Dizia-se que não era uma prática

invulgar, naquele tempo, principalmente se os pais adotivos fossem assistentes sociais ou bem relacionados. Contudo, hoje em dia, o direito de uma criança de conhecer as suas origens é reconhecido por lei.

Se a história do irmão de Karl fosse tão complicada como a de Karl, seria até preferível ele não a saber. Mas Arnar não parava de fazer perguntas, desesperado por descobrir onde Karl desencantara o nome da mãe biológica. Fora à esquadra mais do que uma vez, na esperança de que tivessem sido encontrados alguns documentos nas buscas à casa. Infelizmente, não conseguiram ajudá-lo. Ele dizia sempre o mesmo, quando se ia embora: «Liguem-me se encontrarem alguma coisa, seja o que for.»

Ao ver Ríkhardur passar pelo seu gabinete, Huldar chamou-o. Depois da conversa telefónica com Karlotta, conseguira afastar o sentimento de culpa. Bom, talvez não totalmente, porque de vez em quando se lembrava da história, mas o suficiente para agir naturalmente na presença de Ríkhardur. Só por isso ficaria eternamente grato a Karlotta.

Ríkhardur também parecia estar a recuperar. Tirara a aliança e, com o tempo, o círculo branco à volta do dedo iria desaparecer ou seria tapado por um novo anel. Talvez uma nova namorada não fosse perfeita ou feita à medida, como era Karlotta, mas isso até poderia ser bom.

Por vezes, quando os dois membros de um casal são demasiado parecidos, os relacionamentos não resultam.

Erla destruíra as suas chances com ele ao excluí-los a ambos quando caíram em desgraça… se é que alguma vez estivera interessada. E um tipo teimoso como Ríkhardur nunca perdoaria uma coisa dessas, o que tornava imperativo que a traição de Karlotta com Huldar nunca viesse a saber-se.

Huldar ponderou se deveria sugerir que fossem dar uma volta pela cidade no fim de semana, mas, pensando melhor, não era boa ideia. Ao lado de Ríkhardur, era pouco provável que alguma mulher olhasse para ele. Talvez devesse antes tentar convidar Freyja. Até então, ela recusara todos os convites, a princípio com grandes gargalhadas e, finalmente, com um pouco de pena dele. Agora podia telefonar-lhe e convidá-la sob o pretexto de celebrar o encerramento do caso.

Talvez resultasse.

Ríkhardur parou à porta, receoso de que Huldar lhe impingisse uma tarefa enfadonha. Havia uma série de questões pendentes por resolver.

— Lembras-te se o irmão do Karl viaja para os Estados Unidos hoje ou amanhã?

— Amanhã. — Como sempre, Ríkhardur sabia todos os pormenores na ponta da língua. — Tencionavas voltar a chamá-lo para ser interrogado?

— Não.

— É a tua última oportunidade. Duvido que nos financiem uma viagem à América se nos esquecermos de alguma coisa.

— Não. Se alguma coisa surgir, deveremos conseguir resolvê-la por telefone.

Huldar fitou a fotografia de Reynisdrangar e questionou-se se deveria pedir ajuda a Ríkhardur para escolher um sítio onde a pendurar. Depois decidiu que o quadro teria de ir para onde fosse mais fácil espetar um prego na parede; nem muito em cima, nem muito em baixo.

— Já agora, apareceu alguma coisa que o ajude a localizar os pais?

— Não. Estou a analisar os registos que os informáticos nos facultaram sobre a atividade do computador do Karl nas últimas semanas. Mas ainda não encontrei quaisquer pistas. Ainda não acabei, mas duvido que encontre alguma coisa. Talvez o Karl não soubesse nada sobre os pais do Arnar.

— Bom, não percas muito tempo com isso. Duvido que o gajo ganhe alguma coisa com essa informação, se por acaso aparecer.

— Não, talvez não. — Ríkhardur não parecia muito convencido. — Embora se compreenda a ansiedade em descobrir. Pode ser a sua última oportunidade. Está visto que os documentos oficiais sobre o seu passado foram destruídos, pelo que ele não irá conseguir encontrar essas informações pelos meios convencionais.

— Mais uma razão para deixar tudo como está. Não destruíram os documentos só para agradar à mãe. Ela não tinha assim tanto poder. Devia haver alguma história que os envolvidos acharam que seria melhor esquecer.

— Será que ele também herdou o gene do AVC?

— Duvido… Pelo que percebi, eles não são irmãos de sangue, pelo que seria uma coincidência extraordinária se ele também o tivesse. Não, deve ser outra coisa qualquer. Talvez uma doença, ou algo relacionado com os pais.

— Não quererias saber, se fosses tu? Eu, sim. — Ríkhardur alisou a camisa. — Por mais triste que fosse.

— Felizmente, isso não é algo com que tenha de me preocupar.

Huldar percebeu o que estava por detrás desta conversa: Ríkhardur queria permissão para continuar as buscas. Revia-se em Arnar; extremamente educado e sobre-humanamente calmo independentemente da situação… sem lágrimas, nem emoções complicadas. Noutras circunstâncias, poderiam ter sido grandes amigos, se é que homens como eles fossem capazes de tal coisa. Se Ríkhardur e Arnar entrassem juntos numa discoteca, seria certamente mais difícil para as mulheres escolherem entre os dois do que se Huldar também estivesse presente.

— Por mim, podes procurar pistas por quanto tempo quiseres. Acaba de analisar os ficheiros de computador e, depois, dá uma vista de olhos aos poucos documentos que encontrámos lá em casa. O Karl deitou fora quase todos os pedacinhos de papel, por isso não deve exigir muito tempo. Eu próprio já os folheei, mas não encontrei nada de jeito.

— Vou fazer isso.

Ríkhardur pareceu satisfeito, como Huldar imaginara que ficaria. Antes de se retirar, olhou para o quadro que estava no chão e perguntou-lhe se não tencionava pendurá-lo.

— Sim, provavelmente agora já é seguro.

É evidente que Ríkhardur não entendeu a resposta e afastou-se com um ar pensativo.

Huldar levantou-se para ir buscar um martelo e um prego. A investigação centrava-se agora em questões de menor importância que, certamente, nada poderia correr mal. Era pouco provável que fosse expulso do seu gabinete nos próximos tempos.

Contudo, quando chegou a altura, Huldar hesitou em martelar aquele prego na parede. Não estava completamente satisfeito e decidiu que, primeiro, iria

tratar de algumas pontas soltas. A humilhação de ter de tirar o quadro da parede e carregá-lo de volta para o seu antigo posto de trabalho, era um risco demasiado grande. Contava livrar-se do caso até ao final do dia e a fotografia podia sobreviver no chão até lá. Não costumava receber muitas visitas; parte da equipa já havia sido destacada para outros casos e Erla andava a evitá-lo, talvez envergonhada pela forma como o atraiçoara. Ele tencionava falar com ela para lhe assegurar que tudo isso não importava e que até compreendia. Bom, mais ou menos. Mas isso poderia esperar, assim como o quadro. O prego na parede e a reconciliação com Erla marcariam o fim do seu primeiro caso importante.

Huldar puxou das notas do advogado e começou a lê-las pela segunda vez. Depois disso, seriam enviadas para os arquivos, digitalizadas e armazenadas em formato digital, como parte do processo e, provavelmente, ninguém voltaria a olhar para elas. Não haveria necessidade. O interrogatório estava gravado e as notas não continham nada de novo. A única parte que poderia ser útil era a das anotações que o advogado fizera enquanto o suspeito tentava encontrar qualquer prova que abonasse a seu favor.

Huldar encontrou uma palavra que não conseguia decifrar. Parecia começar com um H ou um B e terminar com um Y. No meio estavam, aparentemente, um L, um U, um A ou um O e, possivelmente, um N. A esta palavra seguiam-se vários pontos de interrogação. Ao invés de afastar o bloco, Huldar decidiu ligar ao advogado. Se alguma vez a investigação fosse revista, ele não passaria por idiota e poderia afirmar que passara tudo a pente fino.

O advogado ficou desapontado quando se apercebeu de quem estava a ligar-lhe. Provavelmente tinha esperança de que fosse alguém à procura dos seus serviços. A menos que tivesse retirado o seu nome da lista dos advogados oficiosos, como havia ameaçado após o escândalo do interrogatório de Karl. O nome dele fora frequentemente mencionado pelos media, associado à história da quase morte de um suspeito em prisão preventiva. Houve até quem questionasse a sua conduta. A manchete de um jornal dissera: «Queda meteórica de um advogado em desgraça.» Isso foi esquecido depois de os media enveredarem por outro caminho e, posteriormente, talvez contribuísse para que ele, por uma vez

na vida, fosse descrito como um «advogado de topo».

— «Assalto». Provavelmente diz «assalto».

O advogado disse a Huldar que não era necessário digitalizar a página em questão e enviar por email; estava gravado na sua memória, infelizmente.

— Que assalto?

— O Karl disse que foram assaltados pouco antes de a mãe morrer. Ele pensou que o ladrão talvez tivesse levado o ferro de soldar. A história não me pareceu muito plausível, mas pensei que não faria mal nenhum investigar.

— Compreendo.

Huldar afastou o martelo e o prego. Porque não se falara disto após a detenção de Karl? Ele vivera toda a vida na mesma morada, pelo que o incidente deveria ter surgido de imediato na base de dados da Polícia. Talvez ninguém tivesse pesquisado a morada. Tinham outras coisas com que se preocupar. A culpa de Karl não era questionada e a equipa estava concentrada em tentar descobrir o móbil dos homicídios e em encontrar provas que ligassem Karl à compra de um capacete e de fita adesiva, em vão. Ninguém se deu ao trabalho de tentar perceber se Karl poderia estar inocente; as provas em contrário eram muito flagrantes. Demasiado flagrantes. A que propósito é que ele estava a pensar nisto agora? E o que é que interessava o assalto à casa de Karl? Como poderia isso estar relacionado com os crimes? A resposta era simples: não havia ligação. Ele só não conseguia aceitar que o caso estava resolvido. Isto preenchera-lhe os pensamentos durante tanto tempo que não conseguia desligar.

Devia ser essa a explicação.

De repente, o telefone tocou. Olhou para o ecrã, tentando imaginar o que a Children’s House quereria dele. Talvez estivessem a preparar uma fatura para ele aprovar. «Tem uma grande conta à espera no sistema.» Mas era muito pouco provável que fosse essa a razão; não existiam acordos desse tipo entre duas instituições do Estado, assim como ele também não apresentaria contas aos familiares das vítimas pelo custo da investigação. Animou-se quando ouviu quem estava do outro lado. Talvez Freyja tivesse pensado o mesmo que ele e quisesse celebrar o encerramento do caso. Mas o tom de voz dela sugeria outra

coisa.

— Espero não estar a ligar-te em má altura.

— Não, de todo. — Huldar arrependeu-se de ter respondido tão depressa, não fosse ela imaginar que ele estava relaxado no seu gabinete, com os pés em cima da secretária. — Estou só aqui a rever pormenores da investigação. Espero poder dá-la por concluída até ao fim do dia.

— Foi por isso que liguei. Tens alguma coisa em mente relacionada com o fim da investigação?

— Que engraçado… Grandes mentes pensam da mesma forma.

Huldar esboçou um largo sorriso. As suas repetidas tentativas pareciam estar a dar frutos: ela queria celebrar e ele não se importava que fosse apenas por compaixão. Já era qualquer coisa.

— O que é que queres dizer com isso? — Ela parecia surpreendida.

Huldar fechou os olhos. Porra.

— Desculpa, interpretei mal. Continua.

— Precisas de um relatório nosso?

Huldar abriu os olhos e abanou a cabeça, irritado consigo próprio.

— Sim, seria ótimo. Vais resumir as entrevistas e o que daí surgiu?

— Sim, temos um formulário padrão. Se não te importares, gostaria de acrescentar uma parte acerca do bem-estar da Margrét. Pode ter um impacto nas nossas colaborações futuras se a Polícia perceber, sem sombra de dúvidas, como os nossos serviços são importantes para as crianças envolvidas neste tipo de situações.

— Claro que sim.

Ele não quis desiludi-la ressalvando que seria o único a ler o relatório. Conhecia bem os colegas. Ele próprio só iria lê-lo porque era obrigado a fazê-lo, enquanto responsável pela investigação.

— E como já conheço bem a Margrét, ficou decidido que devo avaliar a sua necessidade de mais terapia. Ela já veio ver-me várias vezes.

— E? — Huldar não tinha a certeza do rumo que a conversa iria tomar, mas, certamente, não seria um convite para beber um copo.

— Há uma questão que eu queria rever contigo. Não sei se deva ou não incluí-la no relatório. Sabes, é que pode ser embaraçoso para ti.

— Para mim? — A curiosidade de Huldar subiu a pique. A imagem deles os dois sentados, sozinhos num bar pacato, evaporou-se.

— Sim. Um pouco. Pelo menos, acho que sim. — Ela fez uma pausa e continuou: — A Margrét está convencida de que tu és o assassino.

— Eu? — Huldar soltou uma gargalhada. — Que raio lhe deu essa ideia? Então, e a fotografia? Ela não confirmou que era o Karl?

— Mudou de opinião. Agora diz que estava confusa. O homem tinha semelhanças com o que ela havia visto e, de qualquer forma, nem o viu muito bem.

— Ela pensa que sou parecido com o homem do jardim?

— Não falou disso. Eu ia fazer uma nova tentativa para que ela explicasse e pensei se não quererias vir até aqui e observar. Ela tem consulta marcada comigo mais logo e podemos falar na sala de entrevistas, se quiseres. Mas tens de chegar primeiro porque ela não pode mesmo ver-te.

— Aí estarei.

— Fica marcado para as três. Daqui a duas horas. Espero poder deixar as coisas mais claras ou meter juízo naquela cabeça. A Margrét não pode voltar para o mundo a acreditar que não só o assassino da sua mãe anda à solta, mas que, para piorar, é polícia.

— Estarei aí às duas e meia.

Huldar desligou. Estava mais que visto que o quadro não seria pendurado naquele dia.

Entretanto, iria trabalhar no relatório dos artigos desaparecidos da esquadra.

Revelou-se bem mais interessante do que ele esperava.

Assim como os detalhes do relatório sobre o assalto à casa da mãe de Karl.

Para não falar no relatório sobre os downloads ilegais de Halli, ao qual Huldar apenas dera uma vista de olhos, mas que lia agora com atenção.

# 34.

HULDAR PERCEBEU ENTÃO O SIGNIFICADO da expressão «ver tudo vermelho». Era como se os olhos sangrassem; via tudo através de uma neblina rosada. Os pensamentos fervilhavam-lhe na cabeça.

Mas teria de engolir a raiva e forçar-se a ficar sossegado a observar Freyja. Ela falava com Margrét há já algum tempo sobre o que ela estava a sentir, sem nunca referir o homicídio. Apesar de ele ter a noção de que as perguntas teriam de seguir um certo padrão, gradualmente aumentadas em gravidade, a impaciência estava a dar cabo dele. Por debaixo da mesa abanava o pé, aumentando o ritmo a cada vez que surgia uma pergunta irrelevante.

O pai de Margrét estava sentado do outro lado da mesa. Desta vez, fora Sigvaldi a acompanhar a filha à Children's House. Segundo Freyja, a rapariga já se habituara a tê-lo novamente por perto.

Huldar não conseguia perceber como não previra aquilo. Que pensara ele? Que Margrét viria sozinha de autocarro?

Da última vez que se haviam cruzado, Sigvaldi estava desolado, zangado e desgostoso, tentando aceitar a morte da esposa. Agora estava sobretudo confuso por ter de partilhar a sala com Huldar, e certamente arrependido por não ter aceitado a sugestão de Freyja de ficar na sala de espera. Podia estar lá sentado a beber café e a ler o jornal. Ao invés disso estava ali, naquele ambiente desconfortável, tentando afastar-se de Huldar que balançava a cadeira para trás e para a frente, um centímetro mais de cada vez, depois do desastre que fora tentar meter conversa. A única coisa que recebeu de volta fora um murmúrio zangado

de Huldar.

Se Huldar não se concentrasse, correria o risco de perder o fio à meada da conversa do outro lado do vidro. Era demasiado fácil distrair-se com a sua raiva contra tudo e todos, mas, principalmente, contra si próprio por ter deixado passar tanta coisa e ter feito figura de parvo. Teria de manter a cabeça fria, se quisesse levar em frente o plano e encurralar a pessoa que ele achava agora ser culpada.

Enquanto Margrét respondia à pergunta de como corriam as coisas na escola, os pensamentos de Huldar viraram-se involuntariamente para as descobertas que fizera nas últimas duas horas. A única coisa que faltava para completar o quadro era o testemunho de Margrét. Tudo o resto encaixava na sua nova teoria… e nenhuma prova a apontar para a culpa de Karl resistiria ao escrutínio.

Um telefonema para a Companhia dos Correios e Telecomunicações confirmara a existência das transmissões que Karl referira. Um funcionário com quem Huldar falara estava disposto a ajudá-lo a chegar ao fundo da questão, pois eles próprios tinham tentado descobrir a origem das emissões depois de receberem uma queixa do aeroporto de Reiquejavique. A frequência era muito próxima da utilizada nas comunicações com os aviões, o que causava interferências no canal. Não tinham tido sucesso a rastrear a origem, porque as transmissões eram demasiado curtas e irregulares. A pessoa responsável tivera não só o bom senso de ficar indisponível entre transmissões, mas também de desligar o transmissor. Demorara algum tempo até que a queixa chegasse às autoridades e, pouco depois, o problema desaparecera com o cessar das transmissões. De qualquer forma, o homem continuou bastante curioso em saber de onde viriam, uma vez que era extremamente invulgar, aliás, sem precedentes, encontrar uma emissora de números islandesa. Tudo indicava que, para além de Karl e do seu amigo Börkur, mais ninguém teria dado conta do fenómeno.

O telefone de Huldar tocou e o pé parou de balançar. Atendeu a chamada de Ríkhardur, afastando-se da mesa de reuniões.

— Não posso falar agora. Estou na Children’s House… Surgiu uma coisa. Posso ligar-te mais tarde? — As suas palavras eram sucintas, e a necessidade de sussurrar não ajudava. Não se atrevia a sair da sala, não fosse Freyja encaminhar

a conversa para o homicídio.

— Claro. Apareceu um caso novo?

Ríkhardur parecia ansioso. Não havia mais nada para aguardar; não tinham expectativa de outra grande investigação tão cedo.

— Não. Depois ponho-te a par. — Huldar ouviu Freyja perguntar a Margrét se lhe apetecia falar sobre o que acontecera à sua mãe. — Tenho de desligar. Depois ligo.

— Queres que vá ter contigo? Quem é que está aí?

— A Erla não está, se é isso que te preocupa. — Huldar falou depressa. — Estou quase despachado. Volto para a esquadra dentro de pouco tempo. Espera por mim, se puderes.

Terminou a chamada sem dar a Ríkhardur qualquer hipótese de responder. Margrét dissera que sim. Huldar nem se deu ao trabalho de voltar a sentar-se, encostando-se à mesa. Fingindo que nem o via, Sigvaldi mudou-se quase impercetivelmente para mais perto do vidro.

— Tenho quase a certeza de que não foi aquele homem. O homem que está no hospital. — Margrét brincava com uma pulseira elástica que tinha no pulso. — Existem prisões-hospitais?

— Não. Não na Islândia. Noutros países existem grandes prisões com alas hospitalares para prisioneiros doentes. Mas não acredito que existam mesmo prisões-hospitais.

— Então, ainda bem que ele não é o homem mau. O papá disse que ele terá de ficar no hospital para sempre. Toda a vida. Não poderá ir para a cadeia. Eu quero que o homem que fez mal à mamã vá para a cadeia.

— Sim, é o que todos queremos.

— O homem mau não quer.

— Não, para além dele. — Freyja passou a mão pelo cabelo. Usava-o solto tal como na última entrevista, os caracóis louros caídos sobre os ombros. — Já que tens a certeza de que não foi o homem que está doente, quem é que achas que fez mal à tua mãe?

— O homem de sapatos.

— O homem de sapatos? — Freyja bateu levemente no microfone escondido no peito, avisando Huldar de que estavam a chegar a algum sítio. Talvez ela receasse que ele tivesse adormecido. — Consegues descrevê-lo um pouco melhor? Afinal, quase toda a gente usa sapatos.

— Ele esteve no teu apartamento. Disse que estivera no jardim. Mas ele também esteve em minha casa. Vi-o de debaixo da cama. Vi os sapatos dele. Lembro-me de como eram.

— Lembras-te de quem te tirou de debaixo da cama, Margrét? De manhã? Era ele.

— Sim. — A rapariga não parecia muito segura de si.

— Isso foi muito tempo depois do homem que fez mal à tua mãe se ter ido embora.

— Sim. — Margrét parecia ter perdido o interesse na conversa. Tirou a pulseira e começou a esticá-la entre os dedos. — Mas foi ele que fez mal à minha mãe. Os sapatos eram os mesmos. Eu sei. Eu vi-os. — Fez uma pausa e depois repetiu: — Eu vi-os.

Huldar inclinou-se para o microfone.

— Importas-te de perguntar exatamente o que é que o homem disse sobre o pai dela? É crucial. — Ignorou o olhar apavorado de Sigvaldi.

— Margrét, o que foi que o homem contou sobre o teu papá, quando disse que a culpa era dele?

A princípio pareceu que Margrét não iria responder. Depois endireitou-se na cadeira, curvou-se para Freyja e começou a sussurrar. Como estava mesmo ao lado do microfone oculto, as suas palavras ouviam-se mais claramente do que antes.

— Não contes a ninguém.

— Não posso prometer-te isso, Margrét.

Huldar grunhiu. Freyja não podia mentir?

— Não quero que ninguém saiba.

— Por vezes, as pessoas têm de saber as coisas. Ainda que essas coisas sejam más ou desagradáveis. Às vezes, não são tão más quanto nós pensamos.

— Isto é muito mau. O papá fez uma coisa muito má. Mas acho que não foi de propósito.

— Tenho a certeza de que não. E o que o homem disse pode não ser verdade. Talvez tenha inventado. Se não contares a ninguém, nunca saberás se é ou não verdade.

Margrét pensou mais um pouco. Depois sussurrou para Freyja, felizmente alto o suficiente para o microfone captar cada palavra.

— O homem mau disse que o papá tinha matado o bebé dele. Que a culpa era do papá por ele ir fazer mal à mamã. Que iria sugar a vida dela, como o papá tinha sugado a vida do bebé dele. — Margrét voltou a sentar-se, com o rosto desfigurado de tristeza e revolta. — Eu acho que foi por engano. Não achas?

Sigvaldi emitiu um gorgolejo resfolegante que nunca mais acabava.

Huldar apoiou os punhos na mesa e baixou a cabeça por instantes, de olhos bem fechados, dentes cerrados. Fazia sentido. Depois, levantou a cabeça tão depressa que sentiu uma tontura. Com os dedos trémulos, pescou um pacote de pastilhas de nicotina do bolso das calças e enfiou logo duas na boca.

No relatório de artigos desaparecidos da esquadra de Polícia, Huldar reconheceu uma série de artigos que lhe eram familiares. Incluíam um capacete de moto preto, um telemóvel, um cortador de vidro e um conjunto de ventosas. Oito rolos de fita adesiva tinham desaparecido de uma caixa cheia. O telefone e a fita faziam parte do inventário de bens roubados, recuperados durante uma busca a uma casa. O telefone tinha um cartão SIM pré-pago, que não fora rastreado. Era um modelo barato e, uma vez que ninguém participara o seu roubo, não foram feitas quaisquer tentativas de encontrar o dono. Ninguém participara o roubo da fita; a loja de onde viera não se deu ao trabalho de notificar a Polícia, após ter percebido que os dispositivos USB afinal não tinham desaparecido, talvez com receio de receber uma menor indemnização do seguro. O cortador de vidro e o conjunto de ventosas tinham sido confiscados a um assaltante apanhado em flagrante. O capacete estava relacionado com um antigo caso de drogas e nunca fora reclamado, uma vez que o dono ainda estava atrás de grades.

Quando Huldar pesquisou no sistema o assalto à casa da mãe de Karl, não foi o incidente em si que lhe chamou a atenção. Haviam sido roubados alguns bens menores e a dona da casa foi descrita como estando perturbada, mas também como tendo um comportamento estranho; o polícia que investigou o assalto disse que ela parecia muito interessada nele.

A base de dados da Polícia também continha informação sobre a investigação aos downloads ilegais, nos quais Halli estivera envolvido. Mais uma vez, não foi o crime em si que chamou a atenção de Huldar, mas a identidade do agente que tivera o papel mais ativo na rusga policial. O mesmo agente que investigara o assalto à casa da mãe de Karl: Ríkhardur.

A princípio, Huldar ficara confuso. Não era típico do seu colega omitir que já lidara com dois dos intervenientes num caso de homicídio. Isso ia contra todo o treino que haviam tido, pelo que só poderia ser um erro.

Sem parar para pensar, Huldar ligara a Karlotta. Ela não pareceu muito satisfeita por ouvi-lo, mas percebeu que o assunto era sério, parando de perguntar o que se passava e começando a responder às questões que ele colocava.

Ele perguntou-lhe se Ríkhardur conhecia ou tinha alguma ligação a Ástrós, Elísa ou Sigvaldi. Soube que ele não conhecia nenhum deles. Mas Karlotta, sim.

Ástrós fora sua professora de Biologia no liceu.

Sigvaldi fora o seu ginecologista.

Quando Huldar a pressionou sobre se Sigvaldi teria cometido algum erro ou se a teria magoado, impossibilitando-a de ter mais filhos, ela interrompeu-o, querendo saber qual a importância das perguntas: estavam a tornar-se cada vez mais pessoais. Depois, após um breve silêncio, confessou que Sigvaldi fora o médico que a examinara e lhe fizera um aborto, a pedido dela, sem sequer exigir saber os motivos. A última gravidez não terminara em desmancho, como ela e Ríkhardur haviam dito.

Karlotta não queria a criança e abortara. Ríkhardur só descobrira quando já era tarde de mais.

Chocado com o que acabara de ouvir, Huldar nem conseguira falar. Ela

acabara por lhe contar o motivo, sem ele ter de perguntar qual fora. O que ela contara era de tal forma surreal que ele começara a pensar se estaria a imaginar aquela conversa. Mas Karlotta continuara e falara-lhe da carta que dera origem a tudo aquilo, e de como Ástrós e a mãe de Karl estavam envolvidas.

— Sigvaldi… — murmurou Huldar, com a boca cheia de pastilha. — Despeça-se de Freyja por mim e agradeça-lhe pelo que fez, mas diga que tive de me ir embora.

O homem não conseguiu esconder o alívio por se livrar da presença de Huldar.

— Ok, combinado.

Huldar ficou no exterior, sentado dentro do carro durante muito tempo, inclinado sobre o volante a tentar organizar as ideias. Só quando ouviu a porta da frente fechar-se é que se endireitou, ligou o carro e arrancou. Não queria ser visto por Sigvaldi e Margrét quando passassem por ali. O homem iria ficar baralhado e a pensar porque é que ele ainda não se tinha ido embora. Através do espelho retrovisor, conseguiu vê-los a afastarem-se da casa, lado a lado. Não estavam de mãos dadas.

Ainda não tinha ido muito longe quando o telefone tocou. Era Freyja.

— Tenho uma coisa para te contar. Já te tinhas ido embora quando eu e a Margrét terminámos, mas ia aproveitar a oportunidade para te confessar uma coisa que pode ser importante.

— Se está relacionado com o relatório ou com o que a Margrét disse, não é necessário. Tudo indica que estávamos a bater à porta errada, pelo que o caso vai ser reaberto.

— Não. Não tem nada a ver com o relatório nem com a Margrét.

Ele ficou espantado.

— Ok.

Foi tudo o que conseguiu articular. Chegara à conclusão de que ainda não conseguiria enfrentar Ríkhardur, muito menos o seu chefe Egill ou os outros a quem teria de dar as más notícias. Não fazia a mínima ideia de a quem contar

primeiro, nem de como deveria agir.

— Eu volto para aí.

— Prometo que não te tomo muito tempo. Gostaria que tivéssemos oportunidade de pôr tudo em pratos limpos e preferia não ter de ir à esquadra.

Huldar pensou. Isto dar-lhe-ia algum tempo. E talvez ela, com a sua formação em Psicologia, pudesse aconselhá-lo sobre a melhor forma de admitir os seus erros e a sua incompetência sem passar por um completo idiota. Não havia necessidade de lhe contar a história toda; poderia colocar a questão de forma hipotética.

— Estou aí em dois minutos.

Para evitar despertar suspeitas a Ríkhardur, Huldar enviou uma mensagem a dizer que ficara retido por mais tempo do que esperara. O seu em tempos amigo respondeu quase de imediato, perguntando se havia novidades. Huldar forçou-se a responder, embora curto e grosso, dizendo que não havia novidades e que voltaria em breve. A luz do ecrã apagou-se e não voltou a acender-se. Aparentemente Ríkhardur ficara satisfeito. Por enquanto.

# 35.

— JÁ FORAM TODOS PARA CASA. Liguei o alarme lá em cima, temos de ficar cá em baixo… Não vou demorar muito.

Freyja encaminhou Huldar para o consultório médico. Por um momento, ela ponderou se estaria a agir corretamente; o homem parecia doente, estava tão pálido, silencioso e distraído. Só esperava que qualquer germe que ele pudesse ter levado para ali morresse durante a noite, mas talvez fosse sensato limpar tudo em que ele tocasse antes de sair.

As únicas cadeiras eram desconfortáveis e de diferentes alturas; uma cadeira de escritório, um banco ajustável com rodas que o médico usava para examinar as crianças. Freyja guiou Huldar até à cadeira de escritório, enquanto ela ficava mais alta que ele sentada no banco, o que parecia um pouco estranho, mas pelo menos não o obrigava a olhar para a mesa. Era uma peça de equipamento sinistra, uma mesa de exames ginecológicos concebida para crianças, que contrariava qualquer instinto. Ele já se sentia mal o suficiente sem que fosse necessário relembrá-lo dos crimes revoltantes a que algumas crianças eram sujeitas.

— O que é que querias contar-me?

Ele deve estar a chocar alguma coisa, pensou ela, talvez já tivesse febre. A voz soava rude e hostil. Freyja pensou que poderia ter sido um erro acreditar que poderia confiar nele. Poderia ela inventar outra história, talvez? Mas o que ele disse a seguir tranquilizou-a.

— Se pareço um pouco estranho é porque fiquei perturbado com uma coisa

que aconteceu. Por favor, não leves a mal.

Ela esboçou um sorriso.

— Não te preocupes. Pensei que estivesses com gripe.

Era um alívio saber que não seria necessário desinfetar tudo depois de ele se ir embora. Ela estava desejosa de ir para casa e Molly estava à espera. Freyja esperava que a cadela ainda não tivesse roído os saltos do par de sapatos novos que ela se esquecera de esconder.

— Tudo o que quero dizer é que sei quem estava no jardim… o homem que pensaste que me perseguia. Ele não está ligado ao caso dos assassínios.

— Era o teu ex? — Huldar parecia completamente desinteressado.

— Não. — Freyja abanou a cabeça. — Tenho um irmão que… pisou o risco, digamos assim. Contratou um homem para me vigiar porque pensou que eu podia estar em perigo. Devido a um mal-entendido, ele tinha medo que o meu ex quisesse ajustar contas comigo. E só para que fique claro, não fui eu quem lhe deu essa ideia. Ele pensou tudo isso sozinho.

Huldar expirou profundamente como um homem a morrer de stress.

— Eu sei quem é o teu irmão.

— O quê?

— Fiquei curioso. Não me pareceu que a tua morada se ajustasse à tua condição e verifiquei em que nome estava registado o apartamento. A nossa base de dados mostrou que partilhavam a mesma mãe, pelo que não foi difícil adivinhar. — Ele baixou o olhar para o chão e continuou: — Conheço a história dele. Reconheci o nome e procurei-o nos nossos registos. Até tive a honra de o prender, uma vez. Há anos.

— Estou a ver. — Freyja não teve coragem de perguntar o motivo.

— Claro, o nome do cão devia ter revelado tudo de qualquer maneira.

— Como assim?

— Quem é que chama Molly a uma cadela? Não a psicóloga de um instituto de crianças, de certeza.

— Há alguma coisa errada com o nome? O que é que queres dizer?

— Não sabes? É o nome de rua para MDMA, o ingrediente ativo do Ecstasy.

— Huldar acrescentou, já cansado: — Esquece.

— Oh… — Freyja corou. Porque é que nunca lhe ocorrera? Apressou-se a encaminhar a conversa de volta ao tema. — Bem, ao menos não tens de perder mais tempo a tentar perceber se o homem do jardim seria o assassino.

Ela desejava poder inclinar-se para trás no banco, a mala pesava-lhe no ombro, mas não se atrevia a colocá-la no chão com medo de que Huldar visse a arma. Ela pensara em perguntar-lhe se ele podia desfazer-se daquilo por ela, sem revelar de onde viera, mas obviamente fora uma má ideia. Ele iria relacionar a arma com o irmão dela, e ela não podia confiar nele.

— É tudo.

Huldar olhou fixamente para ela e Freyja forçou-se a não baixar o olhar ou demonstrar qualquer sinal de fraqueza. Às vezes era útil ter estudado o comportamento humano.

— Não estou a compreender muito bem. — Deu um estalido com a língua. — Não podias ter-me dito isso pelo telefone?

— Sim. Penso que sim. — Ela sorriu, constrangida. — Só queria falar contigo cara a cara. Quem me garante que o teu telefone não está sob escuta? Não tenho vontade de discutir o meu irmão com a Polícia, como podes compreender. Abri uma exceção no teu caso. Tendo em conta as circunstâncias.

Calou-se. Quando mentimos, o melhor é dizer o menos possível. Ele que pensasse que ela era uma pessoa extremamente cautelosa. Irritou-a perceber que não era completamente indiferente ao que ele pensava dela.

— Para tua informação, não gravamos todas as nossas chamadas.

— Obrigada, é bom saber. — Foi a única coisa que conseguiu dizer. Ouviu o som de um carro a entrar no estacionamento e embora não lhe agradasse a ideia de ter de ficar a trabalhar, a distração surgiu como um alívio.

— Estás à espera de alguém?

— Não. — Freyja fez deslizar o banco até perto da janela e espreitou por um fresta entre os estores. — Parece que é para ti.

— Para mim?

— Bem, é um carro da Polícia, e geralmente eles avisam-nos antes. Não

temos um serviço de urgência.

Huldar aproximara-se da janela, sem ela notar. Observaram um homem a sair do carro. Freyja, que nunca o vira, ficou surpreendida por ver uma figura como aquela a emergir de um veículo da Polícia. Estava tão elegante e bem vestido que mais parecia um banqueiro. Tirando o seu calçado regulamentar da Polícia… igual aos sapatos que Huldar usava. Antes de entrar na casa, parou para passar as mãos pela sua cabeça bem penteada

— Merda, merda, merda.

Afastando-se da janela, Huldar olhou freneticamente em redor. Ouviram a porta da frente abrir-se e fechar-se lentamente. Huldar sussurrou ao ouvido de Freyja:

— Esconde-te no armário. — Na encarnação anterior da casa, este fora um roupeiro, mas era agora usado para armazenar luvas descartáveis e outro equipamento médico. — Não faças perguntas. Esconde-te. Explico mais tarde. Vai correr tudo bem.

Freyja estava quase a dizer que não esperava outra coisa, mas, a avaliar pela expressão dele, o mais sensato era calar-se e obedecer. Enquanto procurava um espaço entre as pilhas de pequenas caixas de papelão branco, sentiu-se agradecida por não terem reabastecido recentemente os stocks. Ainda assim, o espaço era bem apertado dentro do armário; não conseguia mexer-se sem chocar contra alguma coisa e, se o fizesse, iria revelar o seu esconderijo. O maior medo era que a mala lhe escorregasse do ombro e derrubasse uma pilha de caixas. Fechou o armário enquanto Huldar abria a porta para a passagem. Através da madeira fina, ouviu-o chamar «Ríkhardur!» Fez um esforço para respirar calma e silenciosamente. Depois, concentrou-se no que Huldar e o estranho estavam a dizer.

— Pensei que pudesses precisar de ajuda. Parecias tão preocupado.

— Não era preciso. Estava prestes a voltar para a esquadra. Não recebeste a minha mensagem?

— Sim. — Ficaram os dois em silêncio por um pouco, depois Ríkhardur falou de novo: — Fiquei com a ideia de que houvera um novo desenvolvimento

depois de voltarem a interrogar a rapariga. Ouvi fazerem uma pergunta à miúda, enquanto nós falávamos ao telefone, e fiquei tão curioso que nem consegui esperar. Devias manter-me informado sempre que surja algo relevante.

— Tencionava fazê-lo. Porque não regressamos à esquadra e conversamos lá? Não podemos ficar aqui, estão à espera da chegada de um rapaz para ser entrevistado e examinado devido a uma suspeita de agressão.

— Então, porque é que não está ninguém aqui? Não vais ser tu a recebê-los, pois não?

— Não. A Freyja, a psicóloga responsável, está a caminho. Pediram-lhe que fosse buscar o médico e eu ofereci-me para esperar, no caso de eles aparecerem entretanto.

Freyja louvou Huldar pelo raciocínio rápido. Embora ela devesse ter-se lembrado… ele era um bom mentiroso.

— O médico não podia ter vindo de táxi?

— Não sei. O que é que se passa contigo? Mas que raio tens a ver com isso?

Huldar parecia zangado, mais zangado do que a situação justificava. Ríkhardur era claramente um pouco irritante, mas havia outra razão para a fúria de Huldar. Alguma coisa que justificava que ela tivesse de se esconder no armário.

Houve uma breve pausa antes de Ríkhardur responder. E quando o fez, a sua voz estava mais serena que antes, o tom queixoso desaparecera. A pele de Freyja arrepiou-se com este novo tom frio.

— Fui ao teu gabinete. Vi o relatório sobre os artigos que estavam em falta no armazém. Marcaste os que eram relevantes. Pensas que poderão estar relacionados com os homicídios? Pode ser uma coincidência, tanta coisa é confiscada durante as buscas às casas.

— Penso que existe uma relação, sim. E não acredito que o Karl seja o assassino.

Freyja franziu o sobrolho na escuridão. O que é que ele estava a dizer? Concentrou-se para não perder nada.

— Mas, como já te disse, este não é o local para discutirmos isto. Vamos lá,

vamos para a esquadra.

— Não tens de esperar pelo regresso da mulher responsável por isto? No caso de eles aparecerem com a criança?

— Eu deixo uma nota na porta.

— Podes dizer-me de uma vez o que é que se passa? Não vais demorar mais de um minuto. Não sei que diferença faz ser aqui ou no escritório.

— Estou cansado. Tenciono contar-te, mas não aqui. Não podes ter um pouco de paciência?

— Prefiro ouvir agora. Não tenciono voltar para a esquadra.

— A sério? Vais para casa num carro-patrulha? Não me parece que a esquadra fique fora do teu caminho.

Fez-se outra vez silêncio. Quando voltaram a falar, Freyja pensou que as suas vozes pareciam mais próximas, como se Ríkhardur tivesse entrado no consultório.

— Tu sabes alguma coisa, não sabes? A Karlotta ligou. Falou-me da vossa conversa.

Freyja questionou-se sobre quem seria Karlotta. Ela não a imaginava como uma mulher-polícia, mas antes de poder pensar melhor, Ríkhardur continuou:

— Não sou parvo, Huldar. Sei que já percebeste o que se passa. Mas eu tinha esperanças de que pudesses ser convencido a guardar tudo para ti próprio.

Huldar exclamou:

— Estás maluco?

— Não. Mas se parares para pensar, é do interesse de todos que isto não vá mais além. E escusado será dizer que eu ficaria agradecido. E iria poupar a Karlotta de ser vista pelo público como uma aberração. Tu manterias a tua promoção. O único perdedor seria o pobre Karl, mas ele também não tem nada a perder. Então, todos ganhamos.

— Esquece. Isto não é uma questão de ganhar ou perder. Tu cometeste um crime. O crime mais terrível que se possa imaginar. Três vezes. Achas que me preocupo assim tanto com uma merda de uma promoção ao ponto de te deixar impune?

Freyja engasgou-se e ficou petrificada. Teria sido ouvida? De que falavam eles? Karl não assassinara a mãe de Margrét, afinal? Estaria o verdadeiro assassino dentro daquela sala?

— Era o que esperava, sim. E se te serve de alguma coisa, não foi fácil. Mas eles mereciam.

— A Elísa? O que é que ela te fez?

— Bem, nada. Eu não estava atrás dela. Eu queria matar o Sigvaldi, como ele matou o meu bebé. Mas ele não estava em casa e pareceu-me apropriado. Não queria matar nenhuma das crianças, mesmo que isso lhe servisse de lição. Não sou um monstro, sabes? Aliás, tranquei as crianças nos quartos antes de sair, para que não encontrassem o corpo da mãe.

Freyja sentiu-se a sufocar. Concentrou-se em tentar respirar calmamente. Havia ar suficiente no armário. Mais que suficiente. Respiração lenta. Havia ar suficiente.

— Podias ter-te ido embora. Voltado quando ele regressasse a casa. A Elísa não te fez nada.

— Isso estava fora de questão. A oportunidade caiu-me no colo… um presente do céu, se acreditas nessas coisas. Eu estava no carro e, por acaso, vi a mulher a entrar numa bomba de gasolina. Segui-a e aproveitei a boa sorte. A chave da casa tornou tudo muito mais fácil. Estava fora de questão voltar noutra altura, quando o Sigvaldi estivesse em casa. Teriam mudado a fechadura entretanto e seriam mais cautelosos. Como ele não estava em casa, não tive outra escolha.

— Ele não matou o teu bebé, Ríkhardur. Ele realizou um aborto. A única atitude certa neste contexto. Porque é que achas que a Karlotta abortava todas as vezes? Era uma forma da natureza de lidar com um problema. E o que é que a Karlotta deveria fazer quando soubesse a verdade? Era a única maneira. Não foi o Sigvaldi que tomou a decisão: foi a Karlotta. Ela não teve alternativa. Não sei se tens noção do quão sério era.

— Sério? Claro que tenho noção. O que é que achas que senti quando descobri? Como é que pensas que a Karlotta se sentiu? — Ríkhardur riu-se sem

alegria. — É tão irónico… Se a casa do Karl não tivesse sido assaltada, nada disto teria acontecido. A Karlotta e eu estaríamos a preparar a chegada do nosso bebé e ninguém precisaria de ter morrido. Mas não. A mãe do Karl tinha de estragar tudo quando percebeu o que se passava. Ela notou a semelhança entre mim e o filho mais velho, e lembrou-se do meu nome. Ao princípio não se descaiu, só colocou uma série de questões pessoais e eu pensei que ela era uma velha excêntrica. Fui um grande idiota por lhe ter dito que estava prestes a ser pai e até mencionei o nome da minha mulher. Eu estava tão feliz e entusiasmado. Devia ter mordido a língua.

Freyja ouviu um forte suspiro, presumivelmente de Ríkhardur.

— Depois de eu sair, ela foi pesquisar e percebeu que estava certa. Que o filho Arnar, a Karlotta e eu éramos irmãos. Que a Karlotta era minha irmã.

— Tu sabes que é ainda pior que isso, Ríkhardur. Se bem que só esse facto teria sido mais do que suficiente para forçar a vossa separação.

Freyja ouvia isto, incrédula. Ríkhardur continuou como se Huldar não o tivesse interrompido:

— A mãe do Karl escreveu à Karlotta. Ela não me mostrou a carta até depois de estar tudo resolvido com o nosso bebé. A mulher contou-lhe toda a trágica história da minha mãe — a nossa mãe — e aconselhou-a a deixar-me e a abortar o nosso bebé. Nunca devíamos ter-nos encontrado; tínhamos sido enviados para lados opostos do país para que os nossos caminhos nunca se cruzassem. Mas não tiveram em conta o quanto eu a amava. Eu só tive de a ver uma vez na faculdade para saber que ela seria a minha futura mulher. Não faz nenhuma diferença que eu saiba que ela é minha irmã. A mínima diferença. — O riso de Ríkhardur era feio. — Esse assunto com os nossos pais pertence ao passado. A nossa mãe está morta e também o nosso pai. Embora eu não saiba bem como chamar a esse sacana monstruoso… Pai? Avô? O que era ele?

— As duas coisas. E tens razão, ele era um monstro, Ríkhardur. Ele violou a tua mãe, a sua própria filha. Repetidamente. É uma história horrível e não admira que ela acabasse por matá-lo. É uma tragédia que tenha sentido a necessidade de matar-se também. Quase de certeza que teria sido tratada com

indulgência e que lhe teria sido dada uma pena o mais leve possível. Isso é claro, pela maneira como o caso foi abafado. Nem houve fuga para a imprensa. Ela fê-lo para proteger os filhos… para impedir as pessoas de descobrirem o vosso passado.

— Ela ficou grávida. Aos dezanove. — Ríkhardur engasgou-se. — Mudou-se para Akranes, mas o homem com quem estava envolvida recusou-se a reconhecer a criança. Pelo menos é o que dizia na carta que a Karlotta recebeu. Não tinha condições de se manter sozinha, pelo que voltou para casa. Para casa do homem que devia tê-la ajudado a levantar-se de novo. A casa do pai. Mas, em vez disso, ele aproveitou-se da situação, do isolamento da quinta e dos poucos visitantes que tinham. Ele não teve remorsos em destruí-la e abusar dela. Ela deu-lhe dois filhos e estava grávida do terceiro quando o matou. Alvejou-o com a sua própria espingarda. Depois alvejou-se a si própria. O Arnar era o mais velho e testemunhou tudo… a criança que supostamente era filha do homem de Akranes. Embora ninguém saiba ao certo se ele era realmente o pai ou se Arnar seria também filho do avô.

— Ríkhardur, o destino trágico da tua mãe não está em causa. Tu e a Karlotta são parentes tão próximos que não há hipótese de viverem como marido e mulher, quanto mais terem uma família. Os vossos filhos teriam irmãos como pais e partilhariam os mesmos avós, assim como um avô que era igualmente o seu bisavô. O conselho que a Ástrós deu à Karlotta estava certo. As hipóteses da criança sofrer de defeitos congénitos seriam demasiado altas.

— Também havia a hipótese de o bebé ter saído bem. A Ástrós não calculou à Karlotta as probabilidade disso acontecer. Mas fê-lo a mim.

— Duvido que ela calculasse alguma coisa à Karlotta sabendo no que ela estava a meter-se. Tudo o que a Ástrós fez foi ajudar uma antiga aluna favorita que lhe pediu ajuda em desespero. Onde mais poderia a Karlotta ir? Não se atrevia a falar com um médico, eles iriam exigir saber de quem ela estava a falar. Nem ao Sigvaldi ela disse a verdade, somente que não queria um filho. Isso foi o suficiente. Mas a Ástrós era uma professora de Biologia aposentada que se sentiu lisonjeada por a Karlotta se lembrar dela. Tentou aconselhá-la, mas não

tinha ideia de quem estava envolvido.

— Ela deveria ter colocado a possibilidade de que tudo poderia correr bem.

— Isso seria óbvio se tu realmente parasses e usasses o teu cérebro.

Huldar calou-se e Freyja não se atreveu a mover-se no silêncio que se instalou. Susteve a respiração até ele voltar a falar de novo:

— E em relação ao pobre Halli, o amigo do Karl? E ao próprio Karl?

Ríkhardur suspirou.

— Cruzei-me com o Halli por pura sorte. Bem, não foi somente sorte, porque reconheci o nome do Karl no computador dele enquanto o analisávamos à procura de conteúdo pirateado. Então, entrei em contacto com ele e prometi pagar-lhe se ele me ajudasse a pregar uma partida ao amigo. Foi o que bastou. Ele sugeriu usar emissões de rádio de onda curta porque o Karl era obcecado por isso. Ele tinha todo o equipamento necessário e até inventou o código. Disse que tirou a ideia de um póster que estava pendurado sobre a secretária na cave do Karl. Tinha a certeza de que o amigo iria decifrá-lo, mas ele dar-lhe-ia um empurrão se não conseguisse. Nunca chegou a isso.

— E o Karl? O que é que ele te fez? Ou estavas só à procura de alguém para incriminar?

— Ele servia o meu propósito. E roubou-me o meu irmão. Não tinha o direito de crescer com ele. Mereceu isto.

— Ríkhardur, tens noção de que és completamente doido?

— Por acaso, discordo.

— Mataste três pessoas. Com os métodos mais inacreditavelmente horríveis.

— Poderia ter sido bem pior. Escolhi esses métodos precisamente porque não eram horríveis. Para mim, pelo menos. Tudo o que tive de fazer foi ligar os aparelhos e eles fizeram o resto. Até pude ir-me embora, não tive de os ver morrer. Não sou sádico, sabes? Não desejo ver pessoas a sofrer. Foi uma questão de justiça. As pessoas não podem simplesmente destruir a minha vida, destruir a vida do meu filho, sem enfrentarem as consequências. — Ríkhardur suspirou. — Não fazes ideia do esforço que isto exigiu. Até onde tive de chegar. O esforço que fiz para evitar encontrar-me com a rapariga. Os aspetos da investigação para

os quais me voluntariei para poder controlar o que se passava. Os telefonemas. Acreditaste mesmo que eu queria ligar para todos aqueles malucos? E as câmaras no multibanco? O meu carro era visível nas filmagens. Nem tive de as destruir. Tu confiavas em mim e mais ninguém suspeitava. E tudo o resto; foi uma pena não me teres dito logo onde a Freyja vivia. Magoei o cão errado. Mas depois resolvi isso. Deves estar a sentir-te muito mal por teres passado por parvo.

— Ríkhardur, podes, por favor, virar-te, pôr as mãos atrás das costas e deixar-me algemar-te? Continuamos a conversa na esquadra como sugeri. — A voz de Huldar era fria; era evidente que a provocação de Ríkhardur o afetara.

— Prefiro não, obrigado na mesma.

— Não vais escapar impune. Eu não sou a única pessoa que sabe. Mais tarde ou mais cedo, a Karlotta vai somar dois e dois. E a Margrét viu os teus sapatos de debaixo da cama. Sapatos da Polícia. Isto só pode ter um fim. O melhor é acabar por aqui.

— Não. Precisas de parar para pensar um pouco. Peço desculpa. Não deveria ter-te insultado. Eu posso ter-te feito de parvo, mas não me agradou, se isto te consola.

— Não tem importância. Eu mereço. Fodi a tua mulher. Na casa de banho de um bar. A pedido dela.

Os olhos de Freyja arregalaram-se. Sacana de merda. Ele fizera-o.

Ríkhardur deu um grito de arrepiar e seguiu-se um grande alarido. Freyja ouviu o som da mesa de observação a ser derrubada. Ouviam-se altos grunhidos e gritos ocasionais… Ela não conseguia distinguir quem fazia que barulhos. De repente, um silêncio súbito. Freyja não se atreveu a mover um músculo. Um longo e profundo gemido ecoou na sala, seguido de um choramingar.

Era Ríkhardur.

Os gemidos de Huldar soavam diferentes, como ela não conseguia esquecer. Ele estava silencioso, o que não era bom sinal. O mais provável é que tivesse sido derrubado.

Houve um abrir de gavetas e o coração dela começou a acelerar. Estaria o

homem à procura de uma arma para acabar com Huldar? Depois de tudo o que ouvira sobre os homicídios, não estava disposta a permitir que outro fosse cometido debaixo do seu nariz. Ao contrário de Margrét, ela era uma adulta. Não iria ficar sentada e não fazer nada. Além de que, se o homem matasse Huldar, seria perfeitamente capaz de ir diretamente a casa de Margrét.

Com o maior dos cuidados, enfiou a mão dentro da mala e conseguiu retirar o revólver sem fazer um som. Sabia que estava carregado, mas não se estava a funcionar. Mas Ríkhardur também não teria como saber disso.

Premindo o gatilho, Freyja abriu a porta do armário com um pontapé, segurando a arma na sua frente. Huldar estava deitado no chão, enrolado como uma bola. Para alívio dela, estava a respirar.

— Pouse a tesoura. — Ela não conseguia evitar que a sua voz tremesse.

O homem voltou-se, atónito. Depois, recompondo-se, sorriu ironicamente.

— Sou um agente da Polícia. Por favor, pouse a arma e coloque as mãos atrás da cabeça.

— Largue a tesoura. — Freyja conseguia ver a arma a tremer nas suas mãos. Recompôs-se, pondo para trás o cabelo com um movimento rápido da cabeça. — Largue a tesoura ou eu disparo.

— Oh, duvido muito. Pouse a arma, querida.

Ele deu um passo em direção a ela.

Freyja disparou. Ele não devia tê-la chamado «querida».

# Epílogo



ERA, DE FACTO, UM BONITO TOM de vermelho. Na enfermaria do hospital que agora Karl considerava o seu lar, tudo era branco ou amarelo pálido. Por vezes, este esquema de cores era quebrado pelo desinteressante verde institucional. E, embora a mudança lhe agradasse, o tom não lhe trazia nenhum prazer. Os hospitais tinham-se apropriado desta tonalidade de verde para seu próprio uso e ninguém parecia importar-se. Devia haver uma espécie de filosofia por detrás da escolha desta cor. Provavelmente significaria saúde e higiene… talvez também esperança, embora as cores tivessem sido criteriosamente selecionadas para não inspirar as pessoas a terem um otimismo injustificado.

Mas o fulgor deste vermelho era diferente. De tão brilhante era quase luminoso. Hipnotizante. Há muito tempo que ele não via algo tão bonito. Há quanto tempo, ele não fazia a mínima ideia. O tempo aqui não tinha nenhum significado, já não tinha consciência das horas, dos minutos ou dos segundos. Até o dia e a noite tinham cessado de fazer parte da sua existência que se dividia agora entre acordar, dormitar e dormir. Agora mesmo ele estava a dormitar.

Mas valia a pena acordar pelo vermelho.

Karl fora deitado sobre o lado paralisado para lhe proteger as costas das escaras. Tentou abrir mais os olhos. Não conseguia dizer se ambos estavam abertos porque não conseguia ver de um deles; perdera toda a sensibilidade desse lado. Por aquilo que sabia, o olho podia estar bem e era apenas a pálpebra paralisada que lhe impedia a visão.

Não tinha maneira de saber e não importava. Havia tanta coisa que não sabia e não podia abrir a boca para perguntar. As palavras saíam-lhe distorcidas ou recusavam-se pura e simplesmente a sair. Estava grato pelos graus de visão e audição que ainda tinha.

A pior parte era que não controlava o que ouvia e via.

Ainda não conseguia fazer-se entender como deve ser, mas as poucas pessoas que paravam ao pé da cama insistiam em falar. Os melhores momentos eram quando dois ou mais membros do pessoal hospitalar apareciam ao mesmo tempo e começavam a falar uns com os outros acerca dele ou acerca do trabalho ou ocasionalmente sobre a sua vida pessoal. Estas eram as partes mais interessantes.

O olho bom levava o seu tempo e Karl tinha de se contentar com a análise da atrativa cor vermelha através de uma estreita abertura. Enquanto esperava que a pálpebra reagisse, tentou adivinhar o que a cor representava. Não podia ser sangue nem rosas e, certamente, não um Ferrari. Ele era da opinião de que devia ser a linha vertical da cruz da bandeira da Islândia, mas quando a pálpebra se abriu toda viu que o pessoal não pendurara nenhuma bandeira na parede oposta. Em vez disso, um homem estava sentado na cadeira dos visitantes que até então estivera desocupada. Um homem que usava uma gravata vermelho-viva, uma espetacular camisa branca e um casaco azul-escuro. Como uma personificação da bandeira da Islândia.

Karl ouviu o fraco som de uma voz e viu os lábios do homem a mexerem-se. Em vez de tentar perceber as palavras, concentrou-se na cara do homem, curioso por saber a identidade do seu visitante. Ele agora não tinha ninguém no mundo que o visitasse. Nem uma simples alma.

Desde que acordara do coma, uma série de coisas, boas e más, tinham regressado gradualmente à sua memória. A maior parte, coisas más. Algumas boas notícias sobressaíram, no entanto, quando o médico lhe disse que fora ilibado de qualquer envolvimento nos três assassínios. Depois disso, esperara mais visitas, mas ninguém viera. Börkur ainda não aparecera e a família da mãe parecia esconder-se atrás do pretexto de serem pouco aparentados. Ele supôs que

Börkur estaria envergonhado por ter feito asneira ao testemunhar. Talvez ele tivesse um amigo a menos… o que significava que não tinha amigo nenhum. Se ao menos Börkur aparecesse, Karl poderia assegurar-lhe que não se importava com o estúpido testemunho.

As palavras do visitante chegaram, antes que conseguisse distinguir a cara dele.

— Estás acordado? As enfermeiras disseram-me que, às vezes, estás acordado.

Karl conhecia esta voz. Conhecia-a muito bem, mas o cérebro levou tanto tempo a processar esta informação que teve de se contentar em esperar mais um pouco. Pelo que entendera, sofrera uma hemorragia cerebral e o sangue espalhara-se por parte do cérebro, o que explicava a sua lentidão. Karl imaginou os seus pensamentos a serem forçados a viajar mais longe do que o habitual, divergindo à volta da área danificada, antes de alcançar o destino final.

Os médicos estavam otimistas, mas avisaram que a sua reabilitação seria longa, exaustiva e desafiadora, e que provavelmente nunca teria uma cura completa. Mesmo assim, alguma coisa era melhor do que nada.

— Parece que o teu olho está aberto… Estás acordado?

Arnar. Era o irmão Arnar. Karl lutou para dizer alguma coisa, mas não conseguiu. A boca abriu-se ligeiramente, mas foi só isso. Nenhum som saiu — embora ele apenas quisesse dizer «olá». Alguns dias eram piores que outros.

— Vim despedir-me, Karl. — Arnar olhou fixamente para o olho aberto, aparentemente à procura de um sinal de que Karl compreendia.

Karl fez mais um esforço para falar, ou apenas gemer levemente, para mostrar a Arnar que estava a ouvir. Mas nada aconteceu. Tentou piscar o olho bom, mas a mensagem levou tanto tempo a viajar no cérebro que Arnar estava a olhar para outro lado quando a sua pálpebra finalmente descaiu e depois se levantou de novo. Isto acontecia quando acabava de acordar e tentava comunicar com as enfermeiras. Quando finalmente conseguia pestanejar, elas já se tinham afastado ou dirigido a atenção para outra cama. Ninguém ficava muito tempo; pareciam sempre ter muita pressa e mal acabavam a sua tarefa, saíam para a

próxima enfermaria, para o próximo paciente.

— Tenho de voltar para os Estados Unidos. Já estou cá há muito tempo. Tenho adiado a partida, mas não posso adiar mais.

Arnar estava no país há muito tempo? Karl interrogou-se se tivera o azar de estar a dormitar ou a dormir sempre que o irmão viera visitá-lo. Mas talvez ele nunca o tivesse visitado antes. Era o mais provável. Porque quereria ele visitar um irmão que fora considerado um assassino tresloucado? Mas a informação de que Karl estava inocente circulava havia já algum tempo. Porque não viera mais cedo?

— Vou regressar aos Estados Unidos para arrumar as minhas coisas. Vou voltar para casa. Não há nada que me obrigue a ficar na América, exceto trabalho, e posso facilmente encontrar um bom trabalho na Islândia. Eu e a Alison vamos divorciar-nos. — Calou-se e baixou o olhar.

O nevoeiro na cabeça de Karl pareceu levantar-se ligeiramente. Será que a terrível Alison deixara Arnar por causa dele, Karl? Seria ela demasiado snobe para ter um cunhado assassino? Se assim fosse, porque é que Arnar não desfizera o mal-entendido?

— Tenho pensado muito em nós… se devia ter tratado melhor de ti ao longo dos anos, mas acho que não. Sou o que sou e tu és o que és. — Parou de novo e olhou para Karl, a sua expressão vazia de qualquer arrependimento. Vazia de calor humano. — O que não compreendo… não consigo compreender… é porque é que não me disseste quem era a minha mãe. Quando a Polícia disse que encontraram o nome dela no teu computador… que tinhas andado à procura de informação sobre ela… o meu primeiro pensamento foi que descobriras, mas que não tiveras tempo de me dizer antes de seres preso. Depois, vi a data. Tu sabias, mas não me disseste.

A tristeza não teve problema em encontrar o caminho no cérebro de Karl. Remorso, depressão, sofrimento… estas emoções dolorosas conseguiam sempre passar. Era tão injusto. Ele lembrava-se bem das suas intenções de nunca dizer a Arnar. Mas sabia que não teria sido capaz de manter a promessa quando a pior fase da sua raiva passasse. Agora, contudo, perdera a oportunidade. E também a

oportunidade de se defender, de convencer o irmão de que podia ter-lhe dito o nome quando chegasse o momento certo.

— O meu desejo foi satisfeito apesar de ti. Descobri quem eram os meus pais. Ou, pelo menos, quem era a minha mãe. — Arnar calou-se. Afastou-se de Karl e pareceu estar a olhar pela janela. — Como muitas outras coisas, não correspondeu às minhas expectativas. — Arnar sorriu cinicamente. — Pondo as coisas de uma forma suave.

Karl lembrava-se de que a mãe e o avô de Arnar tinham morrido no mesmo dia e lembrava-se do obituário dela, simples e pouco informativo. O que acontecera? Tinham sido assassinados? Tinham morrido num incêndio doméstico? Num mútuo pacto de suicídio? Ou um deles matara o outro e depois suicidara-se? Pensar nisso era de mais para o seu pobre e magoado cérebro. A parte importante era que, talvez, os familiares de Arnar pudessem ser os assassinos tresloucados e não ele. A cara de Karl poderia brilhar se ele fosse capaz de sorrir.

— A forma como tento ver as coisas é que eu tinha duas escolhas: saber ou não saber. Quem não arrisca, não petisca. — Arnar inspirou o ar entre os dentes. — Eu perdi e ganhei. Perdi a Alison porque ela não conseguia viver comigo depois de lhe ter contado acerca da minha família. Os americanos são mais sensíveis em relação a essas coisas do que nós, islandeses. Ela quer filhos. Os seus próprios filhos. Com o seu marido e não com um dador de esperma. Quando sugeri isso, ela disse que a ideia a enojava. E usou palavras mais fortes sobre o pensava acerca de ter filhos meus. Ela nem quer saber os resultados de ADN. Deixou de acreditar na ciência. Para ela não faz nenhuma diferença quem poderá ser o meu pai. A minha família está manchada de tal forma que ela não quer ter nada a ver connosco.

De que é que ele estava a falar? Oh, porque é que Arnar não podia explicar como devia ser?

— Mas também ganhei. Ganhei uma irmã. Bem, talvez meia-irmã. Espero que ela seja apenas minha meia-irmã. Ficará esclarecido quando tiver os resultados. E arranjei um irmão também. Ou meio-irmão. Sinceramente, espero

que sejamos apenas meios-irmãos. — Arnar pôs as mãos sobre os joelhos, preparando-se para se levantar. — Mas eu não quero saber deles. Nem de ti.

Arnar levantou-se. A bonita gravata vermelha desapareceu do ângulo de visão de Karl. «Não vás! Não vás!»

— Adeus, Karl. Nunca mais vais ver-me.

A figura esguia desapareceu de vista e Karl não conseguiu baixar o olhar o suficiente para vê-lo caminhar para fora do quarto. Os seus passos soavam intransigentes, mas pararam de forma abrupta.

— Mais uma coisa: estou contente por estares inocente. — Arnar calou-se, mas não saiu do quarto. Depois acrescentou, num fôlego: — Espero que melhores.

Karl ouviu de novo os passos em ação, a afastarem-se e depois a desaparecerem.

Karl levou algum tempo para se acalmar. Pensamentos fragmentados vagueavam através do sistema de sentido único do seu cérebro. Ele continuava a tentar guiá-los para fora dos becos sem saída e colocá-los no caminho certo. Só então conseguiria digerir a visita. As conclusões foram:

Nunca mais veria Arnar.

A história triste do passado do irmão viera à tona.

Karl iria reconciliar-se com o facto de não ver Arnar de novo. Mas desconhecer a história da mãe de Arnar podia ser complicado. O que podia ser tão mau acerca do passado dele?

Havia o caso do assassino. O médico não lhe dera nenhum pormenor, apenas que ele, Karl, fora ilibado. Iria conhecer os detalhes mais tarde, quando estivesse bem para se levantar e comunicar melhor. Ou isso ou ouviria nas notícias, se conseguissem arranjar o rádio ao lado da cama ou se instalassem uma televisão no quarto.

Até lá, ficaria limitado a imaginar quem teria matado Halli e as mulheres, e o que acontecera. Como o caso fora resolvido, por exemplo? Porque é que ele fora arrastado para o caso, em primeiro lugar? E quem estava por detrás das emissões de ondas curtas?

Ou passaria ele o resto dos seus dias ali, conjeturando em vão acerca das respostas?

Os olhos fecharam-se. Estava quase a dormitar. Não era tudo mau — pelo menos, tinha algo em que pensar. E não havia nada melhor que tivesse pela frente.

Quando recuperou os sentidos, o olho bom viu vermelho de novo. Um tom diferente de vermelho. Mais suave e cheio de luzes douradas. Mais bonito do que o anterior tom de vermelho. Karl esperou que o olho se abrisse totalmente e, para seu espanto, viu que a cadeira deixada por Arnar estava agora ocupada por uma rapariguinha. Tinha cabelo ruivo e olhos verdes, pareceu-lhe, e vestia o anoraque fechado até ao pescoço. Estava agarrada aos lados da cadeira e balançava as magras pernitas, que eram tão curtas que não chegavam ao chão.

— Chamo-me Margrét. O meu pai trabalha aqui. No hospital. Ele disse-me que podia visitar-te. — A rapariguinha inclinou a cabeça para poder vê-lo do lado do seu olho bom. — Ele contou que ninguém vem ver-te e pensei que isso é triste. — Endireitou a cabeça de novo. — Sei que estás a olhar para mim, mas que não podes falar muito. Não faz mal. Gosto de falar com pessoas que não estão sempre a fazer perguntas.

Karl tentou sorrir e sentiu parte da sua boca obedecer-lhe. Esperou que a criança pudesse continuar a falar e o seu desejo realizou-se.

— A Freyja diz que eu devia tentar falar sobre o que aconteceu. O que aconteceu à mamã. Se guardar isso dentro de mim, pode fazer mal. Mas não sei que mal.

Freyja. Não era esse o nome da mulher que tinha alguma coisa que ver com os cães sobre os quais ele fora interrogado? Karl aguçou o ouvido. Era uma pena que só conseguisse ouvir de um deles, mas, pelo menos, estava deitado sobre o seu lado incapacitado.

— Por isso, vou falar contigo. Sobre a mamã. Sobre o homem mau. Porque só podes ouvir.

A rapariga sentou-se de novo na sua cadeira.

— A Freyja disparou contra o homem mau. Tiveste sorte por ela não te ter

dado um tiro, quando toda a gente pensava que eras o culpado. Mas eu sempre soube que não eras.

Karl sentiu-se quentinho por dentro. Desejou ter podido falar com esta rapariga quando estivera no fundo do poço durante o interrogatório da Polícia. Mas porque teria ela dito que o reconhecia de uma fotografia? Esta devia ser a mesma Margrét que a Polícia mencionara.

— A Polícia pensou que eu achava também que tu eras o assassino. Mas a Freyja mostrou-me uma má fotografia. Uma fotografia com o teu irmão. Ele é o irmão do assassino. São parecidos. Eu não estava a falar de ti. — A criança parecia triste. — Desculpa. Não queria que eles pensassem que eras tu.

Karl conseguiu emitir um som que ambos interpretaram como uma aceitação do pedido de desculpas.

— Mas o assassino não morreu. A Freyja deu-lhe um tiro no estômago, não no coração. Não sei se isto é bom ou mau. Ainda não decidi. Se ele estivesse morto, nunca mais tinha de pensar nele. — O relato da rapariga não era muito coerente, mas ele compreendeu-a o suficiente. — Mas talvez pensasse. Penso muito na mamã e ela está morta.

Karl conseguiu assentir com a cabeça de forma desajeitada, e ela sorriu para ele.

— Vais ficar melhor. O papá disse. Não como eras dantes, mas melhor do que estás agora. — Fez uma careta. — Há sangue no teu cérebro.

Calou-se e pareceu estar à procura de algo mais para dizer.

— Um dos polícias meteu-se em problemas por ter pensado que tu eras o homem mau. Ele não sabia que era o amigo dele. Ele era polícia. O homem mau era um polícia.

A cara da criança irradiava espanto e incredulidade.

— Eu não sabia que os polícias podiam ser maus. Mas a Freyja deu-lhe um tiro. E ele já não volta a ser polícia, porque vai para a prisão. O outro polícia pode vir a deixar de ser polícia também. Porque não conseguiu perceber tudo. Os polícias deviam ser capazes de perceber as coisas.

Ela voltou-se para olhar pela janela.

— A Freyja foi de férias. Não vai poder trabalhar durante muito tempo porque disparou contra o homem no escritório dela. Na Children's House. Isso não se pode fazer. Mas eu fiquei contente por ela ter disparado. E ela deve ficar feliz por estar de férias. Toda a gente fica feliz de férias.

Os dedinhos brancos puxaram para cima os punhos do anoraque e revelaram um relógio grande e colorido no pulso.

— Tenho de ir. Só posso ficar mais um bocadinho. O papá está à minha espera lá fora.

Ela levantou-se, o cabelo ruivo a desaparecer do ângulo de visão e Karl deu por si a olhar para o anoraque azul-claro. Sentiu outra vez uma enorme sensação de perda e desejou que a rapariga se sentasse de novo ao lado dele.

— Eu volto. O papá disse que posso vir sempre que quiser. — Ela calou-se e pareceu prestes a caminhar para a porta. — Adeus, por agora. Volto amanhã. Queria ter trazido a Molly comigo. Ias gostar de a ver. Mas não me deixaram. Oh, talvez mais tarde. Quando saíres daqui.

A rapariga desapareceu e Karl ouviu o som dos passos dela a afastarem-se. Não se lembrava da última vez que se sentira tão feliz. Agora, tinha uma visita por quem esperar; a criança conseguira incutir-lhe o sentido de esperança que lhe faltava tão desesperadamente.

Karl concentrou-se em apertar os dedos como o fisioterapeuta mostrara. Apertar. Relaxar. Apertar. Relaxar. Ele podia jurar que estava a fazê-lo melhor do que da última vez. Apertar. Relaxar. Apertar. Relaxar.

Finalmente, parou e adormeceu. De cansaço, desta vez. Não de letargia. As palavras de despedida da rapariga foram a última coisa a vaguear através dos cegos labirintos do seu cérebro.

«Talvez mais tarde. Quando saíres daqui.»

*Sobre a Autora*

## YRSA SIGURDARDÓTTIR

Com os seus livros a Islândia de hoje ganha vida sem perder a aura de mistério das sagas mais antigas: a literatura policial, nas suas mãos, transforma-se num instrumento para conhecer, ocultar ou deformar a vida real. A sua heroína — a advogada Thóra Gudmundsdóttir — estreou-se em *Last Rituals*, de 2005; mas foi com *Cinza e Poeira* (de 2007), um enredo notável e imaginoso, que Yrsa Sigurdardóttir (nascida em 1963) atingiu o reconhecimento internacional, elogiada a princípio como «a resposta islandesa a Stieg Larsson» (*The Daily Telegraph*) e logo depois como «igualável ao que de melhor se faz em literatura policial em todo o mundo» (*Times Literary Supplement*). Personagens invulgares, ambientes de uma beleza cortante, enredos que nos deixam suspensos sobre vidas estranhas ou comoventes — *Lembro-me de Ti* e *Alguém para Tomar Conta de Mim* (também publicados pela Quetzal) prolongam o talento arrebatador de Yrsa.



*Sobre a Tradutora*

## PATRÍCIA MÜLLER

Patrícia Müller (nascida em Lisboa, em 1978) escreveu reportagens, séries, novelas, telefilmes e crónicas. Desde que aprendeu a ler que não faz outra coisa a não ser dedicar o tempo — e um grande amor — à escrita. Ficção, acima de tudo, como forma de escapar a um mundo que precisa de invenção para existir. Escreveu romances como *Madre Paula* e *Uma Senhora Nunca* (publicado pela Quetzal em 2016).